

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

JACQUELINE SIMONE DE ALMEIDA MACHADO

**NARRATIVAS DE MULHERES SEM FILHOS E MATERNIDADE: QUESTÕES
PARA AS POLITICAS DE SAÚDE DA MULHER**

Belo Horizonte

2016

JACQUELINE SIMONE DE ALMEIDA MACHADO

**NARRATIVAS DE MULHERES SEM FILHOS E MATERNIDADE: QUESTÕES
PARA AS POLÍTICAS DE SAÚDE DA MULHER**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da
Escola de Enfermagem da Universidade Federal de
Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção
do título de Doutora em Enfermagem.

Área de concentração: Enfermagem e Saúde

Linha de pesquisa: Organização e Gestão de
Serviços de Saúde e de Enfermagem

Orientadora: Prof^ª Dra. Cláudia Maria de Mattos
Penna

Belo Horizonte

2016

Machado, Jacqueline Simone de Almeida.
M149n Narrativas de mulheres sem filhos e maternidade [manuscrito]:
questões para as políticas de saúde da mulher . / Jacqueline Simone
de Almeida Machado. - - Belo Horizonte: 2016.
237f.
Orientador: Cláudia Maria de Mattos Penna.
Área de concentração: Enfermagem e Saúde.
Tese (doutorado): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de
Enfermagem.

1. Saúde da Mulher. 2. Identidade de Gênero. 3. Comportamento
Materno. 4. Políticas Públicas. 5. Dissertações Acadêmicas. I. Penna,
Cláudia Maria de Mattos. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola
de Enfermagem. IV. Título.

NLM: WA 309

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Enfermagem
Programa de Pós-Graduação

Tese intitulada “NARRATIVAS DE MULHERES SEM FILHOS E MATERNIDADE: QUESTÕES PARA AS POLÍTICAS DE SAÚDE DA MULHER”, de autoria de Jacqueline Simone de Almeida Machado. Aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profª Drª Claudia Maria de Mattos Penna
Orientadora

Profª Drª Inês Assunção de Castro Teixeira
Membro Titular

Profª Drª Regina Célia Lima Caleiro
Membro Titular

Profª Drª Rita de Cássia Marques
Membro Titular

Profª Drª Maria José Menezes Brito
Membro Titular

Belo Horizonte, 24 de Outubro de 2016.

Dedico este trabalho a minha Mãe – amor eterno – e às mulheres colaboradoras que compartilharam suas histórias de vida, seus sentimentos e seus desejos!

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dra. Cláudia Maria de Mattos Penna pela orientação, confiança e apoio durante meu percurso. Obrigada pelo carinho com que me acolheu no momento da perda da minha mãe, e a paciência em esperar meu tempo. Como já disse em outros momentos, eu não queria nem poderia ter tido outra orientadora. Agradeço a Deus por ter encontrado você no meu caminho.

À minha família, que sempre me apoiou e me incentivou. À Dalva, minha querida Me, companheira de todas as horas, incentivadora e admiradora do meu trabalho; ao meu irmão Júnior, que mesmo sem dizer muitas palavras, estava do meu lado; ao Sócrates, meu irmão companheiro, presença constante na minha vida, que segurou minha mão e me embalou o sono em momentos muito difíceis; ao meu Pai, José Machado, pelo carinho, confiança e apoio.

Em especial, à minha Mãe – Hellen – minha grande incentivadora, pela escuta atenta, paciência para ler os meus escritos e amor incondicional. Você nos deixou no meio deste percurso, mas sei que está comemorando comigo esta conquista!

A Sérgio de Castro, pela escuta atenta e acolhedora, essencial no resultado deste trabalho!

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da UFMG pelos conhecimentos transmitidos.

Aos colegas do Dinter, que me acolheram com carinho, respeito e paciência; à Virginia pela amizade e companheirismo.

Aos colegas do Núcleo de Pesquisa Cotidiano, Cultura, Enfermagem e Saúde (NUPCCES) pelo aprendizado, pelas experiências compartilhadas e pelos momentos de descontração.

A Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ) pela oportunidade de fazer este doutorado. Em especial, à Marcia Caetano, coordenadora do DINTER, pelo apoio, presença, incentivo e amizade.

Aos meus alunos e ex-alunos que compreenderam minhas limitações durante todo este período.

À Nadja Botti, grande amiga, colega de trabalho, grande incentivadora da minha carreira acadêmica, parceria constante.

À Regina Célia de Lima Caleiro, minha orientadora durante o Mestrado, que continua compartilhando comigo seus conhecimentos e seus livros.

Aos amigos, sempre presentes (impossível nomear todos aqui), pelo apoio, amizade e compreensão.

Aos ex-colegas do Pitágoras, amigos constantes, que acreditam na minha competência e incentivam a minha carreira.

Às minhas colaboradoras, que gentilmente aceitaram participar deste estudo, compartilharam suas vivências, emocionando-me em muitos momentos. Muito obrigada, sem vocês este trabalho não seria possível.

Mulher ao espelho

*Hoje que seja esta ou aquela,
pouco me importa.
Quero apenas parecer bela,
pois, seja qual for, estou morta.
Já fui loura, já fui morena,
já fui Margarida e Beatriz.
Já fui Maria e Madalena.
Só não pude ser como quis.
Que mal faz, esta cor fingida
do meu cabelo, e do meu rosto,
se tudo é tinta: o mundo, a vida,
o contentamento, o desgosto?
Por fora, serei como queira
a moda, que me vai matando.
Que me levem pele e caveira
ao nada, não me importa quando.
Mas quem viu, tão dilacerados,
olhos, braços e sonhos seus
e morreu pelos seus pecados,
falará com Deus.
Falará, coberta de luzes,
do alto penteado ao rubro artelho.
Porque uns expiram sobre cruzes,
outros, buscando-se no espelho.*

(Cecília Meireles)

RESUMO

As transformações nos valores e práticas vivenciados pelas mulheres resultaram em novas concepções acerca das funções femininas desempenhadas tanto no âmbito familiar quanto no social. Em decorrência dessas transformações, a maternidade, presente no imaginário coletivo como ideal feminino, assume novo valor na contemporaneidade e ter ou não filho resulta do desejo de cada mulher. Partiu-se do pressuposto de que a opção pela maternidade ou não está relacionada à história de vida de cada mulher e é influenciada pelas mudanças históricas, sociais, culturais e políticas. Entretanto, nas políticas e programas de saúde públicas ainda prevalece a noção de reprodução como dever e como desejo intrínseco à condição feminina. A afirmação está baseada no fato de que as políticas públicas, de modo geral, direcionam suas práticas para o ciclo gravídico-puerperal. Este trabalho defende a tese que as mulheres sem filhos apresentam dimensões da maternidade e da não maternidade que precisam ser consideradas pelas políticas de saúde da mulher, uma vez que o atendimento está voltado à saúde reprodutiva que reafirma o ideal feminino de mulher-mãe. O objetivo é analisar narrativas de mulheres sem filhos em relação à maternidade e à não maternidade, considerando as questões das políticas e programas de atenção à saúde da mulher. Trata-se de um estudo qualitativo, com referencial metodológico da História Oral. As dezenove participantes são mulheres sem filhos, entre 26 e 90 anos, que conhecem ou utilizam programas públicos direcionados à mulher desde a década de 50 até hoje. A escolha das participantes foi de acordo com a técnica de amostragem snowball. A coleta de dados foi feita por meio de entrevista, entre janeiro e março de 2015. Utilizou-se a análise de narrativas para não fragmentar o conteúdo, identificando histórias, fazendo a discussão e a interpretação delas por meio da análise do conteúdo holístico/integral que foca a narrativa como um todo e de forma categorial para os significados específicos. Nas narrativas, emerge a percepção pelas entrevistadas da fragmentação do corpo feminino em útero e peito pelas políticas públicas. Surgem os medos e as justificativas das mulheres que optaram pela não maternidade, sua percepção sobre maternidade e as cobranças sociais e familiares pelo fato de serem mulheres sem filhos. Demonstram-se ainda as transformações no papel feminino, pois o corpo assume novas formas de subjetivação. A constatação nos permite inferir que o corpo encontra-se em construção e que a maternidade possui diferentes significados de acordo com o momento histórico e a vivência de cada mulher. Devem-se considerar as transformações no papel feminino, as novas configurações familiares e a liberdade de escolha da mulher na reelaboração ou estratégias de efetivação das políticas públicas que, embora apresentem

programas para uma integralidade no cuidado à saúde da mulher, não atendem de forma eficaz as crescentes demandas femininas pela não maternidade.

Palavras-chave: Condição Feminina. Não maternidade. Saúde da mulher. Políticas Públicas.

ABSTRACT

The changes in the values and practices experienced by women entailed new conceptions about the feminine functions performed both in the family and in the social scope. Due to these changes, the motherhood, still present in the collective imaginary as a feminine ideal, takes on a new value in the contemporaneity, and the choice between having or not having children becomes the fruit of the personal choices and of the very desire of each woman. The assumption was that the option for the motherhood or non-motherhood is related to the life history of each woman, but is influenced by historical, social, cultural and political changes. Nevertheless, the notion of reproduction as a duty and as a desire intrinsic to the female condition is still predominant in the health policies and programs. This assertion is based on the fact that the public policies, in general, direct their practices towards the pregnancy-puerperal cycle. This work defends the view that women without children have dimensions of motherhood and non-motherhood that need to be considered by women's health policies, as the service is focused on reproductive health, thereby reasserting the female ideal of woman-mother. It is intended to analyze narratives of women without children in relation to the motherhood and the non-motherhood, taking into account the issues of policies and programs aimed at caring for women's health. This is a qualitative study, with a methodological benchmark of Oral History. The nineteen participants are women without children, aged between 26 and 90, who know or use public health programs directed towards women since the 1950s until the current days. The choice of participants was intentional, according to the snowball sampling technique. Data collection took place through an interview with guiding questions, between January and March 2015. The use of analysis of narratives had the purpose of avoiding content fragmentation, in order to identify stories and hold the discussion and interpretation of them by means of holistic/integral content analysis, which focuses the narrative as a whole and of a categorial form for the specific meanings. The narratives gave rise to the perception of the interviewees with regard to the fragmentation of the female body into womb and breast by the public policies. The narratives also raised the fears and justifications of women who opted for the non-motherhood, their perception about motherhood, and the social and family charges due to the fact that they are childless women. Moreover, the changes in the feminine role are demonstrated, since the body takes on new forms of subjectivation. The ascertainment enables us to infer that the body is under construction and that the motherhood has different meanings according to the historical moment and the experience of each woman. One should consider the changes in the feminine

role, the new family configurations and the freedom of choice of the woman in the re-elaboration of strategies for consolidating public policies that, although have programs for a comprehensive care of women's health, do not effectively meet the growing feminine demands for the non-motherhood.

Key words: Female Condition; Non-motherhood; Women's health; Public Policy.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	14
2 INTRODUÇÃO.....	17
3 OBJETIVO	24
4 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	25
4.1 Políticas e Programa de Atenção à saúde da mulher – breve histórico	25
4.2 Maternidade ao longo do tempo	31
4.3 A construção cotidiana do feminino	35
5 PERCURSO METODOLÓGICO	38
5.1 Delineamento do estudo	38
5.2 Participantes da pesquisa	41
5.3 Coleta de dados	42
5.4 Análise dos dados	43
5.5 Aspectos Éticos	44
6 DAS NARRATIVAS À CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA ORAL DAS POLÍTICAS PÚBLICAS	46
6.1 Caracterização das colaboradoras	46
6.2 As políticas públicas de saúde e o corpo reprodutivo	49
6.2.1 As políticas públicas e a fragmentação do corpo em útero e peito	50
6.2.2 A maternidade como construção social	56
6.2.3 O incômodo do sacrifício na construção da mulher mãe	60
6.3 Construção cotidiana do feminino e maternidade	64
<i>“O problema é que naturalizamos determinadas concepções de desejo e de subjetividade. Acreditamos que sempre foi, é e será assim”. (LEILA MACHADO, 1999)</i>	64
6.3.1 Ser mulher em novos tempos	65
6.3.2 A não maternidade	69
6.3.3 Outras maternagens	73
6.4 O corpo não reprodutivo	76
6.4.1 O corpo biológico e os medos da maternidade	77
6.4.2 O corpo social: o filho como utilidade e a velhice	80
6.4.3 A mulher sem filhos	85
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS	94
ANEXOS	103
Anexo A - Parecer Comitê	103

APÊNDICES.....	106
Apêndice A - Questões norteadoras:.....	106
Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	107
Apêndice C - Entrevistas	109

1 APRESENTAÇÃO

Esta talvez tenha sido a parte mais adiada da escrita. Muitas ideias e vários sentimentos se fizeram presentes. Foi difícil falar da escolha do tema, da justificativa e, principalmente, das dificuldades encontradas durante o percurso da pesquisa, por ser uma psicóloga fazendo doutorado em Enfermagem.

É importante dizer que, mesmo com uma formação em Psicologia, atuo como docente na área de saúde, especificamente no curso de Enfermagem, e estou envolvida com a saúde da mulher e com a saúde mental, o que suscita em mim uma reflexão sobre os aspectos psicossociais relacionados à maternidade. Pensar o significado da maternidade ou não-maternidade para as mulheres, a relação desta escolha com a condição feminina e a implicação dos programas de saúde na reafirmação do ideal de mulher-mãe demandou uma discussão sobre as políticas públicas de saúde. O tema não-maternidade, inicialmente pensado neste estudo sob o olhar da Psicologia, foi ampliado a partir da visão das políticas públicas sobre as mulheres, e os próprios relatos das colaboradoras apresentaram mais que isso, suscitaram questões sociais de construção da condição feminina e papel social da mulher.

A percepção das colaboradoras sobre as políticas públicas de saúde para mulheres permitiu aprofundar um pouco mais na forma como o ideal mulher-mãe está presente nestas práticas e os mecanismos de poder usados para reafirmá-lo. Num contexto de tantas mudanças históricas, o olhar das políticas públicas não pode se restringir à maternidade ou à prevenção de doenças relacionadas ao aparelho reprodutivo, mas é preciso ir além, considerando-se a construção de uma condição feminina que conviva com as exigências da contemporaneidade no exercício de suas práticas. Desta forma aconteceu a aproximação das Ciências Humanas com a Saúde, considerando que esta construção envolve diversos aspectos como a subjetividade, as mudanças no papel social da mulher, a condição de trabalhadora, a preocupação com aspectos econômicos, a estética do corpo que está aliado a questões do cuidado e a práticas de saúde. Aspectos que estão presentes no cotidiano da mulher e na escolha da maternidade.

Ao ouvir as histórias das minhas colaboradoras, muitas vezes me perguntei o porquê da minha escolha. As suas justificativas, a visão da maternidade, as experiências, as vivências pessoais que marcaram negativamente a maternidade e como se sentiram cobradas socialmente e excluídas das políticas públicas me emocionaram e, ao mesmo tempo, exigiram de mim, como pesquisadora, um cuidado ainda maior no trato com as narrativas.

Identifiquei-me com algumas situações, pois o desejo de liberdade e de autonomia balizaram a escolha da não maternidade, mas ainda assim me sentia um tanto distante delas. A aproximação com as colaboradoras aconteceu no momento em que compreendi que cada colaboradora tem uma justificativa diferente para sua escolha, de acordo com sua história de vida que precisa ser respeitada. Os relatos sobre a cobrança social e familiar por um filho e a ideia de que uma mulher não é completa se não for mãe perpassaram a vida de cada uma e são comuns para a mulher sem filhos. Isto não a fez menos mulher.

A escuta destas mulheres possibilitou compreender não apenas a escolha pela não maternidade, mas uma nova versão da condição feminina. As narrativas estavam impregnadas de subjetividade, pois elas não falavam apenas da escolha, mas da vida, das conquistas e dos percalços e, principalmente, da condição de ser mulher. As narrativas falavam da mudança histórica, dos valores e do papel feminino. Durante as entrevistas, os risos, o choro e a dúvida estiveram presentes, tornando, assim, mais real cada narrativa. Compartilhar estes momentos tornou a experiência única e singular. Acredito que a riqueza desta vivência não foi apenas para a pesquisadora, pois a maioria das colaboradoras demonstrou ter gostado de participar, de falar, de ter sido ouvida, o que nos faz acreditar que narrar suas histórias possibilitou ressignificar a sua experiência.

A análise da narrativa de cada história como experiência singular vivida reflete uma época e seus valores, que de certa forma, cada mulher incorporou em seu discurso e ação. As narrativas não são padronizadas, uma vez que a colaboradora conta sua história estimulada pela pergunta do pesquisador em determinado contexto. Ela conta do seu rearranjo cotidiano. A fala é a matéria-prima do sujeito, pois é próprio do ser humano a narração. Fica então o que significa. Aqui encontra-se o mérito deste trabalho.

Entendo que a aproximação com o objeto de pesquisa não inviabilizou este trabalho, mas ao contrário, tornou-o uma produção de sentidos. Ao fazer história oral, recolher das mulheres sua percepção sobre o tema, surgiu uma nova versão que não se encontra na literatura ou nos referenciais teóricos. É uma história construída pelas próprias mulheres baseada em vivências e significados. E são estes sentidos que busco apresentar na escrita da tese. Discuto, em particular, as experiências e as narrativas de mulheres sem filhos sobre a vida, sobre a não maternidade, as escolhas, os ganhos e as perdas, o sentimento de exclusão das políticas e dos programas de saúde para a mulher que privilegiam a mulher-mãe e a condição de ser mulher na contemporaneidade.

Fazer história oral para compreender como estas mulheres subjetivaram a escolha da não maternidade foi muito relevante. Porque é do sujeito o “falar”; é da psicologia o

“escutar”; é do pesquisador o “conhecer”; é da mulher a “escolha”; e é do meu desejo o “saber”.

Acredito que este trabalho não encerra o tema. Ao contrário, apresenta elementos para que nós, profissionais de saúde, possamos ampliar a sua discussão.

2 INTRODUÇÃO

A função maternal, até o século XVII, não era valorizada pela sociedade, na qual predominava uma conduta de indiferença materna, pois muitos filhos eram criados e cuidados por amas, principalmente os das classes mais abastadas. No final do século XVIII houve uma mudança de valores e a maternidade passou a ser reconhecida e incentivada, surgindo recomendações para as mães cuidarem de seus filhos (BADINTER, 1985). Esses cuidados influenciaram a condição feminina, que se reconheceu nesta função materna. Houve uma glorificação da maternidade que passou a ser entendida como condição intrínseca da natureza feminina, tornando-se, portanto, dever da mulher. A devoção e a presença vigilante da mãe tornaram-se valores no século XIX, quando a maternidade tornava a mulher a rainha do lar, como afirma Frassão (2010, p.1), “a mulher agora é convocada a ser mãe”.

No culto à maternidade do século XIX, a função materna cresceu na sociedade balizada por discursos filosófico, médico e político que exaltaram o amor materno. Durante os séculos XIX e XX, os discursos versavam sobre cuidados aos corpos femininos, principalmente aos corpos de mulheres-mães. A partir do século XIX, surgem os movimentos de mulheres buscando um espaço na sociedade. Entretanto, num primeiro momento, chamado de primeira onda, o movimento feminista não questionava o papel da maternidade, talvez devido à articulação dos discursos médico e religioso que naturalizavam a ideia de mulher-mãe. Em meados do século XIX, a luta feminista privilegiava a igualdade de direitos sociais e políticos, buscando igualdade jurídica, chamada então de luta sufragista. Já no início do século XX, o movimento conhecido como segunda onda, volta-se para os direitos da mãe, inclusive sobre a licença maternidade e o direito reprodutivo e familiar. Contesta-se o determinismo biológico e a naturalização da mulher-mãe ao se discutir a construção histórica da maternidade (VAZQUEZ, 2014a). Embora os movimentos feministas apresentassem um discurso de desconstrução do papel que concebia à mulher numa posição submissa, prevalecia a “ideia de maternidade como elemento definidor da condição de feminilidade” (VAZQUEZ, 2014b, p. 105).

Na virada do século XX, particularmente no Brasil, a maternidade atestava a importância das mulheres, pois o discurso sobre a sua natureza contribuiu para segregá-las ao lar e impedir seus direitos civis, econômicos, políticos, sociais e intelectuais. Ao mesmo tempo, as características femininas possibilitaram o exercício de algumas profissões que exigiam habilidades consideradas presentes no universo feminino, como cuidar de crianças,

ensinar etc. Portanto, em sua vida social surgiram maiores oportunidades de trabalho. O discurso maternalista, no qual a maternidade além de atribuir qualidades específicas, proporcionaria reconhecimento social, direitos e igualdade, reforçou a subordinação feminina e a hierarquização entre os sexos (MOTT, 2001). De acordo com Badinter (2011, p. 17), até a década de 1970, a maternidade era um processo natural dentro do casamento, “a reprodução era ao mesmo tempo um instinto, um dever religioso e uma dívida a mais para com a sobrevivência da espécie”.

Naquele período, no Brasil, a função materna contribuiu para a estruturação da condição de ser mulher, em detrimento de outras características femininas que não possuíam o mesmo reconhecimento social.

(...) dessa forma, a maternidade não é apenas uma opção da mulher, mas a condição *sine qua non* para que ela constitua plenamente um ser natural. Ancorada na noção de naturalidade e de atributos biológicos, a representação social da maternidade assume um caráter determinista (SAMPAIO *et al.*, 2008, p. 176).

Os movimentos feministas levaram a certa desobrigação em relação a ser mãe, porém a ideia de maternidade como condição feminina permanece no imaginário social.

Assim, na pós-modernidade, a maternidade foi atrelada ao poder de escolha da mulher, pode ser questionada, adiada, mas continuou valorizada socialmente mantendo sua importância, principalmente, no que se refere à construção da identidade de mulher (MIRANDA, 2005, p. 272).

A contribuição do movimento feminista possibilitou a tomada de consciência pelas mulheres do constrangimento do papel materno por ele ser imperativo, assegura Badinter (1985). As discussões feministas desvelam a metáfora materna ao avaliar a discussão da biologia e o corpo feminino e ao considerar a maternidade como forma de domínio patriarcal (FRASSÃO, 2010). Novas concepções estabelecem-se, então, nas relações de gênero a partir do movimento feminista que, nas décadas de 1960 e 1970, incentivam o planejamento familiar e o controle de natalidade (CARVALHO; PICCININI, 2008).

Alterações de valores, práticas e papéis sociais marcaram o final do século XX, principalmente no que diz respeito às mulheres e à posição social. Elas ocupam novos espaços, mudando a escolha das profissões antigamente definidas como femininas. A sua inserção no mercado de trabalho produziu mudanças na função feminina frente à família e à sociedade. Passaram a contar com a ajuda dos métodos contraceptivos, a responsabilizarem-se por sua sexualidade, a optarem por ter ou não filhos e a rejeitar um papel valorizado

simplesmente pelo fato de ser mulher. Ganharam a possibilidade de agenciar seu próprio corpo. A escolha passou a ser feita mediante seu próprio desejo, não mais do outro, o que produz práticas sociais transformadoras, entretanto elas vão arcar com um alto custo social, ou seja, uma grande cobrança pela forma como veem ou passam a ser vistas por não ter filhos (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Segundo Carvalho e Piccinini (2008, p.1892), “a rejeição de aspectos femininos produziu uma amargura em incontáveis mulheres, o que gerou o movimento coletivo de emancipação da mulher no século XX”. Houve mudança no papel social da mulher que também refletiu nas taxas de natalidade. O movimento feminista suscitou novas concepções nas relações de gênero.

Entretanto, no imaginário coletivo e até mesmo nas práticas de saúde, prevalece a noção de reprodução como dever e como desejo intrínseco às mulheres, que ainda são percebidas, principalmente, como mães, reprodutoras e nutrizes pelas políticas e programas para mulheres (VARGAS; MOÁS, 2010). As práticas e os discursos das políticas e dos programas de saúde determinam um modelo de ser mulher e de exercer a maternidade mediante ações e “investimentos que funcionam, também, como poderosos processos de produção de subjetividades” (MEYER, 2005, p. 89). Esta ideia é compartilhada por Frassão ao afirmar que

As instituições e os programas que atendem a mulher na lógica da saúde, fundamentadas em programas de prevenção e saúde reprodutiva, numa inscrição e captura do sujeito no jogo da cidadania, utilizam microtecnologias de constituição das subjetividades da mulher/mãe (2010, p.5).

As mudanças e os novos padrões de comportamento produziram novos sentidos e significados para a maternidade que possibilitaram às mulheres uma decisão pela não maternidade. Atualmente diferentes possibilidades se apresentam desconstruindo antigos determinismos sociais (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Frente aos diversos conflitos femininos, surgem muitas dúvidas e possibilidades de escolha como exercer ou não a maternidade, trabalhar fora, ceder ao apelo da sociedade de consumo e buscar um novo modelo de mulher. Isto se torna um desafio para as políticas públicas de saúde, que embora preconizem um atendimento integral às mulheres, o que se constata é que estão voltadas, principalmente, para a mulher-mãe.

A ideia de que as políticas de saúde, durante grande parte do século XX, voltavam-se para a maternidade com ações direcionadas ao ciclo gravídico-puerperal é corroborada por

Freitas *et al.* (2008), Vasconcelos e Pinheiro (2009). Entretanto, o Movimento da Reforma Sanitária, com as propostas de descentralização, hierarquização e regionalização dos serviços aliado à luta feminina por direitos e melhores condições de vida, influenciou a criação de políticas públicas direcionadas à saúde integral das mulheres nas décadas de 1970 e 1980 (VASCONCELOS; PINHEIRO, 2009).

Na segunda metade do século XX, a atenção voltada às questões populacionais influencia as políticas e os programas no mundo e, em especial, nas décadas de 1950 e 1960, surgiu a preocupação com a rapidez do crescimento da população retardando o crescimento econômico. Muitos governos adotaram uma política de controle de natalidade e programas de planejamento familiar como forma de enfrentamento da situação na década de 1960, estendendo as práticas para a década de 1970 sob a influência das políticas internacionais de controle populacional. Os programas de controle de natalidade estavam por trás dos programas de saúde (GALVÃO; DÍAZ, 1999).

No final da década de 1970, surgem os programas de controle de natalidade, uma vez que vários países adotaram esta medida nos anos 60, fazendo surgir um novo conceito de saúde da mulher, contudo não havia atenção aos problemas cotidianos das mulheres que não se relacionavam à maternidade, como exemplo, a violência de gênero ou as condições de trabalho feminino. O movimento feminista teve o seu ápice, o que influenciou as políticas públicas e em 1983 surge o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM). Entretanto, o programa focava, ainda, os problemas de ordem reprodutiva, apesar do discurso integralizador, o que resulta na elaboração da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher – Princípios e Diretrizes (PNAISM) (FREITAS *et al.*, 2008), formulada frente à necessidade de mudanças na atenção à mulher, pois buscava preencher lacunas existentes. Osborne (2009, p. 33) pontua que naquele período, o movimento feminista espanhol também “reclama o controle do próprio corpo; a sexualidade e a reprodução se convertem em localizações principais da opressão de gênero e se reivindicam a despenalização de contracepção e o direito ao aborto.” É inegável a contribuição dos movimentos feministas nas discussões de saúde, na análise e crítica de programas e políticas de saúde, sua influência na preconização de um novo modelo de assistência à mulher. Entretanto, sua operacionalização era ineficaz (TYRRELL; CARVALHO, 1993), pois não contemplavam as mudanças no papel feminino ou atendiam as suas necessidades e demandas.

Assim como as políticas públicas, a família e a sociedade têm dificuldade em acompanhar a mudança na condição feminina. A feminilidade passou a ocupar outros espaços e a mulher passou a fazer opções que exigem dela um posicionamento e uma

responsabilização, reafirmando, assim, os novos papéis por ela desempenhados. Assim, para realizar seus objetivos profissionais, muitas mulheres vão renunciar ou mesmo adiar a maternidade. A feminilidade “pode ou não incluir a maternidade, ou seja, realizar-se como mulher não passa obrigatoriamente por ser mãe” (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007, p. 184). O custo das escolhas pode ser alto numa sociedade que ainda percebe a maternidade como a principal atribuição feminina e, muitas vezes, falta à mulher o apoio para sustentar estas decisões.

Embora as mulheres tenham construído inovações éticas, estéticas e políticas em diversas áreas de atuação, elas fazem emergir novos modos de ver e novas possibilidades de interpretar e de ressignificar seu papel social (RAGO, 2004). As práticas e as representações da maternidade elaboradas ao longo da história permanecem nas políticas e nos programas de saúde, o que, na opinião de Meyer, buscam educar as mulheres para exercer o papel de mãe, “neste contexto, gerar e criar filhos ‘equilibrados e saudáveis’ passa a ser social e culturalmente definido, também, como um ‘projeto’ de vida”(2005, p. 87-88).

Nas décadas anteriores, ser mulher significava identificar-se com a maternidade e com as tarefas do lar. No Brasil, as mudanças culturais se fazem presentes a partir dos anos 1970 com a entrada das mulheres no mercado de trabalho em função da modernização socioeconômica e com a emergência do feminismo. A independência financeira e a possibilidade de tomar decisões dissociam a definição de gênero da ideia de maternidade e “ser mulher, no século XXI, deixou de implicar necessariamente gravidez e parto, traduzindo uma enorme ruptura com a ideologia da domesticidade” (RAGO, 2004, p.33).

A cultura produz símbolos e representações que interiorizados pelas mulheres passam a fazer parte do seu cotidiano. As questões cotidianas dialogam com a constituição do imaginário individual como produto do imaginário coletivo. Esta afirmação permite argumentar sobre uma questão socialmente posta, a saber: a mulher tem que ser mãe? Por mais que a mulher tente se desvencilhar desse papel de mulher-mãe que lhe foi imposto, que tenha construído uma condição feminina deslocada da maternidade e exerça diferentes papéis na vida social e política, essa força social é tão grande que permanece latente no imaginário, que por sua vez atua sobre a sociedade, regula a vida coletiva, impõe normas e comportamentos. Isto reflete na construção cotidiana do feminino que é validado pelos discursos que se apropriaram do imaginário coletivo e se fazem presentes na sociedade.

A partir das inquietações e questionamentos vivenciados durante as discussões sobre o mito do amor materno nas aulas ministradas nos cursos de Enfermagem e, anteriormente, nas de Psicologia e nas de Direito, tanto em universidades públicas quanto privadas, surgiram

questões sobre a percepção das mulheres sobre a maternidade através do tempo, a escolha em ser ou não mãe, os motivos e a aceitação social desta escolha. A percepção do papel feminino provocou o interesse em discutir o tema, aliado a isto, encontra-se o desejo de aprofundar os conhecimentos sobre a história das mulheres, sua relação com o mito materno e como as políticas públicas propõem cuidar

destas mulheres.

Importa lembrar que esta pesquisa é também uma escrita sobre a história de vida das mulheres que, gentilmente, compartilharam suas experiências, escolhas, representações e afetos. Mobilizada pelo interesse científico e pessoal de conhecer as histórias, a trajetória da pesquisa seguiu seu curso, tomando dimensões diversas ao colher as narrativas, envolvendo afetos e visões de mundo e ressaltando a influência do imaginário coletivo no cotidiano das colaboradoras.

A escolha da maternidade está relacionada à história de vida de cada mulher, mas é também influenciada pelas mudanças históricas, sociais, culturais e políticas ao longo do tempo. Repensar a construção do feminino e o papel da mulher na sociedade, além de possibilitar opções de escolha, implica avaliar a não maternidade como desafio para as políticas públicas de saúde. Frente a este contexto e durante as reflexões sobre o mito do amor materno, surgiram alguns questionamentos, a saber: como as mulheres percebem as políticas públicas de saúde para a mulher? Qual o significado da maternidade para as mulheres no período compreendido entre os anos de 1950 aos dias atuais? Quais são os motivos que as levam a escolher ser ou não mãe e como veem a aceitação social desta escolha? Nesse movimento histórico-social de mudança da condição feminina, houve mudanças nas políticas públicas que propuseram realmente a atendê-las de forma integral?

Este estudo defende a tese que as mulheres sem filhos apresentam dimensões da maternidade, da não maternidade e da condição feminina que precisam ser consideradas pelas políticas de saúde da mulher, uma vez que o atendimento está voltado à saúde reprodutiva, reafirmando o ideal feminino de mulher-mãe.

A partir destas formulações delineou-se este estudo com a proposta de, ao escutar as próprias mulheres relatarem suas histórias e trajetórias de vida, compreender sua percepção de maternidade, possibilidades e escolhas, a fim de tecer um paralelo com as políticas públicas de saúde à mulher no período entre a década de 1950 até a atualidade a partir de documentos e bibliografia existente.

Este estudo é composto por introdução, na qual apresentamos a contextualização do tema, a problematização da pesquisa e a tese a ser defendida. Após, apresentam-se o objetivo,

os temas políticas públicas, construção de feminino e a maternidade histórica que são discutidos a partir de autores que compõem o referencial teórico. No percurso metodológico, estão elencados os quesitos que direcionam a pesquisa, a fundamentação teórico-metodológica e o caminho percorrido pelo pesquisador.

Num segundo momento, as descobertas são apresentadas em categorias. A primeira, “O corpo reprodutivo”, divide-se em três subcategorias, onde se encontram a percepção das mulheres sobre o atendimento dispensado pelos programas e políticas de saúde à mulher sem filhos, a maternidade no contexto social e a ideia do sacrifício ao qual as mães se submetem.

A segunda categoria, “Construção cotidiana do feminino e maternidade”, também dividida em três subcategorias, apresenta a questão de ser mulher, a escolha em ser ou não mãe e suas justificativas, e o processo de maternagem exercido com irmãos, sobrinhos e outros.

A última categoria, “O corpo não reprodutivo”, possui três subcategorias nas quais são apresentadas as percepções: a questão biológica da maternidade, o corpo social que diz respeito à utilidade do filho e ao envelhecimento, e o sentido de ser uma mulher sem filhos.

Por fim, ressaltamos que as histórias colhidas neste trabalho apresentam sensibilidades, suscitam emoções e convidam a uma reflexão constante sobre os femininos.

3 OBJETIVO

Analisar narrativas de mulheres sem filhos em relação à maternidade e à não maternidade, considerando as questões das políticas e programas de atenção à saúde da mulher.

4 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

4.1 Políticas e Programa de Atenção à saúde da mulher – breve histórico

Políticas públicas de saúde são programas, ações e estratégias desenvolvidos pelo Estado que visam a promoção e a prevenção de agravos à saúde e práticas curativas, instituídas por ações governamentais como formas de viabilizar ou de priorizar questões problemáticas de saúde. A política pública de saúde é a responsabilização do Estado no cuidado à saúde no que diz respeito às práticas de promoção, de prevenção e de práticas curativas, numa articulação com a população, outros setores privados e o terceiro setor. O Estado toma para si a gestão e a operacionalização deve acontecer articulada com a participação popular e de todos os setores sociais. A política pública é de responsabilidade de todos aqueles que estão envolvidos com sua gestão e sua operacionalização. Ela está estabelecida, organizada e sistematizada em um documento, por meio de portarias, com seus princípios doutrinários e organizativos (BRASIL, 2006; SAMPAIO; ARAUJO JR., 2006; FERRAZ; KRAICZYK, 2010).

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo que define a “saúde como direito de todos e dever do estado” fomenta a política pública de saúde, constituída em 1990 a partir da Lei n. 8080/90 (BRASIL, 1990). Assim se consolidou a Política Pública de Saúde no Brasil, por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). Ela é estabelecida pelos princípios doutrinários como universalidade, equidade no acesso aos serviços e ações de saúde e integralidade da atenção. Apresenta como princípios organizativos a descentralização, a regionalização e a hierarquização do cuidado e de participação da comunidade (FERRAZ; KRAICZYK, 2010). Dentre estas, há as políticas públicas de saúde para mulheres que preconizam a assistência integral à saúde da mulher.

Tais políticas têm como marco inicial no Brasil as primeiras décadas do século XX, quando foram incorporadas às Políticas Nacionais de Saúde, com ações específicas referentes à gravidez e ao parto (BRASIL, 2004). As políticas governamentais da década de 1920 consolidaram programas voltados para saúde materno-infantil, cujos aspectos eram abordados em sua dimensão biológica e funcionalista. Neste período, são constituídos serviços de saúde baseados em um modelo americano e voltados à atenção da mulher e da criança. Entretanto, só em 1940 foi criado um órgão voltado exclusivamente para a saúde materno-infantil, o Departamento Nacional da Criança (DNCR), que associou seu projeto educativo à puericultura. (NAGAHAMA; SANTIAGO, 2005; SANTOS NETO *et al.*, 2008).

A partir da segunda metade do século XX, especialmente nas décadas de 1950 e 1960, a escassez do crescimento econômico inversamente proporcional ao aumento populacional influencia as políticas e os programas de saúde. Para enfrentamento da situação, vários governos adotaram o controle de natalidade e o planejamento familiar como meta de atenção, o que se estendeu até a década de 1970. Os programas de controle de natalidade estavam por trás dos programas de saúde (GALVÃO; DÍAZ, 1999). Entretanto, a assistência à mulher era restrita e fragmentada, com ações verticalizadas e centralizadoras, distantes da real necessidade.

O contexto brasileiro, pressionado por forças políticas e a abertura para a indústria estrangeira, entre elas a de medicamentos, aliados à necessidade de controle governamental sobre o crescimento populacional, permitiu a entrada no mercado de anticoncepcionais mesmo sob a contestação de alguns movimentos sociais, principalmente religiosos, que viam isso como uma imposição contra a natalidade. Os contraceptivos foram bem aceitos pelas mulheres, num período de liberação feminina e inserção no mercado de trabalho. Os programas materno-infantis até a década de 70 se restringiam à especificidade biológica da mulher, pois eram verticalizados e não se integravam com outros programas (BRASIL, 2004). Em 1965, a recém-criada Sociedade Bem-estar da Família (BEMFAM)¹, na ausência de políticas públicas para a saúde reprodutiva, oferecia serviços de planejamento familiar que passaram a ser considerados de utilidade pública. A partir de 1975, foram criadas políticas governamentais para assistência à mulher, com a implantação do Programa Nacional de Saúde Materno-Infantil (PMI) (COELHO *et al.*, 2000; ALVES, 2004).

O Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) foi elaborado pelo Ministério da Saúde em 1984, em resposta as reivindicações de movimentos sociais e de mulheres. Influenciado pelas características da nova política de saúde, o programa incluía “ações educativas, preventivas, de diagnóstico, tratamento e recuperação, englobando a assistência à mulher em clínica ginecológica, no pré-natal, parto e puerpério, no climatério, em planejamento familiar, DST, câncer de colo de útero e de mama” (BRASIL, 2004, p.17).

A crítica do movimento feminista aos programas, que perpassa por seu aspecto reducionista por atender a mulher em um tempo determinado – período gravídico-puerperal –, possibilitou que outras questões fossem incorporadas à agenda política nacional como a discussão das desigualdades de condições de vida e relações de gênero, problemas de

¹ Instituição não governamental da área de saúde sexual e reprodutiva, que proporciona assistência clínico-educativa e oferece suporte técnico à oferta de serviços de saúde da mulher na rede pública. BRASIL, Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde, 1996. Disponível em: <<http://dhsprogram.com/pubs/pdf/FR77/FR77.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2015.

sexualidade e questões trabalhistas. A discussão das políticas então passou a se fundamentar na perspectiva das mudanças nas relações de gênero (BRASIL, 2004).

A insatisfação de grupos de mulheres usuárias, profissionais de saúde e cientistas sociais impuseram mudanças nos anos de 1980. Desencadeou-se, então, uma reavaliação e um redirecionamento das políticas internacionais nos anos 1990, ampliando-se o debate (GALVÃO; DÍAZ, 1999; FREITAS *et al.*, 2009). A feminilidade passou a ocupar outros espaços e a mulher passou a fazer opções que exigem dela um posicionamento e uma responsabilização. Assim, para realizar seus objetivos profissionais, muitas mulheres começam a renunciar ou mesmo a adiar a maternidade. O custo destas escolhas pode ser alto numa sociedade que ainda percebe a maternidade como a principal atribuição feminina e, muitas vezes, falta à mulher o apoio para sustentar tais decisões.

A saúde da mulher torna-se prioridade para o governo em 1998. Ações realizadas entre 1998 e 2002 são avaliadas para buscar melhorias e soluções de problemas, entretanto se prioriza ainda a saúde reprodutiva e a redução de mortalidade materna.

Com uma interpretação pós-estruturalista de gênero e sexualidade, o movimento feminista das últimas décadas do século XX passa a reivindicar a incorporação de outras questões, como gênero, trabalho, desigualdade e sexualidade nas políticas de saúde da mulher (GALVÃO; DÍAZ, 1999; FREITAS *et al.*, 2009). A criação da Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM), em 2003, possibilitou um avanço nestas políticas.

Em resposta às reivindicação de melhor atendimento, o Ministério da Saúde elaborou em 2004 o Programa Nacional de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), visando o cuidado do gênero feminino a partir dos princípios doutrinários do SUS, mediante ações de promoção, prevenção e tratamento da saúde, priorizando os direitos sexuais e reprodutivos, o combate à violência doméstica e sexual, o tratamento de HIV/AIDS e doenças crônicas não transmissíveis (BRASIL, 2004).

Posteriormente, as Conferências Nacionais de Políticas para Mulheres (CNPM) e os Planos Nacionais de Políticas para Mulheres (PNPM), propõem a ampliação da atenção à saúde da Mulher, através de ações de igualdade de gênero, participação da mulher nos espaços de poder, autonomia econômica, educação inclusiva e não sexista, saúde das mulheres, direitos sexuais e reprodutivos, Enfrentamento à Violência Contra a Mulher. Nos últimos anos, houve um avanço nas políticas, como a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, de 2009. O Plano Nacional de Políticas para Mulheres (PNPM) de 2013-2015 propõe novos programas, como a Rede Cegonha, com

novo modelo de atenção ao parto, nascimento e saúde da criança e redução da mortalidade infantil (BRASIL, 2013).

A participação de entidades de mulheres e movimentos feministas nas discussões de saúde, nas políticas, nos programas de saúde e as críticas apresentadas ao modelo assistencial têm contribuído para uma nova conceituação de assistência à mulher, entretanto o que se observa na prática é a permanência, ainda, de um enfoque mais biológico (TYRRELL; CARVALHO, 1993). Cabe ressaltar que, embora as políticas para mulheres apresentem grande avanço, inclusive com a proposta da PNAISM de priorizar determinadas áreas e enfatizar minorias como mulheres indígenas, homossexuais e presidiárias, há fragilidades presentes na assistência, além de dificuldades para uma implantação efetiva dos princípios e diretrizes da política em todo o território nacional (FREITAS *et al.*, 2009).

Entre as fragilidades na assistência, encontram-se práticas voltadas para o corpo grávido e certo distanciamento das questões de gênero, com destaque para as formas de poder que incidem sobre o feminino, alvo de extensas discussões nas últimas décadas. Portanto, nota-se que as práticas de saúde estão orientadas para atender a um modelo cristalizado de ideal feminino, discriminando a mulher e expondo as contradições entre práticas e discursos.

Na contemporaneidade, a maternidade deixa de ser uma condição de ser mulher, torna-se uma de suas perspectivas. Importa aqui entender a inter-relação das políticas públicas para mulheres a partir da visão de Foucault (2010a; 2010b) e de seus conceitos de biopoder e biopolítica.

O conceito de biopoder é apresentado por Foucault como um poder sobre a vida, desenvolvido nos séculos XVII e XVIII. Segundo o autor, historicamente o soberano transforma seu direito de fazer morrer a um direito de causar a vida, ou seja, no lugar do poder que o soberano tinha para causar a morte, o biopoder utiliza mecanismos que ordenam, geram, multiplicam a vida e regulam a sociedade (FOUCAULT, 2010a). O biopoder é um movimento de politização da vida, o que na visão foucaultiana significa dizer que o poder sobre a vida se apropriou da vida biológica e da saúde da nação, em especial das noções de sexualidade, raça e degenerescência com o objetivo de otimizar a qualidade biológica das populações (ORTEGA, 2004).

O biopoder consiste na articulação de duas dimensões: uma individualizante, cuja anatomia política do corpo humano é baseada em processos de disciplinamento corporal; e a outra, totalizadora ou coletiva, representa a biopolítica da população ligada à constituição e ao fortalecimento do Estado Nacional com o objetivo de medicalizar e normatizar a sociedade. (FOUCAULT, 2010a). Ferreira Neto *et al.* (2009), discutindo Foucault, apontam dois polos do

biopoder, a saber: a disciplina anatomopolítica dos corpos individuais e a regulação biopolítica da população. A noção de biopolítica surge nos estudos de Foucault sobre o nascimento da medicina social que “tem por função maior a higiene pública, com organismos de coordenação dos tratamentos médicos, de centralização da informação, de normalização do saber, e que adquire também o aspecto de campanha de aprendizado da higiene e de medicalização da população” (FOUCAULT, 2010b, p. 291).

Na passagem do poder ao biopoder, passa-se também de uma anatomopolítica calcada na disciplina dos corpos e voltada para um aumento da produção industrializada para uma biopolítica fundada no controle da vida, visando a produção de subjetividades mais afeitas ao modo de vida pós-industrial (ARÀN; PEIXOTO JR., 2007). Para os autores, o fazer viver do biopoder se baseia em duas tecnologias: técnicas centradas no corpo individual – racionalização e economia destinadas a aumentar sua força útil – e uma tecnologia de poder que integra o corpo e se dirige a gestão da vida. De uma anatomopolítica do corpo, passou-se a uma biopolítica da vida.

Foucault (2010b) apresenta a definição de biopolítica como a intervenção e a vigilância exercida sobre os corpos, ou seja, é uma tecnologia disciplinar iniciada nos séculos XVII e XVIII pelas técnicas de poder centradas no corpo para aumentar sua capacidade. Na preocupação com a higiene pública, no século XVIII, a medicina utiliza-se da biopolítica, na qual o poder sobre a morte é conseguido mediante a disciplinarização do corpo doente normalizando os comportamentos. Por conseguinte, o cuidado volta-se para a coletividade (OLTRAMARI, 2003).

A medicina que tratava do doente no século XVIII passa a medicalização das cidades e da população. O Estado utiliza a intervenção médica para cuidar da vida, o que é chamado mais tarde de biopoder. A bio-história de Foucault caracteriza “um novo regime de historicidade, de relações de interferência entre os movimentos da vida e os processos históricos, que se define enfim, pela entrada da vida na história, no campo das técnicas políticas” (*apud* MARTINS; PEIXOTO JR., 2009, p. 158). A biopolítica surge como a outra face do poder sobre a vida, uma tecnologia que se aplica à população, focaliza a massa humana, interessando-se pelos processos de conjunto, ou seja, propõe-se a alcançar um número maior de pessoas.

O poder sobre a vida, produzido pela junção anatomopolítica dos corpos e a biopolítica das populações, prioriza a vida e seus fenômenos ao intervir na população politicamente. Assim, o Estado cria e organiza estratégias para intervir por meio das políticas públicas, fazendo surgir a biopolítica como resposta aos diversos fenômenos da população,

entre eles a maternidade. A biopolítica, que tem como foco o corpo, incide sobre ele através das políticas de saúde, de acordo com Foucault (*apud* SANTOS, 2008).

Foucault propõe outra visão das instâncias sociais, mediante um novo conceito de poder, ou seja, a modernidade apresenta novas estratégias de poder, de verdade e de subjetividade. O poder não mais é exercido na forma de repressão, mas produz a verdade a partir de uma rede social, priorizando “a prevenção de desvios, a constituição de individualidades e as relações de força” (*apud* SOUZA, 2011, p. 196). Os processos disciplinares então fabricam indivíduos, criam sujeitos, aumentam a capacidade produtiva. Desta forma, o corpo do indivíduo coincide com a gestão populacional e a disciplina encontra a biopolítica.

Explicar aqui a noção foucaultiana de governabilidade torna-se necessário para entender como este processo se legitima. A governabilidade pode ser compreendida como “o conjunto das instituições, procedimentos, cálculos e quanto um tipo de poder governamental, com seus aparelhos e saberes que investem sobre a dimensão da população” (SOUZA, 2011, p. 212). O governo, portanto, passa a ser exercido sobre a população e a família passa a ser o seu instrumento. Para Foucault (2015, p. 291), “trata-se de um triângulo: soberania-disciplina-gestão governamental, que tem na população seu alvo principal e nos dispositivos de segurança seus mecanismos essenciais”

As biopolíticas estudadas por Foucault estavam a serviço da formação dos Estados Nacionais e das classes burguesas e propunham novos valores. A biopolítica enfatizava a sexualidade, produzindo identidades via o desejo sexual, ligado “à produção de corpos dóceis, submissos e disciplinados, à consistência ontológica da subjetividade e ao universalismo ético que possibilitava a implantação de uma identidade nas práticas subjetivantes modernas” (ORTEGA, 2004, p. 11). Para Ortega (2004), na *História da Sexualidade III*, Foucault revela a valorização da sexualidade pela medicina a partir do século XIX, assegurando o controle do organismo e do desejo. Se o poder constitui a realidade e é composto por tecnologias que incidem sobre o corpo, este passa a ser moldado para atender aos interesses do primeiro. Assim, a sexualidade é vista como um dispositivo de dominação do corpo e do desejo. Segundo Cardoso Jr. (2001), embora inicialmente esta questão fizesse parte do discurso religioso, o sexo passa a ser assunto de interesse do Estado, através de dados demográficos e das políticas públicas.

A partir do biopoder e biopolítica, o Estado intervém junto a população por meio de estratégias e dispositivos de programas de saúde, tendo como foco o corpo (SANTOS, 2008). Ao se propor a esta intervenção, via políticas públicas, o poder antes exercido pela repressão

transforma-se em um poder mais sutil, exercido por saberes científicos que determinam que corpo é esse, como deve ser assistido, disciplinando-o, docilizando-o. O poder, por sua vez, utiliza-se de redes sociais para a formação de subjetividade (SOUZA, 2011), as quais legitimam os programas de atenção à saúde da mulher.

Na *História da Sexualidade I*, Foucault (1988) aponta que as práticas de intervenção do Estado na saúde, higiene e bem-estar da mulher é uma biopolítica. Estas práticas são estratégias que permitem um controle social sobre o corpo, objetivando a proteção da mulher, que possui biologicamente a condição de gerar vida. Neste contexto, as políticas públicas e as práticas assistenciais são focadas na mulher-mãe que é considerada capaz de garantir a configuração familiar (CARLOTO; SILVANO, 2008).

Se o que está em questão para a biopolítica é a vida, a maternidade tornou-se o objeto do cuidado destas políticas. Sugere-se, portanto, pensar a maternidade como uma questão biopolítica. Há uma vinculação da mulher à maternidade, pois “a centralidade na mulher-mãe reforça estereótipos sobre a condição feminina dentro de um viés biologicista que coloca como predisposições naturais a função de boa cuidadora no âmbito privado/doméstico” (CARLOTO; SILVANO, 2008, p.161).

A organização da família ou complexo família-filhos como prioridade no processo de medicalização é o reflexo da política médica do século XVIII, e incide diretamente sobre a política de saúde do século XX. A valorização da família pelo Estado no final do século XVIII é apontada por Santos (2008) quando alega que é através dela que se obtém o que se quer da população. Entretanto, na contemporaneidade, o modelo ideal de família cede espaço a novas configurações familiares, contudo os discursos permanecem desconsiderando a realidade.

4.2 Maternidade ao longo do tempo

A maternidade foi socialmente construída, definindo, assim, a condição feminina durante muito tempo. Desde a antiguidade, a questão aparece como símbolo importante na definição do papel feminino e muitos autores debruçaram-se sobre o tema e discutiram sua função ao longo da história.

A tradição cristã enfatiza a imagem materna através de Maria, considerada o símbolo da maternidade, que concebeu sem pecados, portanto dissociada da sexualidade, em oposição à Eva que simboliza o pecado, a tentação, o sexo. Durante muitos séculos, a fecundidade foi considerada bênção e a infertilidade, castigo. O século XVIII enfatizava a importância da mãe

que passou a ser priorizada nos discursos filosófico, médico e político, posto que até então predominava um conduta de indiferença materna. O iluminismo culpabilizava a mulher que não queria amamentar ou que abortava, considerando-a criminosa (MALDONADO, 2002). A maternidade associada à ideia de mãe perfeita se deve a uma representação religiosa, pois “foi a figura de Maria que ajudou a consolidar um estereótipo de maternidade e de feminilidade” (VAZQUEZ, 2014b).

As mulheres eram consideradas por Aristóteles como natureza, desprovidas de razão, portanto sua contribuição era na família, ou seja, sua subordinação era de caráter biológico. Hobbes, por sua vez, considerava que a mulher necessitava de proteção. Já Rousseau fazia distinção entre sociedade política e sociedade familiar, sendo esta última regida pela Lei do Pai. Para Locke, pelo contrato do matrimônio, as esposas aceitavam ser submetidas à autoridade do marido (*apud* LUNA, 2003).

A maternidade foi socialmente construída e, desde a antiguidade, é símbolo importante e definidor da condição feminina. Tal condição legitima-se por meio dos discursos religioso, filosófico, médico, científico e político. Dessa forma, a maternidade é valorizada ou modificada no âmbito sociocultural a partir de interesses sociais, econômicos demográficos e políticos (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

No Brasil colonial, houve um processo de domesticação da mulher e da maternidade, uma vez que a igreja e a sociedade estabeleceram os papéis femininos e determinaram comportamentos e valores ideais. Este discurso contribuiu para que a maternidade fosse considerada inerente à mulher e condição de ser mulher.

A sacralização do papel social das mães passava, portanto, pela construção do seu avesso: a mulher mundana, lasciva e luxuriosa, para quem a procriação não era dever, mas prazer. As mulheres que viviam em ambiguidade desses dois papéis foram sistematicamente perseguidas, pois o uso autônomo da sexualidade feminina era interpretado como revolucionário e contrariava o desejo da Igreja e do Estado de colocar o corpo feminino a serviço da sociedade patriarcal e do projeto colonizador (DEL PRIORI, 1995, p. 83)

Ao ditar normas e padrões de comportamento para as mulheres, o Estado, a Igreja e a sociedade fortaleciam a construção social da maternidade e esta mudança de papel, através do tempo, direciona Badinter (1985), a questionar o “amor materno”, conhecido como instinto, e a concluir que este é um mito, ou seja, algo socialmente construído e que os papéis sociais, como o de mãe, são determinados em função das necessidades e dos valores dominantes de uma sociedade. Ao caracterizar o amor materno como um mito, a autora aponta as influências históricas e culturais intrínsecas sofridas pela maternidade, pois as questões de ordem social

interferem na construção do que se compreende por amor materno, que depende não só da história da mãe como também da própria História. Conclui-se que ele não é instinto, mas um sentimento que está sujeito a imperfeições, oscilações e modificações.

Os aspectos históricos contribuíram para definir o ideal feminino de mulher-mãe. Badinter (1985) afirma que confunde-se determinismo social com determinismo biológico e a mulher ainda é vista pela sua capacidade de gerar filhos. Assim, no século XX, a maternidade ainda era vista como essência da mulher, afirma Engel (1997), e fazia parte do ideal feminino. Embora naquele período a maternidade tenha mantido um status social importante, foi no final do século XVIII que a imagem da mãe começou a fazer parte de forma mais significativa da sociedade, pois anteriormente era costume que os filhos fossem entregues aos cuidados de uma ama de leite, o que levava a uma grande taxa de mortalidade infantil. No século XIX, normas coletivas estabeleceram o papel de esposa e mãe como função social da mulher no século XX, assim a maternidade atestava a importância da mulher (MANSUR, 2003).

É difícil perceber a condição feminina enquanto construção social, uma vez que os discursos que a legitimam foram exercidos ao longo do tempo. Importante destacar a participação de diversos segmentos para consolidar o papel feminino e atender aos interesses políticos da época, como o da Igreja, patrulheira das almas e a Medicina, dos corpos, destaca Del Priore (1995). Toda esta construção ao longo da história contribuiu para validar a procriação como papel feminino no século XIX.

Com a valorização da maternidade, a reprodução e o controle da natalidade passaram a ser temas de interesse público também no Brasil. Na primeira metade do século XX, a mãe era responsabilizada pelo futuro do país. O controle da capacidade reprodutiva e as definições de natureza feminina estavam inseridos nos processos sociais e políticos em função da questão populacional. Era possível perceber, na segunda metade desse século, que dar um filho à sociedade era obrigação primeira da mulher, portanto tudo que se referia à reprodução era questão de interesse público e coletivo (ROHEN, 2003). Ainda nesse período, a explosão demográfica tornou-se objeto de preocupação, e mais uma vez as mulheres tornaram-se foco dos interesses políticos.

Nos países subdesenvolvidos, as mulheres “concentraram em seus corpos a responsabilidade pela superpopulação”, e exigiu-se o uso de métodos contraceptivos para o equilíbrio populacional, afirma Pedro (2003, p. 169). Para a autora, o corpo feminino surge como procriativo e os métodos contraceptivos começam então a ser conhecidos e os corpos a serem tratados, principalmente das mulheres pobres, consideradas “responsáveis” pelo fenômeno. A pílula anticoncepcional é divulgada inclusive pela mídia, por meio de jornais e

revistas, seguida pelo preservativo masculino, laqueadura, histerectomia, entre outros métodos contraceptivos. Embora a mídia também publicasse os questionamentos sobre os riscos da pílula, ela foi adotada por mulheres brasileiras.

A questão trazida pelo determinismo biológico que colocava a maternidade como instinto ou destino da mulher desencadeou uma problematização dentro do movimento feminino, chamado segunda onda, um movimento teórico, social e político. Questionaram-se temas relacionados à família, à sexualidade e ao trabalho. O pressuposto biologicista e a maternidade passaram a ser considerados sob a ótica da dominação/subordinação das relações de sexo. As discussões abordaram o modo como o poder utiliza os diversos conhecimentos na definição do que é maternidade, o que possibilita pensar as políticas e os programas de saúde como “instâncias que incorporam, ressignificam e veiculam, de forma ativa, estas (e outras) representações e identidades culturais” (MEYER, 2003, p. 41). Os programas educativos de saúde, assim como os preventivos, divulgam tantas vantagens da maternidade e seus elementos são tão repetidos que garantem a adesão das mulheres às práticas, contribuindo, assim, para a naturalização da condição feminina de mulher-mãe.

A ideia de que a maternidade definia a natureza da mulher permaneceu associada ao feminino, portanto é natural que este valor faça parte do imaginário da mulher. É difícil romper com padrões preestabelecidos para transformar uma realidade. Existem valores arcaicos enraizados que não desaparecem completamente. E a família tem uma função de reprodução ideológica devido ao seu funcionamento interno. Segundo Reis (1994), ela organiza a vida emocional de seus membros, permitindo transformar a ideologia dominante em uma visão de mundo, código de condutas e valores que serão assumidos posteriormente.

A família é reprodutora de ideologia, pois vai mediar a relação entre indivíduo e sociedade, formando a identidade social. Se o modelo de família é a burguesa no qual a mulher é responsável pela vida doméstica e pela educação dos filhos, ela é considerada menos capaz, mais emotiva e dependente do marido, portanto é este modelo que é reproduzido. O preconceito pode ter sido sutil, menos explícito, entretanto há uma tendência das mulheres a incorporar ideias preestabelecidas e se comportar de forma a endossá-las (REIS, 1994). O patriarcado foi reformulado e manteve a mulher excluída da política, redefinindo historicamente sua subordinação. As mulheres eram reconhecidas pela maternidade e não em igualdade aos homens. Havia um reconhecimento da mulher no espaço doméstico e em seu papel de mãe.

Na contemporaneidade, há uma transformação nos desejos e nas necessidades, portanto surgem novas configurações familiares, redefinem-se os espaços família e trabalho, o

que acarreta também uma mudança na sexualidade da mulher que não se fundamenta mais na maternidade (MANSUR, 2003). É uma época de liberdade, de novas possibilidades e novos desafios, e a feminilidade passa a ocupar outros espaços. Ela incide sobre as liberdades individuais e a maternidade deixa de ser uma condição para ser mulher, torna-se uma de suas perspectivas. Entretanto, existe ainda um modelo cristalizado de ideal feminino que discrimina a mulher contemporânea numa contradição de práticas e de discursos.

Muitas mulheres têm adiado a maternidade em função de uma carreira profissional. Outras se desobrigam de ser mães. Segundo Badinter (2011), o destino feminino muda porque surgem novas vias possíveis e desejáveis. Há uma possibilidade de escolha entre o desejo de ser mãe e os interesses da mulher. E a decisão de não ter filhos não se deve a um objetivo político, “na maior parte do tempo é o resultado do diálogo secreto entre si e si mesmo” (BADINTER, 2011, p. 161). A maternidade deixa de ser uma evidência natural a partir do momento que as mulheres controlam a reprodução, são independentes economicamente e estão no mercado de trabalho redefinindo a condição feminina.

4.3 A construção cotidiana do feminino

A construção do feminino faz-se nas instâncias do social, passando pela representação dos corpos, da sexualidade e das relações de gênero, nas quais as relações de poder, no sentido foucaultiano, produzem normas que influenciam ou pretendem determinar a condição feminina. Essa construção se dá pelos processos de subjetivação que acontecem cotidianamente.

Para Maffesoli (1988, 2010), este cotidiano é definido pela maneira de viver de cada pessoa e do coletivo, o saber-fazer, o saber-dizer e o saber-viver. Para o autor, a vida não se reduz ao sujeito individual, mas ressurgem na socialidade, denominada por ele como uma espécie de empatia comunalizada, ou seja, é a experiência coletiva que acontece no dia a dia, é o conhecimento comum que alicerça essa construção. Assim, Maffesoli convida a compreender a existência feminina através dos aspectos cotidianos, das ações subjetivas dos sujeitos nos seus ambientes de vivência coletiva, pois a experiência comum é parte fundamental da trama societal. Em sua análise social, o autor valoriza os aspectos do sentimento e do imaginário, e o imaginário individual corresponde ao imaginário do grupo no qual o indivíduo se encontra inserido. A vida social é feita de emoções, sentimentos e afetos compartilhados, no qual a subjetividade se ancora e interioriza os valores coletivos.

Nesse sentido, Del Priore concorda com Maffesoli (1988, 2010), ao afirmar que é preciso “desvendar as intrincadas relações entre a mulher, o grupo e o fato, mostrando como o ser social que ela é, articula-se com o fato social que ela também fabrica e do qual faz parte integrante” (2009, p. 9). Importa pensar que construção é esta, quais as características da mulher e como os aspectos sociais exercem poder sobre o gênero feminino. A construção do feminino passa, portanto, pela construção do gênero e a fabricação do corpo, e a vivência da sexualidade e o imaginário social possibilitam entender como se dá esta construção (MANSUR, 2003).

Os papéis femininos como ser mãe, cuidar da casa, dos filhos e do marido, ser resignada, sensível e frágil que definiam a mulher ideal, desde o século XIX, permanecem no século XX, entretanto novas funções foram incorporadas por ela (MANSUR, 2013; MARQUES, 2005). No mundo da mulher predominavam os afazeres domésticos e a sensibilidade feminina era um sentimento explorado na família e na igreja, portanto seu papel na formação das crianças era essencial. A entrada da mulher no mundo do trabalho acarretou preocupações, especialmente na igreja, que buscou formalizar a figura materna. Balizado pelo discurso médico e religioso, este modelo ideal de mulher prevaleceu no imaginário coletivo, deixando profundas marcas que ainda hoje insistem em definir o feminino.

Voltar o olhar para o cotidiano da cultura e sua produção de saberes é necessário para compreender a forma como o sujeito percebe, interpreta o mundo e o experiencia, pois a razão não é suficiente para explicar a complexidade da vida cotidiana ou dos modos de relação entre sujeito e mundo. O imaginário constitui uma aura ou atmosfera que ultrapassa elementos materiais, é uma força social e, mesmo considerando a cultura de um grupo, ele vai além dessa cultura e funciona como cimento social, criando, assim, vínculos. O imaginário resulta de símbolos, imagens e experiências coletivas e individuais, portanto é uma construção mental e coletiva, pois se trata de um conjunto de representações de uma dada sociedade. Desta forma, recorre-se à sensibilidade para conhecer a realidade (MAFFESOLI, 1995, 2001, 2008).

Assim, as transformações históricas que afetam a vida das pessoas, alterando concepções, práticas e identidades sexuais, refletem na forma de fazer-se mulher, na possibilidade de viver prazeres e desejos corporais, ou seja, as transformações históricas são promovidas socialmente. Nesta perspectiva, a própria concepção de corpo é produzida por processos culturais que produzem e transformam a natureza e a biologia, portanto, é socialmente que os corpos ganham sentido. A inscrição do gênero feminino no corpo leva as marcas de uma cultura, por sua vez a identidade de gênero e sexual é composta e definida

pelas relações sociais. As identidades sociais, portanto, são definidas no contexto cultural e histórico (LOURO, 2001).

No início do século XX, o corpo é o centro do cotidiano e sobre ele vai incidir um conjunto de discursos que o definem. Esteticamente, privilegiado pela mulher na construção de sua própria identidade, ele é objeto de exposição e de interferências. Na visão foucaultiana, é no corpo que se inicia o controle social, sobre ele e, principalmente, no feminino instituem-se saberes e normas, pois o poder penetra nos corpos e produz subjetividades (2010a). Reafirma-se, por ser uma construção social, que o corpo é produzido historicamente tanto no coletivo quanto individualmente (NOVAIS, 2010; GOELLNER, 2008).

Constata-se que os valores, as crenças e os significados produzidos pela cultura influenciam a construção do papel feminino no imaginário coletivo através do senso comum e de práticas sociais.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

5.1 Delineamento do estudo

Trata-se de um estudo qualitativo que busca entender o significado individual ou coletivo de um determinado fenômeno para a vida das pessoas (TURATO, 2005). Esta abordagem permite que se aproxime dos significados, valores e atitudes como parte da realidade social, na qual cada pessoa reflete o que faz e interpreta suas ações no contexto vivido e nas experiências compartilhadas (MINAYO, 2011).

O estudo tem como referencial metodológico a História Oral. Ele foi realizado com mulheres que vivenciaram as políticas de saúde no período compreendido entre a década de 1950 e a atualidade. A história oral fornece subsídios que permitem repensar as políticas para mulheres de forma integral, não apenas para aquelas que se fundamentam na mulher enquanto mãe, uma vez que “a política pública se faz também como resultado de projetos que ganham dimensão nas lutas coletivas” (MEIHY, 2011, p.4). A história oral é “um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, sendo uma maneira de se aproximar do nosso propósito” (NEVES, 2003, p.44). Os depoimentos significativos se devem à escolha dos entrevistados, de acordo com sua vivência, participação ou conhecimento de ocorrências e situações relacionadas ao tema, e ao apresentar outra versão dos fatos, estes depoimentos ganham sentido (ALBERTI, 2004; MEIHY, 2011).

A pesquisa de história oral é um registro, ou seja, um documento importante da experiência do sujeito, o que justifica sua escolha. Ela possibilita, portanto, compreender como as políticas interferem na construção do papel feminino e em suas escolhas sobre a maternidade ou não, uma vez que há por parte destas políticas um foco no ideal feminino de mulher-mãe. A narrativa de cada mulher está impregnada de questões culturais e temporais da época vivida, ou seja, cada história é uma experiência singular de vida que reflete uma época e seus valores que, de certa forma, a mulher incorporou em seu discurso e ação.

Segundo Meihy e Ribeiro (2011), são três as possibilidades para se explicar a fundamentação documental da história oral: a não existência de documentos sobre aquela realidade; a existência de versões diferentes das versões oficiais da história, e se há a elaboração de uma outra história a partir do enfoque dos sujeitos da pesquisa. Este trabalho acontece no sentido de construir uma outra história, uma vez que a história oral é “uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas

principalmente do saber” (NEVES, 2003, p. 23). Ela também permitirá conhecer como as colaboradoras, a partir da narrativa de suas próprias vivências, percebem a maternidade ou não maternidade, e a atenção dos programas e políticas públicas de saúde da mulher.

O tipo de história oral utilizado foi a híbrida que mescla a análise das entrevistas com outros documentos, promove um diálogo e vai além das gravações e transcrições; e a modalidade história oral intelectual ou acadêmica que se fundamenta teoricamente de forma sistemática com procedimentos operacionais e metodológicos justificados, dialoga com a historiografia e avalia a fortuna crítica, ou seja, considera o que já foi escrito sobre o tema, pois depende do conhecimento cumulativo. O gênero narrativo foi história oral temática “que versa prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (ALBERTI, 2004, p.37), por existir um foco central equiparando o uso da documentação oral ao das fontes escritas. A entrevista foi usada como técnica em história oral e foram consideradas a documentação ou o repertório escrito já existente e, em diálogo com este material, provocaram nova versão dos fatos, o que justifica a importância da história oral que “tem o compromisso de registro de situações para consideração social” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.37).

O estudo é fundamentado na perspectiva da Sociologia Compreensiva do Cotidiano, tomando como referência o pensamento de Maffesoli (1988, 2008) que descreve o cotidiano das pessoas, a importância de cada vivência para cada pessoa, respeitando suas escolhas. Parte de uma visão estereoscópica, uma reflexão sistêmica e busca descrever a ordem complexa do mundo e a interação que a anima, mas sem constranger pela força ou promover uma redução do real. Reconhece-se, assim, que todo e qualquer fenômeno cotidiano é passível de múltiplos olhares, compreensões distintas e representa, por si só, uma cristalização da complexidade do mundo (MAFFESOLI, 1988, 2008). A corrente compreensiva parte do macro para olhar o micro e vice-versa, numa relação que se estabelece via subjetividade, que tem um significado a partir da cultura com um interesse pelos processos de vivência e de experiência. Ela descreve “o vivido naquilo que é, contentando-se, assim, em discernir as visões dos diferentes atores envolvidos” (MAFFESOLI, 1988, p. 25). Desta forma, permite uma compreensão da história narrada por cada mulher, considerando-se todo o seu contexto e respeitando-se a visão subjetiva dos fatos.

A utilização da Sociologia Compreensiva do Cotidiano é possível uma vez que a história oral permite que o indivíduo utilize sua memória na definição de um lugar social e das relações interpessoais, pontua Diaz (2008). Neste sentido, ao pensar em utilizar a história oral numa pesquisa, deve-se perguntar “o que a narrativa dos que viveram ou presenciaram o

tema pode informar sobre o lugar que aquele tema ocupava (e ocupa) no contexto histórico e cultural dado?" (ALBERTI, 2004, p. 30). Ao narrar suas experiências, crenças, relações interpessoais e com o meio ambiente, o sujeito revela seu cotidiano, o que na opinião de Maffesoli (1988), deve ser considerado do ponto de vista sociológico e outras áreas do conhecimento. Assim, a "Sociologia Compreensiva, ao oferecer outra visão sobre as relações humanas, contribui sobremaneira às investigações acadêmicas" (NOBREGA *et al.*, 2012, p. 376), pois possibilita aqui compreender a percepção das mulheres sobre a condição feminina, a maternidade e as políticas públicas de saúde. É o que a sociologia compreensiva, segundo Maffesoli (2010), aponta como busca de conhecimento mediante uma visão interna, ou ainda, que não existe uma única realidade, mas formas distintas de conhecê-la. As diferentes visões ou versões são apresentadas pelas mulheres de dentro de suas próprias histórias a partir de sua vivência cotidiana.

Maffesoli (2012), em seus estudos, parte da experiência subjetiva do sujeito, uma vez que ele se constrói, ou seja, compreende o vivido de acordo com a experiência de quem o vive em determinado tempo e espaço. Se a maternidade pode ser entendida como cultural e historicamente construída, pode-se considerar, portanto, que as políticas de saúde com seus programas de assistência à mulher também exerceram influência na construção do papel feminino.

Este estudo se fundamenta também nos conceitos foucaultianos de biopolítica e biopoder que permitem uma melhor compreensão do processo de normatização da maternidade. As transformações sugeridas por Foucault nos séculos XVII e XVIII apontam o surgimento do biopoder como um poder sobre a vida, presente nas instituições, disciplinando os corpos e, posteriormente, a biopolítica que tem como foco o corpo regulamenta e faz a gestão da vida pelos mecanismos e tecnologias aplicadas à população. Nesse sentido, o corpo feminino passa a ser normatizado e regulado pelas biopolíticas que fazem a gestão da vida e constroem um discurso científico sobre condição feminina e maternidade, ainda presentes no imaginário coletivo (ARAN; PEIXOTO JR., 2007; FERREIRA NETO *et al.*, 2009; VAZQUEZ, 2014).

No início do século XIX, a consolidação do discurso médico sobre a mulher e a maternidade coincidem com a efetivação de políticas de disciplinarização do corpo e, em especial, do feminino. A biopolítica assume, portanto, o papel de intervir por meio das políticas públicas em fatos ou fenômenos sociais como a maternidade. Ao analisar como o poder penetra nos corpos e produz subjetividades, Foucault (2010a) possibilita compreender a

construção social da maternidade, os mecanismos e tecnologias que possibilitaram a criação de políticas públicas e práticas assistenciais focadas na mulher-mãe.

5.2 Participantes da pesquisa

O cenário da pesquisa não foi definido, uma vez que as colaboradoras poderiam ser encontradas em diferentes espaços. Devido à utilização da técnica de amostragem bola de neve – *snowball* –, a escolha das mulheres foi intencional. Assim, participaram mulheres de diferentes contextos e locais residentes na capital de Minas Gerais ou em cidades de pequeno e médio porte do Estado.

Nessa técnica, os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que indicam outros participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto, isto é, o “ponto de saturação”(BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 50). Este critério é uma estratégia usada em pesquisas qualitativas para estabelecer ou fechar o tamanho de uma amostra. Isto ocorre quando as entrevistas feitas atendem aos objetivos propostos e nada novo é acrescentado ao material coletado, ou seja, entrevistas de novos participantes não contribuem mais significativamente para a pesquisa (FONTANELLA *et al.*, 2008), pois repetem o conteúdo ou a forma de construção da narrativa.

Segundo Albuquerque (2009), o grupo inicial de colaboradoras recebe a designação de “sementes” por serem os primeiros indivíduos recrutados. Solicitam-se destas pessoas informações acerca de outros membros da população de interesse, designados “filhos”, ou frutos, por terem sido gerados pelas sementes, eles podem ser recrutados pelas sementes ou pelo próprio pesquisador. A bola de neve iniciou-se pelo contato com algumas mulheres reconhecidas pelas características estabelecidas que têm conhecimentos de políticas de saúde para mulher e que representam cada década – mulheres em idade reprodutiva, em torno de 20 anos – em 1950, 1960, 1970, 1980, 1990, 2000, 2010. Consideraram-se os seguintes critérios de inclusão, a saber: não ter filhos, conhecer e/ou utilizar programas de políticas públicas para mulheres, representar uma das décadas às quais o trabalho se refere. Dessa forma, a amostragem final foi composta por dezenove mulheres de diferentes idades, profissões, classe socioeconômica, estado civil e opção sexual. O primeiro contato foi feito por telefone ou pessoalmente, quando as mulheres foram informadas do objetivo da pesquisa e do sigilo. Todas as mulheres contatadas aceitaram o convite e a maioria indicou outra mulher.

As participantes da pesquisa foram mulheres sem filhos que vivenciaram os períodos delimitados e que conhecem ou utilizam as políticas de saúde. Doravante, elas serão

chamadas de colaboradoras devido a sua participação ativa na pesquisa. As entrevistas possibilitaram conhecer outra visão ou versão dos fatos mediante as narrativas destas mulheres e foram mescladas com material já produzido sobre o tema.

5.3 Coleta de dados

A coleta de dados iniciou-se após o contato com as mulheres e agendamento do encontro. As entrevistas foram feitas no período de janeiro a março de 2015, em sessão única. Neste processo de colaboração, foram feitas a gravação das entrevistas, a transposição do código oral para o escrito, a conferência e a análise, seguindo as etapas: 1) pré-entrevista: preparação do encontro para a entrevista, quando o colaborador foi informado sobre os objetivos da pesquisa e a gravação para seu registro; 2) entrevista: realização da gravação e o registro dos dados de identificação – nome do projeto, identidade do entrevistado, local e data do encontro, e o esclarecimento ao colaborador que ele deverá conferir a entrevista transcrita antes de autorizar sua publicação; 3) pós-entrevista: etapa na qual devolve-se a entrevista transcrita para o colaborador, além do agradecimento (MEIHY; RIBEIRO, 2011). As entrevistas com novas colaboradoras foram encerradas quando percebeu-se a saturação dos dados, sem acréscimo de novas questões referentes ao tema estudado.

As entrevistas foram gravadas em aparelho digital a partir de um roteiro indireto e dedutivo – Apêndice A –, no qual as questões norteadoras foram contextualizadas em uma ordem de importância capaz de definir tópicos principais segundo o narrador (MEIHY; RIBEIRO, 2011). “É na realização da entrevista que se situa efetivamente o fazer da história oral; é para lá que convergem os investimentos iniciais de implantação do projeto de pesquisa, e é de lá que partem os esforços de tratamento do acervo” (ALBERTI, 2005, p. 79).

Os procedimentos para a produção do documento a partir das entrevistas realizadas seguiram as seguintes fases: transcrição, quando se converte o conteúdo gravado em texto escrito. Este momento é considerado por Meihy e Ribeiro (2011, p. 107) como “momento de interação das subjetividades dos sujeitos envolvidos na pesquisa”; textualização, quando as perguntas são retiradas e fundidas à narrativa, e o texto é organizado por temática ou por cronologia; e a transcrição ou elaboração de um texto recriado, a transformação final do oral em escrita. (MEIHY; RIBEIRO, 2011). Após cada entrevista foi feita a transcrição na íntegra, e posteriormente a validação, ou seja, todas as colaboradoras receberam a entrevista para conferência e aprovaram o texto final. As participantes estão identificadas com o código C, de Colaboradora, seguido do número que representa a ordem em que as entrevistas foram

realizadas, além da idade das vivências de cada uma, para garantia do anonimato. Quando as narrativas começaram a apresentar relatos que se repetiam sobre o tema e as questões norteadoras, encerrou-se a coleta de dados. Logo em seguida, iniciou-se a análise dos dados.

Após uma primeira leitura das entrevistas, foi feita a organização dos relatos, seguida da leitura exaustiva delas, o que possibilitou identificar as ideias centrais e as histórias apresentadas pelas colaboradoras sobre a condição feminina, a maternidade e as políticas públicas de saúde da mulher.

A metodologia da História Oral possibilitou a constituição de fontes, entre colaboradora e pesquisadora, para que se pudesse compreender a visão destas mulheres sobre o tema. A construção das narrativas foi um processo de interlocução entre a pesquisadora e as histórias relatadas por cada uma delas permitiram identificar a singularidade e ao mesmo tempo a aproximação de cada vivência.

5.4 Análise dos dados

A subjetividade é fundamental na narração, interpretação e apropriação do relato. Na história oral, que tem como potencialidade “a capacidade de vislumbrar a história individual concatenada com a história coletiva” (SALGADO; FRANCISCATTI, 2014, p. 308), a subjetividade possibilita assim analisar a narrativa de cada colaboradora como parte de um contexto histórico e cultural. As narrativas interessam “por possuir os próprios argumentos ou versões subjetivas capazes de iluminar o contexto de outra maneira, são essas as razões da história oral” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 31), assim elas contribuem trazendo a dimensão subjetiva das realidades históricas, o que torna a história oral valiosa.

A riqueza dos relatos e a apresentação de concepções subjetivas das colaboradoras instigaram a análise dos dados de uma forma que não fragmentasse o conteúdo narrado. Para a análise das narrativas, utilizou-se o modelo proposto por Lieblich, Tuval-Maschiach e Zilber (1998). Os autores apresentam duas dimensões da pesquisa narrativa: a primeira refere-se a unidade de análise, se são analisadas as partes, fragmentos ou se é a narrativa integral; a segunda dimensão refere-se ao conteúdo, se a pesquisa foca o conteúdo integral ou significados específicos. Eles apontam, portanto, quatro combinações: conteúdo holístico ou integral, conteúdo categorial, forma holística ou integral, e forma categorial (LIEBLICH *et al.*, 1998). Optou-se, portanto, por identificar as histórias, fazer a discussão e a análise delas mediante a apreciação do conteúdo holístico/integral e da forma categorial.

No modo de conteúdo integral, a leitura faz considerações de toda a história e foca sobre o seu conteúdo. Em uma primeira leitura, as colaboradoras fornecem acesso às apreensões e compreensões dos significados-chave em suas vidas e contextos culturais, daí a opção por conteúdo integral (LIEBLICH *et al.*, 1998). A análise concentra-se no tema maior, que neste trabalho foca a construção do feminino, a maternidade e as políticas públicas. A análise combina histórias, conversas, impressões da parte do autor para descobrir as similaridades e as diferenças nas vidas das mulheres entrevistadas.

Nesta análise, os autores recomendam a leitura sistemática e cuidadosa de toda a narrativa, detectando o significado do texto e prestando especial atenção em alguns aspectos, pois se deve reafirmar que o significado depende de toda a história ou seu contexto. Deve-se anotar a impressão geral, as características incomuns e as contradições, decidir o foco do conteúdo ou tema, marcar os temas e ler separadamente. Deve-se atentar para as transições entre os temas, o contexto para cada um, a contradição do tema nos termos de conteúdo, modo ou avaliação (LIEBLICH *et al.*, 1998).

No modo forma categorial, deve-se olhar a forma e os aspectos de sessões separadas ou as categorias da história. As categorias são definidas e consideradas a partir das características linguísticas da narrativa. O estudo das funções cognitivas, por meio da análise da narrativa, pressupõe uma suposição de que a forma em que as histórias são apresentadas reflete processos de pensamento (LIEBLICH *et al.*, 1998). Nesta análise, surgiram as categorias e subcategorias.

Após a análise dos dados coletados, fez-se a interpretação de acordo com a literatura pertinente para apresentação da discussão dos resultados.

5.5 Aspectos Éticos

A pesquisa encontra-se em consonância com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Em 27 de novembro de 2014, através do parecer CAAE 37866014.9.0000.5149, obteve-se a aprovação emitida pelo CEPE-UFMG – Anexo A.

Foi assegurado o respeito a cada colaboradora dentro de suas singularidades e posicionamentos durante a entrevista, e informado que a entrevista seria devolvida à colaboradora após a transcrição para sua validação. Foram explicados o objetivo da pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Apêndice B. Através deste documento, “o entrevistado cede ao programa dos direitos sobre sua entrevista e sem o qual

não há como abrir aquele depoimento para consulta” (ALBERTI, 2005, p. 88). A assinatura do TCLE foi feita antes do início da entrevista. Todas as narrativas foram validadas pelas colaboradoras, posteriormente, considerando o anonimato como elas se encontram identificadas no corpo do trabalho.

6 DAS NARRATIVAS À CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA ORAL DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

6.1 Caracterização das colaboradoras

Participaram das entrevistas dezenove mulheres sem filhos, com idade entre 26 e 90 anos, de diferentes profissões, estado civil e opção sexual, usuárias ou não do SUS.

Assegurou-se no estudo a participação de mulheres representantes de todas as décadas (de 1950 a 2010), entretanto, em função do uso da técnica bola de neve, o grupo de mulheres indicadas pertenciam a um mesmo nível social e de instrução.

Ressalta-se que são mulheres que representam uma determinada classe social, por sua condição socioeconômica e formação, com ensino superior ou médio, profissionalmente ativas. Entende-se que a condição feminina é influenciada também por estes aspectos, pois historicamente as mudanças feministas são delimitadas pelas mulheres de classe média trabalhadora.

O quadro abaixo apresenta o perfil das colaboradoras.

Nome	Idade (anos)	Estado Civil	Formação	Profissão	Localidade
C 1	48	Solteira	Ensino superior	Representante Comercial	Belo Horizonte MG
C 2	42	Casada	Ensino superior	Professora Universitária	Interior MG
C 3	60	Solteira	Ensino superior	Professora Ensino Fundamental II	Interior MG
C 4	60	Solteira	Ensino superior	Funcionária pública aposentada	Interior MG
C 5	47	Solteira	Ensino médio	Do lar	Interior MG
C 6	68	Solteira	Ensino superior	Funcionária pública aposentada	Interior MG
C 7	52	Solteira	Ensino superior	Professora universitária	Interior MG
C 8	27	Casada	Ensino médio	Administradora de empresa	Interior MG
C 9	90	Viúva	Ensino médio	Aposentada INSS	Interior MG
C 10	52	Solteira	Ensino superior	Professora aposentada	Interior MG
C 11	50	Solteira	Ensino médio	Funcionária Pública Municipal	Interior MG
C12	33	Casada	Ensino superior	Nutricionista	Belo Horizonte MG
C 13	83	Solteira	Ensino médio	Professora aposentada	Interior MG
C 14	38	Casada	Ensino Superior	Gerente comercial	Belo Horizonte MG
C 15	26	Solteira	Ensino superior (em curso)	Estudante	Belo Horizonte MG
C 16	52	Casada	Ensino superior	Consultora RH	Belo Horizonte MG
C 17	41	Casada	Ensino superior	Enfermeira	Belo Horizonte MG
C 18	26	Solteira	Ensino superior	Bancária	Belo Horizonte MG
C 19	48	Casada	Ensino superior	Professora universitária	Interior MG

Este trabalho caracteriza-se pelo foco em categorias relacionadas aos conteúdos relativos à construção do feminino, mais especificamente quanto à escolha da maternidade, o tratamento destinado às mulheres sem filhos, as questões sociais implicadas e em aspectos formais concernentes aos posicionamentos interativos e reflexivos das mulheres entrevistadas. A análise destes aspectos remete ao seu conteúdo, o que possibilita ver a influência da cultura e os aspectos sociais na construção do feminino e na percepção que estas mulheres têm sobre maternidade e os serviços de saúde de acordo com as propostas das políticas governamentais. Ao mesmo tempo, a análise permite realçar singularidades e significados pessoais de suas vivências.

Categorias	Subcategorias	Narrativas
O corpo reprodutivo e as políticas públicas de saúde	As políticas públicas e a fragmentação do corpo em útero e peito	C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9, C10, C11, C13, C14, C16, C17, C18, C19
	A maternidade como construção social	C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9, C10, C11, C13, C14, C16, C17, C18, C19
	O incômodo do sacrifício na construção da mulher-mãe	C1, C 2, C3, C8, C11, C12
Construção cotidiana do feminino e maternidade	Ser mulher em novos tempos	C2, C7, C13, C15
	A não maternidade	C1, C2, C8, C10, C11, C12, C16, C17, C18
	Outras maternagens	C1, C3, C5, C6, C7, C10, C11, C13, C16, C17
O corpo não reprodutivo	O corpo biológico e os medos da maternidade	C12 e C14
	O corpo social: O filho como utilidade e a Velhice	C1, C 2, C3, C4, C6, C8, C9, C10, C11, C12, C16, C17
	A mulher sem filhos	Todas as colaboradoras

(Apêndice C – p.105 a 233)

6.2 As políticas públicas de saúde e o corpo reprodutivo

“A biotecnologia ou a medicina moderna privilegia o mecanismo corporal, o arranjo sutil de um organismo percebido como uma coleção de órgãos e funções potencialmente substituíveis. O sujeito como tal aí representa um resto, o que é tocado indiretamente por meio de uma ação que visa a organicidade.”(LE BRETON, 2007)

Ao discutir o corpo reprodutivo, esta categoria apresenta a percepção das mulheres sobre maternidade, políticas e programas de saúde e o ideal de mulher-mãe presente no imaginário coletivo. A denominação da categoria refere-se ao conteúdo das narrativas e às afirmações subjetivas das colaboradoras. Ela está organizada em três subcategorias no sentido de apresentar como estas mulheres percebem o atendimento em saúde, a fragmentação do corpo, a condição feminina e o significado de ser mãe, aspectos ligados à reprodução.

Na contemporaneidade, o corpo ocupa o lugar da construção da identidade, afirma Pereira (2010), ou nas palavras de Novaes (2010, p. 109), “o contemporâneo tem no corpo o palco de sua ética/poder”. As afirmações colocam o corpo em evidência, pois ele ocupa um espaço de destaque e importância nas discussões sobre as relações de gênero. Os discursos sobre o corpo se fortalecem no início do século XX, tornando-o centro do cotidiano (NOVAES, 2010).

O corpo aparece como elemento central no processo de subjetivação no mundo contemporâneo, pois diversos saberes fazem proliferar verdades sobre o corpo humano. Em seus estudos sobre as formações discursivas do corpo, Foucault apresenta como “enunciados” os corpos disciplinados, excluídos, delinquentes, enlouquecidos, patologizados e outros. Expõe, portanto, o corpo como objeto e alvo do poder, uma vez que é passível de manipulação e de treinamento. Ao investigar as experiências e as relações sociais que produzem o corpo, o autor aponta que a sociedade capitalista começou o controle dos indivíduos investindo nos aspectos biológicos e corporais, fazendo do corpo uma realidade biopolítica. Assim, por meio das práticas disciplinares e de adestramento, criam-se corpos dóceis e úteis, ou seja, criam-se indivíduos submissos (FOUCAULT, 2007, 2010a, 2013, 2014).

Neste contexto, a disciplina e o controle, enquanto práticas discursivas, materializam-se no dever, na lei e na institucionalização do desejo e do corpo em um sistema fundamentado na ordem e no controle do corpo que demarcam modos de vida (MAIA; JARDIM, 2008). Desta forma, o corpo serve aos propósitos das políticas públicas, entre elas, as de saúde. A concepção de corpo não é natural, ele ganha sentido socialmente por meio de processos

culturais que produzem e transformam a natureza e a biologia. Não se trata apenas do corpo físico, mas dos significados a ele atribuídos. Os corpos são reconstruídos de modo a adequar-se aos critérios estéticos, higiênicos e morais de uma dada sociedade. Assim, “a inscrição dos gêneros – feminino e masculino – nos corpos é feita no contexto de uma cultura” (LOURO, 2001, p. 11).

As representações do feminino concentram-se no corpo, principalmente nos aspectos reprodutivos. Cabe ressaltar que o corpo feminino reflete as mudanças da sociedade, pois é produto social, histórico e cultural (DEL PRIORE, 1995). Assim, o corpo da mulher é alvo deste processo de disciplina e adestramento, e a produção dos corpos femininos retoma as representações de mãe produzidas desde o século XVIII.

Os discursos e as representações da maternidade produzidos e veiculados nas políticas públicas de saúde, nas quais estão implícitas as características biológicas femininas, ressignificam representações e identidades culturais. Ter útero e mama, capacidade de engravidar e amamentar, comportamentos e sentimentos de doação, cuidado e amor estão inscritos no corpo feminino porque são produzidos e significados na cultura através de processos simbólicos. Assim, as políticas e os programas de saúde estão envolvidos nesta teia que produz corpos de mulher e reduz a noção de mulher à noção de mãe (MEYER, 2003).

Assim como nas políticas públicas, os ideais de feminino e maternidade se fazem presentes nas imagens midiáticas do corpo reprodutivo. Numa análise sobre as imagens e as representações do corpo reprodutivo, Vargas (2012) afirma que na contemporaneidade, nos discursos sociais sobre maternidade, prevalece a ideia de sexualidade ligada à reprodução, uma vez que esta aparece como dimensão corporal no discurso feminino. A autora destaca a “importância do potencial reprodutivo como central na constituição do corpo que se liga à identidade feminina” (VARGAS, 1999, p.91).

6.2.1 As políticas públicas e a fragmentação do corpo em útero e peito

“Há muito que as mulheres são esquecidas, as sem-voz da História. O silêncio que as envolve é impressionante. Pesa primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anônima e impessoal da reprodução” (MICHELLE PERROT, 2003).

Com as narrativas organizadas nesta subcategoria, foi possível conhecer a percepção destas mulheres sobre o atendimento das políticas públicas. Em relação ao atendimento destinado às mulheres sem filhos pelos programas de saúde, as colaboradoras apresentam com frequência a visão de uma fragmentação do corpo.

“Ouvi já falar pela televisão, e já vi também no posto cartazes sobre o programa de pré-natal. Acho que a prefeitura tem alguma coisa assim também pré-natal, hospital específico para mães e tal. (...) Ah, programa para tratamento de câncer de mama... por exemplo, este outubro rosa, é do SUS? Então sim... tem este incentivando o aleitamento, mas este eu vi pela televisão. (...) Além destes, eu não me lembro de mais nenhum não. Não, não, sempre da mulher com filhos. Porque uma das preocupações que a mulher tem normalmente é fazer os exames ginecológicos, inclusive para evitar câncer, que é o que mais preocupa. E aí, a não ser o câncer de mama, que tem. A não ser estes, não vi nenhum outro não. A maioria é com criança mesmo. Eu fiquei emocionada, foi até me dando vontade de chorar... foi como se tivesse fazendo uma sessão de terapia mesmo? Porque eu fui lembrando e acho que é por aí mesmo. Ficou algum programa que eu devia ter falado? Porque eu não lembrei. Específico para mulher não tem mesmo não. Até não tem o nome que o trem é saúde da família? Quando fala família eles entendem homem, mulher e filhos. Aleitamento materno está ligado à reprodução. Câncer de mama também está ligado, de certa forma. O pré-natal. Para uma menina adolescente por exemplo, agora até tem a campanha da vacinação, como é que chama, do trem lá? Do HPV. Tudo com medo das mulheres terem câncer de útero e não poder arrumar menino. É... que preocupação é esta só com útero e com peito? A gente pode ter câncer de outras coisas, não é verdade? Porque só útero e peito que não pode? É tanto que o câncer de intestino... eu disse que o sistema de saúde pública se preocupa muito com a prevenção do câncer de útero e de mama, como se a mulher só tivesse câncer no útero ou nas mamas, enquanto existem outros cânceres tão perigosos e tão ... é tão ou mais perigoso que o câncer de útero ou de mama. Sobre a campanha do HPV, para as adolescentes, que mais uma vez previne contra o câncer de útero, como se a mulher tivesse sempre que ter o útero saudável, a vida mulher é só ter útero para ter menino. E isto não é verdade. Então outra preocupação com... como se diz... com o lado reprodutor. Não com a mulher em si, mas com a reprodução, como se a nossa opção fosse só ter menino, e não é...” (C 1 – solteira, 48 anos).

A ideia de mulher associada à maternidade possibilita as práticas biopolíticas sobre os corpos, ou seja, há um controle sobre o corpo feminino pelo exercício das práticas de saúde que normatizam esse papel. É uma forma disciplinar de exercício de poder que atua por meio de um conjunto de valores compartilhados que circulam na cultura e constituem a subjetividade.

A prevenção de câncer de colo de útero e de câncer de mama aparece nas narrativas como únicos dispositivos contemplados pelos programas de saúde, causando certo incômodo. Os dois tipos de câncer ainda estão entre as principais causas de morte entre as mulheres, o que explica a preocupação dos programas de saúde com estes aspectos, o que não justifica uma fragmentação do corpo, como narrado, uma vez que ser mulher é algo muito maior do que ser saudável para gerar filhos. Além do mais, um corpo saudável exige outros cuidados, tanto físicos quanto psíquicos (PHILIPPI, 2010; BRASIL, 2010).

Mesmo com a incorporação de novas diretrizes nas atuais políticas como saúde das mulheres negras, das mulheres lésbicas, indígenas, trabalhadoras, políticas de enfrentamento à violência de gênero (BRASIL, 2004), no dia a dia dos serviços de saúde, segundo as colaboradoras, ainda se tem como prioridade a saúde reprodutiva, reduz-se, portanto, à atenção ao cuidado da mãe e de seu filho. Tal fato corrobora com os dados da literatura que apontam que a própria política de saúde para a mulher, desde os primeiros momentos de sua criação, no início do século XX, está voltada ao ciclo gravídico-puerperal. Apesar das modificações a partir da reforma sanitária e da criação de novas políticas, como o PAISM e PNAISM, sua ênfase está nos aspectos reprodutivos (FREITAS *et al.*, 2009). Embora os programas e políticas supracitados sejam preconizados, nem todos têm o mesmo alcance ou efetividade desejados no cotidiano dos serviços, sendo muitas vezes desconhecidos por usuárias deles.

Um aspecto fundamental apresentado é a mudança nas formas de exercício do poder, em que a fragmentação do corpo em útero e peito vai determinar a maternidade como forma de controle sobre a mulher, garantindo assim sua importância. No exercício deste papel, determina-se a condição feminina. As estratégias dos programas de saúde como uma questão da biopolítica utilizam-se de saberes para intervir sobre as condições de vida e sobre os corpos femininos mediante mecanismos que regulam e normatizam as práticas de saúde (FOUCAULT, 2010b). A biopolítica faz-se presente no discurso das políticas públicas sobre os aspectos biológicos femininos, ressaltando os aspectos reprodutivos e legitimando a maternidade.

“As políticas públicas normalmente elas são voltadas pra mulher que é mãe, elas são pautadas muito no ciclo gravídico-puerperal, no pré-natal, mas eu acho que ao mesmo tempo, mesmo as políticas públicas pro ciclo grávido-puerperal, elas têm limitações grandes e dificuldades e elas não conseguem atingir os objetivos, e a gente vê que o Ministério exige um número mínimo de sete consultas no pré-natal, as mulheres até fazem esse número de consultas, mas a qualidade das consultas deixa muito a desejar. E por isso que elas priorizam o ciclo gravídico puerperal e agora... e só que a gente vê também o Viva a Vida, na prevenção do câncer de mama, quantas mulheres até hoje nunca fizeram uma mamografia, a gente vê, no cotidiano do trabalho, várias mulheres que nunca fizeram um exame de Papanicolau, então ainda que o SUS seja universal, os seus princípios de universalidade e equidade, não são atingidos por toda a população, muitas mulheres não têm acesso a esses serviços, então, eu acho que na sua essência as ações políticas de saúde ainda veem a mulher apenas como mama e útero porque os dois únicos programas assim, efetivos... e que ainda deixam a desejar... porque não tem uma cobertura ideal, é o programa Viva a Vida, teve o PAISM na década de 80, mais a maioria desses programas só veem essa parte da mulher. Eu não

vejo um programa que enfatize a questão do climatério, mesmo o planejamento familiar ainda é muito associado à mulher ter que participar dos grupos, das reuniões pra poder conseguir, um método contraceptivo gratuito, ainda tem muitas restrições, ainda tem muito condicionamento pra que a mulher consiga ter determinados... acesso a determinadas coisas, né (C 19 – casada, 48 anos).

Neste sentido, o discurso do biopoder ou o poder da mulher sobre a vida em função da maternidade é persuasivo, uma vez que deixa traços históricos do ideal feminino gravados no imaginário social.

Ressalta-se que a repetição deste discurso e destas práticas são tão comuns no dia a dia dos serviços de saúde, eles fazem parte do cotidiano das mulheres, o que na visão maffesoliana vai influenciar a construção de feminino, ou seja, a construção da vida dá-se na repetição cotidiana de rituais e gestos (MAFFESOLI, 2012).

O biopoder incide sobre o corpo e sobre a vida, uma vez que possibilita uma concepção subjetiva, inclusive via conhecimento científico, quando as políticas públicas vão então priorizar a mulher-mãe ao utilizar este conhecimento para uma ordenação coletiva. O valor mãe é subjetivado, pois tanto a sociedade quanto os serviços de saúde estão organizados em função da família e da maternidade.

“Porque eu acho que realmente a que tem filho, a mulher que tem filho tem muito mais assistência do que nós, mulheres que não temos filhos. Ela requer, parece, que mais cuidados das políticas públicas em relação à saúde do que nós. Ela é mais contemplada. ... quando a gente entra por exemplo, igual na clínica das mulheres, quando eu tô lá, eu percebo, você só vê mulher casada, mulher com menino, é muito difícil você ver uma moça. Hoje por exemplo é muito difícil você ver uma solteira... quantas pessoas que eu conheço que são solteiras, e que não faz um exame, uma coisa que é primordial gente... Eu acho que tem que haver uma propaganda, sabe, mais voltada para esta questão da mulher sem a maternidade. Não priorizar somente a mulher-mãe. Mas sim a mulher que é solteira, que ela não tem filhos, então eu acho assim tem que priorizar... falta uma certa propaganda nisso aí. Porque quando você propaganda também na televisão dos programas do governo, você vê o que, relacionada à amamentação, ao câncer de colo de útero, tudo isso. Agora por exemplo eu achei super legal do governo de vacinar as meninas contra HPV. Teve mãe lá na escola que não quis que a filha fosse vacinar, nós tivemos maior trabalho para a mãe deixar a filha ser vacinada. Então eu acho assim que foi uma coisa bem pensada, sabe, então acho que tem que partir daí, as políticas públicas elas têm que abranger mais o gênero, sabe” (C3 – solteira, 60 anos).

A ideia de mulher associada à maternidade possibilita as práticas biopolíticas sobre os corpos, ou seja, há um controle sobre o corpo feminino pelo exercício das práticas de saúde, que normatiza esse papel (ORTEGA, 2003, 2004). É uma forma disciplinar de exercício de

poder que atua a partir de um conjunto de valores compartilhados que circulam na cultura e constituem a subjetividade. É possível constatar semelhanças em sua forma de perceber a atenção dispensada pelos programas de saúde à mulher sem filhos.

“Acho que quando a gente... até falando da experiência como profissional, que não tem como separar, mas acho que infelizmente, quando pensa saúde da mulher, a gente pensa em saúde da gestante, ainda que a gente tenha planejamento familiar, ainda que exista uma preocupação com, um momento posterior lá, do puerpério, é... ainda que tenha a coisa da prevenção, o câncer de colo, a mamografia, assim, ou o foco é algum problema que tá relacionado ao ciclo de vida porque você tá... você tem um gênero feminino, ou a gente tá falando de propostas que vão cuidar do pré-natal, da qualidade do parto, é... então assim, eu acho que o foco ainda é ou o da prevenção de alguma doença, relacionada ao gênero feminino, né, então você é útero e mama, via de regra, ou é o momento da gestação, que aí você vai cuidar da temática que tá relacionada ali, pré-natal, planejamento familiar aparece um pouco. Mas assim, como mulher, aí eu vou pensar culturalmente, se eu vou pensar profissionalmente, se eu vou pensar em mercado, em inserção no mercado de trabalho, se eu vou pensar em tudo o mais que mulher significa, a própria relação com o casal, essa parte da... eu diria que não tem, né. (...) Agora esse olhar pra mulher, pra além da dimensão grávida, e pra além da dimensão mulher biológico, mama e útero, por exemplo, simplificando aqui um pouco, eu acho que não tem. (...) Não sei, eu acho que tem... em termos de pensar a mulher no sentido dessa amplitude que a gente tá colocando aqui, acho que não temos políticas públicas, nem profissionais, nem pontualmente falando, que dão conta de abordar nessa amplitude” (C 17 – casada, 41 anos).

Além de corroborar a percepção como usuária dos serviços, apresenta o olhar de uma profissional de saúde, validando o pressuposto de que há uma invisibilidade da mulher sem filhos nas políticas de saúde, quando afirma que as práticas são mesmo voltadas ao ciclo gravídico-puerperal. A narrativa aponta importantes aspectos de universo feminino como a questão profissional, o significado de ser mulher e as relações afetivas que são negligenciadas pelas políticas e pelos profissionais de saúde por despreparo ou mesmo falta de dispositivos para um atendimento integral.

Com efeito, “no mundo contemporâneo a feminilidade pode ocupar outros espaços distintos da maternidade, contudo, não cremos que seja errôneo afirmar que esta ainda pareça ser uma das funções organizadoras desta categoria” (NOVAES, 2010, p. 99).

Reafirmando a construção histórica do ideal feminino de mulher-mãe, os programas e políticas negligenciam outros aspectos e desconsideram a mulher que escolhe à não maternidade. O que pode ser melhor compreendido em:

"Ah... política pública de saúde... mas são aquelas políticas que são voltadas pra toda a população, ou seja, que tão pra atender não só certo tipo de pessoas, mas que tão aí pra todo mundo, ou seja, que vão orientar como a população vai ser atendida no quesito de saúde, que vão dar a diretriz. De saúde pública eu sei de programas mais voltados pra, por exemplo, de mulher eu sei muito de grávida, por exemplo, que é muito comum, de quando a mulher fica grávida, para planejamento familiar, que são mais divulgados. Mas eu sei também que tem os programas de vacinação HPV, pras meninas até doze anos, treze, é que... é mais recente, mas é um programa voltado pra saúde, mais feminina, também, é... Às vezes, tem campanhas específicas, uma que eu fiquei sabendo recentemente foi pra... pra colocar DIU, na rede pública, pra mulheres mais voltados pra isso, ou seja, realmente muito relacionado com essa parte de reprodução. E de resto acho que não é tão voltado para feminina, mas voltado pra um geral, um público em geral mesmo" (C18- solteira, 26 anos).

Ao negar a determinação cultural no qual se insere e transgredir sua função reprodutora da espécie, a mulher que opta pela não maternidade se vê à margem das políticas de saúde. Levada a incluir-se em um novo lugar, a mulher sem filhos circula por diversos espaços, participa ativamente da sociedade, seja nas questões econômicas e políticas, entre outras, entretanto ela não encontra acolhimento nas políticas de saúde que preconizam a universalidade, equidade e integralidade dos serviços, mas que excluem grande parte da população ao definir um perfil de mulher a ser atendida: a mãe. Daí, muitas vezes, por não se sentir incluída, ela não busca os serviços de saúde em programas de promoção à saúde e prevenção de agravos, apenas quando está acometida de alguma doença. Perpetua-se, dessa forma, serviços de saúde voltados para a assistência aos doentes.

A perspectiva da maternidade como condição de ser mulher, presente no imaginário social e nas práticas de saúde, expõe as mulheres às políticas simbólicas que a direcionam no sentido de ser mãe (MANSUR, 2003; SCAVONE, 2001). São políticas que ordenam o poder sobre os corpos, sobre a vida, sobre a percepção do que é ser mulher. Com efeito, a maternidade representa o feminino ainda na contemporaneidade, embora a mulher se faça presente em outros campos e espaços (NOVAES; 2010).

A política pública é uma expressão do Estado na regulação da sociedade e pensa a mulher enquanto reprodutora. A função de reproduzir é dela, devido a sua condição biológica, mas o fato de ter útero não significa que ela será mãe e que esta será sua escolha. Quando as políticas públicas reafirmam as práticas voltadas apenas para a maternidade, privilegiando determinados órgãos, elas fragmentam o corpo feminino, reduzindo a mulher à função reprodutiva, sugerindo técnicas disciplinares do corpo por meio da biopolítica. Ao reduzir a mulher a útero e peito, negam-lhe a subjetividade, causando-lhe um mal-estar.

No cotidiano do serviço, muitas vezes, pela própria dinâmica, as novas propostas e programas não são implantados de acordo com as demandas apresentadas, pelo que se pode notar nas narrativas analisadas das participantes deste estudo. Algumas políticas são implantadas amplamente em grandes centros e em pequenos centros não, como é o caso da colaboradora que mora em cidade com menos de cinco mil habitantes. Infere-se que isto também pode acontecer com outras mulheres que utilizam os serviços. É interessante ressaltar, por exemplo, que dentre as colaboradoras, algumas têm diferente orientação sexual, entretanto, não conhecem ou não citaram a política para lésbicas. Ou as políticas não são implantadas e efetivadas em todos os serviços de saúde, ou não atendem de forma satisfatória a população feminina.

6.2.2 A maternidade como construção social

“A mulher incompreensível à primeira vista explica-se por sua missão especial, uma e única, embora complexa (...) é que a mulher foi criada para ser mãe...”
(GUIMARÃES, 1872).

A legitimação da maternidade como ideal feminino a partir do século XVIII, por um lado garantiu à mulher um lugar de destaque, por outro negou-lhe a possibilidade de escolher se queria ou não ter filhos. O papel de mãe, assim como outros papéis, foram determinados para atender às necessidades e aos valores sociais e, no momento em que a mulheres começaram a buscar emancipação, foram reconduzidas ao papel de mãe. O amor materno, como um sentimento humano, é frágil e imperfeito, entretanto a valorização da maternidade modifica os comportamentos femininos, e as mulheres são convencidas de sua importância como mães, validando assim o interesse do Estado, ou seja, a “produção” de seres humanos (BADINTER, 1985).

As condições em que as mulheres construíram esta “paixão” pela maternidade estão relacionadas ao processo de subjetivação ao qual foram submetidas pelos aparatos ideológicos do poder, ou seja, a maneira pela qual se apropriaram destes valores. A teoria foucaultiana propõe as relações de poder como algo que forma os sujeitos, assim o discurso da maternidade como ideal feminino foi subjetivado pelas mulheres e reproduzido socialmente. Mesmo com a emancipação da mulher, a mudança de valores e os novos papéis ocupados por ela na contemporaneidade fazem-se presente no imaginário coletivo.

“A sociedade cobra, te cobra... e eu acho tão engraçado que as pessoas chegam assim: ‘mas você não tem vontade de adotar, não?’. Até hoje eu ouço isso. Eu falo assim: ‘oh gente, eu tive tanta oportunidade de ter tido’, logicamente eu posso adotar sim, no futuro, não é por uma questão assim de outras situações, agora, não porque eu fiz uma escolha errada, talvez, ou escolher pra fazer isso ou mesmo pra mostrar que eu não fui mãe e agora eu posso ser, não é assim, não é? Mas sou cobrada até hoje, aí tem hora que eu brinco assim...pela família, hoje até que não por causa da idade, hoje eu tô com cinquenta e dois anos, mas até os quarenta e cinco tinha gente falando assim: ‘mas dá tempo, dá tempo, né’. Mas assim, é pela família, porque isso é normal e tal. Aí foi desse jeito, então eu sinto que a gente ainda é muito cobrada, muito cobrada. Aí hoje sabe o que eu respondo? Aí falam assim: ‘ah, mas você tem filhos?’, aonde você vai, ‘você tem filhos?’ ‘Não, por opção’, já respondo assim pra nem assim... pra prolongar talvez, porque parece que choca as pessoas ainda, eu sinto... choca, tem hora que choca. ‘Como não, seu marido adora, faz tudo pra você, faz isso, você ia ser assim... um casal...’. Porque meu marido realmente faz tudo, me dá tudo na mão se eu quiser...(...) Aí então até nas conversas as pessoas: ‘ah, você não é mãe, então você não pode falar, você não conhece...’ esquecem que nós já fomos filhas, já tivemos mãe, então assim é como se fosse um assunto que só interessa mesmo quem é mãe...(...) Vou acrescentar, esses dias eu li um texto que uma amiga minha divulgou no face. Ela questionando... questionando não, ela assim, é... se perguntando porque que as pessoas optam por não ter filhos, sabe, que ela não consegue entender, ela não tem nada contra quem não tem filhos, não, sabe... mas assim, ela falando da importância de ter filhos, e que parece que quem não tem pode deixar uma página em branco na vida, que não deixou... é... como se diz, assim, deixou.... você não vai deixar ninguém com seu nome, ninguém com a sua... com as suas características, é como se fosse uma página em branco, sabe. E que não é nem uma questão de gostar ou não gostar de criança, porque ela até fala isso, porque muita gente fala que não gosta de criança, porque uma coisa ela fala com muita propriedade, e ter ou não ter filho não é uma questão de gostar ou não gostar de criança, se fosse assim eu teria milhões, porque eu trabalhei com tantas crianças e amo crianças. E mesmo porque, que criança, ela passa um período muito rápido, então você não pode não ter filhos e falar que você não gosta de criança, eu achei bacana. Mas ela questiona isso, de ter filhos que você vai deixar um legado na vida, pensando lá na vida, de você não ter deixado nenhum herdeiro, não ter deixado uma pessoa, como se fosse uma página em branco, eu não vejo assim. Eu me vejo uma página muito colorida, todo mundo vai lembrar de mim, daquilo das minhas relações, quem eu fui, o que eu fiz, o que eu fui, o que eu penso, é isso que a gente em que pensar, não é?” (C 16 – casada, 52 anos).

A ideia de continuidade no filho ou mesmo de realização apenas pela maternidade aparece como única possibilidade de uma existência feliz para a mulher. É difícil para muitas pessoas aceitarem que uma mulher escolheu não ter filhos, que ela não tem o desejo de ser mãe, assim criam outras possibilidades como a adoção ou buscam relacionar o fato à infertilidade.

O relato de cobranças pelo fato de não ter filhos, principalmente pela família, é corroborado por estudo que busca entender como as mulheres encaram a maternidade. Os resultados mostram que as entrevistadas afirmam ser cobradas logo após o casamento, mas que aprenderam a lidar com isto (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007). Outro estudo sobre a não maternidade concorda com a existência de cobranças e afirma que há preconceito ou discriminação em relação às mulheres que escolheram não ter filhos (FIDELIS; MOSMANN, 2013).

Embora questione-se a fragilidade da mulher, a maternidade ainda é considerada sinônimo de feminilidade e associada à condição feminina pelos seus aspectos ligados ao corpo e à natureza. Existe uma pressão coletiva, uma atribuição excessiva de valor à maternidade que muitas vezes leva a mulher a ter filhos mesmo sem desejar ou questionar. (SMEHA; CALVANO, 2009; MANSUR, 2003).

As mulheres que optam pela não maternidade enfrentam este desconforto, conflitos de relacionamentos, cobranças familiares e se veem na obrigação de justificar sua escolha, o seu não desejo, porque o natural é querer ser mãe.

“Na verdade, pra mim nunca foi uma opção ter filhos, mesmo quando eu era criança, mesmo quando eu tava brincando de casinha, eu nunca queria ser a mãe, eu nunca me imaginei, continuo não me imaginando, por mais que as pessoas falam que eu vou mudar, eu acho que não, não consigo me imaginar tendo filhos. Sim, principalmente... principalmente familiares, pra família é muito difícil compreender que uma mulher escolhe: número um, não ter um relacionamento, principalmente uma família um pouco mais tradicional, que questiona: ‘ah, mais... você já tá na idade de casar... quando eu tinha a sua idade eu já tinha até filho, e tudo mais’. A família... a família tem um pouco de dificuldade de entender, principalmente porque tem pessoas na família que já estão começando a se casar, começando a ter filhos, começam aí os questionamentos de: ‘ah, porque que você também não?... você não vai casar nunca? Você não vai ter filho? Você não vai me dar neto?’ (risos) eu tenho uma irmã mais nova que já tem filhos, então já cria essa coisa de: ‘ah, sua irmã já... olha só, sua irmã já é casada, já tem filho, você não vai casar?’. É um pouco complicado. Relacionamento assim com amigo até que não, porque meus amigos todos têm uma tendência de não terem filhos, de não serem casados, até porque a gente é muito novo ainda. Mas em relacionamento sim, porque... já terminei um relacionamento porque a pessoa queria, tinha o projeto de vida de, não exatamente no momento casar, mas de um dia casar, um dia ter filhos, e acaba sendo um projeto de vida muito diferente daquilo que eu busco, então acaba criando sim algumas... alguns conflitos.” (C18 – solteira, 26 anos).

A mulher é incentivada de diversas formas a ser mãe desde o seu nascimento. Na infância, ela é direcionada à maternidade e ao cuidar de bonecas e da casa em suas

brincadeiras. Mesmo com o incentivo aos estudos e profissionalização nos dias atuais, há uma expectativa que ela se torne mãe, uma vez que continua submetida a antigos valores sociais.

Entretanto, surgem novas possibilidades para as mulheres, seja o adiamento da maternidade ou a decisão de não ter filhos (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007). Assim, “gerar e criar filhos passa a ser social e culturalmente definido como um projeto de vida” (MEYER, 2003), condição que está subentendida no universo feminino.

As cobranças por não ter filhos reforçam os argumentos que fazem parte do cotidiano da sociedade, o que permite lembrar aqui a experiência do sentimento compartilhado pelos que vivem em determinado grupo social, os valores que são reconhecidos no coletivo e influenciam o imaginário individual (MAFFESOLI, 1988, 1995, 2010). Neste sentido, ilustra-se este processo, assim:

“Não querer ser mãe... na verdade eu nunca fui uma criança que sonhou em casar, entrar numa igreja, é... cuidar da casa. Não, eu gostava de viajar, já me imaginava uma mulher independente, empresária... por incrível que pareça, empresária, mas viver por viajar, nunca nem imaginei em ter alguém. Sempre gostei muito da minha liberdade, e hoje ... ter um filho, para mim, gerar é uma coisa fora de cogitação. Eu nunca imaginei, não tenho vontade de ser mãe. E neste ponto... e com esta correria, com esta opção sexual minha que torna um pouco mais difícil o acesso, já não ter vontade de ter filhos, agregou isto, gosto de tudo o que eu faço, gosto de ser livre...acho que é uma responsabilidade “gigantesca” ser mãe.(...) Mas na minha casa, na minha família, todo mundo está muito aberto a isto. Então ser mãe por ser mãe, não entra em discussão. Hoje eu entro em contradição, em conflito interno porque a minha parceira tem vontade de ser mãe. Então é uma coisa que recentemente vem se discutindo muito. É a vontade dela de gerar, de ser mãe, e a minha de não querer me prender e saber da responsabilidade, então é assim...ainda mais nas condições nossas que é um pouco mais complexo que um casal dito normal, casal heterossexual. Uma família convencional, então a minha não seria convencional. Eu não estou pronta para ver meu filho passando por algumas coisas na escola, de brincadeiras, de bullying, então assim, eu não teria estrutura para isto” (C 8 – casada, 27 anos).

Mesmo sem o desejo de ser mãe, os argumentos apontam a ação do imaginário coletivo: *“ainda mais nas condições nossas, que é um pouco mais complexo que um casal dito normal, casal heterossexual”*. A maternidade, portanto, está vinculada ainda a uma família convencional, tradicional, ou seja, prevalece o discurso do ideal, uma família estruturada no modelo burguês – pai, mãe, filhos. A noção de família para os dispositivos das normas, ideia de família divulgada pelo Estado, pela mídia e pela sociedade ou seja, pensar a maternidade numa relação homoafetiva contraria estes valores.

Martinez e Barbieri (2011) corroboram esta afirmação quando dizem que é inegável a mudança no cenário das famílias que se reconfiguram em famílias recompostas, monoparentais, homoparentais, adotivas, etc. A maternidade se modifica, mas os conflitos permanecem. A representação da maternidade associada à determinação biológica feminina, mesmo frente à diversidade vivencial, faz parecer perversa qualquer ação, prevalecendo assim o modelo de família tradicional.

Constata-se, portanto, a maternidade como uma construção social, fomentada pelos discursos ideológicos de instituições, pelos símbolos e normas sociais. Pensar a maternidade no contexto de novas vivências e configurações familiares torna-se ainda mais complexo que desmistificar o ideal mulher-mãe.

6.2.3 O incômodo do sacrifício na construção da mulher mãe

“Toda escolha pressupõe uma reflexão sobre motivos e consequências. Pôr um filho no mundo é um compromisso de longo prazo que implica dar prioridade a ele” (ELISABETH BADINTER, 2011)

Desde o início do processo de glorificação da mulher-mãe, o discurso literário, religioso e político vincula a maternidade ao sacrifício, ao devotamento, caracterizando o mito do instinto materno ou do amor materno espontâneo. O sacrifício de si mesma e a abnegação ao cumprir o papel materno são valorizados pela cultura católica (MANSUR, 2003). A ideia de maternidade idealizada e do sacrifício materno se fazem presentes na ideologia religiosa pela condição de Maria, pois “a representação de mulher-mãe cristã, tão amplamente difundida pela Igreja Católica ao longo dos séculos se mostra intimamente vinculada a uma representação social de sofrimento e paralelamente sublimação” (VAZQUEZ, 2014b).

Diante da escolha pela não maternidade, são diversos os motivos apontados, conscientes e inconscientes. Merece destaque a percepção do sacrifício ao qual as mães são submetidas.

“Olha, por incrível que pareça isto jamais passou pela minha cabeça (risos), ser mãe. Então assim, é eu penso que tem algumas questões pessoais que são muito importantes para isto. Primeiro, na minha família, a minha vivência familiar com meu pai e minha mãe, foi uma vivência muito conturbada, embora eram pessoas assim que, na época em que viviam juntas, nunca houve assim... meus pais, eles não brigavam na nossa frente, é, assim de ter um... principalmente quando a gente era criança, da gente se sentir constrangido, ou de algo que envolvesse algum tipo de violência, assim...mas havia, eu acho, um clima de assim...eu não

sei, uma sensação de que...é...é...a gente era muito coadjuvante daquela história deles, sabe assim, uma ...uma sensação de que a gente era muito coadjuvante, eu até falo isto para minha mãe hoje que ela sempre tem um discurso, e isto não tem jeito, marca a gente, de que diante de um casamento tão difícil que ela tinha, que ela estava com meu pai, diante de todas as questões que eles tinham, que ele tinha outras mulheres e tinha assim um comportamento muito distante em relação a ela, muito que o que sustentava era a nossa existência, então assim que estava com ele por nossa causa, e que...e sempre um discurso de um sacrifício, de que se sacrificou por nossa causa. E eu fui me desvencilhar disto depois de anos de terapia, eu fazia faculdade. Mas mesmo assim por mais que eu tenha... que hoje assim eu tenha plena convicção de que eu não tinha nada a ver com isto, não era por mim nem pelos irmãos que ela estava com meu pai, era por ela, pelos desejos dela, pelo amor que ela tinha por ele, mas aquele discurso que ela sustentava, aquilo eu acho que marcou muito a gente em relação a isto.... Então eu acho que tem a ver com estas questões, e acho realmente que não foi... assim, na minha vida familiar, eu acho que o discurso de uma maternidade de sacrifícios, que ser mãe é se sacrificar, eu acho que isto me marcou muito. Mais do que qualquer outra coisa, assim... de ser mãe é algo de...um amor pleno, de...sei lá, que eu escuto várias pessoas falarem assim, de uma grandeza, de uma doação...não há nenhum amor que se compare, é algo que num tem assim... é a melhor coisa da vida, nunca vivi isto. Da minha mãe não. Não que ela não seja... mamãe é uma pessoa extremamente amorosa com a gente, sempre cuidou da gente direito, dentro lá das obrigações de uma mãe... é... é... ela sempre cuidou muito bem da gente, não tenho assim...a questão são aquelas pequenas coisas. Não que ela não tenha sido uma mãe legal com a gente, não é isto, e até hoje é, compartilha, divide muito as coisas com a gente, mas eu tô dizendo de um discurso de o que é ser mãe. Era um discurso que não era possível de me seduzir, porque era um discurso de um sacrifício, e de que... ocupou muito tempo da minha vida, assim, de que ela, os filhos ali eram ... é... é... que ela se sacrificava por nós a ponto de manter um relacionamento doloroso por nossa causa. O que depois ficou muito claro para mim que não tinha nada disto, ela se sacrificou por ela mesma, porque o amor era muito grande, amava demais, e não dava conta de sair daquela relação, a ponto até disto, de uma... quando eu digo que nós éramos coadjuvantes, era assim, tudo muito em torno de papai, do meu pai. Então não era aquela... não foi uma coisa que, uma vivência que me seduziu não, de falar, oh como é legal ser mãe, olha... não, não. E aí depois mesmo que tudo isto tenha se esclarecido para mim, eu acho que muita coisa já tinha ficado para trás, e eu já tinha construído uma possibilidade que a maternidade não fazia parte. E aí não fez mesmo, e nem... e até hoje assim eu tenho... em nenhum momento... se você me perguntar: em algum momento você assim... não passou por você... não, em nenhum segundo, em nenhum segundo da minha vida” (C 2 – casada, 42 anos).

Ao relatar a relação familiar conturbada e as lembranças negativas da infância como possível motivo do seu não desejo de ser mãe, baliza-se, assim, a afirmação de que as vivências de identificação com a mãe vão influenciar a percepção da maternidade, ou seja, “o papel materno é fundamental para criar na mulher o desejo de ter filhos” (SMEHA; GALVANO, 2009, p. 211). Foi possível identificar esta situação em outra narrativa:

“Eu tinha nove anos de idade quando a minha mãe se descobriu grávida das minhas duas irmãs mais novas, que são gêmeas. Até então uma tinha mais um irmão, com quem a gente convivia, levava uma vida normal, não tinha grandes alterações. Mas depois que minha mãe engravidou, vários problemas começaram a aparecer. Primeiro, ela ficou, ela teve uma gravidez muito difícil, ela passava mal, ela tinha enjoos... nove meses de enjoos, e no início ela não achava que era gravidez, ela foi descobrir a gravidez já estava até um pouco avançada. E desde esta época, ela ficou muito nervosa, ela ficou muito agitada, eu acho que ela não queria ter mais filhos, achava até que não poderia ter mais filhos. Aí engravidou, e aí pronto, seguiu a vida, ela teve os filhos. E a gente sempre teve uma pessoa que morava na minha casa, pessoa que cuidava da casa inteira, uma sobrinha do meu pai, que foi morar lá em casa para estudar, mas que praticamente me criou e criou meu irmão. Então ela tomava conta da casa, fazia praticamente tudo e não tinha problemas. Quando ela teve as meninas, esta moça foi embora lá de casa para casar e seguir a vida dela. E aí começaram os grandes problemas, porque entrava uma ajudante hoje, e saía à tarde. Entrava outra amanhã e saía. Furtavam, mexiam nas coisas da minha mãe. Então, além da minha mãe “ter” que assumir a tarefa de cuidar da casa, dos filhos que já eram maiorzinhos, e dos dois bebês, ainda veio o problema que ela tinha que enfrentar das empregadas que ela contratava. E aí, eu fui ficando cada vez mais sobrecarregada com isto, porque ela colocava... sempre eu era a ajudante. Primeiro porque eu era a filha mulher, e quem ajuda arrumar a casa, quem dá banho em menino, dá mamadeira menino é a filha mulher, para eles. Então que tinha que ajudar era eu, era a única pessoa com quem ela podia contar. E aí, eu não sei se percebendo ou não, ela me sobrecarregava, eu tinha que ajudar arrumar a casa, eu tinha que lava fralda, eu tinha que cuidar de menino, eu tinha que dar banho, eu tinha que dar comida, quando as meninas adoeciam, eu tinha que ajudar a olhar as meninas doentes. Então assim, eu era muito nova para passar por certas coisas que só um a mulher quando tinha filhos é que ia passar. E esta situação criou entre eu e minha mãe uma situação complicada, que até hoje ainda se desenrola” (C1 – solteira, 48 anos).

Na narrativa acima, percebe-se que o discurso do sacrifício influenciou a percepção do papel materno, pois o desejo esbarra nesta imagem herdada da mãe. Estudo com mulheres que optaram pela não maternidade corrobora a ideia de maternidade como sacrifício, ao relatar que as narrativas apontam a desconstrução do conceito de filhos como garantia de felicidade, ao inferir que parecem representar renúncia e sacrifícios (PATIAS; BUAES, 2012). A ideia de maternidade como sacrifício e renúncia é corroborada por Bonini-Vieira (1996) ao dizer que as mulheres participantes de seu estudo apresentam a mãe como aquela que se sacrifica pelo filho e renuncia a certos prazeres.

A ideia da maternidade como sacrifício pode estar ancorada na própria experiência da mulher e em sua vivência com a figura materna. Entretanto, isto não é um padrão. Importa lembrar que muitas mulheres, inclusive dentre as colaboradoras, relatam boa relação com a

figura materna, e ainda assim não apresentam o desejo de ser mãe. A escolha é singular, depende da história de vida de cada mulher e do seu desejo.

Diferentes faces da maternidade são apresentadas, embora cada uma delas seja singular. Estas mulheres parecem passar por experiências semelhantes.

“É... filhos? Eu já me vi grávida uma vez, quando uma amiga minha engravidou e a mãe colocou culpa em mim, da gravidez da filha. Ai eu falei: é, eu devia estar lá com o travesseiro falando vai, vai, vai... tá errado e tal... ela falou comigo, essa minha amiga, foi a primeira transa dela, ai um dia eu andando aqui na rua eu senti que eu tava grávida, mas nunca... eu acho que foi ... da... da... da cobrança, de que eu tinha sido culpada, a mãe vestiu de luto, infelizmente ainda fez a filha abortar, nunca mais a filha pode engravidar. Eu continuo amiga da menina até hoje, a mãe ficou um tempão sem conversar comigo, mas hoje voltou a conversar, mas eu sinto que ela ainda me culpa, sabe, essas bobadeiras, depois as outras filhas todas tiveram filhos independente de casamento ou não, então assim, eu... filho eu nunca me imaginei sendo mãe também, nunca... mesmo.(...) E tenho primas, que eu convivi a vida inteira, da mesma faixa etária, tem uma inclusive que ela é um mês, exatamente, mais velha do que eu, que ela teve filhos, com um caso de uma menina de quatro anos que é diabética, ela hoje fala comigo ‘Fulana...’, ela fala de coração, ela ama os filhos que ela tem, mas ela fala assim ‘você é feliz, por você ter tido opção de não querer ter filhos, se fosse para eu escolher, eu não teria tido filhos não’. Eu não sinto, em momento algum, falta de filho, muito menos de marido” (C11- solteira, 50 anos).

As experiências de amigas e familiares também são significativas na escolha e podem influenciar na escolha da maternidade ou da não maternidade, sem contudo ser determinante.

Dessa forma, diversos são os fatores que influenciam a escolha da não maternidade e vivências negativas, experiência de conhecidos, amigos ou parentes são alguns deles (RIOS; GOMES, 2009).

“[...]acho que é uma responsabilidade 'gigantesca' ser mãe. Eu acho que se eu fosse mãe e passasse pelas coisas que a minha mãe passou, eu não teria estrutura. Eu aceitei a condição de ser tia, sou louca para ser tia, acabou... então assim, filho para mim é para... sobrinhos, que vão lá em casa, passam o final de semana, nada mais que isto. Sem ter aquela responsabilidade, sem ter aquele... em prender, porque te priva de muita coisa, então acho que hoje... eu nunca pensei em ter minha liberdade privada por alguém, a responsabilidade é grande demais” (C 8 – casada, 27 anos).

Desde o início do culto ao amor materno, considerava-se o devotamento e o sacrifício como parte da natureza feminina, entretanto muitas mulheres mostravam o esgotamento e a renúncia a que se submetiam em função da maternidade, afirma Badinter (1985). Neste

sentido, estudo sobre a maternidade aponta ainda hoje o “ideário do devotamento e do sacrifício, a visão da maternidade como sofrimento voluntário e indispensável para a mulher normal” (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007, p.172).

A ideia de ter que se sacrificar pelo filho ou maternidade negativa pode influenciar a escolha de muitas mulheres. A dedicação que se espera da mãe ideal, fundada ainda no modelo idealizado cristão de mãe, espelhado em Maria, que se sacrificou pelo filho Jesus, ou o filho considerado como mais uma obrigação da mulher, os exemplos que algumas colaboradoras trouxeram aqui, permitem inferir que são aspectos importantes no momento da escolha. Algumas mulheres entendem que a maternidade acarreta um compromisso ou uma responsabilidade que pode ser incompatível com seus projetos de vida, nos quais estão outras perspectivas, como a carreira profissional ou a liberdade. Mas deve-se apontar aqui que, para tantas outras, o sacrifício tem suas compensações. A ideia de gratificação trazida pela maternidade se fez presente em algum momento das narrativas, quando alguma colaboradora deixa transparecer certa frustração por não ter filho.

Importante dizer que a própria maternidade se reconfigura de acordo com a evolução do papel feminino. E as políticas públicas devem considerar a relação da mulher contemporânea com a maternidade ou não maternidade, sua busca de autonomia e liberdade, além da participação social ativa, e não reproduzir as concepções sócio-históricas que vinculam a condição de ser mulher à maternidade, baseado num determinismo biológico.

6.3 Construção cotidiana do feminino e maternidade

“O problema é que naturalizamos determinadas concepções de desejo e de subjetividade. Acreditamos que sempre foi, é e será assim”. (LEILA MACHADO, 1999)

A identidade de gênero constrói-se historicamente e os discursos constituem o sujeito (MAIA; JARDIM, 2004) numa versão foucaultiana em que este sujeito é o “efeito das relações entre saber e poder”. Para os autores, o sujeito é constituído, é fundado nas relações que se organizam em torno dele. Neste sentido, pode-se falar, portanto, numa construção cotidiana do feminino.

No contexto histórico no qual se construiu o ideal de mulher-mãe, a maternidade era condição *sine qua non* para que a mulher se constitua e a partir dela estruturava-se a identidade feminina (SAMPAIO; SANTOS; SILVA, 2008). Porém, as identidades são construções discursivas e culturais e não fixas ou imutáveis. Assim, as mudanças ocorridas no

século XX, como os movimentos sociais, as lutas políticas, o feminismo e o surgimento da pílula anticoncepcional começam a transformar a antiga identidade feminina, possibilitando outras escolhas e desnaturalizando a maternidade como condição de ser mulher (ROCHA-COUTINHO, 1994, 2005).

Se a ideia de que a realização da mulher encontrava-se na maternidade está sendo desconstruída e ela ganha espaço para fazer suas escolhas, isto resulta em uma mudança social e ruptura com o papel feminino. Historicamente, todo o processo de mudança possibilitou alterações nas formas de construção de identidade e subjetivação, fazendo surgir novos papéis e formas de manifestações femininas (FIORIN *et al.*, 2014; ROCHA-COUTINHO, 1994; SMEHA; CALVANO, 2009).

Neste contexto, a categoria denominada "Construção cotidiana do feminino e Maternidade" apresenta a condição feminina – o ser mulher. Divide-se em três subcategorias, apresentando os aspectos que influenciaram esta condição, a opção de não ter filhos e o exercício da maternagem por mulheres que não são mães.

6.3.1 Ser mulher em novos tempos

Minha maneira de não ser mais o mesmo é, por definição, a parte mais singular do que sou". (MICHEL FOUCAULT)

A condição de ser mulher é resultado dos processos históricos e das vivências singulares e coletivas, cotidianamente marcados por discursos e valores sociais. Voltando a Maffesoli (1988) para compreender este processo de construção da condição feminina, é preciso perceber os valores compartilhados no cotidiano.

A subjetividade também se constrói, sobretudo em um contexto social. Por subjetividade entende-se a maneira pela qual o sujeito se apropria do mundo, de forma singular. Assim, a mudança na condição feminina também é o reflexo do processo histórico.

“Porque antes a mulher não tinha liberdade, através daquele movimento, não sei se a senhora chama Pacífico... fulana de tal Pacífico, até de Belo Horizonte, ela lutou muito para a mulher ser independente, e isso concorreu para que nós hoje tenhamos... assim, você vê, a mulher hoje ela trabalha em qualquer setor, basta ser habilitada, não é isso? E presta um benefício muito grande, em qualquer... por exemplo na área médica, na área de parapsicologia, psicologia e ... ah, tem uma infinidade de... em todas as áreas, a mulher tem prestado serviços. E ainda... outro dia um homem falou comigo: ‘eu tô preocupado, a mulher tá ocupando

espaço nosso’, e eu falei: ‘oh, ocupando espaço seus não, é o contrário, vocês ocuparam o nosso muitos anos e cabe a gente lutar para continuarmos com algum direito’. Só que no vencimento não, eu acho um absurdo a mulher ganhar menos que o homem se o trabalho dela é bom... ótimo... porque tem mulheres que trabalham muito bem. Tem por exemplo aviadora, acho legal... é... e outras profissões que merecem respeito da gente. (...) O anticoncepcional, a princípio ele era um horror, o terror, mulher não podia ir à farmácia comprar anticoncepcional, tinha que pedir um amigo.. ou pai... nada, o pai, nossa senhora, não podia nem falar com o pai isso, pedia uma pessoa amiga lá para comprar, uma senhora, uma coisa assim, não precisava ser homem não. Mas a mulher não... a mulher solteira... até lembro... quem é gente, que usava aqui... comprimido... ela era casada... ela usava o comprimido e foi acabou, minha irmã ia à uma cidade próxima, ela foi encomendou. Ela, uai, você conhece o temperamento dela, não sabe falar não, e enfrenta qualquer coisa para atender um amigo. Ai ela chegou na farmácia, pediu lá o comprimido, e o moço... ela disse que: ‘Oh, mas o moço olhou tanto para mim’. Porque será que ele olhou tanto pra você ? ‘Sei lá, será que ele queria era namorar comigo?’ Ah, já vem você com esses namorados, já não chega os que você já tem por ai não? ‘Não, ele olhou foi...’. Não, não foi isso não, deve ser porque não é comum a mulher comprar esse negócio aí, você sabe disso, pede para comprar é uma senhora, você uma menina e ainda por cima o tamanho, é uma criança. Ela...(risos)...aí no fim ela compreendeu que era o fato dela... olha para você ver, até a farmácia censurava. Fazia uma censura brava. Mas trouxe uma grande mudança, porque através disso evita, nascimentos aí... porque tem que diminuir, senão o mundo não vai caber todo mundo não, a não ser que nós vamos morar lá na lua. Também tem umas que não querem” (C 13 – solteira, 83 anos).

Percebe-se uma diferença de valores das mulheres que vivenciaram o início da pílula anticoncepcional, as mudanças e as conquistas desencadeadas pelo movimento feminista, tudo o que aquele momento representou.

Estas mudanças são apontadas em um estudo sobre não maternidade e vida profissional, no qual “a mulher foi protagonista de mudanças sociais que manifestam uma ruptura em seu modo de ser e agir” (SMEHA; CALVANO, 2009, p.208). Os resultados apontam que a inserção no mercado de trabalho aparece como uma conquista de independência.

Assim há um deslocamento da identidade feminina, a mulher passa à construção do feminino baseada no valor do trabalho fora de casa, ao qual confere um valor de constituição identitária, recusando a identidade exclusiva da maternidade. O trabalho feminino remunerado possibilitou esta nova posição (OLIVEIRA, 2007; LIPOVESTKY, 2000).

Todavia, o trecho “*deve ser porque não é comum a mulher comprar esse negócio aí, você sabe disso, pede para comprar é uma senhora, você uma menina*” aponta o surgimento de novos valores em conflito com aqueles já arraigados, no qual o ideal feminino estava

atrelado à maternidade e à constituição de uma família tradicional com papéis definidos. Por menina, entenda-se adolescente, por senhora, uma mulher casada, conforme explicação da colaboradora.

Gerações diferentes, valores compartilhados. Em um primeiro momento, a opção era casar e ter filhos.

“Eu sou uma jovem senhora considerada adolescente ainda. Sou uma pessoa muito bem relacionada, incluída na sociedade que eu vivo, né... um extenso grupo de amigas, uma mulher comum que já teve seus sonhos de adolescente, alguns desfeitos, e vida continua... e a gente resolve encarar outros sonhos e outros caminhos. Sou uma pessoa normal, uma cinderela de sapatinho quebrado... (risos) lascado. Sou isto. Algumas escolhas na minha vida não foram bem “escolhas”. A vida nos leva a seguir um caminho. A minha ideia... a minha primeira ideia de mulher, de ser humano, de pessoa, era a que todo mundo tem, eu vou casar, ter filho, constituir família e tudo o mais. Esta era a minha primeira ideia de vida. Mas aí os relacionamentos não... não dão certo, os desencontros surgem, as decepções vêm, e depois, aquelas decepções que você acha que são decepções, tornam-se uma coisa comum na sua vida e que você tem que seguir a sua trajetória sem se frustrar muito e continuar levando sua vida” (C 5 – solteira, 47 anos).

A ideia da maternidade como condição naturalizante da mulher faz-se presente, independentemente da idade. Afinal, “discursos culturais, durante séculos, recrutaram mulheres a se identificarem com eles, tornando-os como verdades e constituindo suas identidades femininas” (COLARES; MARTINS, 2016, p. 2). Para a colaboradora acima, a primeira ideia era ser mãe, como isto não aconteceu, ela adaptou-se à situação e apresenta-se como uma pessoa feliz, mesmo sem filhos. Ser uma “cinderela de sapatinho quebrado” deixa transparecer certo desapontamento, sem que o esperado príncipe do contos de fadas aparecesse e lhe trouxesse a possibilidade de ser feliz para sempre, mas nem por isso deixou de ser cinderela.

Em alguns contextos sociais, ainda se considera como o ambiente natural da mulher a esfera doméstica. A maternidade é direito e dever, o seu exercício anula a identidade da mulher (MACHADO, 2007). Na contemporaneidade, a mulher, mesmo sendo independente para fazer sua escolha sobre ter ou não filhos, constata que o imaginário coletivo é fortemente marcado pelo discurso da maternidade como condição de feminino.

“É... eu tô pensando aqui. Eu defino como esta questão de uma... de... é... poder, é... embora ainda numa sociedade extremamente tradicional em relação a algumas questões, de que esta... a maternidade ela não é... a maternidade é uma

escolha, nós, diferentemente de outros animais é... é... não temos esse ... isto não perpassa por uma questão da natureza humana. O que seria da natureza aí é que a barriga vai crescer, ele vai ser alimentado lá dentro, o corpo vai trabalhar num determinado momento para ele sair, não é isto? Mas o que nós construímos em relação a isto, é de uma construção social e cultural. Então nós construímos... e... é... é... então, eu penso que neste contexto eu sou uma mulher que prezo muito para ter uma vida... é... é... onde eu possa, como eu disse, fazer minhas escolhas, responsabilizar por elas, e entendo que esse caminho, eu que construo, não há nada que seja da natureza humana, é algo que é da minha construção, e eu vejo que embora a única questão que eu acho mais complicada, ainda hoje, é... o... o... todo mundo tem esta expectativa, principalmente para quem casa. Porque mesmo que a sua opção de casar seja sua, eu não quero casar, para a maior parte das pessoas é: nossa, coitada, a pessoa não conseguiu casar. Não, ninguém quer saber se você optou por não casar, as pessoas acham ainda que você não conseguiu (risos). Não, você lindamente escolheu, não, não quero, não quero este tipo de parceria não, não quero ninguém na minha casa, dividindo comigo. Só que se você faz isto, aí então aceitar que você fez, e ainda não quer filhos? Porque você poderia do mesmo jeito do discurso: “ah, ela não conseguiu casar, ah, ela não conseguiu ter filhos”. Não, é você dizer não, eu não quero casar, ou então, não, eu não quero ter filhos. E aí, ainda, aí fica e... é... é... eu acho que muito ainda tudo muito organizado, uma sociedade muito organizada para isto, para casamento com filhos. E é muito novo isto na nossa sociedade, assim, as mulheres que não quiseram ter filhos, isto é muito novo, pela escolha é muito novo...” (Colaboradora 2 – casada, 42 anos).

Quando a maternidade torna-se uma escolha e não apenas uma questão da natureza feminina, transforma a condição de ser mulher, além de propiciar o rompimento com os valores sociais construídos historicamente. A crítica, “*ah, ela não conseguiu casar, ah, ela não conseguiu ter filhos*”, apresenta o preconceito que ainda existe em relação à mulher que escolhe a não maternidade.

Este pensamento é corroborado por diversos autores citados por Fidelis e Mosmann (2013) em um estudo sobre a maternidade na contemporaneidade. Em resumo, os autores questionam a escolha da não maternidade, que é vista como anormalidade, fora dos padrões tradicionais da sociedade, despreparo, objeto de conflitos para as próprias mulheres. As mulheres que têm dificuldade em decidir pela maternidade ou ainda as que decidem não ter filhos são consideradas anormais (COLARES; MARTINS, 2016)

A mulher contemporânea tem outras perspectivas e escolhas não centradas na maternidade, entretanto assumir esta posição ainda é um desafio, por isso enfrenta pressão social e discriminação. Ela constrói novos modelos de funcionamento feminino, na opinião de Mondardo e Lima (1998 *apud* RIOS; GOMES, 2008).

Entretanto, mesmo que o reconhecimento dessa mudança ainda encontre resistências e seja sutil, as mulheres, ao longo de suas histórias, estão conscientizando-se de seu valor como

sujeito, apropriam-se do seu corpo, decidem-se de acordo com o seu desejo, realizam-se sem a maternidade, fazem outras escolhas.

6.3.2 A não maternidade

“Fica evidente que a recusa feminina à maternidade, não importando os motivos, causava e, ainda causa, um certo espanto e questionamento”. (VASQUES, 2014)

A maternidade apresenta diferentes faces, diferentes significados em diversos contextos. Mas é importante entender como as mulheres subjetivaram este valor e fizeram suas escolhas, construindo novas histórias, menos atraídas pelo ideal de mulher-mãe e pelo cotidiano doméstico.

A construção discursiva de que toda mulher deve desejar a maternidade e amar seu filho incondicionalmente está presente no imaginário coletivo. Contudo, algo inerente à condição feminina (VAZQUEZ, 2014b) vem sendo questionado. As experiências femininas produzem novos significados. Mulheres optam pela não maternidade, negando-a enquanto única condição de ser mulher.

Aparecem interessantes justificativas sobre a escolha da não maternidade, fundamentadas nas histórias de vida de cada mulher, como se pode notar a seguir.

“Eu conheci a pessoa com quem eu casei, e foi assim até interessante quando eu conheci. Acho que você já sabe da história, e a pessoa que eu conheci já me veio com uma família formada, não é, assim, ele já tinha separado, já tinha três filhos, eu não tinha filhos e nem pensava em ter filhos quando eu o conheci. Ai conhecemos, moramos um tempo juntos, depois oficializamos o casamento, depois... estamos aí num período de vinte e oito anos casados... e o tempo passa, não é, estamos aí num período de vinte e oito anos juntos. (...) E assim, nesse período todo que... desde que eu vim para Belo Horizonte mesmo, eu já tinha meus vinte e quatro anos, eu já... eu já... acho que tanto aquela experiência tanto que eu vivenciei, de dificuldades, assim, porque querendo ou não querendo, no interior a vida era mais difícil, eu tive uma infância assim mais... mais... como que eu digo, assim... mais batalhadora mesmo. Minha mãe era servente escolar, meu pai era... era caminhoneiro, então minha mãe ela que sempre sustentava mais assim... mais a parte mesmo assim de ser mãe, se dedicava mais a essa parte. Então assim veio aquele período todo, escola, ensino especial, veio a minha escola, e veio todo esse trabalho com criança, e eu vivenciava muito isso, mas isso não foi um fator de eu ter assim pensado em não ter filhos. Aí o que que eu pensei... o que que eu pensava da maternidade, que eu queria mesmo talvez me dedicar a minha carreira, ter minha independência financeira, eu queria assim, ser mais eu. Eu pensava, como eu te falo de eu pensar muito no amanhã, eu falava assim ‘ah meu Deus, se eu separo eu não vou dar conta mesmo de

trabalhar e de me dedicar aos filhos, sem ter muito que..’. Hoje tem as leis, tem tudo, mas anteriormente não tinha tanto isso, então era muita responsabilidade, e isso tudo me vinha em pensamentos. Mas eu... pra te falar a verdade, quando eu conheci meu marido, assim, aí que eu acho que veio me confirmar tudo isso, porque eu não ficava o tempo todo pensando se eu ia ou não ter filhos, nunca pensei... foi assim uma consequência da vida e que foi mesmo... foi um projeto natural, muito natural, hora nenhuma eu parei debaixo do travesseiro para pensar sobre eu não ter, se eu fiz a escolha certa, ou não fiz, não teve isso... eu não tive, hora nenhuma, isso aí eu te falo assim de coração” (C 16 – casada, 52 anos).

Mesmo sem ter refletido para tomar a decisão de não ter filhos, é apresentado aqui o seu não desejo pela maternidade. Para a colaboradora, filho não faz parte do seu projeto devida, dos seus planos. Sua prioridade foi investir na formação, realizar-se profissionalmente, ou seja, a maternidade nunca esteve presente ou foi considerada como perspectiva ou possibilidade. Ela assegura que, embora tenha trabalhado com crianças, não pensou em ter ou não filhos, que a não maternidade foi um processo natural e muito tranquilo.

Ao propor em um estudo a questão da escolha da maternidade, Smeha e Calvano (2009) encontraram respostas subjetivas que agruparam como decididas e indecisas. Importa aqui sua análise de que muitas mulheres não se identificam com a maternidade, que deixa de ser destino e única forma de realização. Os resultados apontam que a mulher encontra outras fontes de satisfação, uma vez que a maternidade deixa de ser a única conquista, ela tem outras chances, pois passa a ser reconhecida pelo seu trabalho, ou seja, ao fazer suas escolhas, torna-se protagonista de sua vida.

Para algumas mulheres, a não maternidade não está atrelada a alguma experiência traumática ou ruim de outras mulheres, mas fundada no próprio desejo ou visão de mundo:

“Pois é, essa era uma discussão que eu tinha muito com essa professora minha, que as feministas no geral elas não acreditam em instinto materno, elas são contra essa ideia de que toda mulher é um ser maternal e que existe um tipo de instinto, e que seria o instinto materno. É uma discussão que eu sempre tinha com ela, eu não acho que tenha, por exemplo, assim, eu particularmente eu não acho que seja um instinto materno ou uma coisa que, é... sabe assim... aflore dentro de mim, quando eu vejo um neném... às vezes as pessoas me perguntam: ‘mas você vê, quando você passou na ginecologia, na obstetrícia, você não sentiu vontade de ter neném?’ Eu não acho que, não é vendo um neném assim que eu tenho vontade de ter filho, por exemplo, eu acho que é a ideia de eu ter uma pessoa para compartilhar ideias, para ensinar, para aprender, sabe, eu vejo muito mais assim, essa troca. Porque a minha... eu acho que é a relação com a mãe, né, a gente sempre puxa. A minha relação com a minha mãe é isso, é uma troca, é uma pessoa que me ensine coisas, que eu ensinei coisas, briguei, e a gente não dá certo, e a gente dá... eu acho que isso é tão... é tão benéfico, assim. Eu não me

vejo como uma pessoa que não... não quer ter filhos, mas eu não acho que seja obrigatório uma pessoa também ter filhos, eu não acho que uma mulher que não tem filhos seja uma mulher que não vá ser uma mulher de verdade, assim, toda... não acho. É... eu acho que alguns pontos assim interessantes nesse quesito é porque que as mulheres... por exemplo, assim, eu convivo com muitas mulheres, com alto nível de graduação, pós-graduação, e porque que as mulheres não tem filho? É uma coisa também que a gente sempre discutiu, porque que as mulheres não querem ter filho, agora, nessas posições? Você tá fazendo doutorado, é tão difícil a gente estudar e a gente competir com os homens, entre aspas assim, porque se a gente sai, e chega uma coisa assim, quando você sai, você se ausenta um ano da sua profissão, você não tá mais competitiva, quando você volta, tudo já mudou tanto que um dia tudo muda tão rápido, você perde” (C 15 – solteira, 26 anos).

Embora tenha uma visão positiva da maternidade, acredita-se que nem toda mulher quer ser mãe, que isto não é uma obrigação ou condição de ser mulher. Entende-se que a escolha acontece pelo desejo ou outros motivos, inclusive profissionais, uma vez que nos dias atuais a mulher está competindo no mercado de trabalho.

As razões circunstanciais apresentadas para justificar a não maternidade, aliadas ao não desejo de ser mãe permite uma comparação com a reflexão de que é possível pensar “a possibilidade de uma mulher optar por não ter filhos, uma vez que não existe um instinto inato que a faça desejar a maternidade ou amar incondicionalmente a criança que ela gera” (RIOS; GOMES, 2009, p. 216). Nesse sentido, exemplifica-se a seguir:

Não tive filhos, e aí é uma opção, tem sido, eu sempre falo que a... a minha escolha tá pautada na minha cabeça hoje, porque eu brinco que amanhã eu não sei o que vai ser, mas até hoje sempre foi uma certeza não querer ter filhos, então somos eu e ele, e a minha família ampliada, um dia a dia comum, simples, nada... nada demais. Na verdade eu não sei nem dizer se é uma coisa de opção assim, se tem algum momento da minha vida em que eu disse assim: ‘bom, vou tomar uma decisão e essa decisão é de não ter filhos’, não sei se tem um momento concreto que isso acontece. Mas eu nunca tive na minha história o contrário, o desejo de tê-los, então assim, acho que se eu for pensar a minha infância, por exemplo, é... ela não é recheada de histórias de bonecas, de ser mãe, de filhinho, de cuidado. As minhas opções eram sempre os jogos, o esporte, outros desafios, então eu sempre me via mais envolvida com outros tipos de curiosidades, de inquietações, de vontades do que a da maternidade, a da menina, a da boneca, posso contar no dedo eu acho a quantidade de bonecas que eu tive, ou que eu desejei, acho que não é uma opção, né, de não ter, que em algum momento se deu, não. Acho que é isso assim, nunca fez parte a história de pensar em ter filhos, em ser mãe, e tal. Que é diferente de gostar de crianças, por exemplo, eu gosto, eu me relaciono muito bem, em geral as crianças me procuram, grudam, assim, eu sou tia, sou madrinha, sempre tem uma história boa assim. Mas eu gosto muito da hora que eu devolvo, eu brinco assim, a possibilidade de falar: ‘olha, toma que é teu’, assim, então eu gosto de poder escolher a hora que eu quero, a hora que eu tô

mais disponível, a hora que eu tô com mais vontade de fazer, de brincar, de ir pro chão, de fazer bagunça, de fazer sujeira, de... de curtir, mas eu gosto muito da hora de devolver e de voltar pra minha... pra minha vida, que não tem acho que... nem, pelo menos até agora, espaço para essa construção que talvez fosse uma coisa cotidiana, essa coisa dessa... coisa da maternidade mesmo. (...) É uma decisão individual mesmo, pessoal, esse desejo não existe, não tá no campo do desejo. Eu acho que o desejo da liberdade, o desejo da individualidade, o desejo do tempo só meu, é... talvez seja egoísmo? Uma visão um pouco egoísta diante do mundo? Talvez... não sei o que justifica essa escolha, uma escolha que não passa por medos, nem biológicos, nem sociais, vamos falar assim, mas que tem a ver com uma decisão particular mesmo? Eu, Fulana, mulher, com quarenta e um anos, não desejo... não desejei, e não desejo ter filhos. Mas gosto do cuidar, gosto das crianças, mas no meu tempo, no tempo da minha escolha, no momento em que eu não estou fazendo outras coisas que eu desejo fazer mais do que ter filhos... acho que é isso (C 17- casada, 41 anos).

A emancipação feminina permite à mulher novas possibilidades, garantindo-lhe o direito de decidir sua vida, ter suas próprias escolhas, ser livre para pensar o que quer fazer, o que gosta e o que não gosta. Com autonomia sobre o seu corpo e sua vida, embora o ideal mulher-mãe ainda permeie o imaginário coletivo, muitas mulheres assumem a não maternidade com mais tranquilidade.

Ao reafirmar que a escolha pela não maternidade passa pelo desejo, a narrativa corrobora dados de um estudo que afirma que “a mulher se ressignifica em meio ao pano de fundo das contínuas transformações que têm configurado historicamente sobre seu papel na sociedade” (COLARES; MARTINS, 2016, p. 45).

Para Miranda (2005, p. 83), “a mulher na pós-modernidade, faz questão de usufruir a liberdade, a autonomia, e de escrever o texto da própria vida, podendo dar um sim ou um não à maternidade, ao sabor da sua própria escolha”.

As possibilidades são muitas, assim como as justificativas: a independência financeira pelo trabalho que possibilita sustentar a escolha, o desejo de liberdade, a diminuição da cobrança social e da obrigatoriedade de ser mãe, os medos, as influências sofridas, as perdas não elaboradas, a identificação maternal, a preocupação com a imagem corporal, entre outras coisas podem definir a escolha pela vida sem filhos (SMEHA; CALVANO, 2009; RIOS; GOMES, 2009).

Não ter filhos por escolha, consciente ou inconscientemente, torna-se cada vez mais comum. No mundo inteiro aumenta a ausência voluntária de filhos. Muitas mulheres se questionam se querem ou não ter filhos, contudo descobrem outras experiências além da maternidade (RIOS; GOMES, 2009; BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

A escolha pela não maternidade permite inferir que as experiências femininas na contemporaneidade são marcadas por novos significados e que “as identidades que estabilizaram o mundo social moderno por meio da fixação de papéis para as mulheres estão em declínio” (PATIAS; BUAES, 2012, p.301).

Embora a maternidade ainda hoje seja incentivada como marca da condição feminina na atenção à saúde, as mulheres têm se posicionado e feito a sua escolha. Elas conquistaram liberdade em seu trajeto histórico e vão decidir sobre seus desejos e seus corpos.

6.3.3 Outras maternagens

“As mulheres maternam. Em nossas sociedades, as mulheres não apenas geram filhos.” (MANSUR, 2003).

Mesmo não exercendo a maternidade, as mulheres muitas vezes exercem esta função. Em alguns casos, justificam desta forma o fato de não terem filhos:

“E aqui estou, realizada claro, sem muitas frustrações, meus sobrinhos preenchem a não maternidade, a família... eu hoje moro... ah, tem que falar isto, eu moro só, ao lado de uma família que me acolhe, que minha irmã mora ao lado, e esta família é a minha família hoje, então eu não me sinto morando só. A gente mora no apartamento uma ao lado da outra, e temos esta vida em comum, quando eu tô muito carente eu vou lá, abraço, beijo os sobrinhos, passeio com eles, faço parte da vida escolar, da vida é... social deles, então eu me sinto uma mãe emprestada. Isto preenche o meu lado de ser mãe, só não preencheu o biológico de ver a barriga crescer e tudo. Mas a emoção tá preenchida. Um pouco, um pouco... as pessoas... na família quando você não constitui uma outra família, todas as pessoas quando precisam de alguém para cuidar, para orientar, para acompanhar, sempre lembram daquela solteira, que não tem...que esta mais disponível na verdade, que tem tempo para cuidar do outro, então comigo não é diferente. Eu sempre tô aí pronta para os amigos, para os irmãos, os sobrinhos, os tios, já que eu não tenho pais e mães, mãe para cuidar, então é... essa... este fato de ser solteira e não ter um compromisso formal de casamento, de relação, me coloca neste lugar de ah, ela pode, ela tá disponível. Então eu tô sempre pronta. Com isto preenche também um lado de... a gente doa mas a gente recebe. E o que a gente recebe é muito bom, é muito importante, a gente fica muito bem de poder ser útil. Eu acho que as pessoas veem tranquilamente...” (C 5 – solteira, 47 anos).

O cuidado, a dedicação e o amor aos sobrinhos, de certa forma, preenchem o possível vazio deixado pela não maternidade. O devotamento foi endereçado a outros, sublimando o

desejo de cuidar de seu próprio filho. Ao afirmar “*meus sobrinhos preenchem a não maternidade*”, denota-se a maternagem como forma de sublimação.

Entende-se por maternagem a relação que não é condicionada ao aspecto biológico da maternidade, mas ao afeto e ao desejo de cuidar (GRADVOHL; OSIS; MAKUCH, 2014). Gostar e cuidar de crianças aparece como possibilidade de exercer a maternagem em:

“E como eu tenho muitos sobrinhos, eles preenchem aquilo. Então isto nunca... agora no momento, engraçado, que no momento agora, já há mais tempo, quando as minhas irmãs já começam a ter neto, me bateu assim uma vontade de ter neto, não era filho. E assim me deu ...porque eu adoro uma criança... adoro, e criança também gosta muito de mim. Mas eu nunca me incomodei de não ter filhos não. Eu acho que hoje eu ainda não teria, eu não sei se eu tivesse com alguém, bem, numa situação estável, mas assim não, eu não...nunca tive vontade. E até muito tempo na minha vida eu não incomodava em não ter filhos não. Meus sobrinhos me preenchem.(...) É que tem isso, as pessoas que seu dinheiro sobra todo para você, tal que não tem nem um pinto para dar água, as pessoas falam... só este lado que as pessoas querem mais de você, achando que porque você não tem filho você pode dar (risos) outras obrigações... família pensa isto, e tudo é você também. Alguém adoeceu, sou eu que vou, todo mundo me cobra isto. Pelo fato... isto aí não é só pelo fato de não ter filho, pelo fato também de não ter marido... então as pessoas me cobram isto muito, que é a parte que eu não gosto, eu posso ir e tudo, mas não quero ser cobrada, e eu sou bastante cobrada neste sentido. É isto aí” (C 6 – solteira, 68 anos)

Identifica-se uma cobrança pela disponibilidade de quem não tem filhos, certa obrigação de cuidar de outras pessoas, de ter tempo para o outro e uma responsabilização no papel de cuidadora. Estas são algumas formas de maternagem que são atribuídas às mulheres, como forma sócio-historicamente determinada de preencher certo vazio que a falta de exercer seu papel de mãe, cuidar de um filho, possa ter deixado. Aceita-se a escolha de não ter filho, mas ela ainda tem que demonstrar sua capacidade de ser cuidadora, são as outras “obrigações” pensadas e cobradas pela família, pela sociedade. Contrariamente, pode-se inferir se houve a escolha de não ser mãe, biologicamente, mesmo que não goste da imposição, o papel de mãe tem que ser exercido.

As representações tradicionais de gênero são transmitidas no contexto familiar e relacionam-se à maternidade. Assim, mesmo sem filhos, a mulher assume a “maternagem” como uma atribuição natural, pois esta representação foi inserida no cotidiano feminino por diversos discursos (VAZQUEZ, 2014a).

Dessa forma, se a maternidade não se fez presente, o cuidado como forma de expressão do feminino apresenta-se para cumprimento de um dever:

“Cuido das minhas irmãs, faço tudo. As meninas falam que eu tinha que ser enfermeira. Eu cuido de todo mundo, de minhas irmãs, meus sobrinhos, de quem precisar de mim.(...) Eu nasci para ser mãe diferente, para cuidar dos meus sobrinhos. Eu cuido dos meus sobrinhos... hoje mesmo eu cuido...de todos se precisar, mas eu tenho um sobrinho, da minha irmã mais nova, é como se tivesse saído de mim, trato dele mesmo, trato bem. Ontem mesmo eu estava meio chateada porque o irmão dele tem um problema de vista, e a gente pensava assim...quando o médico falava que com 21 anos ele poderia fazer cirurgia. Só que ontem eu levei num especialista, que era o dia, fez todo tipo de exame que podia, tomografia dos olhos, tudo, e chegou à conclusão que ele não pode fazer cirurgia. Então você fica meio..frustrada. Então eu sou assim...e eu tenho esta desvantagem...ou é vantagem...eu não sofro por mim, eu sofro pelos outros. (...)eu não tenho o dom da maternidade de mim, mas ao mesmo tempo eu tenho de cuidar dos meus sobrinhos, entendeu? Cuido, eles conversam comigo...tem problema, eles conversam com a mãe deles? Eles sentam aqui e conversam comigo, de namorada, de problema...” (C 10 – solteira, 52 anos)

Este cuidado pode ser exercido com outras pessoas além dos sobrinhos, pais, irmãos mais novos, até mesmo com animais. Para algumas mulheres, o fato de não ter filhos pode não ser tão tranquilo, entretanto, maternar sobrinhos ou irmãos mais novos pode compensar esta situação.

Os discursos políticos, sociais, religiosos garantiram à mulher a função de cuidadora, associando-a à maternidade. Ainda presente no imaginário coletivo, esta concepção perpetua a função de cuidados até mesmo com outras gerações da família (PATIAS; BUAES, 2012), como se vê no caso das maternagem. Um cuidado que tanto pode preencher o espaço de filhos, quanto influenciar a escolha pela não maternidade:

“Uma principal escolha que eu fiz na vida foi pela minha carreira, então eu às vezes, hoje, eu avalio que eu deixei muita coisa pessoal, no sentido de tá priorizando a carreira, a formação (...) Hoje o meu principal papel é de cuidadora, porque minha mãe mora comigo depois que ficou viúva, há onze anos, quase doze, e meus sobrinhos também, que acabam vindo para cá para estudar e ficam lá em casa. Eu costumo até brincar que eu sou mãe sem ter tido nenhum filho. (...)Desde criança, quando eu mudei para a cidade, eu por ser a irmã mais velha das mulheres, eu tinha irmãos mais velhos que eu, eu tive que assumir a casa como se eu fosse a dona da casa, então isso de certa forma inviabilizou de viver outras coisas. Então eu tinha que cuidar da casa, eu tinha que estudar, depois muito cedo eu comecei a trabalhar, também, isto foi uma coisa importante para mim, e minha vida é isto, meu cotidiano é este” (C 7 – solteira, 52 anos).

Desta forma, o exercício da maternagem, seja com irmãos, sobrinhos, pais ou alunos vem legitimar o discurso da maternidade como forma de realização. O cuidado dispensado na

maternagem ou no exercício da docência fazem parte do papel de mãe. Considerando que a colaboradora é professora e cuida de sobrinhos e da mãe. É possível inferir que a narrativa deixa transparecer certa realização no exercício destas funções.

Para Donzelot (1986), algumas profissões se estabeleceram em função de atribuições consideradas femininas, reafirmando o lugar do cuidado, como, por exemplo, professora. Assim como o trabalho doméstico de cuidar da casa e dos irmãos. A docência como vocação favoreceu a entrada das mulheres no mercado de trabalho, balizando os discursos de modernização da sociedade que consideravam o magistério como ideal, associando-o à maternidade (MOREIRA, 2012).

Entretanto, ao relatar a maternagem como uma possibilidade de exercer um “papel feminino”, aponta certo incomodo pelo fato de não ter filho, o que permite inferir que o processo de cuidar de outro, de certa forma, possa redimi-las de uma culpa e, ao mesmo tempo, justifica a não maternidade. Ressalta-se que a maternagem também é uma construção social, os homens também podem exercê-la, pois não é um aspecto feminino.

6.4 O corpo não reprodutivo

“É importante gerir seu corpo como se gerem outros patrimônios do qual o corpo se diferencia cada vez menos. O corpo tornou-se um empreendimento a ser administrado da melhor maneira possível no interesse do sujeito e de seu sentimento de estética.” (LE BRETON, 2007)

Se os corpos são significados e alterados pela cultura, pode-se inferir que a condição feminina é, historicamente, também passível de mudanças. As mulheres passaram por diversas transformações, pois assumiram novos papéis e funções, desatrelaram a condição feminina da maternidade e assumiram o agenciamento de seu próprio corpo. Passaram a ter liberdade para escolher entre a maternidade e a não maternidade, assim a reprodução deixa de ser uma questão somente do Estado.

Além da dimensão reprodutiva, os discursos sobre o corpo produzem outros sentidos (VARGAS, 1999). É neste contexto que esta categoria apresenta a questão da não maternidade, daí o nome de corpo não reprodutivo. Dividida em três subcategorias, traz a preocupação com o corpo físico e as mudanças que a maternidade acarreta, a ideia de filho como utilidade, preenchendo um vazio existencial e a questão social do envelhecimento e por último a percepção das colaboradoras sobre ser uma mulher sem filhos.

6.4.1 O corpo biológico e os medos da maternidade

“O corpo tornou-se um empreendimento a ser administrado da melhor maneira possível no interesse do sujeito e de seu sentimento de estética.” (LE BRETON, 2007)

Dentre as representações do feminino, o corpo físico ou biológico merece destaque. A imagem corporal tem significados particulares para cada mulher, mas a questão estética está implícita e a relação beleza *versus* magreza é característica da contemporaneidade. A cultura do culto ao corpo, presente na sociedade hoje, dita as normas da beleza e define os padrões de corpo ideal. O medo das alterações no esquema corporal em função da gravidez também aparece na justificativa da não maternidade.

Embora neste estudo esta questão tenha sido pouco retratada, considera-se relevante a preocupação com o aspecto físico e biológico, entre outros apresentados.

“É... e tem coisas que me preocuparia muito num filho que eu não preocupo tanto com elas, por exemplo, se eu tenho que... eu saio na rua todos os dias, ando de ônibus, eu vou trabalhar de ônibus, eu vou vivendo coisas que, eu vou vendo como o mundo tá ficando, são coisas que eu não queria que um filho meu passasse, vivesse. (...) eu gosto da minha vida, faço de tudo para viver bem, mas eu acho que meu filho não ia me agradecer em nada eu colocar ele num mundo desse aí... sinceramente, não vejo porque que para ele seria bom, viver numa correria, a água acabando... (risos). Então assim eu não vejo porque dar uma vida a alguém que nem sabe que pode ter uma vida. Não vejo assim nada de bom nisso. Depois vem a questão financeira mesmo, que entra a minha responsabilidade, é... eu ganho pouco, meu filho teria algumas... teria que passar por algumas restrições, porque mal, mal, tá dando para mim e dois cachorros, mas dá... mas um filho seria uma coisa bem complicada. E eu me preocupo com tudo, sabe, se eu tivesse um filho hoje, por exemplo, eu tenho que trabalhar, e aí? (...) Outras coisas, por exemplo, aí tirando o financeiro, tem o mundo, o financeiro, a gestação, uma coisa que eu não vejo nada de legal, nada, nada. Eu... a família da minha mãe, que é o tipo físico que eu tenho, é toda muito gordinha, e eu morro de medo, vivo preocupando com meu peso e fico pensando se eu ficar grávida, que trem horrroso que eu vou ficar, não gosto da gravidez, nada de gravidez eu acho legal, quase nenhuma... o que minhas amigas contam, que eu acompanho sabe, não acho nada legal, nada. Vejo o povo falar: ah que lindo mulher grávida. Não sei o que eles estão vendo de lindo nessa grávida, então também é uma coisa que eu não gostaria de passar” (C 12 – casada, 33 anos).

Alguns medos permeiam a narrativa dessa colaboradora, que podem estar presentes em outras mulheres, na atualidade. Entre eles encontram-se a situação econômica, os problemas do mundo contemporâneo e o aspecto corporal.

Os aspectos financeiros inerentes à criação e à educação do filho demandam a saída da mãe de casa para trabalhar e contribuir com o sustento da família. A inserção da mulher no mercado de trabalho repercute na “organização e na estrutura de funcionamento familiar, levando à proposição de novas configurações, arranjos familiares com interferências diretas na relação familiar” (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012. p.8). Sua participação no orçamento doméstico é cada vez mais frequente, o que justifica a preocupação com os aspectos econômicos.

Outra questão é que o trabalho reflete na dinâmica familiar, dificultando a conciliação do tempo entre tarefas domésticas, exercício profissional e cuidado com os filhos, exigindo da mulher, em várias situações, delegar o cuidado com o filho a uma outra pessoa. A violência presente na sociedade hoje contribui para a preocupação de deixar o filho com um cuidador, ou ainda, as situações de risco a que todos estão expostos cotidianamente implicam cuidados em todas as etapas de vida deste filho.

Em relação à estética e à beleza, esta preocupação aparece como uma questão de consumo, pois há uma percepção de que o corpo está sujeito à lógica do mercado. A inserção social e aceitação da mulher hoje demandam um corpo belo, magro e esguio que sofre mudanças ao longo do tempo, constitui um valor na sociedade de consumo, produz sentidos e influencia a subjetividade feminina. Se um corpo é jovem, magro e belo, isto é garantia de sucesso (ZORZAN; CHAGAS, 2011; DANTAS, 2011). Uma gravidez pode ser considerada, portanto, um empecilho para este desejado corpo.

Há uma relação entre a estética da magreza, ideal de beleza feminina atrelada aos ideais da modernidade, e a inserção da mulher no mercado de trabalho. Embora o desejo de um corpo modelo seja compartilhado por várias mulheres (PEREIRA, 2010), esta preocupação não está presente em algumas.

“Não, eu acho que independente de filho, tem a parte de estética que, pra mulher a gente sempre... é quem gosta de se cuidar, tem vaidade, fica com medo de, como dizem, cair tudo, mas isso também, certo ou errado... a gente ouve muita gente falar que é errado pensar assim, mas já pensei também, entendeu... mas é... pra mim é tranquilo. Tem muitas mulheres que eu vejo, minhas amigas, que super bem resolvidas, tem... ou gordas ou magras tem... são felizes com seus filhos, e outras já acham ruim porque, ‘ah engordei, não consigo voltar par ao meu

corpo'. Então a minha questão quanto a isso é tranquila” (C 14 – casada, 38 anos).

A narrativa demonstra que o aspecto físico não influenciou a decisão pela não maternidade. Mesmo apresentando preocupação ou cuidados com o corpo, a colaboradora afirma que a estética não determinou sua escolha. Embora as questões estéticas sejam como uma marca da contemporaneidade, mesmo não sendo determinantes, elas se fazem presentes para muitas mulheres em maior ou menor grau.

O medo da gravidez ou do parto e a preocupação com as mudanças físicas que a maternidade acarreta podem ou não interferir nesta escolha.

“Acho que assim a gente não falou, por exemplo, da questão... eu falei aquela hora do físico, no sentido biológico... a minha decisão também não passa por essa perspectiva assim, não tem nada a ver, porque eu conheço pessoas, por exemplo, que não têm filhos, que têm medo da gestação. Medo da transformação do corpo, medo do momento do parto, medo de uma gravidez, por exemplo, complicada, ou de uma criança com uma necessidade especial, tem muitas pessoas que a justificativa tá... tem gente que fala assim: ‘ah, eu vou adotar uma criança, mas eu não quero gestar’, então quer ser mãe no sentido do cuidado, da educação, da convivência, mas não quer gestar, né. No meu caso não é... não tem a ver isso, assim, não tenho medo da gestação em si, do que que poderia ser, medo do que poderia vir... não passa mesmo pelo desejo, não tá no campo do... do desejo. (...) assim, eu já escutei de todas as naturezas, então assim, a minha decisão não passa por isso, ela passa por uma questão individual, é uma questão particular” (C17- casada, 41 anos).

A contemporaneidade é regida por imperativos de aparência, na qual o corpo deve ser construído a partir de padrões estéticos estabelecidos. Para algumas mulheres, as alterações físicas implícitas numa gravidez não são importantes no momento da escolha pela maternidade ou não maternidade, pois esta se liga ao desejo de ser ou não ser mãe. Outras, entretanto, privilegiam a forma física, uma vez que temem mudanças corporais.

A preocupação com a aparência ancora-se em um modelo de corpo ideal que vigora na contemporaneidade. A sociedade de consumo impõe uma moralização da beleza, direcionando os investimentos para o corpo, visto que as marcas da gravidez são indesejadas. A maternidade não é mais o único ideal feminino e a busca por um corpo magro e jovem reflete as preocupações com as transformações físicas inerentes a ela. As marcas da feminilidade vão desaparecendo do corpo ideal feminino (BRAZÃO, 2010; NUNES, 2003).

Imaginários ou reais, estes medos se fazem presentes para muitas mulheres, porque podem influenciar sua decisão de ter ou não filhos, ancorando, assim, sua escolha. Esta

constatação permite trazer aqui o questionamento de Badinter (1985): por que o instinto materno não se manifesta em todas as mulheres, uma vez que muitas se recusam a ser mães? Para a autora, o amor materno, conhecido como instinto feminino, é um mito, algo socialmente construído, pois o que existe é uma pressão social para que a maternidade seja a única possibilidade de realização. Ao caracterizar o instinto materno como mito, pergunta-se se o desejo de ser mãe seria legítimo ou resposta às coerções sociais (BADINTER, 1985).

Assim, torna-se perfeitamente aceitável que a mulher seja normal sem ser mãe e que o amor materno, como todo sentimento humano, seja incerto, frágil e imperfeito. A mulher é um ser histórico dotado de capacidade de simbolizar e o desejo de ser mãe é bastante complexo e difícil de precisar e isolar na intrincada rede de fatores psicológicos e sociais (PRA, 2010; MANSUR, 2003).

É na ideia de corpo feminino que se define um papel, mas não a condição de ser mulher. A recusa à definição da natureza feminina pela maternidade demonstra uma apropriação do corpo, como uma escolha subjetiva, uma não conformidade com um modelo preestabelecido. Muitas mulheres vão encontrar realização fora do lar, em outros espaços, ao vislumbrarem, portanto, novas possibilidades de realização pessoal e profissional.

6.4.2 O corpo social: o filho como utilidade e a velhice

“Os homens estimam-vos conforme a vossa utilidade, sem terem em conta o vosso valor.”(BALZAC)

A ideia de que um filho vai garantir companhia para toda a vida está presente no imaginário coletivo. A cobrança social pela maternidade permeia a vida das mulheres sem filhos e a alegação de que o filho vai preencher um vazio, garantir a realização de desejos da mãe, torna-o na verdade, objeto útil.

“Teve uma época que eu até falei, 'oh gente, eu vou terminar o mundo, terminar a vida sozinha', ter uma... a gente pensa, chega um certo ponto a gente pensa, tá sozinha, ninguém para ficar comigo, mas tanta gente que tem filho e fala que filho é pro mundo, então acaba... também não sei se isto faria não... mas... mas por achar, eu acho que não. Num teve problema não. Eu acho que eu não vou ter problema não. Qualquer coisa a gente vai para um... um abrigo. (risos) Para uma casa de saúde, um asilo. (risos). Um asilo chique... (risos)” (C 4 – solteira, 60 anos).

O receio de ficar só influencia o pensamento de ter um filho como companhia, ao mesmo tempo, nega tal possibilidade com o indicativo da resolução para o futuro dessa possível solidão.

Estudo sobre a identidade feminina aponta, nos resultados encontrados, que ter filhos foi considerado uma necessidade, pois o sentimento de estar sozinha é comum em muitas mulheres. Assim, “o filho ocuparia um espaço ocioso no cotidiano e evitaria a solidão dentro de casa” (VARGAS, 1999, p. 95). A percepção de filho como necessidade faz-se presente também em relação ao afeto:

“Não é tão bom ter filhos? Eu vi você com carinho com sua mãe, eu falei: 'oh, como é bom ter uma filha.' O que eu não tenho aqui, não tenho, nem dos irmãos, porque cada um tem a sua obrigação também. E não assim mais hoje aquele amor de antigamente, aquela preocupação... eu vejo amiga com as irmãs... Cicrana outro dia estava preocupada sem notícia da irmã, elas acham que ela é uma menina... é a caçula.(...) Sinto só falta de uma pessoa perto de mim, que talvez se tivesse filho estaria perto, só. É o fato de eu não ter filhos, mas tenho muitos amigos, inclusive aqui, era uma irmã que eu tinha, seu tio falava comigo: era sua irmã gêmea, eu falava não envelhece sua irmã não... tenho boas amizades, eu mesma é que não procuro. Devido a minha... meu problema físico eu não visito, e sou pouco visitada também... mas isso não me incomoda também não” (C 9 –viúva, 90 anos).

A vivência materna de amigas contribui para a idealização deste papel. O dizer “*Eu vi você com carinho com sua mãe, eu falei: oh, como é bom ter uma filha*” denota uma “fantasia”, um filho idealizado, que além da companhia, poderia suprir a falta de afeto.

Neste sentido, “a demanda por filhos emerge atravessada por discursos que se inscrevem no plano normativo do discurso social da maternidade” (VARGAS, 1999, p. 92), ou seja, o filho deve ser bom e amoroso.

O ideal de um filho útil, aquele que vai garantir companhia, a sobrevivência no futuro, embora esteja presente em diversas narrativas, pode também ser desconstruída pela experiência de terceiros, como ilustrado em:

“Muita gente, ah, eu não quis ter o meu, mas eu vou adotar, tem muita gente que tem medo de ficar sozinha, mas falei: gente, sozinha? Qualquer... você ter filho não quer dizer que você vai ficar... você ter o filho. A gente vê muita gente morrer sozinha. Hoje eu tenho um amigo, que ele teve quatro filhos, mulher, mas acho que ele andou saltando muito a cerca, hoje ele está no asilo. Filho nenhum quer ele, a primeira esposa que ele deixou não quer ele, os irmãos não querem, tá no asilo. E teve quatro filhos. Entre os filhos, um filho e três filhas. (...) então eu acho que isto, você ter filho para poder dizer eu não vou morrer sozinha, porque

tem muitas mulheres hoje que pensam isto, eu vou ter filho, eu vou casar, mesmo não gostando eu vou casar, porque eu não quero ficar sozinha. Foi uma opção minha não ter filho, foi uma opção minha não casar” (C 10 – solteira, 52 anos).

A expectativa de receber cuidado e carinho dos filhos nem sempre é correspondida. Não existe uma garantia que ter um filho vai ser realização de desejos ou mesmo preencher espaço, dar a segurança de não se estar só.

A percepção das colaboradoras de que não adianta ter um filho para ser útil, dispensar cuidados e fazer companhia é pertinente às discussões encontradas em estudo sobre filhos cuidadores (AUGUSTO; SILVA; VENTURA, 2009), que apontam os motivos que os levaram a cuidar dos pais, a culpa por pensar em institucionalização, as dificuldades encontradas por não estarem preparados ou não terem outra escolha.

Mesmo sem garantia de ter a companhia ou o cuidado, estas ideias suscitam dúvidas na hora da escolha da maternidade. Embora a ideia de mulher-mãe ainda esteja presente, “há indícios de mudanças no modo de conceber os eventos reprodutivos” (VARGAS, 2012, p. 241). A noção de reprodução ligada ao corpo feminino permeia o imaginário coletivo, entretanto se entende que este corpo ganha novos contornos e significados. A própria sociedade possibilita às mulheres dimensões variadas de vida além da maternidade. Hoje há uma valorização do exercício profissional da mulher no meio público, o que não exclui o papel de mãe e de esposa, o que marca a transição(MANSUR, 2003; BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007)da mulher-mãe para a mulher capaz de fazer outras escolhas como ser uma profissional, ter um trabalho remunerado.

Entende-se que a decisão de não ser mãe, mesmo que seja este o desejo, é complexa, uma vez que desperta sentimentos ambíguos, entre eles a expectativa do papel ou da utilidade que se atribui a um filho. A mulher que opta pela não maternidade precisa refletir a escolha e estar ciente que filho não é sinônimo de cuidador, de companhia ou mesmo de realização de seus desejos.

Uma preocupação também presente nas narrativas é com o envelhecimento. A população brasileira envelhece rapidamente. Isto aumenta as demandas sociais por políticas públicas que possam atender a estas necessidades. A responsabilidade pelo cuidado do idoso é da família, do Estado e da sociedade, entretanto, na prática, cabe sobretudo à família (KUCHEMANN, 2012). Sabe-se que o fenômeno do envelhecimento é uma questão social importante. Nem o Estado, nem a família e tampouco os envelhescentes estão preparados para enfrentá-lo.

Esta preocupação permeou as narrativas, desde o momento que apontam a falta do filho como companhia ou segurança na velhice, até a necessidade de se planejar o envelhecimento.

“Eu acho assim que... que você precisa, como qualquer casal, pensar no seu futuro, construir qual vai ser a possibilidade pro seu envelhecimento, né, imaginar com quem você poderá contar. Talvez pessoas mais próximas, amigos, sobrinhos, quer dizer, não sei dizer, mas é algo que precisa... que todos nós, com filhos ou sem filhos, vamos pensar, se a gente vai ter uma condição financeira pra... pra possibilitar um cuidado na velhice, se ela chegar, melhor, se a gente vai ter condição de ter um cuidado com qualidade, se a gente vai ter um plano de saúde, se vai ter condição de contratar um cuidador, se a gente for assim acamado um dia na vida, quer dizer, acho que são coisas que todos nós precisamos nos dar conta e pensar, com filhos ou sem filhos, assim, eu não acredito que o fato de tê-los vai eximir de nos preparar pra isso e de considerar a possibilidade que eles não vão estar presentes. Eu acredito muito que é possível você ter uma rede de relacionamentos, de relações, hoje, assim como no futuro, que possa me ajudar a cuidar de mim, sendo meus filhos ou não. Então, assim, eu não tenho nenhuma preocupação com esse futuro diferente, pelo fato de eu não ter filhos. A preocupação que eu tenho com o futuro eu acho que seria a mesma, com ou sem eles, não é, eu preciso me ver com esse futuro. E eu preciso me preparar pra ele, com ou sem filhos” (C17 – casada, 41 anos).

A velhice aparece aqui como um período que demanda cuidados em função de possíveis doenças, dependência física, emocional e financeira. Contudo, a narrativa propõe uma construção de condições para o envelhecimento, já que ter filhos não é garantia de cuidados.

A função de cuidar da mãe idosa ou em situação de vulnerabilidade pode ser feita voluntariamente através de acordos verbais ou ainda como obrigação legal, uma vez que, no Brasil, o Estatuto do Idoso prevê “o filho como um dos mantenedores dos pais idosos, tendo direitos e deveres sobre eles” (AUGUSTO *et al.*, 2009, p. 113).

Contudo, muitos filhos não estão preparados ou dispostos a exercer este papel. O tipo de relacionamento entre mãe e filho é um fator importante neste sentido, mas não determina o exercício desta função. É pertinente considerar a rede de relações citada pela colaboradora, pois de acordo com Mansur (2003), laços de amizade estabelecem relacionamentos fortes capazes de substituir vínculos familiares tão necessários na velhice.

No caso de mulheres sem filhos e que exercem outras maternagens, a esperança de ser cuidada por outras pessoas convive com a aceitação de uma velhice com autonomia.

“Mas, como eu tenho tias, que também não tiveram filhos e que hoje nós cuidamos, e eu tô podendo ajudá-las, eu falo assim ‘ai meu Deus, será que meus

sobrinhos vão poder me ajudar? Espero que sim.’ Que eu vejo muito só por esse lado mesmo, sabe, a situação de não filhos, de coração, eu vejo isso, porque cinquenta anos não são cinquenta dias. Eu vejo só por esse lado. Mas tenho me preparado também, eu me preparo assim: amo ver televisão, vejo novela, adoro filmes, é... faço meu artesanato, então eu tenho me preparado para ficar independente, nessa parte, porque tem o financeiro, preparar o financeiro, a questão de saúde... a gente sabe que a saúde pública no Brasil é e não é bacana” (Colaboradora 11 - solteira, 50 anos).

O fato de ter uma família, na qual uns cuidam uns dos outros, faz com que ela tenha a expectativa de ser cuidada, entretanto relata preocupação com sua independência. Procura se preparar para o futuro, aprender atividades que podem ser desenvolvidas mais tarde, de forma lúdica ou como fonte de renda.

É interessante seu posicionamento ao pensar o aumento da longevidade, a mudança de valores e o atendimento de saúde aos idosos. A população brasileira envelhece, a longevidade beira os 100 anos, surgem novas configurações familiares, nas quais as famílias tendem a ser menores, e a cobertura dos serviços de saúde públicos para os idosos não é suficiente. Com as mudanças na organização familiar, constata-se ainda que há uma tendência de que os idosos não sejam mais cuidados por suas famílias (AUGUSTO; SILVA; VENTURA, 2009; KÜCHEMANN, 2012).

A pessoa idosa espera ter o suporte e a proteção da família, considerando que ela é a forma de manter as relações de afeto para evitar o isolamento. Mas isto nem sempre acontece e, embora o afetivo dos idosos seja uma questão de responsabilidade civil, é um tema controverso até mesmo na justiça (BERTOLIN; VIECILI, 2014). A família deve amparar os seus idosos, entretanto ter filhos não garante companhia ou proteção na velhice. Em muitas situações, os idosos são fadados ao abandono numa instituição de longa permanência.

Um aspecto interessante a ser ressaltado é que há um processo de feminização da velhice, mais da metade da população idosa é composta por mulheres que, em função disto, são as maiores dependentes de cuidados e das políticas públicas (KUCHEMANN, 2012). Esta preocupação se fez presente em:

“E outra coisa que me preocupa quando você fala das políticas públicas, que é do meu interesse inclusive, porque historicamente, na nossa cultura, os pais são cuidados pelos filhos, os pais adoecem, ficam velhos, a gente pode tirar pela nossa vivência, e aí então nós cuidamos dos nossos pais. Hoje com essa demanda de que todos saiam para o trabalho, existe uma demanda muito maior para as instituições asilares, porque antigamente também as pessoas adoeciam e morriam. Hoje elas não morrem, porque os recursos tecnológicos garantem aí um tempo maior de vida, com doença, e aí os filhos não podem cuidar, porque eles

tem que sair para trabalhar, dentro da nossa realidade, da maior parte dos brasileiros, para pagar um cuidador é inviável, e aí existe uma demanda... aquela demanda asilar que era para as pessoas que não tinham vínculo, ou um caso ou outro de abandono, hoje uma boa parte das demandas aqui é por conta do... do... de um adoecimento e aí, e não existe uma estratégia que garanta que esse idoso possa continuar na sua própria casa... Porque é isto, para nós, não só as mulheres, como os homens também, nós que não temos filhos, o que que será ofertado como cuidado, a não ser um asilo? (...) A mulher idosa, eu fico pensando a mulher idosa, sem filhos... tem algo que eu desconheça? É porque eu fiquei curiosa assim, que eu gostaria de buscar se tivesse. Porque por exemplo, no grupo dos idosos, que eu acompanho os grupos na atenção básica, tem muita aquela questão assim... eles fazem a busca ativa, e o idoso, às vezes, apresenta aquela questão de que ele não pode ir, porque não tem quem leva. Às vezes, ele tá debilitado, e é o horário que o filho trabalha, inclusive até os próprios horários, é uma questão trágica. E quem não tem filhos? Não tem quem leva... o que que, assim... e aí? E a população tá só envelhecendo, e as pessoas estão reduzindo o número de filhos, e até podendo fazer isto, a gente não quer ter filhos... e aí? Então eu fico pensando assim... se são... aí eu estava pensando estes dias assim... imagina a mulher sem filhos, idosa, e se for pobre, negra e louca, aí... porque a... o negócio, imagina... porque o recurso se você tem uma aposentadoria legal você vai para uma.. sei lá, você paga um cuidador, um motorista, você vai para uma instituição privada, e como é que fica? É esta questão” (C 2 – casada, 42 anos).

A situação dos velhos no Brasil hoje ilustra esta preocupação. Mesmo sendo respaldados pelo Estatuto do Idoso (2003) e pela Política Nacional de Saúde do Idoso (1999), a maior parte deles encontra-se sem assistência ou garantia de qualidade de vida.

A preocupação com a velhice, em manter a autonomia ou a independência apresentada aqui pelas colaboradoras sem filhos, corrobora dados encontrados em estudo sobre a vivência e reflexões da maternidade (VERZA; SCHLEINIGER; GOMES; STREY, 2013). As mulheres entrevistadas relatam que não querem ser dependentes na velhice, mesmo tendo filhos. Elas demonstram preocupação com a saúde e a qualidade de vida e vislumbram, ainda, novas perspectivas.

Devido ao crescimento da população idosa que exige serviços sociais e serviços cada vez mais eficientes e complexos, as políticas públicas não são suficientemente abrangentes ou eficazes.

6.4.3A mulher sem filhos

“Sou fera, sou bicho, sou anjo e sou mulher. Sou minha mãe e minha filha, minha irmã, minha menina. Mas sou minha, só minha e não de quem quiser.” (RENATO RUSSO)

Vencido o desafio de romper com o ideal feminino de mulher-mãe, as mulheres agora assumem uma nova condição feminina. Em sua percepção, ser mulher não implica ser mãe e não ter filhos não significa ser sozinha, sentir um vazio. Ao contrário, elas demonstram que não se sentem menos mulher por isto, pois são ativas, têm liberdade, realizam-se, enfim, apresentam diversas faces do feminino.

“É, eu acho que de uma forma inconsciente, porque eu falei que quando eu era adolescente eu até falava que queria ser mãe. Depois eu fui tomando pavor de ser mãe, isto não passava na minha cabeça. Inclusive quando eu engravidei do meu ex-noivo, a primeira coisa que passou na minha cabeça foi tirar o menino, não passava na minha cabeça nunca aquele menino nascer e eu cuidar de criança. Então aborto para mim sempre foi uma coisa normal, é uma solução que para mim seria a solução mais correta. Eu nunca imaginei ter filho, cuidar de filho, nunca imaginei. E a partir daí... então isto aconteceu e a partir daí mais certeza eu tive que se eu tivesse tido filho minha vida seria mais confusa ainda, eu tenho mais certeza que eu tomei a decisão certa, não tenho culpa por ter feito isto, aliás é um assunto que eu nem penso, acho que eu deletei assim... nem penso muito nisto, também é um assunto que eu nem gosto muito de ouvir, de ficar falando ah, porque é proibido...ah, nem gosto de ficar ouvindo. É uma escolha que eu fiz, talvez se hoje acontecesse eu faria a mesma escolha, então... mas aí, eu já não quis ter filho com certeza em função disto tudo que eu vivi lá trás, porque se fosse uma coisa maravilhosa, se tivesse sido uma coisa deliciosa de fazer, com certeza eu queria enfrentar de novo. Então, é isto. Acho que isto é o que fez com que... então, outra coisa, depois que eu terminei com o meu noivo, eu tive outros namorados sérios, mas eu nunca casei, eu nunca tive um relacionamento... nunca passou pela minha cabeça ter um filho sozinha. Que com pai já é difícil criar, imagina sem pai. Se tá difícil cuidar de mim sozinha, imagina eu e uma criança. Então aí, mais motivos foram vindo, que me tiram a vontade.(...) Não ter filhos? Tem ótima repercussão, porque se eu tivesse um menino, o que que eu ia fazer? Eu não podia sair, eu não podia tomar minha cerveja que eu gosto, eu não podia encontrar minhas amigas na hora que eu quero, não podia viajar na hora que eu quero, então... claro que tem uma repercussão, mas não de forma negativa. De forma positiva, eu imagino de forma positiva. Pode até ser que se eu tivesse tido um filho, ele me daria mais prazer do que eu tenho, mas eu duvido muito. Então eu acho que é neste sentido” (C 1- solteira, 48 anos).

Ao assumir a não maternidade como escolha, as mulheres estão desconstruindo determinismos sociais, impondo suas opções pessoais, fazendo outras escolhas, mesmo que isto represente sentimentos ambíguos.

Ao rejeitar a tarefa de reproduzir como principal objetivo, surge um outro ideal, afirma Rohden (2003), a mulher altruísta, ou seja, aquela que assume os desafios do mercado de trabalho, que vive sem filhos, até mesmo sem pais ou maridos. A autora propõe que, ao se distanciar da capacidade “natural” para ser mãe, as mulheres reprimem os “supostos instintos

naturais”, negando-se a submeter seus prazeres ou realizações individuais. É possível que ela se sinta confortável sem filhos.

“Bom, eu vejo uma mulher bem, eu gosto da vida que eu tenho. Então eu acho que hoje eu não mudaria. Mas como eu construí esta ideia, além da não vontade, eu acho que alguns exemplos também, então assim, te dá mais ênfase ainda. Mas... e olha que eu tenho exemplos, minha mãe tem três. Mas ver ela se privando... não é uma coisa que eu queria para mim não. Então veio junto com... ainda a opção sexual de me descobrir, só fechou o ciclo e eu tive mais certeza com o passar do tempo. Sobre a opção sexual: Ah, não foi fácil não. Você entra num conflito interno gigantesco, você acha que é o pior dos conflitos. Da educação que você teve, de tudo que você aprendeu, você acha que tá fazendo tudo errado, que a decepção vai ser grande demais, e que você vai ser a chacota da rua na época... você vai sofrer bullying, vai sofrer... eu acho até que sofrer na rua nunca me impediu a nada não. Acho que o pior é se eu não tivesse a aceitação em casa. Se a família tem base... se você tem uma boa base familiar, você segura qualquer coisa. Então isto eu tive, graças a Deus... então... não foi tão difícil quanto algumas pessoas, alguns amigos meus passam não. E eu sempre fui muito certa do que eu queria, então... eu levei muito tempo para me aceitar, para me afirmar e para dividir com a família. Uma mulher feminina, não sou estereotipada não. Uso vestido, uso salto, me maquio, as pessoas me veem e se assustam por saber minha opção, porque tem um preconceito de que no mundo gay todo mundo tem que ser estereotipado, então... me vejo feminina como qualquer uma. Sem diferença nenhuma” (C 8 – casada, 27 anos)

Desatrelar a condição feminina da maternidade, embora tarefa difícil, acontece hoje com uma maior frequência. O não desejo de ser mãe, para a colaboradora acima, veio antes mesmo da orientação sexual. E a feminilidade se faz presente, conforme sua narrativa, mesmo não tendo filhos.

A literatura hoje desconstrói a ideia de essência feminina fundada na missão da maternidade apresentada em leituras sobre o corpo e a fisiologia da mulher, os sentimentos, os desejos e os funcionamentos físicos e psíquicos. Ao desconectar a relação entre origem e finalidade, possibilita-se às mulheres assumirem novas perspectivas e não serem apenas sistemas reprodutivos passivos (RAGO, 2014).

Entretanto, algumas mulheres têm dúvidas quanto a escolha por filhos, como se pode ver em:

“Eu acho que eu sou uma pessoa que... é... que corro atrás dos meus objetivos, que fui atrás das minhas escolhas, e hoje me arrependo de algumas delas, mas isto serviu para o meu crescimento, principalmente pessoal, e que tive muitas mudanças também do que eu pensava antes delas e hoje depois delas. Minhas escolhas pessoais, eu resolvi abrir mão da minha vida profissional para poder ir atrás de... de... um relacionamento, isso foi muito importante para mim porque me fez crescer bastante como pessoa. Mas hoje eu me arrependo um pouco

porque eu vivo uma vida longe da minha família, isso me incomoda bastante hoje, e a minha vida profissional eu acho que eu larguei um pouco de mão devido a isso. Sobre não ter filhos... é... na verdade eu fui deixando isso de mão por morar fora, pensava que morando longe da minha família isso ia dificultar muito minha relação, minha vida profissional. E com o tempo isso foi passando, eu nunca parei na verdade para pensar muito sobre isso, é... acho que devido ao ambiente que eu vivia, que era sempre muita farra, muitos amigos, eu sempre pensava no que eu ia ter que abrir mão e, às vezes, também o relacionamento que não era muito estável, e por eu me sentir muito sozinha lá também, então eu fui deixando pra resolver isso mais adiante e na verdade acabei optando por não ter filho. Na verdade eu me sinto com... com mais possibilidade de correr atrás da minha vida profissional, coisa que eu não fiz no passado por causa da minha relação com o meu marido. Então hoje eu me sinto mais... com mais força para isso. É lógico que tudo tem os prós e os contras, como a idade tá chegando, hoje eu começo a perceber que isso pode... a decisão de não ter filho pode me fazer é... de repente me arrependar, ou sentir falta disso no futuro. Mas acho que na vida tudo a gente tem que arriscar, né. E é uma escolha que eu tô fazendo” (C 14 – casada, 38 anos).

Sabe-se que os conflitos existem e que os sentimentos podem ser ambíguos. O medo de arrependimento ou de solidão no futuro, a incerteza da escolha certa e uma possível frustração pesam nesta decisão. Principalmente, porque se aprende que existe um certo e um errado, como se a vida fosse tão simples.

Sem filhos, a mulher enfrenta “seus próprios sentimentos e o olhar dos outros” (MANSUR, 2003), ou seja, ela enfrenta estigmas. É interessante que no imaginário coletivo, ela pode ser frustrada por não ter filhos, mas não feliz por escolher não tê-los. O importante aqui é pensar se a mulher não tem filhos porque tem que ser assim, ou porque ela pode fazer esta escolha.

Ser uma mulher sem filhos, seja pela impossibilidade, pelas circunstâncias ou pelo desejo não implica em frustração ou uma vida vazia.

“Olha, eu mais nova eu não pensava assim: 'ah, eu não vou ter filho'. Não é uma coisa que eu tomei uma coisa assim que não queria ter filhos, não aconteceu isto. Eu acho que naquela época a gente não era muito consciente das coisas, na minha época, você não pensava isto não.(...) Então com o tempo foi passando, fui trabalhar, eu me identifico muito com o trabalho, com minha independência, de viajar muito, de estudar, então eu acho que isto preencheu a minha coisa de filhos, sabe, e até de marido... naquele momento eu não queria marido. Depois vai passando o tempo, você passa a querer de novo (risos), mas teve um momento que não, eu pensava muito era de viajar, de estudar, de trabalhar, que jamais eu faria o que eu fazia com filhos e com marido. Então eu era muito satisfeita naquela vida de viajar muito, de fazer curso não sei onde... não sei onde...então isto me satisfazia. E o tempo foi passando... e igual eu te falei, filho não era uma coisa que eu falava ih, eu quero ter um filho, minha vida não é completa sem um

filho... não. A minha vida é normal sem um filho. Podia querer, eu adoro criança... podia ter tido, eu ia gostar muito, com certeza, mas não era uma coisa que eu precisava para completar minha vida, não. Vivi e vivo sem filho muito bem.(...) Uma amiga pensava que a vida dela não era completa, era não era uma mulher completa porque ela não tinha um filho, faltava um filho na vida dela. O que não é o meu caso. Eu sou muito de assim... de missão, de você ter o que você veio fazer aqui. Eu penso isto, se eu não tive filho, não tinha que ter... então, não sei se é bobagem, mas eu penso isto. Se eu não tive filho é porque não tinha que ter, senão teria tido. Mas não me incomodo de jeito nenhum” (C 6 – solteira, 68 anos)

Quando se defronta com o fato de não ter filhos, mesmo que tenha seus conflitos, assume sua condição. Se não tem a maternidade para garantir sua condição de ser mulher, vai construí-la ainda assim, buscando outros sentidos.

Novos olhares sobre a maternidade possibilitaram recusar os protótipos dominantes em função das próprias vontades (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007; SMEHA; CALVANO, 2009). E se a escolha é consciente, pautada no desejo de não ter filhos, não importam os riscos.

“Ah, eu não sinto nada assim, em relação enquanto mulher, nada. Acho que isso é uma opção, e a minha opção é não ter, não sinto nada, nenhuma diferença não. Não vejo assim (risos)... esse meu jeito, independente de qualquer coisa, eu sempre penso muito nas decisões que eu vou tomar, tento ser muito coerente como que eu penso, e tomo a decisão que eu achar que for o melhor para mim, por isso eu não me importo se eu vou ser cobrada, se alguém vai falar... eu penso no que eu quero fazer e faço. Isso serve para tudo, tanto para essa questão de ter ou não ter o filho. Tem gente que fala assim: ah, quando você ficar velha, você não vai ter ninguém para cuidar de você (risos)... eu não vou ter um filho por causa disso, porque a gente não sabe o dia de amanhã, não é isso que vai me convencer de ter um filho, não. Eu sempre penso se eu acho que isso é o melhor para mim e vou fazer isso. Se for ruim daqui uns anos, eu tenho que pagar as consequências da decisão que eu tomei. Penso assim (C 12 – casada, 33 anos).

Ao escolher a não maternidade, as mulheres demonstram que as convenções e os valores mudaram. Porque elas adotam um novo estilo de vida, constroem uma vida produtiva, traçam outros objetivos e seguem seus caminhos.

Contudo, independentemente da escolha, não ter filhos aponta uma diferença em relação às mulheres-mães, e pode ser considerado a não realização de um potencial, alega Mansur (2003), o que envolve e mobiliza sentimentos. Esta ambiguidade não deve ser aqui ignorada. Mas importa entender que a vida das mulheres pode ter variadas dimensões que levam à satisfação pessoal e profissional.

A mulher é um ser histórico dotado de capacidade de simbolizar e o desejo de ser mãe é bastante complexo e difícil de precisar e isolar na intrincada rede de fatores psicológicos e sociais. Assim, torna-se perfeitamente aceitável que a mulher seja normal sem ser mãe e que o amor materno, como todo sentimento humano, seja incerto, frágil e imperfeito (PRA, 2010; MANSUR, 2003).

Estudo mostra que a concepção de realização da mulher somente pela maternidade é bastante questionada hoje, e a inserção em outras dimensões da vida proporciona a ela grande satisfação. A opção por não ter filhos nega o discurso de condição feminina materna e a mulher se reconhece a partir de um outro lugar que não a maternidade, com novas representações de mulher (PATIAS; BUAES, 2012).

É possível uma mulher vivenciar o corpo em todos os seus aspectos e representações. Não é o corpo reprodutivo que constitui a condição feminina, ela se constrói nas relações subjetivas que a mulher estabelece consigo mesma, com os outros, com o meio e, na medida em que pauta suas escolhas, com seu próprio desejo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao possibilitar que mulheres sem filhos apresentassem sua percepção sobre a maternidade e as políticas e programas de saúde, este trabalho trouxe à tona fragilidades da assistência à mulher como questões referentes à constituição do feminino. A fonte oral permitiu que a subjetividade das mulheres aflorasse e apresentasse a sua percepção sobre o atendimento das políticas públicas à mulher sem filhos, entre outras questões relacionadas à maternidade, fazendo da sua interpretação um importante fato a ser considerado.

As transformações no papel feminino, as experiências cotidianas da mulher no mercado de trabalho e a sua participação ativa na sociedade ampliaram sua autonomia, colocando em questão o ideal mulher-mãe. Ao dissociar a sexualidade da reprodução, o corpo feminino assume novas formas de subjetivação, pois a mulher vislumbra outras perspectivas de vida, não se limitando ao papel que lhe é atribuído pela sociedade. A produção de novos sentidos para o corpo imprime sua marca na maternidade que passa a ser uma possibilidade de escolha, não mais uma condição do gênero. As experiências narradas apontam que o corpo feminino encontra-se em construção, na medida em que a mulher rejeita o controle e o adestramento que lhe foram impostos durante longo tempo.

Embora a mulher tenha conquistado novas posições sociais, desempenhando atividades diversas, o imaginário social ainda é permeado pelo ideal feminino de mulher-mãe, construído historicamente, muitas vezes hostilizando-se aquelas que se negam à maternidade. A escolha entre ter ou não filhos pode ser difícil, uma vez que existe um sentimento de ambiguidade, reforçado pela cobrança social, o que leva as mulheres a questionarem sua própria decisão, ou seja, o fato de “contrariar a natureza”. Complexo ainda é a construção de uma nova condição feminina para a mulher contemporânea, desatrelada da mãe, na qual ela possa exercer seus direitos e sua feminilidade. Muitos aspectos vão influenciar a escolha da maternidade, entre eles o econômico, o cultural, o biológico, mas principalmente, o subjetivo, no qual se destacam a liberdade e o não desejo de ser mãe. Assim, entende-se que a maternidade deve ser vista como uma escolha individual e sua realização deve dar-se a partir do desejo e da história de vida de cada mulher.

Mesmo com a existência e a criação de novas diretrizes e políticas para mulheres, o que se vê na prática é que nem sempre as políticas públicas alcançam todas as usuárias dos serviços ou até mesmo todos os municípios. Nota-se, ainda, a ênfase que é dada à prevenção do câncer de mama e de útero, como narrado por algumas colaboradoras. Além disso, as

narrativas refletem que a maternidade é um valor incorporado socialmente à condição feminina e que, apesar dos novos papéis assumidos pela mulher e sua inclusão no mercado de trabalho, ser mãe, ainda hoje, é prioridade tanto no imaginário social quanto nas práticas e políticas de saúde.

O sentimento de exclusão apontado pelas colaboradoras pode ocorrer por diversos motivos, como o fato de o serviço não atender todas as suas demandas, pelo foco nos aspectos reprodutivos, até mesmo pelo fato das mulheres não procurarem um serviço de saúde para práticas cotidianas como exames de rotina, vacinas, entre outras. Algumas políticas estão fortemente efetivadas, como é o caso das que se referem aos aspectos reprodutivos, que reforçadas histórica e culturalmente, mantêm suas práticas centradas na prevenção de câncer de mama e de útero. Outras diretrizes encontram-se fragilizadas, embora façam parte das políticas para mulheres.

Com este trabalho, observa-se que desconstruir o ideal de mulher-mãe é algo complexo, pois demanda uma conscientização da sociedade e mudança nos valores partilhados. A maternidade possui diferentes significados, de acordo com o momento histórico e a vivência de cada mulher. Considerar as transformações no papel feminino, as novas configurações familiares e a liberdade de escolha na reelaboração ou efetivação das políticas públicas pode significar um passo no sentido de melhor atender todas as mulheres, garantindo assim a universalidade, a equidade e a integralidade dos serviços. Além de que, ao refletir sobre os discursos das colaboradoras, pode-se repensar estratégias para a efetivação de políticas de atenção às mulheres, tais como violência de gênero, saúde sexual, entre outras, considerando a integralidade da atenção à saúde que em muitos cenários ainda se encontram como propostas. Novos ou outros olhares são necessários para se dar conta da complexidade que é ser mulher. É preciso se propor a escutar outras histórias para além da fragmentação do corpo feminino em útero e peito, apesar de todos os avanços observados nas últimas décadas.

Faz-se necessário ainda mudanças nas políticas e programas de saúde, pois as narrativas apresentaram fragilidades nos serviços de atenção à mulher. Embora tenham sido apresentadas propostas, há dificuldades na sua efetivação no cotidiano dos serviços. Do ponto de vista social, a mulher vivenciou alterações significativas, entretanto, as questões de gênero ainda são presentes, acentuando a diferença entre os papéis feminino e masculino.

Fazer esta pesquisa significou aprofundar o conhecimento sobre construção e condição feminina, compreender a percepção de maternidade, a atenção à saúde da mulher na contemporaneidade e possibilitou uma nova versão dos fatos, contada pelas próprias

mulheres. Acima de tudo, significou para a pesquisadora compartilhar histórias de vida e ampliar o debate sobre o ser mulher.

Entende-se que são diversas as limitações deste estudo, dentre elas o fato de todas as colaboradoras serem de classe média, profissionalmente estabelecidas, por isto apresentam uma outra construção do feminino. Entretanto, é importante enfatizar que são estas mulheres que tem estado à frente dos movimentos sociais e políticos responsáveis por mudanças.

A contribuição portanto, é suscitar a discussão do tema, sem pretender esgotá-lo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

ALBUQUERQUE, Elisabeth Maciel de. *Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas*. 2009. 99 f. Dissertação (Mestrado). Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://bvssp.icict.fiocruz.br/pdf/Albuquerqueemm.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

ALVES, José Eustáquio Diniz. As políticas populacionais e os direitos reprodutivos: “o choque de civilizações” versus progressos civilizatórios. In: CAETANO, André Junqueira; ALVES, José Eustáquio Diniz; CORRÊA, Sônia. (Orgs.) *Dez anos de CAIRO: tendências da fecundidade e direitos reprodutivos no Brasil*. Campinas, SP: ABEP; UNFPA, p. 1-28, 2004.

ARÀN, Márcia; PEIXOTO JR., Carlos Augusto. Vulnerabilidade e vida nua: bioética e biopolítica na atualidade. *Rev. Saúde Pública*. 2007.

AUGUSTO, Fernanda Maria Fávere; SILVA, Ivanete Pereira da; VENTURA, Maurício de Miranda. Filhos cuidadores: escolha, mudanças e desafios. *Rev. Kairós Gerontologia*, v.12, n.2, p.103-18, 2009.

BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. Trad. Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. W. Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve). *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* v. 27, p. 46-60,. 2011.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. *Psic. Clin.*, v, n.1, p.163 – 185, 2007.

BERTOLIN, Giuliana; VIECILI, Mariza. Abandono Afetivo do Idoso: Reparação Civil ao Ato de (nã) Amar? *Revista Eletrônica de Iniciação Científica*. Itajaí, Centro de Ciências Sociais e Jurídicas da UNIVALI. v. 5, n.1, p. 338-360, 2014. Disponível em: <www.univali.br/ricc>. Acesso em: 5 maio 2016.

BONINI-VIEIRA, Anunciatta. Definidas pela negação, construídas na afirmação: a perspectiva de mulheres não mães sobre a maternidade e seu projeto de vida. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1996.

BRASIL. Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, 20 setembro de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm. Acesso em: 21 set. 2016.

_____. Ministério da Saúde. Portal da saúde. *Saúde da mulher*. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

_____. Ministério da Saúde. Portaria n. 399/GM, de 22 fevereiro de 2006. Brasília: Ministério da Saúde, 23 fev. 2006.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área Técnica de Saúde da Criança e Aleitamento Materno. *Gestões e gestores de políticas públicas de atenção à saúde da criança: 70 anos de história*. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Área Técnica de Saúde da Criança e Aleitamento Materno. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. 80 p.: il. (Série I. História da Saúde).

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes* / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

_____. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013. 114 p. : il.

BRAZÃO, Marina Agarez; NOVAES, Joana De Vilhena; DE VILHENA, Junia. Quem quer ficar na barriga da mamãe? Sobre a gestação em tempos de culto ao corpo. *Polêmica*, v. 9, n. 4, p. 43-57, 2012.

CARLOTO, Cássia M.; SILVANO, Mariana A. A família e o foco nas mulheres na política de assistência social. *Sociedade em Debate*, Universidade Católica de Pelotas, v. 14, n. 2, p. 153-168, 2008.

CARVALHO, Fernanda Torres de; PICCININI, Cesar Augusto. Aspectos históricos do feminino e do maternal e a infecção pelo HIV em mulheres. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.13, n.6, p.1889-1898, 2008.

COELHO, Edméia de Almeida Cardoso; LUCENA, Maria de Fátima Gomes de; SILVA, Ana Tereza de Medeiros. O planejamento familiar no Brasil no contexto das políticas públicas de saúde: determinantes históricos. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v.34, n.1, p. 37-44, 2000.

COLARES, Sthephany Caroliny dos Santos; MARTINS, Ruimarisa Pena Monteiro. Maternidade: uma construção social além do desejo. *Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde*, Três Corações, MG, v. 6, n. 1, p. 42-47, 2016.

DANTAS, Jurema Barros. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Estud. Psiqui. Psicol.*, v. 11, n. 3, p. 898-912, 2011.

DEL PRIORI, Mary. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2009.

DIAZ, Fernando Sobhie. *Os movimentos sociais na reforma psiquiátrica: o "novo" na história da Psiquiatria do Brasil*. 2008. 337 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da

Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://arca.icict.fiocruz.br/handle/icict/3983>> Acesso em: 10 mar2016.

DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORI, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

FERRAZ, Dulce; KRAICZYK, Juny. Gênero e políticas públicas de saúde: construindo respostas para o enfrentamento das desigualdades no âmbito do SUS. *Revista de Psicologia da UNESP*, v.9, n.1, p.70-82,2010.

FERREIRA NETO, João Leite; KIND, Luciana; BARROS, Jairo Stacanelli; AZEVEDO, Natália Silva; ABRANTES, Tatiane Marques. Apontamentos sobre promoção da saúde e biopoder. *Saúde*, v.18, n.3, p.456-466, 2009.

FIDELIS, Daiana Quadros; MOSMANN, Clarisse Pereira. A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. *Aletheia*, n. 42, p. 122-135, 2013.

FIORIN, Pascale Chechi; OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. *Rev. Bras. Orientac. Prof.*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 25-35, jun. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167933902014000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 10 ago. 2016.

FONTANELLA, Bruno José Barcelos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública*, v.24, n.1, p.17-27, 2008.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2010a.

_____. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão* 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FRASSÃO, Márcia Cristina Gonçalves de Oliveira. Saúde é só para a mulher mãe: as políticas públicas em questão. In: *Anais do Seminário Fazendo Gênero 9*, p.1-9, 2010. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278287079_ARQUIVO_SAUDEESO PARAAMULHERMAE.pdf>. Acesso em: 20 maio 2016.

FREITAS, Gisele de Lima; VASCONCELOS, Camila Teixeira Moreira; MOURA, Escolástica Rejane Ferreira; PINHEIRO, Ana Karina Bezerra. Discutindo a política de atenção à saúde da mulher no contexto da promoção da saúde. *Rev. Eletr. Enf.* v. 11, n.2, p. 424-428, 2009.

GALVÃO, Loren; DÍAZ, Juan. (Orgs.). *Saúde sexual e saúde reprodutiva no Brasil: Dilemas e Desafios*. São Paulo: Hucitec; Population Council, 1999.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. Maternidade e Formas de Maternagem desde a Idade Média à atualidade. *Pensando Famílias*, v.18, n.1, p.55-62, 2014.

JUSTO, Ana Maria; VIZEU CAMARGO, Brigido. Corpo e cognições sociais. *Liber.*, v.19, n. 1, p. 21-32, 2013.

KUCHEMANN, Berlindes Astrid. Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. *Soc. Estado*. v. 27, n. 1, p. 165-180, 2012.

LIEBLICH, Amia; TUVAL-MASHIACH, RRivka; ZILBER, Tamar. *Narrative Research: Reading, Analysis and Interpretation*. Thousand Oaks: Sage, 1998.

LIPOVETSKY, G. *A terceira mulher*. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.p.7-34.

LUNA, Lola G.. Los movimientos de mujeres como la outra cara de la política: genero, exclusión e inclusión en el caso latinoamericano. In: LUNA, Lola G.. *Los movimientos de mujeres en la américa latina y a renovación de la historia política*. Santiago del Cali: Universidad del Valle, p. 45-64, 2003.

MACHADO, Ana Lúcia. A maternidade, o trabalho doméstico e a identidade feminina: um estudo particular. *Linhas*, v. 2, n. 1, 2007.

MACHADO, Roberto. *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

MAIA, Claudia J.; JARDIM, Alex Fabiano Correia. Michel Foucault e a crítica ao sujeito constituinte: diálogos com a teoria feminista. *Revista Caminhos da História*. v.13, n.2, p. 81-90, 2008.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes; 1998.

- _____. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- _____. *O conhecimento comum*. Compêndio de Sociologia Compreensiva. São Paulo: Brasiliense; 1988.
- _____. *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- _____. O imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 15, ago. 2001.
- MALDONADO, Maria Tereza P. *Psicologia da gravidez: parto e puerpério*. 16.ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- MANSUR, Luci Helena Baraldo. *Sem filhos: a mulher singular no plural*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- MARQUES, Rita de Cássia. *Imagem social do médico de senhoras no século XX*. Belo Horizonte: Coopmed, 2005.
- MARTINEZ, Ana Laura Moraes; BARBIERI, Valéria. A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina. *Estud. Psicol.* v. 28, n. 2, p. 175-185, 2011.
- MARTINS, Luiz Alberto Moreira; PEIXOTO JR., Carlos Augusto. Genealogia do biopoder. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n.2, p. 157-165, 2009.
- MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MEYER, Dagmar Estermann. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. *Gênero*, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2005.
- _____. Educação, saúde e modos de inscrever a maternidade nos corpos femininos. *Movimento*, v. 9, n. 3, p. 33-58, 2003.
- MOREIRA, Rita de Cassia Costa. Mulheres, educação e maternagem. IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/4.17.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.
- MINAYO, Marília Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11. ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 2011.
- MIRANDA, Fernanda Eleonora. A infertilidade feminina na pós-modernidade e seus reflexos na subjetividade de uma mulher. *Psicologia em Revista*, v. 11, n. 18, p. 271-273, 2005.
- MOTT, Maria Lúcia. Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil. *Cadernos Pagu*, n.16, p.199-234, 2001.

NAGAHAMA, Elizabeth Eriko Ishida; SANTIAGO, Silvia Maria. A institucionalização médica do parto no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 10, n. 3, p. 651-657, 2005.

NEVES, Lucilia de Almeida. História oral e narrativa: tempo, memória e identidade. *História Oral*, n. 6, p. 7-28, jun. 2003.

NOBREGA, Juliana Fernandes da; NITSCHKE, Rosane Gonçalves; SOUZA, Ana Izabel Jatobá; SANTOS, Evanguelia Kotzias Atherino dos. A sociologia compreensiva de Michel Maffesoli: implicações para a pesquisa em enfermagem. *Cogitare Enferm.* v.17, n.2, p.373-376. 2012.

NOVAES, Joana Vilhena de. *Com que corpo eu vou?* Sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Pallas, 2010.

NUNES, S. A. De menina a mulher, impasses da feminilidade na cultura contemporânea. *Revista Filosofia Capital*.v.3, ed. 6, p.42-55, 2003.

OLIVEIRA, Paula Barbosa de. *A mulher atual e a representação da maternidade*. 2007. 100 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco. Recife. Disponível em: <http://www.unicap.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=114>. Acesso em: 10 mar. 2016.

OLTRAMARI, Leandro Castro. A Biopolítica da AIDS: formas de prevenção ou controle? *Percursos*, v.4, n.1, 2003.

ORTEGA, Francisco. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.8, n.14, p.9-20,2003- 2004.

OSBORNE, Raquel. *Apuntes sobre violência de gênero*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2009.

PEDRO, Joana Maria. As Representações do corpo feminino nas práticas contraceptivas, abortivas e no infanticídio – século XX. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. *O corpo feminino em debate*. (Orgs.). São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. "Tem que ser uma escolha da mulher"! representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 300-306, Aug. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822012000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 ago. 2016.

PEREIRA, Viviane Andrade. *Corpo ideal, peso normal*: transformações na subjetividade feminina. Curitiba: Juruá, 2010.

PHILIPPI, Jane Maria de Souza. Políticas de saúde da mulher no Brasil: história e evolução. In: RIAL, Carmem; PEDRO, Joana Maria; AREND, Silvia Maria Fávero (Orgs.). *Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.

PRÁ, Jussara Reis. Metodologias feministas, gênero, políticas públicas e o monitoramento da Lei Maria da Penha. In: RIAL, Carmem; PEDRO, Joana Maria; AREND, Silvia Maria Fávero (Orgs). *Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.

RAGO, Margareth. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: COSTA, Claudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira (Orgs.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2004.p.1-14.

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI: ou carta de alforria. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (Orgs). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

REIS, José Roberto Tozoni. Família, emoção e ideologia. In: CODO, Wanderley.; LANE, Silvia T. M. *O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 99-124.

RIOS, Maria Galvão; GOMES, Isabel Cristina. Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção de não ter filhos. *Estudos de Psicologia*, v.26, n.2, p.215-225, 2009.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento. *Temas em Psicologia da SBP*, v.12, n.1, p.2-17, 2004.

_____. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

_____. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem sucedida. In FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. (Org.). *Família e Casal: efeitos da contemporaneidade* (p. 127-137). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. 2005.

ROHDEN, Fabíola. A arte de enganar a natureza: contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

SALGADO, Mara; FRANCISCATTI, Kety Valéria Simões. A análise dos dados da história oral: fundamentos para uma psicologia crítica. *Estud. Pesqui. Psicol.*, v. 14, n. 1, p. 304-319, 2014.

SAMPAIO, Juliana; ARAÚJO JR., José Luis. Análise das políticas públicas: uma proposta metodológica para o estudo no campo da prevenção em Aids. *Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.*, v.6, n.3, p. 335-346, 2006.

SAMPAIO, Juliana; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; SILVA, Maria Rejane Ferreira da. A representação social da maternidade de crianças em idade escolar. *Psicologia Ciência e Profissão*, v.28, n.1, p. 174-185, 2008.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. O discurso médico na promoção de biopolíticas endereçadas às mães. Anais Seminário *Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, p. 1-7, 2008.

SANTOS NETO, Edson Theodoro dos *et al.* Políticas de saúde materna no Brasil: os nexos com indicadores de saúde materno-infantil. *Saúde Soc.*, v. 17, n. 2, p. 107-119, 2008.

SANTOS, Silvana Maria de Barros. O papel do corpo na contemporaneidade, as novas patologias e a escuta analítica. *Revista Psicologia & Saberes*, v.3, n.3, p 1-11, 2014.

SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. *Revista Vozes dos Vales*, v. 02, Ano I, p. 1-25, 2012.

SMEHA, Luciane Najar; CALVANO, Lize. O que completa uma mulher? Um estudo sobre a relação entre não-maternidade e vida profissional. *Psicol. Argum.*, v. 27, n. 58, p. 207-217, 2009.

SOUZA, Luiz Antônio Francisco de. Disciplina, biopoder e governo: contribuições de Michel Foucault para uma analítica da modernidade. In: SOUZA, Luiz Antônio Francisco de.; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Boris Ribeiro de (Orgs.). *Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

TOMAZ, R. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. *Galaxia*, n. 29, p. 155-166, 2015.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Rev. Saúde Pública*, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005.

TYRRELL, Maria Antonieta Rubio; CARVALHO, Vilma de. *Programas Nacionais de Saúde Materno-infantil: Impacto Político Social e Inserção da Enfermagem*. Tese (Doutorado). UFRJ - Escola de Enfermagem Anna Nery. Rio de Janeiro.1993.

VARGAS, Eliane Portes. A figueira do inferno: os reveses da identidade feminina. *Revista Estudos Feministas*, v.7, n. 1 e 2, p. 1-20, 1999.

VARGAS, Eliane Portes. Barrigão à mostra: vicissitudes e valorização corpo reprodutivo na construção das imagens da gravidez. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, v.19, n.1, p.237-258, 2012.

VARGAS, Eliane Portes; MOÁS, Luciane da Costa. Discursos normativos sobre o desejo de ter filhos. *Rev. Saúde Pública*, v.44, n.4, p.758-762, 2010.

VAZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Maternidade e feminismo: notas sobre uma relação plural. *Revista Trilhas da História*. Três Lagoas, v.3, n.6, p.167-181, 2014a.

_____. Sobre os modos de produzir as mães: notas sobre a normatização da maternidade. *Revista Mosaico*, v. 7, n. 1, p. 103-112, 2014b.

VERZA, Fabiana; SCHLEINIGER, Cristiane dos Santos; GOMES, Gustavo Affonso; STREY, Marlene Neves. Reflexões sobre a maternidade. *Athenea Digital*, v.13, n. 3, p. 179-194, 2013.

ZORZAN, Fernanda Saldanha; CHAGAS, Arnaldo Toni Souza das. Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu? Uma reflexão sobre o valor do corpo na atualidade e a construção da Subjetividade feminina. *Barbarói*, n. 34, p. 161-187, 2011.

ANEXOS

Anexo A - Parecer Comitê

1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
 ESCOLA DE ENFERMAGEM
 DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM MATERNO INFANTIL E SAÚDE PÚBLICA
 Av. Prof. Alfredo Balena, 190 - Bairro Santa Efigênia
 CEP.: 30.130-100 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil
 Tel.: 3409-9860-9860 FAX.: 3409-9859 E-mail: emi@enf.ufmg.br

PARECER

Título do projeto de pesquisa: "Identidade feminina no contexto das políticas de saúde: história oral com mulheres"

Interessados: Profa. Cláudia Maria de Mattos Penna

Relatora: Profª Eunice Francisca Martins

HISTÓRICO


Recebi no dia 01 de junho de 2014, da Secretária do Departamento Materno Infantil e Saúde Pública da EEUFMG, o Projeto de Pesquisa intitulado "Identidade feminina no contexto das políticas de saúde: história oral com mulheres", para análise e parecer.

MÉRITO

Trata-se de um projeto de pesquisa a ser desenvolvida pela doutoranda Jacqueline Simone de Almeida Machado. É uma proposta que visa escutar das mulheres sem filhos as suas histórias e trajetórias de vida, para compreender a percepção de maternidade, as possibilidades e escolhas. Propõe-se também tecer um paralelo com as políticas públicas de saúde à mulher, no período entre a década de 1950 até os dias atuais, para entender de que forma essas políticas interferiram na construção do papel feminino e em suas escolhas sobre a maternidade. Apresenta a justificativa para a proposta, destacando que a mulher sem filhos é invisível nas políticas públicas de saúde.

O estudo tem como objetivos:

Aprovado em reunião da Câmara
 Departamental do EMI 09/06/14


 Profa. Lívia de S.P. Errico
 Sub-Chefe
 Depto. Ent. Materno Infantil e Saúde Pública
 Escola de Enfermagem UFMG

Geral:

Compreender as políticas de atendimento à saúde a partir das histórias vivenciadas por mulheres sem filhos.

Específicos:

- Registrar historicamente as mudanças ocorridas na identidade feminina e na percepção da maternidade;
- Relacionar possíveis mudanças e percepção da maternidade com as políticas públicas de saúde para mulheres no período entre os anos cinquenta e a atualidade.

Trata-se de um estudo qualitativo, que terá como referencial metodológico a história oral de mulheres. O período de 1950 a 2010 foi definido em virtude dos diversos movimentos sociais e políticos que influenciaram a identidade feminina e as políticas públicas de saúde para as mulheres. Será realizado um levantamento bibliográfico e histórico para dialogar com as entrevistas, método para coleta dos dados primários com as mulheres. A técnica de história oral será utilizada nas entrevistas. A escolha das entrevistadas será intencional (mulheres sem filhos e que vivenciaram ou participaram do período delimitado) e o acesso às mesmas se dará pela técnica de amostragem bola de neve (snowball). A entrevista seguirá as seguintes etapas: pré-entrevista; entrevista; pós-entrevista. O critério de saturação de dados será utilizado para definir o tamanho da amostra, mas deverá ser múltiplo de sete para garantir um número igual de colaboradoras em cada década (sete ao total). O gênero narrativo será história oral temática.

Na análise dos dados as entrevistas serão usadas como técnicas em história oral, pois será também considerada a documentação já existente, portanto o tipo de história oral adotada será a híbrida (mescla a análise das entrevistas com outros documentos). Na produção do documento serão adotadas as seguintes fases: transcrição; textualização; transcrição e validação.

O projeto apresenta revisão de literatura, suporte teórico, objetivos e metodologia adequada ao tema. Apresenta as questões norteadoras para as entrevistas. O projeto apresenta cronograma de execução, mas não detalha os custos operacionais da proposta.

3

Ressalta-se que o estudo é de relevância para sociedade, por se tratar de uma abordagem pouco estudada e que requer um aprofundamento nas políticas públicas de atenção a saúde da mulher. Portanto, é um estudo que poderá trazer contribuições importantes para as mulheres e sociedade.

CONCLUSÃO

Diante de exposto, sou favorável à aprovação deste Projeto de pesquisa, SMJ da Câmara Departamental.



Belo Horizonte, 09 de junho
Profª Eunice Francisca Martins

APÊNDICES

Apêndice A - Questões norteadoras:

Descreva – Conte – Relate quem é você, suas opções e escolhas na vida.

Fale sobre o que te levou a não ser mãe? O que isso interferiu em relação a sua família / socialmente.

Como você se sente / percebe em relação à sua saúde / doença

Em que situações de saúde / doença você buscou os serviços de saúde

O que você pensa em relação ao cuidado dispensado a você nesses serviços? Relate fatos marcantes em relação ao atendimento / cuidado realizado?

O que você pode dizer em relação aos programas de saúde que o serviço dispõe para você e para as mulheres em geral.

Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Gostaria de convidar você a participar de uma pesquisa intitulada “**Identidade Feminina e Maternidade no contexto das políticas públicas: história oral com mulheres**”, sob minha responsabilidade, Prof^a Jacqueline Simone de Almeida Machado e orientação da Prof^a Cláudia Maria de Mattos Penna.

O estudo tem por objetivo compreender as políticas de atendimento à saúde a partir das histórias vivenciadas por mulheres sem filhos, ou seja, de que forma você vê o cuidado ou programas de saúde oferecido pelas Políticas Públicas.

Para falar sobre isto, você deverá responder algumas perguntas sobre como você vê a assistência recebida pelos programas de saúde da mulher; o que você pensa sobre a maternidade e a escolha de ser ou não mãe.

Se você permitir suas respostas serão gravadas, em um gravador, para que o pesquisador seja fiel às respostas que você deu quando for transcrevê-las e você receberá o texto para análise e aprovação.

É importante que você saiba que essa pesquisa apresenta riscos mínimos aos participantes, como a lembrança de situações difíceis vividas. Se você sentir-se constrangida em responder qualquer questão saiba que sua colaboração é voluntária e que sua identidade e privacidade serão mantidas sob sigilo. Firmo o compromisso de que suas respostas serão utilizadas apenas para fins desta pesquisa e de artigos científicos que poderão ser publicados, e as gravações ficarão sob minha responsabilidade por um período de 5 anos e depois serão destruídos.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para compreender o atendimento do programas e as políticas de saúde da mulher, o significado da maternidade, suas possibilidades e escolhas.

Em qualquer momento da pesquisa você poderá fazer perguntas, caso tenha dúvidas, e retirar sua permissão e autorização para participar, além de não permitir a posterior utilização dessas respostas.

Atenciosamente,

Jacqueline Simone de Almeida Machado - Doutoranda da EEUFMG

Cláudia Maria de Mattos Penna - Prof^a do departamento EMI da EEUFMG

CONSENTIMENTO

Eu, _____ como entrevistada, afirmo que fui devidamente orientada sobre o objetivo e a finalidade desta pesquisa, bem como da

utilização dos dados apenas para fins científicos e sua posterior divulgação, sendo garantido pela pesquisadora que meu nome será mantido em sigilo.

Nome da entrevistada:

Data: ____/____/____

Assinatura ou impressão digital: _____

Contatos:

Profª Cláudia Maria de Mattos Penna Tel.(31) 3409-9867. Escola de Enfermagem – UFMG

Jacqueline Simone de Almeida Machado Tel. (37) 9861.7073

Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG (COEP): Av. Pres. Antônio Carlos, nº 6627. Unidade Administrativa II-2º andar- Sala 2005 Campus Pampulha, Belo Horizonte/MG CEP: 31270901. Tel.: (31) 3409-4592

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Campus Centro-Oeste Dona Lindu (CCO) da Universidade Federal de São João Del-Rei

Av. Sebastião Gonçalves Coelho, 400, Chanadour

CEP 35.501-296 Divinópolis - MG

(37) 3221-116

Nota: Este documento foi elaborado em duas vias, ficando uma com o sujeito participante da pesquisa e a outra com o pesquisador responsável.

Apêndice C - Entrevistas

Colaboradora 1: 48 anos, solteira, Ensino superior.

Bom... (pausa) Eu não sei por onde eu começo não... É... pensando bem, se a gente for tratar do assunto maternidade, eu começo a pensar nisto desde quando, agora pensando, refletindo sobre o assunto, desde quando eu ainda era criança. Eu sempre fui uma pessoa muito independente, preocupada com família, muito... preocupada com o problema de todo mundo, muito ansiosa também, isto acho que desde criança, desde quando eu me lembre eu sou uma pessoa assim. E eu tinha nove anos de idade quando a minha mãe se descobriu grávida das minhas duas irmãs mais novas, que são gêmeas. Até então eu tinha mais um irmão, com quem a gente convivia, levava uma vida normal, não tinha grandes alterações. Mas depois que minha mãe engravidou, vários problemas começaram a aparecer. Primeiro, ela ficou, ela teve uma gravidez muito difícil, ela passava mal, ela tinha enjoos... nove meses de enjoos, e no início ela não achava que era gravidez, ela foi descobrir a gravidez já estava até um pouco avançada. E desde esta época, ela ficou muito nervosa, ela ficou muito agitada, eu acho que ela não queria ter mais filhos, achava até que não poderia ter mais filhos. Ai engravidou, e ai pronto, seguiu a vida, ela teve os filhos. E a gente sempre teve uma pessoa que morava na minha casa, pessoa que cuidava da casa inteira, uma sobrinha do meu pai, que foi morar lá em casa para estudar, mas que praticamente me criou e criou meu irmão. Então ela tomava conta da casa, fazia praticamente tudo e não tinha problemas. Quando ela teve as meninas, esta moça foi embora lá de casa para casar e seguir a vida dela. E ai começaram os grandes problemas, porque entrava uma ajudante hoje, e saía à tarde. Entrava outra amanhã e saía. Furtavam, mexiam nas coisas da minha mãe. Então, além da minha mãe “ter” que assumir a tarefa de cuidar da casa, dos filhos que já eram maiorzinhos, e dos dois bebês, ainda veio o problema que ela tinha que enfrentar das empregadas que ela contratava. E ai, eu fui ficando cada vez mais sobrecarregada com isto, porque ela colocava... sempre eu era a ajudante. Primeiro porque eu era a filha mulher, e quem ajuda arrumar a casa, quem dá banho em menino, dá mamadeira menino é a filha mulher, para eles. Então que tinha que ajudar era eu, era a única pessoa com quem ela podia contar. E ai, eu não sei se percebendo ou não, ela me sobrecarregava, eu tinha que ajudar arrumar a casa, eu tinha que lava fralda, eu tinha que cuidar de menino, eu tinha que dar banho, eu tinha que dar comida, quando as meninas adoeciam, eu tinha que ajudar olhar as meninas doentes. Então assim, eu era muito nova para passar por certas coisas que só um a mulher quando tinha filhos é que ia passar. E esta

situação criou entre eu e minha mãe uma situação complicada, que até hoje ainda se desenrola. São mágoas que eu acho que eu tenho da época, porque que ela brigava muito comigo, eu sempre gostei muito de ler, e na época, eu parava para ler, e na época quando eu parava para ler um livro que eu estava doida para ler, aí eu tinha alguma coisa que eu tinha que deixar de fazer ela brigava comigo, então vem daí também a minha dificuldade de relação com ela. E hoje eu penso que ela... hoje eu me sinto sobrecarregada e tenho esta dificuldade com ela desde esta época de infância, por causa disto. Consequentemente, eu entendo que esta (?) de cuidar de menino muito nova, desta responsabilidade, além disto, vieram outras coisas, que eram assim... eu sempre fui muito dedicada aos estudos, sempre fui uma boa aluna, uma boa filha, muito responsável. O meu irmão era um pouco diferente de mim, então, o tempo inteiro, eu preocupava com ele. Quando ele foi adolescente ele se envolveu com droga, que foi uma coisa que mexeu muito comigo, porque eu me senti responsável, era como se ele fosse meu filho também, e isto tudo me sobrecarregou de tal maneira, que hoje eu não tenho vontade de ter filho, eu acredito que porque eu criei os filhos antes que não eram nem meus. Eu criei meus irmãos como se fossem meus filhos né. E então eu acredito que vem daí a história de eu não ter vontade de ter filhos, até porque quando eu era adolescente eu tinha, eu achava bonito uma mulher grávida. Eu falava que mesmo que eu não casasse, que eu ia ter um filho sozinha. Mas eu acho que como eu era ainda muito jovem, eu não tinha a maturidade de entender o trabalho que era ter um filho, o problema que era ter um filho... então eu não tinha esta dimensão. Quando a gente vai amadurecendo, entendendo as coisas da vida, é que a gente vai percebendo que não é tão simples assim, não é só fazer e parir. Cuidar de um filho é difícil. Então, partindo daí, eu fui crescendo, continuei sendo mãe das minhas irmãs, hoje é que eu tenho tentado me desvencilhar um pouco desta responsabilidade, deixar que elas sigam a vida delas, e tenho conseguido compreender porque que foi assim, porque que hoje eu sou assim, porque que eu tenho que deixá-las seguir o caminho delas, e eu tenho que deixar de ser mãe de todo mundo, porque isto me faz mal, isto me sobrecarrega, me dá chateação. E na verdade eu não sou, eu posso querer ser a mãe, mas eu não sou uma mãe. A mãe verdadeira é que realmente importa para a pessoa, não é a mãe que quer cuidar, né. Uma vez eu até ouvi, uma pessoa me falou isto, com relação ao meu sobrinho, que eu podia ser uma tia excelente, mas que mãe... eu podia ser até melhor que mãe, mas que mãe é aquela que pariu ele, que criou ele, do jeito que foi, errado, bem ou ruim, ela que era a mãe, não eu. Então eu acho que realmente é por aí. O que mais que eu tenho que falar? É, eu já entrei na coisa da maternidade, né, mas aí, tem outras coisas além de maternidade, outras escolhas que eu fiz que eu acho que ...gente, isto é uma terapia (risos). Outras escolhas que eu fiz, que eu acho que não tem a ver

com maternidade, mas que é importante. Eu acho que eu sempre preoquei mais com a família do que comigo mesmo. Por exemplo, em relação à profissão, à vida profissional, né? Eu sempre quis estudar medicina, tá certo que eu não passei no vestibular porque eu não estudei o suficiente. Quem sabe se eu tivesse estudado, teria passado. Mas o tempo inteiro eu me envolvia com questões que não eram minhas. Eram questões do meu irmão usar droga, depois questões das minhas irmãs que precisavam de mim, então assim, eu vim morar fora, mas o tempo inteiro eu tava ligada em casa, eu nunca consegui desligar. Então talvez isto também tenha contado para eu não conseguir ter realizado este sonho, né? Talvez se eu tivesse saído e conseguido me desligar de casa e de família, das filhas que eu não tinha, na verdade, eu talvez tivesse conseguido, né, me sobressair mais. E até o meu último trabalho foi em função de família. Porque eu trabalhava em outra cidade, a empresa que eu trabalhava estava falindo, eu era noiva lá, com tudo pronto para casar, com enxoval, móveis comprados, e eu larguei tudo para vir embora para Belo Horizonte, arrumar um emprego aqui por causa da minha família. Ou seja, não reclamo porque eu acho que se eu tivesse casado, também não daria certo, mas aí é outros quinhentos... na verdade a escolha, isto foi em função de família. Naquele momento sim, porque eu era arrimo de família, eu tinha que trabalhar, ganhar dinheiro, como é que eu ficava desempregada? E outra coisa que nunca entrou na minha cabeça, eu saio de casa e caso, e largo eles aí... eles vão fazer o que? Quem vai trabalhar e quem vai sustentar, eu sempre achei que esta responsabilidade fosse minha. E ainda me lembro de mais uma coisa, que foi a separação dos meus pais. Mais uma vez, meu pai saiu de casa, que era a pessoa com quem eu convivia melhor, uma relação mais tranquila, até de conversar e tal, que ele era uma pessoa muito calma, muito paciente, então ele separou da minha mãe, saiu de casa, e eu tive que assumir o lugar dele. Mais uma vez... então além de ser pai e mãe das minhas irmãs, ainda fui esposo da minha mãe(risos). É, eu acho que de uma forma inconsciente, porque eu falei que quando eu era adolescente eu até falava que queria ser mãe. Depois eu fui tomando pavor de ser mãe, isto não passava na minha cabeça. Inclusive quando eu engravidei do meu ex-noivo, a primeira coisa que passou na minha cabeça foi tirar o menino, não passava na minha cabeça nunca aquele menino nascer e eu cuidar de criança. Então aborto para mim sempre foi uma coisa normal, é uma solução que para mim seria a solução mais correta. Eu nunca imaginei ter filho, cuidar de filho, nunca imaginei. E a partir daí... então isto aconteceu e a partir daí mais certeza eu tive que se eu tivesse tido filho minha vida seria mais confusa ainda, eu tenho mais certeza que eu tomei a decisão certa, não tenho culpa por ter feito isto, aliás, é um assunto que eu nem penso, acho que eu deletei assim... nem penso muito nisto, também é um assunto que eu nem gosto muito de ouvir, de ficar falando

ah, porque é proibido...ah, nem gosto de ficar ouvindo. É uma escolha que eu fiz, talvez se hoje acontecesse eu faria a mesma escolha, então... mas aí, eu já não quis ter filho com certeza em função disto tudo que eu vivi lá trás né, porque se fosse uma coisa maravilhosa, se tivesse sido uma coisa deliciosa de fazer, com certeza eu queria enfrentar de novo. Então, é isto. Acho que isto é o que fez com que... então, outra coisa, depois que eu terminei com o meu noivo, eu tive outros namorados sérios, mas eu nunca casei, eu nunca tive um relacionamento... nunca passou pela minha cabeça ter um filho sozinha. Que com pai já é difícil criar, imagina sem pai. Se tá difícil cuidar de mim sozinha, imagina eu e uma criança. Então aí, mais motivos foram vindo, que me tiram a vontade. Hoje eu penso: será que quando eu não puder mais ter filhos, porque eu já estou numa idade limite de poder e não poder, será que quando eu não puder ter mais, de jeito nenhum, eu vou arrepender? Vou pensar assim: nossa, será que eu não devia ter tido... as pessoas falam: ah, quem vai cuidar de você na velhice, porque você não tem um filho. Eu não vejo filho fazendo assim, não acho que filho é obrigado a cuidar, não acho que são todos que cuidam, você não pode escolher, porque é seu filho, então se é bom ou ruim você tem que cuidar de qualquer jeito, ele pode ao invés de ele tomar conta de você, você ter que tomar conta dele a vida inteira, então por enquanto, não tenho arrependimento, não tenho vontade, e espero que também, quanto eu não puder mais, que isto não venha a acontecer, né? Tem, ótima repercussão, porque se eu tivesse um menino, o que que eu ia fazer? Eu não podia sair, eu não podia tomar minha cerveja que eu gosto, eu não podia encontrar minhas amigas na hora que eu quero, não podia viajar na hora que eu quero, então... claro que tem uma repercussão, mas não de forma negativa. De forma positiva, eu imagino de forma positiva. Pode até ser que se eu tivesse tido um filho, ele me daria mais prazer do que eu tenho, mas eu duvido muito Então eu acho que é neste sentido. As pessoas cobram... cobram, principalmente quem é casado e tem filho. Mesmo que separem e tudo, eu acho que depois que as pessoas tem filhos, os filhos passam a ser, com raras exceções né, eles passam a ser a coisas mais importante da vida delas. Então elas não conseguem se imaginar mais sem aquilo né. É até assim um pouco, o sentimento deve ser até um pouco assim, se fulano não existisse... nossa se meu filho morresse ou se eu não tivesse meu filho, como é que eu iria viver sem ele? Porque já tem uma pessoa, um ser humano que você ama, é difícil se imaginar sem essa pessoa. Então as pessoas cobram, os casais com quem eu converso falam que eu vou arrepender, que filho é maravilhoso, que a... que filho da trabalho mas que sem filho eles não viveriam, mas nada disto me convence. Eu não acho...e até com os namorados que eu tive, que foram namoros sérios, as pessoas com quem eu pensei em casar, eles me cobravam muito isto. Eu fui fazer terapia, e um dos problemas que eu buscava resolver era

isto. Eu falava: gente, porque que eu sou assim. Normalmente toda mulher nasce para ser mãe, né, mulher nasce... é o instinto materno...e isto não acontecia comigo. Então quer dizer, eu acho que neste sentido é que a sociedade cobra da gente... acha que tem que ter... para mim é tranquilo. Ah, eu acho que eu sou saudável, minha saúde é até muito boa. Eu estou passando pelo processo de parar de fumar agora, muito porque eu sempre pensei nisto e vários médicos que eu fui falaram que eu tenho uma saúde tão boa, porque que você fuma, para estragar uma coisa que é bom, né? Então eu... um dos motivos de eu ter deixado de fumar é este, mas com relação a saúde eu não acho que eu tenho algum problema não. Está tudo tranquilo. Ultimamente... eu já fiz meus exames... que a gente faz anualmente, como é que fala? Os preventivos, eu fiz todos, está tudo bem. Não tive nenhum problema não. É neste sentido que você queria saber? Sobre os serviços de saúde... ah, tá... eu busquei... bem, eu sempre tive o plano de saúde, e por este motivo então, quando eu achava necessário, fazia meus exames preventivos, ou quando eu sentia qualquer sintoma desconhecido eu procurava o médico para o que eu tinha. Agora, o serviço de saúde público eu comecei a usar no final de 2013, depois que eu deixei de ter plano de saúde, e eu precisava consultar um ginecologista, precisava fazer um exame de vista, e eu tive uma informação de uma amiga, que o serviço era muito bom, que eu procurasse um posto de saúde que eu ia conseguir fazer tudo lá. E eu fui e realmente consegui, consegui colocar todas as vacinas em dia, consegui agendar todas as consultas que eu precisava, fiz todos os exames que eu precisava, alguns dos exames não são tão bem feitos, não tem uma tecnologia evoluída como os que a gente faz particular ou por plano de saúde, mas pelo menos tem com uma certa rapidez, porque antigamente não era assim, mamografia por exemplo era um exame que você demorava um ano para conseguir. Hoje em dia você consegue em um mês. Às vezes até mais rápido. Então, neste sentido o serviço é muito bom, foi ótimo ter conhecido, inclusive o tratamento antitabagismo está sendo feito pelo SUS, que é um grupo que eles montam,.. tem o auxílio de medicamento, tem auxílio de psicólogo, de nutricionista, de fisioterapeuta, de médico, de farmacêutico, tudo gratuito, é um programa que está funcionando muito, inclusive hoje eu tive uma reunião, eles informaram que o índice de...que dê certo...de eficácia... de sucesso de um grupo de 15 pessoas, normalmente é 30%. N caso do nosso grupo tem 50%, de gente que conseguiu parar, que já está há... três meses, continua frequentando as reuniões... então eu acho que... estou há este tempo, e nós vamos até abril. Então, seis pessoas... seis ao, 50% do grupo frequentando, conseguindo levar adiante, é porque o programa realmente tem eficácia, né? Bom... mais alguma coisa? Sobre o atendimento: Olha, é acho que no início a gente assusta um pouco, porque é muito funcionário que tem no posto de saúde. E eles parecem que estão perdidos, você pede uma coisa ninguém

sabe resolver, ah, tem que ser com fulano, fulano não tá, ele hoje saiu mais cedo, só amanhã ou só segunda feira. Então tem isto, que às vezes num consultório particular você não enfrenta. Mas, com o conhecimento, você vai frequentando aquele posto de saúde você vai começando a conhecer as pessoas, e ai de certa forma, você vai tendo um relacionamento até de amizade, as pessoas te veem, já te conhecem e ai: ah, você tá precisando de alguma coisa, tá procurando a enfermeira tal? Ah, peraí, vou ver se ela está lá para você, ah, você está precisando... peraí, vou dar um jeito... tem um doutor aqui, vou ver se ele pode assinar este documento para você, vou ver se ele pode fazer esta receita para você... e ai as coisas vão ficando mais fáceis, a partir do momento que você vai sendo conhecida no posto...isto no posto de saúde, né? Agora nos outros lugares onde a gente vai para realizar uma consulta com especialista, ou realizar um exame pré-agendado, é um atendimento cortes, mas não tem nada de mais, mas também não é um ruim atendimento não. Os atendimentos os lugares são bem limpos, são bem equipados, eles te pergunta normalmente... os exames que eu fiz agora eu já havia feito antes, pelo sistema particular, eles te perguntam as mesmas coisas, aliás, alguns exames parecem que são até mais bem feitos do que os que eu tinha feito particular. Era isto que você queria saber? Sobre o tratamento antitabagismo, ah, tá. Foram duas coisas. Primeiro foi a minha mãe viajou para o interior, para a terra dela, e chegando lá ela encontrou uma prima que tinha parado de fumar, porque estava tomando um remédio que o posto de saúde dava. E falou com a minha mãe: procura lá, que eles devem dar lá em Belo Horizonte também e tal. E o outro foi a, minha entrevistadora, que falou para mim que o SUS tinha um programa de ajuda para as pessoas pararem de fumar, para eu procurar o posto de saúde, me informar como é que funcionava. Eu fui no posto de saúde, eles estavam aguardando a chegada de medicamento, porque o governo não libera muita quantidade de uma vez, eles vão liberando aos poucos, e ai eles tem que aguardar toda a burocracia para o medicamento chegar no posto. Então eu fiz uma inscrição no grupo e esperei mais de um ano para ser chamada, mas... foi assim que aconteceu. No grupo onde faço o tratamento, a gente conheceu vários programas da saúde pública, que poderiam ajudar a gente no processo de parar de fumar. A Academia da Cidade, que é totalmente gratuito, com avaliador físico, com professor de Educação Física formados, onde eles buscam não um exercício físico é... estético, mas um exercício físico para proporcionar mais saúde para as pessoas. Então além da Academia da Cidade eles tem um outro tipo de exercício tipo Tai chi chuan, mas que não é este nome, eles foram... todos estes eles fizeram uma aula demonstrativa no grupo com a gente, para que a gente pudesse escolher que atividade a gente queria fazer, grupos para pessoas que tem problema de coluna, por exemplo, existe um grupo no posto onde o exercício é específico para estas pessoas que tem

dores, ou para pessoas que não podem praticar exercícios físicos, então tem exercícios específicos para elas, é... grupo para pessoas que tem pressão alta, existe a ginástica para eles e o acompanhamento onde eles aprendem com a nutricionista alimentação, receitas do que devem comer, até para aprender a fazer para que melhore a questão da pressão alta, é, que eu me lembre agora são estes. Que eu me lembre nenhum programa específico para mulheres. Eu já ouvi fala, até porque agora que eu estou tendo mais contato com o grupo, este grupo antitabagismo não tem mulheres grávidas, na verdade o pessoal todo é mais velho, acho que eu sou uma das mais novas de lá, mas eu vejo, ouvi já falar pela televisão, e já vi também no posto cartazes sobre o programa de pré-natal, acho que a Prefeitura tem alguma coisa assim também né, de pré-natal, hospital específico para mães e tal. Mas isto também eu não me interessei, não procurei saber até porque não era meu interesse. É bom, talvez... não sei, talvez, por exemplo, programa para pressão alta, abrange homem e mulher, problema de coluna, tanto faz, homem e mulher, exercício físico. Então.. eu não conheço, no posto eu não conheço, não sei se vai por ai, mas eu não conheço. Ah, programa para tratamento de câncer de mama... por exemplo, este outubro rosa, é do SUS? Então sim, né... tem este incentivando o aleitamento, mas este eu vi pela televisão. Este do contra o câncer... câncer de mama, também eu vi pela televisão. Eu ouvi uma entrevista de uma médica dermatologista outro dia que falou que eles estão buscando fazer campanha agora para tratamento dermatológico, inclusive que o governo forneça protetor solar, eles estão criando uma fórmula que seja mais em conta pra produzir para o governo oferecer, porque a maioria das pessoas não tem condições de comprar, porque ainda é um produto meio caro, né. Eu ouvi isto numa entrevista da médica, não foi no posto, eu não sei se vai acontecer. Não dizia que era só para mulheres, se é dermatológico, acho que qualquer um né. Além destes, eu não me lembro de mais nenhum não. Não, não, sempre da mulher com filhos. Porque uma das preocupações que a mulher tem normalmente é fazer os exames ginecológicos, inclusive para evitar câncer, que é o que mais preocupa. E ai, a não ser o câncer de mama, né, que tem. A não ser estes, não vi nenhum outro não. A maioria é com criança mesmo. Não, por enquanto não... a não ser que eu me lembre na hora que eu for ler a entrevista. Eu fiquei emocionada, foi até me dando vontade de chorar... foi como se tivesse fazendo uma sessão de terapia mesmo, né? Porque eu fui lembrando e acho que é por ai mesmo. Ficou algum programa que eu devia ter falado? Porque eu não lembrei. Específico para mulher não tem mesmo não. Até não tem o nome que o trem é saúde da família? Quando fala família eles entendem homem, mulher e filhos. Aleitamento materno está ligado à reprodução. Câncer de mama também está ligado, de certa forma. O pré-natal. Para uma menina adolescente por exemplo. Agora até tem a campanha da

vacinação, como é que chama, do trem lá? Do HPV. Tudo com medo das mulheres terem câncer de útero e não poder arrumar menino. É... que preocupação é esta só com útero e com peito? A gente pode ter câncer de outras coisas, não é verdade? Porque só útero e peito que não pode? É tanto que o câncer de intestino... eu disse que o sistema de saúde pública se preocupa muito com a prevenção do câncer de útero e de mama, como se a mulher só tivesse câncer no útero ou nas mamas, enquanto existem outros cânceres tão perigosos e tão ...que acontecem com tanta frequência, por exemplo o câncer de intestino e que não existe nada, nenhum preventivo para isto. Nem um exame para prevenir isto. E é tão ou mais perigoso que o câncer de útero ou de mama. Sobre a campanha do HPV, para as adolescentes, que mais uma vez previne contra o câncer de útero, como se a mulher tivesse sempre que ter o útero saudável, a vida mulher é só ter útero para ter menino. E isto não é verdade né. Então outra preocupação com... como se diz... com o lado reprodutor. Não com a mulher em si, mas com a reprodução, como se a nossa opção fosse só ter menino, e não é...

Colaboradora 2: 42 anos, Casada, Ensino superior.

Eu acho que eu sou uma pessoa... é... assim, que desde muito cedo eu tenho uma opção de ter uma vida mais ativa, uma vida mais livre, sempre optei assim por liberdade. É... procuro compreender as coisas, os fenômenos que aparecem para mim, né...que aparecem na minha vida, nas relações, como algo de uma... de ordem é... algo que aparece ali dentro de um contexto, que tem uma história, que tem... é... tem várias questões envolvidas que produzem aquela realidade, e eu penso que é... é... que eu sou uma pessoa muito extrovertida, muito comunicativa...eu fui escolhida para fazer psicologia, porque a gente não... né... acabei desde a época do colégio né, gostava de mais destas áreas de sociologia, psicologia, filosofia e acabei indo para a psicologia, onde eu acabei também me envolvendo com a área da saúde, gostando do que a Psicologia oferecia na área da saúde... e coincidentemente quando eu entrei na faculdade foi praticamente junto como nascimento do Sistema Único de Saúde, então foi algo assim que eu me envolvi, e fui fazendo uma trajetória neste percurso de trabalho e hoje eu me identifico muito, dentro da psicologia eu fui trilhando o caminho da docência, né...acabou que num determinado momento, com o trabalho que eu fazia dentro do hospital, tive oportunidade em dar aulas, eu me envolvi, e hoje acho que sou talvez muito mais professora que psicóloga, eu acho que isto acabou tomando um lugar muito maior na minha vida né, de interesse e de essa na área acadêmica e científica, muito mais que outra coisa. Hoje eu me sinto muito assim mais professora, né, inclusive com as causas da classe, e tenho

ainda, eu penso, assim quando você pergunta assim quem... e dentro das minhas escolhas, quem sou eu, eu acho que uma escolha...é...é...uma escolha de buscar ai uma...é... é... uma vida dentro de uma liberdade possível né, pensando dentro de uma perspectiva existencial, possível no sentido que eu possa fazer minhas escolhas, me responsabilizar por elas, e também hoje, a cada...é... é...quando você fala das minhas escolhas, eu acho que hoje eu construo muito mais a cada dia assim um...dentro do meu percurso de trabalho um compromisso social, assim para mim e pro que eu defendo, com o trabalho. E em relação às parcerias, hoje eu tenho uma relação estável de 9,10, 11, 12... de cinco anos, seis anos, com uma pessoa que eu estou há dez anos, e assim que foi muito construída dentro processo de escolhas, e que tem muito a ver com a minha vida, com as coisas que eu gosto de fazer, com as coisas que eu entendo, assim sustentada em um respeito muito grande assim de quem eu sou, da minha atitude diante do mundo como mulher, eu acho isto muito importante, então eu tenho esta parceria sustentada num companheirismo muito grande, numa parceria mesmo, uma ...é...é...de construir junto, né, de ter até uma afinação sobre o que a gente pensa da vida, das coisas, eu acho que é isto. Olha, por incrível que pareça isto jamais passou pela minha cabeça (risos), ser mãe. Então assim, é eu penso que tem algumas questões pessoais que são muito importantes para isto. Primeiro, na minha família, a minha vivência familiar com meu pai e minha mãe, foi uma vivência muito conturbada, embora eram pessoas assim que, na época em que viviam juntas, nunca houve assim... meus pais ele não brigavam na nossa frente, é, assim de ter um... principalmente quando a gente era criança, da gente se sentir constrangido, ou de algo que envolvesse algum tipo de violência, assim... mas havia, eu acho, um clima de assim...eu não sei, uma sensação de que...é...é...a gente era muito coadjuvante daquela história deles, sabe assim, uma ...uma sensação de que a gente era muito coadjuvante, eu até falo isto para minha mãe hoje que ela sempre um discurso, e isto não tem jeito, marca a gente né, de que diante de um casamento tão difícil que ela tinha, que ela estava com meu pai, diante de todas as questões que eles tinham, né, que ele tinha outras mulheres e tinha assim um comportamento muito distante em relação a ela, muito que o que sustentava era a nossa existência, então assim que estava com ele por nossa causa, e que...e sempre um discurso de um sacrifício, né, um discurso de um sacrifício, de que se sacrificou por nossa causa. E eu fui me desvencilhar disto depois de anos de terapia, que eu fazia faculdade. Mas mesmo assim por mais que eu tenha.. que hoje assim eu tenha plena convicção de que eu não tinha nada a ver com isto, não era por mim nem pelos irmãos que ela estava com meu pai, era por ela, pelos desejos dela, pelo amor que ela tinha por ele, mas aquele discurso que ela sustentava, aquilo eu acho que marcou muito a gente em relação a isto. Então assim, quando eu era

adolescente eu nunca pensei... em não pensava em casar, por exemplo, em ter filhos, estas coisas...eu pensava ter um trabalho, em ter uma casa minha, em viver uma vida...a minha vida, sem depender deles, uma vida muito independente, na época eu era extremamente feminista... feminista de bandeira, sabe, de bandeira mesmo, extremamente feminista, hoje eu tenho até outras concepções em relação a isto, então nada deste mundo me interessava, de casamento, filho, desta coisa de constituir uma família, dentro dos moldes né, é... é...de um padrão social...nem, longe de...nunca pensei. E também... mas carregava muito este peso de ...é...é... eu acho que na época eu nem tinha esta consciência do que eu to dizendo hoje, mas aquilo para mim era totalmente distante, não queria nem pensar nisto, nem pensava em construir uma parceria como a que eu tenho hoje. Eu pensava assim: não, eu vou viver a minha vida, vou me relacionar com as pessoas de acordo com o que eu achar interessante, mas nunca vou dividir uma casa com ninguém. Aí... é...é...então eu acho que uma...um ponto que envolve, mesmo hoje depois de... eu fiz terapia, cuidei muito disto, isto era uma questão assim, as relações familiares... ai eu acho hoje que talvez assim...talvez até se eu tivesse... é... é... tivesse uma outra historia, talvez eu teria tido outras opções, né, mas as minhas opções eram estas, a minha história familiar faz parte das minhas escolhas, né, então aí... eu... nunca quis, nem pensava, não passava pela minha cabeça. Aí depois, este percurso de terapia, eu fui amadurecendo, as coisas elas foram se organizando para mim, e ai eu fui me possibilitando construir algo nesta perspectiva afetiva, de uma parceria. Não pensava de forma alguma em ter filhos, não pensava. Nunca pensei. Em algum momento veio na sua cabeça assim, eu gostaria... não nunca veio na minha cabeça. Inclusive todas às vezes... não, não tiveram tantas assim, umas duas vezes que eu achei que eu pudesse estar grávida, que eu fiz o exame, fui sempre muito cuidadosa, assim, tomei anticoncepcional minha vida inteira, mas mesmo assim, nos momentos que me apareceu a dúvida, eu fiz o exame , (risos) eu fiz o exame certa de que se eu tivesse grávida eu não teria. Assim, todas às vezes né, nunca passou pela minha cabeça uma dúvida. Depois desta parceria que eu tenho hoje, que é Javé, meu marido, quando a gente começou a namorar, até isto, a coisa foi muito assim, começamos a sair, quando a gente viu a gente tava namorando, aí nos fomos construindo uma coisa... ele também nunca quis. Ele é uma pessoa que ele nunca quis ter filhos. E ele ainda me fala que talvez seja pela experiência dele, que ele... o pai dele faleceu no dia que ele nasceu, e ele foi cuidado por uma mãe e ele diz que não teve uma vivência, ele tem os tios na, que saiam com ele, faziam as coisas com ele, mas que então ele nunca foi seduzido por aquela vivência de dividir, né, porque ele não viveu isto. E também ele nunca quis, eu também nunca quis, então acabou ele muito mais reforçando. Agora... será... hoje eu penso assim como a gente chegou, a gente ta

assim, uma estabilidade mesmo, porque num primeiro momento quando você vai dividir uma casa com uma pessoa, nesta perspectiva de parceria de casamento, tem um momento que é muito de adaptação, né, as coisas elas não são fáceis, hoje eu acho que a gente está muito afinado. Se hoje, se ele fosse uma outra pessoa assim, e quisesse muito, eu acho que nós teríamos um problema. Nós teríamos um grande problema, porque realmente eu não quero mesmo, né. Nunca quis, nunca desejei... é...é...não é algo, que de forma nenhuma me interessa, nunca interessou, e nunca teve um momento que eu pensasse assim: nossa, e se...ou que eu assim quisesse ter, ou que fosse seduzida pela vida infantil, né, que eu tenho sobrinhos, minhas amigas tem filhos fofos que eu convivo, pelo contrário (risos) ...eu penso realmente é algo que não...e eu acho que tem muito a ver com esta coisa de uma liberdade, porque por mais que a gente não é livre, né, isto é uma ilusão, mas assim as escolhas, o leque de escolhas dentro do que é possível, é muito maior quando não temos filhos, assim, é a minha percepção né, de ir e vir, das coisas mínimas, de acordar na hora que eu quiser, né, de poder dormir uma noite inteira, de poder viajar, poder acordar um sábado de manhã, como eu faço às vezes, eu e Javé agente acorda e assim: ah, vão em tal lugar? Faz uma mala em 20 minutos e viaja. Quem tem filhos... eu penso e eu vejo, eu participo da vida de várias pessoas que tem...então assim, toda aquela fofura nunca me seduziu, e não, eu acho que te a ver com algo meu mesmo, desta construção, e de um certo egoísmo também né, de querer ter uma vida que seja só minha, que eu não preciso dividir, meu tempo, nem nada com ninguém. Ah, mais você tem uma parceria e você já divide. Mas é outro tipo, outro nível de... de... principalmente eu acho que quando a gente consegue afinar a madurecer o relacionamento, não tem uma dependência, não tem uma obrigatoriedade, lá em casa a gente não pensa assim: se eu vou você tem que ir também, ou se eu to fazendo isto você tem que fazer comigo, a gente é muito... a gente fica muito a vontade. Então eu acho que tem a ver com estas questões, e acho realmente que não foi... assim, na minha vida familiar, eu acho que o discurso de uma maternidade de sacrifícios, que ser mãe é se sacrificar, eu acho que isto me marcou muito. Mais do que qualquer outra coisa, assim... de ser mãe é algo de...um amor pleno, de...sei lá, que eu escuto várias pessoas falarem assim, de uma grandeza, de uma doação...não há nenhum amor que se compare, é algo que num tem assim... é a melhor coisa da vida, nunca vivi isto. Da minha mãe não. Não que ela não seja... mamãe é uma pessoa extremamente amorosa com a gente, sempre cuidou da gente direito, né, dentro lá das obrigações de uma mãe... é... é... ela sempre cuidou muito bem da gente, não tenho assim...a questão são aquelas pequenas coisas. Não que ela não tenha sido uma mãe legal com a gente, não é isto, e até hoje é, né, compartilha, divide muito as coisas com a gente, mas eu to dizendo de um discurso de o que é ser mãe. Era um discurso que não era possível de

me seduzir, porque era um discurso de um sacrifício, né, e de que... ocupou muito tempo da minha vida, assim, de que ela, os filhos ali eram ... é... é... que ela se sacrificava por nós a ponto de manter um relacionamento doloroso por nossa causa. O que depois ficou muito claro para mim que não tinha nada disto, né, ela se sacrificou por ela mesma, porque o amor era muito grande, amava demais, eu não dava conta de sair daquela relação, a ponto até disto, de uma... quando eu digo que nós éramos coadjuvantes, era assim, tudo muito em torno de papai, do meu pai. Então não era aquela... não foi uma coisa que, uma vivência que me seduziu não, de falar, oh como é legal ser mãe, olha... não, não. E aí depois mesmo que tudo isto tenha se esclarecido para mim, eu acho que muita coisa já tinha ficado par atrás, e eu já tinha construído uma possibilidade que a maternidade não fazia parte. E aí não fez mesmo, e nem... e até hoje assim eu tenho... em nenhum momento... se você me perguntar: em algum momento você assim... não passou por você... não, em nenhum segundo, em nenhum segundo da minha vida . Aí as pessoas falam assim, ah mas se um dia você resolver e já tiver passado da época? Eu acho que a gente também que lidar com estas coisas da gente, aí eu vou lidar com outras coisas, ah, e se daqui a dez anos você resolver? Eu acho que em qualquer momento da minha vida se eu resolver eu posso adotar uma criança, não tem nada que me impeça de fazer isto, então para mim é uma escolha que eu fiz como qualquer outra, eu terei que lidar com as consequências dela, né, como se eu tivesse também, né, com qualquer outra. Olha, inicialmente, familiar muito, porque as pessoas cobram muito, principalmente quando você casa. E minha família é muito reduzida, eu, meu irmão e minha irmã. Minha irmã tem uma filha só, ela até tentou engravidar várias vezes, mas ela tem um problema de saúde que impediu, então ela... a ponto de chegar... ah, não só tentou como engravidou várias vezes, né, e não conseguiu levar adiante, e aí por conta do problema, ela é diabética tipo 1 desde a adolescência, ela foi contraindicada mesmo de tentar, porque começou a virar um risco para ela, e ela só tem uma filha. Meu irmão só tem um filho, e que na verdade, ele... é, ele casou com uma moça que quando ele...ela tinha... o menino tinha dois anos quando ele casou com ela, e ele não tem nenhum contato com o pai, é... é... então assim... per aí, até eu me perdi.(risos) Aí ele adotou entendeu, assim é filho dele, ele chama... meu sobrinho chama ele de pai, chama a gente de tio, de tia, e assim, é da nossa família, é filho de meu irmão...mas ele assim biológico ele não teve nenhum. Então essa é a minha família né. Meu irmão só tem ele, minha irmã só tem... então era uma cobrança muito grande, que hoje ninguém faz mais, porque cansaram na verdade, né. E acabou acho que as pessoas já se acostumaram com a ideia de que esta é uma opção nossa, nós não queremos. É... e social da mesma forma, todo mundo cobrava muito, os amigos... mesmo porque a maior parte dos nossos amigos que casaram,

todos tem filhos, todos tem. Eu só tenho um amiga que casou e não tem, ela casou recente, mas inclusive eu estive com ela este final de semana e ela está programando, e tenho uma outra amiga que não tem, dos casados né, assim que se uniram com outra pessoa, uma outra que não tem porque na verdade ela engravidou e perdeu, está tentando de novo. Todo mundo, meus primos que casaram, só uma prima que casou, ela até mora em Londres, ela até hoje não teve também, mas ela quer ter ainda, mas e muita cobrança, existe muita cobrança, as pessoas elas... inclusive elas querem saber por que, elas não entendem que seja uma escolha. A ponto até de especular assim: será que eu não tenho um problema de saúde, e não posso, ai uso esta história de não querer, sabe, tem uma especulação assim, será que não quer mesmo? Porque eu tenho na minha família uma outra pessoa que na... uma prima que casou e não teve, por questões de saúde. Então, mas agora já tem um tempinho que acalmou, acho que porque viram que... também né, vou fazer 43 anos este ano, viram que... né, agora ficou complicado, vão ter que cobrar de outras pessoas, não de mim..(risos) mas acho que muito esta coisa de inicialmente uma cobrança, muito chato, as pessoas cobram, as pessoas querem saber, elas não aceitam, elas querem te convencer, que eu acho o pior, aquilo de querer te convencer, de conversar com você e querer te convencer mesmo. Ai fica aquela coisa meio chata assim, mas acho que hoje isto é mais tranquilo assim, não tem... isto aparece menos. Como assim? Olha, eu penso assim, que eu sou esta pessoa que me dei assim, né, o direito de fazer as minhas escolhas, independente das convenções e de toda uma ordenação social eu me dei este direito, né, eu acho que sou uma pessoa... isto eu posso escolher, tem um monte de outras coisas que não, mas isto eu posso, né. E eu posso bancar, e eu tenho clareza de que eu... é... é... assim, que as pessoas me falam muito de um futuro, né, e depois, como é que vai ser. Eu penso que vai ser o que for possível de ser, né, eu acho que eu sou... é... é... esta pessoa que né, que pode escolher e bancar isto assim, de que eu não quero, não quis, e se em algum momento eu resolver querer também eu vou poder bancar também. Ai eu vou... como vai ser isto, ai também seria uma outra...né, mas que eu acho praticamente impossível porque realmente não há ... eu não... é... não tem nada determinado, eu acho que o tempo todo a gente tá em processo de transformação, então você vai me perguntar assim: você nunca? Não sei... eu não sei...mas eu acho que é isto, eu acho que isto faz... quem eu sou, esta pessoa que... e eu quero viver este meu direito de fazer a escolha que eu quiser, de vida para mim, porque tem coisas que a gente já não... dentro de uma lógica de um capital, de uma ordenação social do trabalho, as escolhas elas são muito limitadas, ne, é... dentro de um monte de outras coisas, assim, de uma organização social, da vida cotidiana. Agora, esta eu posso fazer e posso bancar. Acho que é isto. Então... é uma construção social, de uma concepção de vida, que eu acho que

historicamente passou ai por várias, teve várias definições, né, a saúde ela já passou ... já tivemos várias definições do que seria né, numa história dos homens, né, desde que o mundo... que a gente tem é...é...aí registro, né, desta construção humana, eu acho que é uma construção, né, é...é...de uma produção ai, e para mim assim hoje, o que que eu entendo, que é uma... inclusive nós temos um novo conceito, mas eu vou passar muito assim...que eu entendi que é para eu dizer da minha perspectiva, né, eu acho que é uma...é você estar em condições físicas, psíquicas e sociais de construir uma possibilidade de vida, né, e de seguir com ela. Eu acho que é isto assim. Saúde é você estar em condições possíveis ai de... fisicamente, né, psicologicamente e social de seguir com a vida, né, de fazer suas escolhas, de tomar suas decisões, é... é... de acessar possibilidades para você seguir com a vida... eu acho que é isto. Olha, interessante é que dentro da minha concepção, né, ate mesmo eu acho que por eu ser professora de disciplinas de saúde, e por ter total clareza de que toda esta lógica e que todos estes conceitos respondem a uma ordem de poder, né, os diagnósticos, as doenças né, criam doenças para responder a uma lógica que é... que é de produção, né, para sustentar o poder que é de um capital específico, então por eu ter... eu tenho muita clareza disto. Então estas coisas não me pegam, assim... é... esta coisa do discurso médico, esta coisa do diagnóstico, do remédio, nada disto me pega. Então é... eu tenho opções, assim, por exemplo, hoje então eu me sinto assim, plenamente saudável, depois que de um tempo para cá eu fiz opções de vida, até mesmo assim o cuidado para a gente também não reproduzir o discurso de que ser saudável é fazer mil atividades físicas, frequentar academia, de alimentação não sei o que, não. Estou dizendo saudável no sentido de buscar é... é... fazer coisas que eu gosto, até mesmo de atividades físicas que eu preciso, porque eu fico estressada se eu não fizer, buscar ta bem com o meu corpo, eu não frequento... raramente eu frequento médicos, é muito mais aquela coisa para ter que cumprir aquelas coisas... sou muito seduzia pelas coisas não convencionais, né, e alternativas, por exemplo, os chás, as argilas, os óleos de raiz não sei de que, né, eu uso muito mais estas coisas, por exemplo, eu tem uma crise se sinusite eu não vou na farmácia, eu uso um... um óleo extraído de um árvore, que foi muito usado aqui antigamente, entendeu, óleo de paud'óleo. Cupabaíba, eu acho que é o nome científico da planta. Então eu procuro assim, por isso mesmo assim, que eu acho que a minha concepção do que que é, ela se... até por saber o que que foi construído e quais são as estratégias, né, eu falo sempre da Bayer. A Bayer que é uma multinacional, uma das mais fortes, né, de produção de é... é... medicamento, a Bayer é uma das maiores produtoras de agrotóxicos do mundo. Então ela te envenena, e depois ela te... ela te envenena duas vezes, na verdade, porque o remédio também (risos) é, ele te acode dali e te arreventa, porque é uma droga, é extremamente

agressivo... Então olha que coisa mais perversa, então eu procuro muito sair desta lógica. Eu... esta vivência de saúde para mim é muito eu acho que isto assim, é poder me aproximar das coisas que eu gosto, que e da natureza, fazer minhas atividades físicas que eu gosto, é... procuro assim ficar bem, sabe, ficar bem... mas sem esta coisa também de... que criaram ao mesmo tempo, linhas alternativas para sustentar um outro mercado, que são os vegetarianos, os vegãs, não sei o que, os naturebas, que ai você...ai tem um mercado tipo mundo verde, para sustentar uma... que ai você sai de um buraco e cai no outro. Exatamente, é a mesma coisa, para sustentar uma lógica... você pode ser natureba, mas você tem que usar estes produtos que tem neste mercado, né. Que inclusive é extremamente caro. Então eu vejo, eu penso que viver a saúde, esta vivência de estar bem, é uma vivência de estar bem, estar saudável, e eu acho que muito... só é possível para mim se eu puder me posicionar criticamente diante das coisas que são ofertadas, e fazer as minhas escolhas, eu acho que é isto. E doença é tudo muito relativo também, né, eu acho que a doença... é... é... não há uma doença que é só do corpo, né, você... meu corpo mesmo, ele... o tempo todo ele expressa o que tá acontecendo comigo, momentos muito difíceis, de estresse, meu corpo grita. Eu adoço, assim, fisicamente sempre aparece alguma coisa, mas eu tenho clareza também de que isto não é do corpo, né, isto é meu com tudo que é meu. Então um comprimidinho provavelmente não vai resolver nada, né. Então são... ai vai ter a ver com... o tratamento vai também envolver como que eu vou me posicionar na minha vida diante daquilo que tá me fazendo sofrer, que tá me fazendo adoecer, esta para mim é a minha concepção. Até hoje neste momento eu sou... eu já tive plano de saúde quando eu trabalhei no hospital e dentro do programa do vínculo, o hospital oferecia o plano. Depois disto que eu saí, desde 2009, eu sou usuária do Sistema Único de Saúde. É... eu procuro o... agora mesmo recente eu procurei Unidade Básica de Saúde de abrangência do território que eu faço parte, para fazer exames...eu procuro... eu vou no médico pouco, realmente, né, aí eu procurei recentemente para fazer uns exames de sangue, né, para ver como estava, muito assim de prevenção mesmo. E procurei também para fazer uma mamografia, e ai foi uma coisa muito interessante porque é... quando eu cheguei lá, apresentei minha carteirinha do SUS e tal, eles não sabiam... eu cheguei e os atendentes que estavam lá no momento, e tinha uma enfermeira, eles não sabiam se poderiam ou não marcar, se na minha idade contemplava ou não, se a proposta contemplava ou não a minha idade, se eu seria atendida ou não, aí eles não marcaram, eu fiquei de voltar e entrei de férias e não voltei. Mas... como eu nunca tive nada assim importante, né, nunca tive uma doença importante, eu... é mais para os serviços básicos mesmo assim que eu procurei, né. Eu já tive dengue algumas vezes, então eu procurei, algumas vezes não, quatro vezes, né... (risos) aí eu procurei o

serviço. Quando eu rompi os ligamentos do pé, numa atividade física ano passado, não... foi em 2013, aí eu procurei o serviço de saúde eu fui atendida nestes... olha, quando eu tive problema no pé, foi muito assim... achei que fui muito bem atendida. Com o viés de que eu fui para o hospital que eu trabalhei dez anos, então eu conheço todas as pessoas que trabalham, pelo menos a maior parte delas. Então eu cheguei, eu já encontrei na portaria um enfermeiro que trabalhou comigo, no mesmo setor que eu, eu fui atendida por um médico que inclusive foi meu colega de escola, deste atendimento eu realmente não tenho a reclamar, porque eu fui muito bem atendida, não sei se pelo... realmente é um viés, né, porque as pessoas que estavam lá foram meus colegas de trabalho. E, agora na Unidade de saúde, na unidade básica de saúde eu já não posso dizer o mesmo, inclusive tem... ah, não, eu tive um problema muito sério, eu até fiz uma denúncia, no centro de especialidades, na média complexidade, onde foi agendado para mim um reumatologista, eu fui encaminhada para um reumatologista, primeiro eu fui atendida por uma médica generalista, fui muito bem atendida, ela me encaminhou para o médico especialista, e ele marcou três vezes, eu estive três vezes no serviço, no horário agendado, fiquei esperando por volta de duas horas, até que eles descobriram que ele não ia. E eu não fui atendida. Aí eu tive que buscar um... aí eu fiz uma denúncia, porque ele não estava lá, constava era o dia dele de trabalho, e ele não estava lá, aí como era algo assim mais importante, aí eu tive que procurar um serviço privado. E na atenção básica, na unidade básica de saúde que é de referencia lá do meu bairro, eu vejo que as pessoas são muito mal informadas, eu percebo assim que é um serviço... porque também como eu tenho muita clareza do que que compete a eles, eu acho que nós não somos bem atendidos. Eu acho que eles não... é... é... eles são muito perdidos, é... esta questão mesmo da mamografia, o dia que eu fui, eu me senti super mal atendida. Porque eu acho que além da... inclusive eu acho que eles teriam outras coisas para me oferecer, né, e aí... é...é...eu achei todos assim...ai pediram para eu voltar, e no dia que eu voltei ai não tinha ninguém nem para me responder... ai eu entrei de férias e não voltei ainda para saber o que que deu. Nossa... é... as políticas públicas eu acho assim extremamente relevantes, é um passo assim... eu acho que nós historicamente, eu acho que nós nunca tivemos no Brasil uma política pública realmente né, então a política pública é essa responsabilização, esta responsabilidade na verdade do Estado com a... esta responsabilidade do Estado articulado com a população e os outros setores, né, privados e o terceiro setor, para o cuidado envolvendo a saúde, tanto no que diz respeito às práticas de promoção, prevenção e práticas curativas. Sendo o... o... o Estado... embora deva acontecer, quando eu falo de uma responsabilidade, então a saúde pública... o Estado, ele toma para ele ai este... esta gestão, mas a operacionalização, ela deve acontecer

articulada com a participação popular e de todos os setores sociais, né...então... e é algo que é... é... está em constante transformação, porque parte né, deve partir, da responsabilidade social, cultural, histórica e das demandas que são produzidas a partir disto. Então é algo que tá ai em movimento, né... Então, olha, é aquela coisa de professor de... primeiro que eu tenho uma posição de defesa muito grande da política de saúde e uma... a política pública, como eu acabei de dizer, e tá lá, né, estabelecida, organizada e sistematizada em um documento, nas portarias, ela tem uma gestão, então ela tem o Ministério da Saúde, a Secretaria da Saúde, e ela... a descentralização, né, que é uma das... dos princípios organizativos, isto fica muito claro porque não é de responsabilidade de um único setor ou uma única pessoa, ou um único servidor público, né. A política pública ela é de responsabilidade de todos aqueles que estão envolvidos com a sua gestão e a sua operacionalização, inclusive os trabalhadores, as pessoas que trabalham ali, o psicólogo, o médico, o assistente social, o educador físico, o atendente, né, todas aquelas pessoas. Então eu percebo que, dentro do processo de formação destas pessoas que vão estar operacionalizando este serviço, não há uma... é... não é ali produzido uma identidade susista. Esta identidade susista é exatamente você se apropriar deste valor como valor para você, então quem é este servidor público, este trabalhador, que seja ele o gestor ou aquele que operacionaliza, né, o atendente ali, o médico ou o psicólogo, que ele trabalha, mas ele não se apropriou daquilo ali como um valor, ele desqualifica a política, ele apresenta um discurso de sucateamento da política, e ele inclusive não usufrui, porque ele tem um plano de saúde né. Então, a minha preocupação é que, isto, este sucateamento da política pública de saúde, ela é uma resposta de um movimento... de um movimento de toda uma lógica do capital. Que o maior problema que eu vejo hoje é que o sistema... as bases epistemológicas que constituem a política pública de saúde, são bases marxistas, né, e como que estas bases...como que uma política sustentada nestas bases, ela vai conseguir é...é... se manter em um sistema onde toda a lógica é do capital, e ela... toda a mobilização é para esta lógica se sobrepor a qualquer outra. Então... O médico que ele tá ali no Sistema Único de Saúde, na maior parte das vezes, aquilo ali é o que menos interessa para ele, é o que ele menos valoriza... aquele trabalho... inclusive ele tá ali e falando super mal dali, do lugar, né, do próprio serviço que ele faz. E não é um movimento pra... um movimento pra... o que me preocupa quando você me pergunta o que que eu espero, eu não consigo pensar um... eu acho que a política pública inclusive, ela é uma via de minimizar as desigualdades, e oportunizar o acesso a todas as pessoas, então eu acho que ela tem que se manter muito forte, mas me preocupa o movimento de sucateamento destas políticas... um movimento que acontece inclusive com os próprios trabalhadores. Então eu temo muito, eu acho que é necessário que

aja uma reforma inclusive curricular, onde isto ele esteja presente. Esteja presente de uma forma que mobilize estas pessoas a se apropriar disto como um valor, do público como um valor, e não como... é... isto que fica... é... não, é só meu primeiro emprego, né, eu tô aqui mas é só porque com este dinheiro aqui eu consigo fazer isto, mas o importante para mim é tal lugar, é o que eu faço, é para eu conseguir investir em outra coisa, mas que isto seja, quando eu falo de uma identidade susista, é de que... é de se apropriar disto como um valor, né, e como valor, aquilo que está ali como um princípio. Igual os princípios doutrinários do Sistema Único de Saúde. Eu fico pensando: quando eu pergunto para um trabalhador do Sistema Único de Saúde quais são os princípios doutrinários e organizativos e ele não consegue me responder, uai, tem alguma coisa errada, porque os princípios doutrinários é aquilo que te orienta para o seu trabalho... então como assim, você não sabe? Né, pensa comigo. Então se eu não me aproprio disto como um valor, se eu não sei o que isto está dizendo... está ali, aquilo é que orienta... eu não tô dizendo de uma coisa instituída, acrítica, não. Mesmo porque um problema nosso em relação ao Sistema Único de Saúde hoje, é que nós fizemos todo um movimento super legal, de reforma sanitária, para chegar onde nós estamos, e aí não continuamos, ficou estagnado, tá aí um instituído, que é... que está extremamente frágil, e não há um movimento... este movimento, né, instituinte, de transformação... que inclusive este é um ponto que diferencia de outros países com uma política pública forte, que é d população entender que aquilo ali é dela também, e o temo todo ela tem que ser participante, Ela tem que mobilizar para garantir que aquilo aconteça, porque é dela. O público é dela, né, aquilo ali é dela, ela faz parte daquilo, ela faz parte das decisões, ela faz parte daquela transformação. Então quando você me pergunta o que que eu espero, de expectativa, eu espero que... um fortalecimento da política pública em saúde, espero mesmo, espero e acho que isto é possível, também se acontecer uma reforma curricular dentro dos... dentro das... dos cursos de formação de saúde, porque é uma política que todo mundo vê passando e ninguém se envolve com ela, né, de se apropriar ali enquanto valor, do que que e, e o que que você tem a ver com isto, né, e eu penso também a necessidade de... porque existe uma estratégia de sucateamento, onde as pessoas elas já crescem, as crianças, assim: eu quer ganhar dinheiro para pagar um plano de saúde, não como deveria: eu quero ser crítico e participante, para garantir que eu tenha uma política pública de qualidade. Olha que diferença, né, então eu acho que isto tem a ver com educação. O que que tem ali nas escolas, nos espaços sociais que estas pessoas frequentam, na própria mídia, né, o que que aparece, o que que é ofertado. Então eu acho que é de extrema relevância a política pública, eu acredito nela, eu defendo, né, meus alunos brincam comigo, falam que eu tenho uma tatuagem “eu amo o

SUS”... e eu defendo porque eu sei que este problema que está aí não é um problema da política pública, é um problema que envolve gestão, envolve os trabalhadores, e envolve também uma participação né, até daqueles que formam, dos formadores... porque o professor ele vai para sala de aula para dar política pública, ele não se envolve com ela, aquilo não faz parte da vida dele, ele não tem aquilo como um valor, apresenta como algo que não é possível... é, não é possível... nada é possível... não é possível. Está lá e é possível, desde que tenha todo... então eu tenho assim... eu sou muito otimista, né, assim...eu acho que é possível, acho que nós já trilhamos um caminho assim muito árduo para a gente chegar até...de conseguir ter uma política né. É... é... muito bem organizada, assim no sentido de como ela foi planejada, pensada, construída, e passamos um momento difícil de uma... por exemplo, atenção básica, né, a atenção básica a gestão é municipal, então você fica a mercê do município. Então se há uma gestão municipal que não dá o devido valor a atenção básica, a probabilidade da alta complexidade ficar extremamente inchada é muito grande. E aí negócio degradinga todo. Então eu entendo que é preciso, é necessário este movimento, né, aí a gente já tem alguns... é... é... por exemplo, algumas reformas curriculares, a gente já tem... e também eu acho que tem a ver com... quem que faz o sistema? Somos nós, né, que estamos envolvidos com ele de alguma forma. Eu... como eu disse da minha ida a unidade básica de saúde, existem vários programas, só que eles não são ofertados, né. Eles estão lá no papel, você abre os programas, as portarias, você abre... quando você lê sobre... eles estão lá... mas lá, eles não estão aqui, não são devidamente ofertados, na prática, na maior parte das vezes, eles não acontecem. Né, eles não acontecem. Então você tem uma cidade do porte de Montes Claros, com todos os serviços que a cidade tem, eu tenho 42 anos, e a unidade básica de saúde que me atende, eu chego lá e eles são incapazes de me oferecer qualquer coisa. E aí pra... eu sei que muito programas existem porque eu dou aula de saúde, mas e pra quem não sabe, o que que fica? Que eles não existem. Para mulheres aqui? Aqui, não, não vejo, em Montes Claros não. É por isso que eu tô dizendo, este dia, por exemplo, mesmo que ali naquele momento eles não tivessem nada para me oferecer, porque a lógica não é essa, da atenção básica, né, eu vou perguntar de um exame e volto para casa? Eu tô dizendo assim... sem que o... o... sem atendimento e sem que eles me ofereçam esse serviço para a mulher. Sem que nada seja oferecido para mim. Sim, sim... tem o...mas aí fica dependendo muito a gestão, né, do momento, por exemplo nós temos a saúde... os serviços especializados para a saúde da mulher, onde... é... é... deveria ser ofertado...eu não posso te dizer com certeza se foi, se vingou, né, assim, mas Janaúba chegou a ter uma...uma unidade de saúde da mulher, com programas pra...com o objetivo de executar esses programas, né, que é o programa de

prevenção, os programas...os grupos, os programas relacionados inclusive a acompanhamento da... é... é... para a saúde... é... é... materno infantil, até dentro disso, né, dentro desses programas eles tinham lá uma previsão para que todas as... todos os serviços vinculados a saúde da mulher passasse... então assim, você tem a porta de entrada, que é a unidade básica, e aí você seria encaminhado para este serviço e de lá, né...mas eu não sei o que é que deu isso, porque com esta questão de mudança de gestão... é... é... e eu tenho conhecimento até porque na época o serviço de saúde de uma outra cidade ganhou um prêmio de redução de morte infantil por desnutrição, aí eu fui participar de um evento, e aí foi apresentado para mim esse...eles apresentaram esse trabalho, mas eu não sei o que é que deu. Então assim esses programas de prevenção, super fraco aqui na cidade. É um programa importantíssimo de todos os tipos de... pensando numa prevenção, né... ah, outro problema, quando fala em prevenção, é isto, quando você pergunta de, o que que a gente vai encontrar, prevenção de colo de útero. Então você chega lá, você não tem... existem outras doenças, existe a própria... o... o... ofertar por exemplo grupos, a pessoa pode participar de grupos, né... é... é... a saúde da mulher ela não se reduz ao útero, que é o problema da saúde, de quem oferta trabalhos para a saúde das mulheres né, então se meu útero tá bom, meus ovários estão funcionando, eu não tenho nenhuma doença sexualmente transmissível, então tá tudo... nada na mama, então é isso né. Tem outras... por isso que eu tô dizendo o dia que eu fui, por exemplo da mamografia, nem acho que eu ... eu faço aquele autoexame e tal, tinha pouco tempo que eu tinha ido ao ginecologista, mas aquela coisa... tem que fazer com a idade...só que aí eu volto sem nada mais né, nem um serviço que possam me encaminhar, que e de referência pros programas de saúde da mulher, nada. Volto para casa. Para mulheres sem filhos, não, inclusive que eu saiba, dentro do que tá sistematizado dentro da política, até onde eu sei, é... exatamente, mesmo que apareça... você ... por exemplo, a mamografia mesmo que eu não tenho filho eu tenho acesso, colo de útero, mas inclusive até o atendimento que é da unidade de saúde de referência da minha casa, como eu não vou lá para vacinar menino, não fui acompanhada para... não tive nenhum acompanhamento de gestação, então... é... é... é como se eu fosse menos importante. Você tá entendendo? Porque ali os serviços que são ofertados para mulheres tem... são muito vinculados a maternidade... né, então eu acho que não há nada. E outra coisa que me preocupa quando você fala das políticas públicas, que é do meu interesse inclusive, porque historicamente, na nossa cultura, os pais são cuidados pelos filhos, os pais adoecem, ficam velhos né, a gente pode tirar pela nossa vivência, e aí então nós cuidamos dos nossos pais, né? Hoje com essa demanda de que todos saiam para o trabalho, existe uma demanda muito maior para as instituições asilares, porque antigamente também as pessoas adoeciam e morriam,

hoje elas não morrem, né, porque os recursos tecnológicos garantem ai um tempo maior de vida, com doença, e ai os filhos não podem cuidar, porque eles tem que sair para trabalhar, dentro da nossa realidade né, da maior parte dos brasileiros, para pagar um cuidador é inviável, e ai existe uma demanda... aquela demanda asilar que era para as pessoas que não tinham vínculo, ou um caso ou outro de abandono, hoje uma boa parte das demandas aqui é por conta do... do... de um adoecimento e ai, e não existe uma estratégia que garanta que esse idoso possa continuar na sua própria casa. E nós que não temos filhos? O que terá, né, o que terá para nós? Porque, quer dizer, eu não vou ter ninguém para cuidar de mim. (risos) Isto é uma questão para mim em relação à política pública, assim, per aí, se não vai ter ninguém para cuidar de mim, porque, ainda mais numa família tão reduzida com a minha, não é uma família de muitos sobrinhos, igual a da minha mãe, são doze irmãos, eu tenho uma tia sem filhos, a não ser ela que não tem filhos, todos tem filhos, então hoje ela tem uma despesa altíssima, porque ela tem cuidador o tempo todo, mas todos ajudam, o salário dela não dá para nada. Então todos os irmãos ajudam, todos os sobrinhos ajudam. Então imagina, são onze irmãos ajudando, mais as famílias tem de dois a quatro filhos, né, entre dois ou quatro, só tem uma tia que tem um, mas a maior parte ou tem dois, ou tem três ou tem quatro. Então todo mundo ajudando, no final fica muito leve, né, não pesa para ninguém. Mas numa família como a minha, por exemplo... pesaria, e ai, o que vai ser, o que que seria, eu acho que tem isto que é uma questão para mim, então quando você me pergunta de política pública, eu acho que é uma questão que eu fico pensando, o que nós teremos? Porque é isto, para nós, não só as mulheres, como os homens também, né, nós que não temos filhos, o que que será ofertado como cuidado, a não ser um asilo? E nem uma clínica chique, no interior de São Paulo, privada... que né, eu tô dizendo de política pública. É... eu tô pensando aqui. Eu defino como esta questão de uma... de... é... poder, é... embora ainda numa sociedade extremamente tradicional em relação a algumas questões, de que esta... a maternidade ela não é... a maternidade é uma escolha, né, nós, diferentemente de outros animais é... é... não temos esse ... isto não perpassa por uma questão a natureza humana. Que seria da natureza ai é que a barriga vai crescer, ele vai ser alimentado lá dentro, o corpo vai trabalhar num determinado momento para ele sair, não é isto? Mas o que nós construímos em relação a isto, é de uma construção social e cultural, né. Então nós construímos... e... é... é... então, eu penso que neste contexto eu sou uma mulher que prezo muito para ter uma vida... é... é... onde eu possa, né, como eu disse, fazer minhas escolhas, responsabilizar por elas, e entendo que esse caminho, eu que construo né, não há nada que seja da natureza humana, é algo que é da minha construção, e eu vejo que embora a única questão que eu acho mais complicada, ainda hoje,

é... o... o... todo mundo tem esta expectativa, né, principalmente para quem casa. Porque mesmo que a sua opção de casar seja sua, né, eu não quero casar, para a maior parte das pessoas é: no, coitada né, a pessoa não conseguiu casar. Não, ninguém quer saber se você optou por não casar, as pessoas acham ainda que você não conseguiu, né? (risos) Não, você lindamente escolheu, não, não quero, não quero este tipo de parceria não, né, não quero ninguém na minha casa, dividindo comigo. Só que se você faz isto, ai então aceitar que você fez, e ainda não quer filhos? Porque você poderia do mesmo jeito do discurso né: ah, ela não conseguiu casar, ah, ela não conseguiu ter filhos. Não, é você dizer não, eu não quero casar, ou então, não, eu não quero ter filhos. E ai, ainda, ai fica e... é... é... eu acho que muito ainda tudo muito organizado, uma sociedade muito organizada para isto, para casamento com filhos. Então quando você opta por não ter, então sempre há uma... uma... algo que... até legalmente a legislação. Por exemplo, se eu tivesse... eu tive que fazer um termo de união estável porque eu não tenho filhos. Então legalmente, algumas coisas que a gente... né, você constrói junto com a pessoa algumas coisas. Por eu não ter filhos... então se eu tivesse filho, o filho já garantia legalmente um monte de coisas. Por eu não ter... então porque é uma sociedade construída nessa perspectiva, né. Então eu acho que... e essa coisa de você optar por não ter, essa escolha... eu fico pensando se... se amanhã ou depois é... eu vejo assim, eu acho que talvez até na... na velhice, como que é isto assim. Porque eu vejo que também ninguém... não há ... ainda não estamos construindo é... formas de vida pro idoso, se não dependente de alguém. Inclusive o próprio idoso ele incorpora muito isto, de que ele depende de alguém, ele precisa de cuidado, né, e ai eu acho que eu to construindo um caminho para eu poder ter... ficar... ser independente. Eu quero quando eu tiver mais velha, poder... por exemplo, eu não tenho que ter alguém para me levar em algum lugar não, né, eu posso ir para algum lugar se eu quiser, e se eu quiser ficar, né, até escolhas como o que eu quero... que tipo de doença que se eu tiver se eu quero tratar ou não tratar, como que eu quero tratar, eu acho que esses... E é muito novo isto na nossa sociedade, assim, as mulheres que não quiseram ter filhos, isto é muito novo, pela escolha é muito novo, né, inclusive minhas amigas... de todas as minhas amigas que não casaram, elas não tiveram filhos não por escolha. Algumas não tiveram... tem aquelas que encararam ter sem casar, aquelas que assim, querem muito mas não encaram, ainda tão muito presas, né, a muitas convenções, então assim, querem muito assim... às vezes até da minha idade, acho que estão desesperadas porque tá chegando a menopausa e ainda não conseguiram arrumar um marido para ter o filho tão desejado, e ai, como é que vai ser isto? Então assim, ai se elas não tiverem, elas vão ficar com aquela história: não tive porque não encontrei alguém para ter, e não: não tive porque eu não quis ter. Eu não quis, e não quero, né,

assim, e vou ter que bancar isto... e muito é... é... eu tenho muita firmeza, isto não é algo assim...eu não sofro por isto não, assim falar ah, né... banco muito tranquilamente, muito tranquilamente... e publicamente... inclusive o direito que as mulheres tem de...quando eu falo das bandeiras, a casa dia que passa eu me envolvo mais com... e sinto assim o desejo de me envolver com algumas bandeiras... uma delas é este direito da mulher sobre o próprio corpo, né, inclusive de poder fazer um aborto se quiser, de ter filho, de não ter filho, tem o direito de fazer o que quiser, de ter as escolhas das parcerias, né, se quer ficar com homem, se quer ficar com mulher, se quer ficar com homem e com mulher, da forma que quiser. Eu acho... e isto... então eu ... isto não é algo que eu guardo, é algo que eu publiciso mesmo, e digo disto e acho que é por aí, assim. Eu tenho uma pergunta, posso fazer uma pergunta? É que quando você me perguntou das políticas públicas, aí eu fiquei curiosa, né, porque é algo que me interessa, e eu realmente não tenho, de tudo que eu venho estudando, dos programas de saúde da mulher, porque tem a saúde da mulher, a saúde do idoso, não é isto? Por exemplo, a saúde do idoso eu acho que é algo que tá lá, tem algumas coisas que são ofertadas, mas as estratégias poderiam até ali tá dentro de algumas outras estratégias que garantissem, porque da forma como foi ofertado não garante. A mulher idosa, né, eu fico pensando a mulher idosa, sem filhos... tem algo que eu desconheça? É porque eu fiquei curiosa assim, né, que eu gostaria de buscar se tivesse. Porque por exemplo, no grupo dos idosos, que eu acompanho os grupos na atenção básica, tem muita aquela questão assim... eles fazem a busca ativa, e o idoso az vezes apresenta aquela questão de que ele não pode ir, porque não tem quem leva. Às vezes ele tá debilitado, e é o horário que o filho trabalha, né, inclusive até os próprios horários, é uma questão tragédia. As unidades básicas... não tem nada no mundo, de legislação, nem dentro da organização do sistema único de saúde que diz que unidade básica de saúde tem que funcionar de oito às seis da tarde, não existe isso não, pelo contrário, todo recurso teórico vai dizer que ele vai funcionar para atender a demanda do território. Se as pessoas trabalham naquele lugar ali, então ele tem que funcionar... então quer dizer que para eu ir no médico eu tenho que matar o trabalho? Então a ginecologista trabalha só na hora, de oito as onze e de duas as seis... então quer dizer que eu tenho que matar o trabalho para eu ir no médico, né, ou qualquer coisa que seja, mesma coisa o idoso, se ele é dependente da família, se ele tem uma dependência ali de... né, pra ele... de mobilidade, e tal, então tudo que é ofertado é no horário que os filhos trabalham, ele não participa de nada, porque não tem quem leva. E quem não tem filhos? Não tem quem leva... o que que, né, assim... e aí? E a população tá só envelhecendo, e as pessoas estão reduzindo o número de filhos, e até podendo fazer isto, né, a gente não quer ter filhos... e aí? Por isto que eu te perguntei, porque eu também não conheço. Tenho até investigado a

questão do idoso, porque esta... até isto, por exemplo, a família trabalha, o idoso adocece, ai tem que levar para uma instituição de longa permanência? Será que não tem nada ali, naquela estratégia de saúde da família que atende aquele lugar que possa ofertar algum tipo de cuidado? Porque realmente bancar o cuidador é complicado, eu sei por experiência na minha família, né, que é muito caro. Então eu fico pensando assim... se são... ai eu estava pensando estes dias assim... imagina a mulher, idosa, e se for pobre, negra e louca, aí... porque a... o negócio, imagina... porque o recurso se você tem uma aposentadoria legal você vai para uma.. sei lá, você paga um cuidador, um motorista, você vai para uma instituição privada, né, e como é que fica? É esta questão.

Colaboradora 3: 60 anos, solteira, Ensino superior.

Eu venho de uma cidade pequena.... eu sou... eu venho de uma família de cinco irmãs, éramos em dez, morreram cinco, eu sou a caçula desta família, e sempre fui assim muito expansiva, uma pessoa assim muito alegre, uma pessoa muito... que faz amizade com facilidade. Comecei a estudar tarde, eu fiz o ensino... é... que na época era o colegial, né, fiz o colegial e parei por ai. Depois quando eu mudei para S.P. que eu fui resolver escrever... é... escrever não, resolver estudar, fazer uma faculdade, fiz a de Letras até o segundo... resolvi fazer faculdade. Eu sou uma pessoa assim... é... eu não diria complicada, eu sou uma pessoa... não sou sistemática, mas eu gosto das coisas no lugar, eu moro sozinha... agora atualmente não, porque eu to morando com minha sobrinha. Então assim, depois que minha mãe faleceu, eu morava com minha mãe, deixei de fazer muita coisa para cuidar dela, né. Trabalhei na Universidade, no curso emergencial, depois eu parei, larguei, porque ela tava sempre internada e eu tinha que dar assistência. Ai depois que ela faleceu, e eu vivi assim, como diz o outro, abre aquele buraco na vida da gente, né, aí eu fiquei sozinha... tem a minha irmã que mora no exterior veio, ficou comigo três meses, a que mora aqui também, mas sempre aquele vazio, aquela coisa assim... faltava alguma coisa na minha vida e era a presença dela, lógico, eu era muito ligada a ela. Mas assim eu graças a Deus eu consegui conduzi minha vida, sabe, numa forma assim que a saudade vinha, mas era uma saudade gostosa, não mais aquela saudade doída, aquela coisa assim. Aí eu fui conduzindo minha vida, ai fiz concurso pra... eu trabalhei no Estado... fiquei três anos sem trabalhar por causa da bendita da Lei 100, eu fui atingida por esta lei, prejudicada por ela, eu fiquei três anos sem trabalhar, ai surgiu o concurso da Prefeitura, ai eu fiz o concurso e passei e fiquei...me tornei efetiva da Prefeitura. Aí trabalho lá, e resolvi fazer o mestrado... apesar da idade, mas acho que nada impede da

gente, né...então eu tenho assim... sempre tive, sempre gostei de sala de aula, sempre gostei de ser professora... a gente sabe das dificuldades que a gente passa, o ensino como é que está, mas é uma coisa assim que parece que tá na gente, né, então eu me identifico muito com sala de aula. E meu sonho era fazer o mestrado. Então graças a Deus passei, tô fazendo o mestrado, e pretendo seguir adiante nos meus estudos. Porque não é porque eu fiz sessenta anos agora que eu vou enfiar debaixo do cobertor e ficar. Eu quero viver mais... eu sou uma pessoa assim... eu me acho tranquila sabe, passei por momentos difíceis, passei por... quando eu morava em S.P., eu passei momentos assim... logo que a minha irmã foi embora... eu sempre fui muito paparicada lá em casa, por meu pai, por minha mãe, por essa minha irmã que mora em outro país. Então quando ela foi embora eu me senti muito só, não tinha família nenhuma lá, então assim... mas acho que consegui assim aos trancos e barrancos, fazendo terapia também, sabe, o que me ajudou muito foi a terapia, na época que eu morava em S.P., me ajudou demais fazendo terapia. Aqui também depois que minha mãe faleceu eu comecei a fazer também aqui... então assim... e tomo remédios, né...antidepressivos...um eu já tirei por minha conta, falei ah eu não vou passar a vida inteira tomando remédio para dormir. Mas eu me sinto uma pessoa bem tranquila... sabe assim, tenho amigos, gosto de estar com os amigos, gosto...pra mim amizade é uma coisa muito gratificante tem que ser ... é uma coisa muito assim, quando eu sou amiga eu sou amiga mesmo, sabe. Então eu acho que amizade é uma... tem que haver uma troca, é, você tem que dar e você tem que receber também... tem que muito mais dar do que receber sabe, eu penso assim. Então quando eu me torno amiga de uma pessoa eu ... eu passo assim... aquela pessoa passa a participar da minha vida, conviver comigo, fazer até parte dos meus momentos, de convivência mesmo. Mas eu acho assim tranquilo... sou estressante de vez em quando, como boa descendente de italiano, de vez em quando eu sou estressante, mas eu me acho bem tranquila, sabe, uma mulher bem tranquila. Não tenho assim aquela coisa... por exemplo, não tenho... há muito tempo que eu não namoro... meu ultimo namoro, minha ultima relação, relacionamento foi há vinte... quase trinta anos, então eu tô este período todo sem sexo, entendeu, uma coisa assim que não me... já fiz minha cabeça de um jeito que eu não... eu sinto falta mas eu não posso fazer nada, então eu assim, eu tenho que jogar essa necessidade para outras coisas, entendeu, então assim... canalizar isso ai para outras coisas, né, é lógico que a gente quer uma paquera, quer uma pessoa do lado da gente, que é muito bom. Mas no momento eu também não sei se eu aguentaria alguém me falando o que eu devo fazer, onde que eu devo ir, dando satisfação, porque no momento eu me sinto uma pessoa extremamente livre nesse sentido, que não tenho que dar satisfação dos meus atos, sabe... é isso aí. Olha, é uma questão assim... eu nunca me

identifiquei com a maternidade, desde jovem. Nunca tive essa ilusão de falar eu quero casar, eu quero ter filhos, sabe, eu ter... nunca me identifiquei, de jeito nenhum, em ser mãe. E eu tive um relacionamento em S.P., sabe, muito complicado... e... esta entrevista pode ser até uma forma da gente... não digo relembrar, mas tirar um pouquinho de dentro... né... de mim, neste momento. Então este relacionamento foi muito complicado, e neste relacionamento eu engraidei. Só que eu abortei... devido uma surra que eu levei do rapaz que morava comigo. Então a partir disto ai realmente eu decidi que eu não queria outros na minha vida, que eu não queria saber e que a maternidade não ia fazer parte da minha vida. tenho meus sobrinhos que amo, que eu adoro, que eu cuido... mas são sobrinhos, né. Hoje eu percebo assim que eu poderia até ter insistido mais em ter alguém, que talvez a minha velhice não seria tão... eu não ficaria tão só, na velhice. Porque os sobrinhos falam: ah a gente vai cuidar da senhora, mas a gente sabe que na hora H, quando você tá velha mesmo, que ninguém... sobrinho nenhum cuida, né? então a gente tem que conviver com isto. Então isso ai foi o momento muito difícil, que eu tive que conviver com ele, anos e anos, sabe, com aquela coisa ruim porque que aconteceu aquilo, e tudo. É... não tenho raiva da pessoa que praticamente né, me fez este aborto, porque foi uma surra, né, a partir disso eu passei mal... então não tenho sabe, assim, coisa... para mim não sei quem é, não sei onde está, se tá casado, se tá morto, se tá vivo, não tenho notícias... procuro não pensar... praticamente isolei este momento da minha vida. Mas só que ai eu decidi que eu não queria, né, acho assim a maternidade é muita entrega... muita entrega. E outra coisa, eu não sei se eu serviria para ser mãe, se eu tenho o perfil de mãe, sabe. Hoje eu percebo que realmente eu não teria, eu me preocupo muito, então eu seria uma mãe assim muito obsessiva, sabe, eu seria aquela mãe assim, que qualquer passo que dá eu já fico... que eu era assim com meus sobrinhos, agora eu aprendi a relaxar, cada um cuida da sua vida, chega na hora que quer, de madrugada, entendeu, que eu ficava querendo saber onde que estava de madrugada, então hoje não. Então assim, isso me levou... um dos motivos que me levou realmente quando aconteceu isso comigo eu era nova ainda. Então eu poderia ter tido. Eu não tinha feito... eu era o que... eu tinha trinta anos, né... então... é... mas ai foi o que me levou mais a pensar em não ter filhos. Não sei se inconscientemente eu culpava ele, eu culpava outros homens na pessoa dele, entendeu, pela forma como foi. Então assim... ai eu realmente decidi que a maternidade para mim seria uma coisa que eu excluiria da minha vida. Sabe, e eu não sei te dizer se eu me sinto feliz desse jeito, se eu sou... falar para você que eu sou totalmente feliz, eu acho que não existe ninguém que seja totalmente feliz, né, a gente tá sempre procurando felicidade, procurando assim coisas que realizam a gente. Então eu procuro me realizar de outras formas, sabe, esta questão da maternidade. Gosto de criança,

acho lindo criança, fiquei muito tempo sem pegar em criança, eu olhava para criança eu não conseguia pegar, sabe, assim eu não conseguia segurar porque eu lembrava né, e tudo... hoje não, hoje eu brinco com criança, eu gosto, acho bonito, acho bonito uma mãe assim cuidando do seu filho, acho bonito uma mãe amamentando, mas não consigo me colocar no contexto da maternidade... depois desse... mas sempre eu tive essa coisa, nunca fui aquela adolescente de sonhar, de falar assim... Uma amiga falava: ah, porque eu quero casar, eu quero ter meus filhos, um vai chamar assim, outro vai chamar assado... eu nunca tive isso. Eu pensava e falava assim: ah, se um dia acontecer bem, se não... mas eu não vou procurar sabe, talvez porque eu acho assim que eu fui uma pessoa que eu fui muito paparicada, então eu acho que tudo isso vai embutindo, e coisas na gente, vai ficando... vai ficando, e depois que você é adulta que você começa a soltar, a querer extravasar estas coisas, que vão ficando, né... então penso que essa questão da maternidade tem muita ligação, sabe, eu pra mim eu coloco a partir desse momento a minha decisão realmente de não querer, porque eu tinha medo, eu passei a ter medo de relacionamento, de me relacionar com os homens... passei a ter medo. Eu achava assim que todos que eu ia arrumar, iam agir da mesma forma. Então eu passei a ter aquele medo, ficar com aquela coisa assim de... já arrumei paqueras, já como diz o outro, já expulsei pessoas que sabe, não me interessam, e não fiz questão que eu me interessasse, porque quando a gente pode fazer um esforço, não...mas quem sabe, convivendo é que vai dar certo... mas quase... isso ai sempre esteve presente na minha mente. Isso me ajudou... o que me tirou um pouco disso ai, não digo totalmente, foi a terapia, que ai eu... foi na terapia que eu passei a trabalhar um pouco essa questão. Então hoje eu vejo a criança assim como um símbolo, uma coisa mais linda... é... vejo uma pessoa grávida, acho bonito, vejo as fotos, as imagens, acho lindo e tudo... mas não consigo é... é... me incluir nesse contexto de maternidade e não consigo também, a partir disso ai, não consigo mais é... por exemplo, se tiver um debate sobre aborto, sobre perda, para ir, eu não consigo, eu não levo a conversa adiante, porque eu acho que foi assim muito traumático. Então eu prefiro esquecer e deixar, já aconteceu... hoje, né, eu já to com sessenta anos então é uma coisa que já aconteceu, eu não vou ficar roendo isto a vida inteira, que só vai me fazer mal e não vai fazer bem para a minha vida, quero mais é viver e ser feliz. Isto interferiu num ponto, com as minhas sobrinhas, porque eu ficava ligando para elas, por exemplo tem Fulana, que é a filha da minha sobrinha, estes dias eu falei com ela: 'uai Fulana, você não foi mais lá em casa', ela falou: 'ah, tia, eu não fico mais não, pois a senhora fica pegando no pé da gente, onde que a gente vai, que horas que vai voltar, se já comeu, que tem que comer, que não sei o que, então eu não vou ficar mais na casa da senhora não'. Então interfere, porque eu acho que tenho... toda mulher tem seu lado materno, né, eu

acho que toda mulher...então a gente ainda tem aquele restinho de... de lado materno, então acho que isso interfere sim. Às vezes as pessoas falam comigo porque que você não pega uma menina para criar? Eu falo 'gente, eu não vou mexer com menino mais na idade que eu tô não'. Então eu penso assim: eu vou pegar um menino para criar, eu não tenho condições financeiras também, para dar uma... você tem que tá ganhando muito bem, e infelizmente minha realidade é outra, não ganha lá essas coisas, então assim, vou pegar um menino para criar, minha vida vai mudar toda, eu... então... não tem mais assim... não interfere pelo fato de eu... interfere assim, na questão das meninas, das minhas sobrinhas, da relação, elas ficam 'tia tem que arrumar um filho, porque ela fica atrás da gente querendo saber o que que está acontecendo, onde que eu tô, onde que eu não tô', entendeu, então assim é nesta questão com a família. Mas quanto as minhas irmãs não, não teve. Social, não, não, não influenciou em nada não. As minhas amigas quase todas são mães, entendeu, então assim convivo com elas muito bem, a gente... quando elas começam a falar de filhos, o assunto é filhos, a gente conversa, entendeu, mesmo eu não tendo filhos, a gente tá sempre lendo, tá sempre sabendo, tomando conhecimento das coisas, mas não afeta minhas relações não. Penso eu que não. Eu sou sincera, eu posso ser uma pessoa bem frustrada, existe uma certa frustração. Existe sim. Então por isso que eu falo com você, que tem coisas, por exemplo, eu quero estudar, eu quero fazer coisas, para tirar essa... porque existe uma frustração. Se não eu poderia né... se eu tivesse um filho seria... também não sei se eu estaria sozinha do mesmo jeito, né, tem isto também. Mas uma pessoa um pouco... eu não diria 100% de frustração, não, mas uma boa porcentagem ai tem, de frustração. Vixe... logo eu... eu não sou uma pessoa... olha eu acho que a pessoa... nós temos que estar com nosso corpo saudável, a mente saudável, né, cuidar do corpo. Hoje é necessário, a gente sabe que... eu custei muito aceitar que eu tinha que fazer um regime, que eu tinha que diminuir minha alimentação, mudar minha alimentação, né, fazer minhas caminhadas. Então eu acho que hoje, hoje as pessoas estão mais preocupadas com a saúde, então hoje nós, principalmente nós mulheres, por exemplo, a gente que não tem um marido, que não tem um amante, não tem um namorado nem nada, mas a gente tem que tá bem para gente mesmo, né, quer ter uma vida saudável, quer trabalhar, continuar trabalhando, então a saúde é primordial. Agora eu sou um pouco relaxada em relação... não sou de ir no médico não, faço meus exames preventivos, todo ano, mas de ir direto no médico, sabe, não sou muito chegada não. Mas eu vou, eu faço a mamografia todo ano, faço o Papanicolau, faço os exames, né, todos que tem que fazer, mas senti uma dorzinha corro lá no médico. Tô precisando de ir ao cardiologista, que eu nunca fui na minha vida, então tô pensando em ir agora, que eu já to com sessenta, tem que ter certos cuidados, né. Parei... eu fumei durante

trinta anos, tem dezesseis que eu parei de fumar, então... ai pelo menos, graças a Deus, isso ai já... né, tô fazendo as caminhadas, então hoje eu tô mais saudável, parei de comer sanduíche, aquela bobajada toda que eu comia, eu tirei tudo, porque a gente fica preocupada. Realmente a saúde é primordial para gente, tendo saúde você faz tudo. O resto é complemento, né, você vai buscar o dinheiro, você vai buscar um trabalho, você vai buscar uma carreira melhor, mas ai precisa de que? Da saúde, ela é primordial né, tanto para nós mulheres como para qualquer ser humano ela é primordial... a saúde. Eu procuro... por exemplo, meus exames de prevenção, eu faço todo ano pelo SUS, faço aqui. Eu pego o como que chama... o encaminhamento em cidade onde moro, ai tem uma Van que trás as mulheres, né, para fazer a mamografia, ai eu venho... primeiro eu fazia, eu pagava, ai depois eu descobri que eu poderia fazer pela Prefeitura. E é muito bem feita, tá eu gostei... a última que eu fiz eu gostei demais. Então assim eu faço, levo, a médica olha, lá do... da Prefeitura, do posto de saúde, leva... quando eu tenho rinite...minhas crises de rinite eu vou é no SUS. Eu até agora pelo que eu faço, eu não procuro, igual eu te falei, eu não procuro tanto o médico, eu não sou muito de hospital não, num gosto muito de hospital não, mas eu procuro fazer e até agora pelo... o atendimento que eu tive eu gostei muito... gostei, sabe. É lógico que tem coisinhas que a gente reclama, mas assim os exames... lá em B. por exemplo tem a clínica da mulher, então a gente faz lá na clínica, né, o Papanicolau faz lá na clínica, mamografia eu vem fazer aqui, mas o outro eu faço lá. Tem os outros exames também que eu faço pela Prefeitura, se da alguma coisa alterada a médica manda repetir, porque deve ter tido algum erro. Mas sempre assim... eu sempre... eu tinha um plano de saúde muito bom do Hospital aqui, englobava tudo, ai quando minha mãe faleceu eu cismeie que era no Hospital que tinham matado minha mãe, ai fui lá e cancelei meu plano. Burrice. Ai então agora eu utilizo o SUS, porque pra mim fazer um plano na minha idade, é caríssimo, né, então agora mesmo eu tô estudando para fazer o concurso do Estado, porque pelo menos no Estado você tem o Ipsemg, né, a gente precisa, né. A briga lá em casa, das minhas irmãs comigo, é justamente por causa do plano de saúde, porque na minha idade eu não tenho o plano de saúde. Mas eu fui olhar para fazer e fica caríssimo por causa da minha idade. Porque infelizmente nesse país, quanto mais idoso você é, mas caro fica o plano, ai dificulta as coisas né. Ah, quer ver uso o SUS tem pouco tempo, porque minha morreu eu tinha o plano, então eu fazia tudo pelo plano São Lucas. Deve ter o que, uns dez anos que eu utilizo o SUS. Olha, é complicado... eu penso que as políticas públicas no Brasil, para saúde, tá deixando a desejar. A gente vê muita coisa ainda... tá precisando muita coisa... a gente vê esta corrupção toda que tá, então principalmente na saúde, o dinheiro e desviado. Eu penso que... ai eu não sei, porque hoje a gente pega como exemplo,

por exemplo a Europa, que tem uma saúde pública tão boa... mesma lá tive um problema seríssimo de ouvido, e fui atendida assim, sabe, tão bem, saí do hospital com os remédios, saí com tudo. Então aqui acho que é complicada do, sabe, eu penso que a saúde pública ela deveria ser bem melhor, isso aí deveria ser prioridade do Governo. Infelizmente a gente sabe que não é, todos eles que entram dizem que é prioridade, mas na realidade a gente sabe que não é, que os hospitais estão abarrotados, gente nas filas e até nos corredores porque não tem quarto. Então eu acho que a saúde pública ela tem que melhorar e muito, é uma coisa primordial para o cidadão, sabe, e ela tem que fazer parte da nossa vida, do nosso dia-a-dia, porque a gente precisa e ela tem que ser uma... assim, uma coisa muito... é... que seja valorizada também. Não é porque a corrupção não deixa. Mas ela precisa melhorar muito. Atualmente a gente tá tão descrente das coisas, que a gente sabe o que... que a gente quer tanta coisa, que um Brasil melhor, uma saúde melhor, uma educação melhor, mas a gente tá tão descrente com tanta corrupção, com tanta coisa que tá acontecendo, que a gente vê acontecer, não só nas capitais, mas também nas cidades do interior, a gente vê desviando as coisas da saúde e da educação... mas eu acho que... eu acredito no Brasil, acredito que um dia vai melhorar, eu não diria agora, para a minha geração, mas as futuras gerações acho que vão ter um país, sabe, um país mais tranquilo, um país em termos financeiros, em termos de políticas públicas de saúde e de educação, então o que a gente quer é isso, né, a gente não quer um país quebrado, um país que não tem significância nenhuma para ninguém lá fora, vai olhar o Brasil só como país do futebol e pronto, e gasta-se aquele dinheiro todo no carnaval... mas não, mas... eu acho que tem que haver esse cuidado administrativo, da administração em relação as políticas públicas, elas tem que fornecer pra gente, para nós projetos bons, coisas boas, sabe. Por exemplo a gente sabe que tem acontecido em muitos lugares, a gente lê, assiste televisão e sabe que muitos lugares tem acontecido, mas a proporção é muito pouca. eu acho, sabe, igual... por exemplo lá clínica da mulher, um exemplo claro na clínica da mulher em Bocaiúva, deveria ter muito mais condições, condições de abarcar muitos mais projetos em relação a este programa, entendeu, e no entanto não tem tanto... ainda existe aquele negócio de o bem, você tem que esperar, tem... a gente espera na fila para você ser atendido. Mas para você conseguir uma consulta, por exemplo eu tem três anos que eu estou tentando uma consulta com o cardiologista, eu não consigo, porque é um cardiologista pro município todo, aí o que que faz, separa aquelas emergências, aquelas pessoas que já tem problema de coração, então quem não tem fica por fora, não consegue nunca. A população é mais ou menos oitenta mil, por aí, porque era cento e pouco, mas dois distritos emanciparam, né, é por aí. Então você vê, um cardiologista para o município todo? É muito complicado. Toda semana que eu vou lá no

Posto, a menina me fala: fulana, eu não consegui ainda, porque é um. Pra você ter uma ideia, eu precisei de um ortopedista, eu tinha que levantar de madrugada para ir pro Posto. Falei: ah, mas eu não vou mas nem, de jeito nenhum. Ai fui atrás de uma pessoa que é amiga do secretário de saúde. Uai, falei: eu sinto muito, eu vou ... vou burlar as coisas aqui, e vou passar por cima de muita coisa aqui, porque... ai que ela conseguiu pra mim a consulta, conversando com ele... olha pra você ver como é que são as coisas, conversando com ele, ele falou: fala pra ela ir lá tal hora e me procurar. Eu cheguei eram oito e tanto da manhã, e ele já me encaminhou já para a sala. Pois eu precisei de uma terceira pessoa... uma outra pessoa para poder me indicar ali.me ajudar, porque senão fica difícil, porque é um ortopedista só por semana. Eles falam: ah, é a prefeitura, os prefeitos. Tudo bem. Só que lá de cima também a gente sabe que tem que vir a verba é lá de cima, e infelizmente do jeito que ta, cortando para tudo quanto é canto e eu não vou negar que eu votei nela, já me arrependi amargamente, entendeu... Olha, é o que eu to te falando. Eu tiro por mim lá na cidade que moro, né, e aqui, que a gente vê, tem que coisas que... tem que surgir mais programas. Agora tem feito, por exemplo, esta questão da mamografia, que eles vão fazer, fica lá o carro, eu não sei como é que chama, lá... então são... as mulheres, né, nos mulheres podemos ir lá e fazer a mamografia, é de graça, você não vai pagar nada, né, os postos a gente sabe que também se a pessoa chegar lá e falar que quer um anticoncepcional, é oferecido, que quer a camisinha, é oferecido, mas tem coisas... eu acho que existe por exemplo, a questão das políticas públicas, em relação a mulher, na saúde, eu penso assim que exame mais detalhados, que deveria ter e não tem. Pelo menos Bocaiúva e aqui não. A questão do aleitamento, né, é oferecido, isso eu acho muito importante foi uma programa assim, foi muito importante para as mulheres, melhorou demais até a questão da mortalidade infantil, né, é muito importante. Esta questão das mamografias, né, porque foi também um programa bem... e a gente sabe... a campanha contra o câncer de mama, a campanha contra a AIDS também, que tem prevenir, porque não é só os homens, mas a maioria... nós mulheres temos que pensar muito mais, já que eles não pensam, a gente tem que pensar pra gente e pra eles, né, e infelizmente tem muitas mulheres que não pensam. Então o programa também acho que tem estendido bem, sabe, ao público. Hoje eu acho assim, eu trabalho na periferia, eu acho... eu penso assim, as mulheres da periferia hoje, elas tão mais é... é... é... dentro desses assuntos, desses programas, elas hoje já sabem e sabem que existe para elas, então elas vão buscar, sabe, elas hoje tão inseridas nesses programas todos, elas dão noticia de tudo... ah, a mamografia mesmo eu fiquei sabendo pela mãe de uma aluna minha, a gente conversando ai ela falou que não pode ir levar a menina porque tinha vindo fazer a mamografia, e a prefeitura, o carro, ela tinha que esperar o carro

para voltar. Ai eu falei: uai, mas a prefeitura dá carro? Eu não sabia. Ela falou dá... aí é que eu fui e consegui fazer. Então elas tão muito...hoje, e população mais pobre ela sofre muito com esta questão, porque é o que eu falei, falta muita coisa para a política pública melhorar, ela tem que melhorar em muitas coisas, mas tem muitos programas bons nesta área, sabe. Não é mesmo aquele corriqueiro que eu procurei, eles que ofereceram não. Para mulheres sem filhos nunca ouvi falar, existe? Eu tenho impressão que nas grandes capitais deve ter algum... São Paulo por exemplo eu acho que tem mais... é...é... a mulher sem filhos ela fica deslocada do... (risos) ou seja, e a gente tem né, que cuidar, fazer as... eu não descuido não, tomo meu banho, aperto meus seios, para ver se... faço meu autoexame, entendeu? Faço... eu entrei na menopausa e graças a Deus não senti nada, do mesmo jeito que eu menstruei eu entrei na menopausa, sabe, eu menstruei muito cedo, com nove anos, então com cinquenta eu já estava na menopausa, quarenta e... eu não tinha feito cinquenta ainda, então assim, sentia é lógico, aqueles calores que a pessoa sente, todo mundo sente, mas não tive grandes dores, igual tem muita gente que sente muita dor de cabeça, sente mal e tudo, eu graças a Deus entrei tranquila na menopausa, e até agora estou com meus exames tudo tranquilo. Mas tem que fazer, né, a gente não pode deixar não. Como assim, eu não entendi... mulher e sem filhos? Eu sei, é aquilo que eu te falei. Eu nunca tive muita vontade, entendeu, partindo daí, eu acho que tem que ter vontade... o sonho de toda mulher é ter um filho, pelo menos é o que eu escuto falar, todo mundo. É muito difícil uma mulher... ah, quando a gente fala... na escola, quando eu falo para as meninas assim: gente, nunca passou...eu não tenho vontade de ter filhos, nunca tive, as meninas acham um absurdo, porque o sonho delas é casar, e ter filhos... falam: gente, Rosinha, mas a maternidade faz parte da gente... mas a minha não faz. Eu sou uma mulher que eu falei, eu consegui chegar aos sessenta anos sem esses recalques, entendeu, é lógico, você tem, aquilo que eu te falei, os acontecimentos, né, que a gente passa por eles ficam, mas você tem que ir trabalhando para tirar aquilo, para amenizar, para não ficar a vida inteira né, uma mulher amarga, chata... porque Ave Maria, fulana é recalcada, fulana é... tudo achando um absurdo, isso é um absurdo, não... eu acho que a... eu fui me tornando uma mulher, sabe, assim... acho que hoje eu sou até mais mulher do que quando eu era mais nova. O autoconhecimento... sabe, eu hoje me valorizo muito como mulher... então assim, eu gosto de me olhar no espelho e falar nossa você hoje tá bem... porque tem dia que eu olho e falo: rosinha você hoje tá uma merda... sabe... aí é onde eu vou buscar me melhorar, eu converso muito comigo no espelho... então eu falo: 'você hoje tá uma merda, você faz favor de melhorar, aí eu levanto', aí tomo um banho, passo um batom, sabe... então assim eu hoje eu me sinto muito mais mulher, mesmo sem a maternidade, sabe. Agora se eu achasse também

um companheiro que tivesse filho ou qualquer coisa, eu acho que eu assumiria esse lado, esse cuidado, entendeu? Eu acho que eu assumiria. Mas é difícil você chegar nos sessenta e arrumar companheiro que tem filho, aí é querer demais também, né, porque hoje os jovens é que estão tendo filhos, então aí é difícil, né, mas eu acho que eu assumiria sabe, às vezes eu brinco, as meninas lá de casa falam assim: ‘nossa, tia do jeito que é apaixonada com gato, acho que é transferência, ela transferiu todo o amor que ela ia ter por um filho, ela transferiu tudo pros animais, pros gatos’. Pode até ser viúva, porque eu pego eles... ainda ontem minha vizinha brincou e falou comigo assim: gente, ela pega a gatinha como se fosse um bebê, sabe, então pode... no fundo, lá no íntimo, né, pode ter essa transferência, mas eu me... eu acho que me construí uma mulher, me construí assim como uma pessoa, sabe, hoje eu me identifico como uma mulher tranquila. Tem hora que bate assim lá... mas eu podia tanto ter alguém para eu sair, para dar uns beijinhos, faz tanto tempo que não dá, isso faz tão bem para saúde... mas quanto à relação da maternidade, eu sinto falta, não vou mentir não, eu sinto. Mas eu me sinto tranquila também, porque foi uma opção, não foi porque eu não podia ter filhos. Foi uma opção que eu fiz de não ter filhos, né. Eu acho que... eu não conheço um programa para mulher sem filhos, então eu acho que isso seria até um caso, entendeu, talvez esta pesquisa sua poderia até ajudar nesse projeto... um projeto desse para as políticas públicas. Porque eu acho que realmente a que tem filho, a mulher que tem filho tem muito mais assistência do que nós, mulheres que não temos filhos. Ela requer, parece, que mais cuidados das políticas públicas em relação à saúde do que nós, ela é mais contemplada. Então eu acho que isso aí seria até, quem sabe, um projeto para um governo, né, esta pesquisa sua... seria interessante, porque nós mulheres realmente ... quando a gente entra por exemplo, igual na clínica das mulheres, quando eu tô lá, eu percebo, você só vê mulher casada, mulher com menino, é muito difícil você ver uma moça. Hoje por exemplo é muito difícil você ver uma solteira... quantas pessoas que eu conheço que são solteiras, e que não faz um exame, uma coisa que é primordial gente... ah, mas vai aparecer alguma coisa... gente, se aparecer tem que cuidar, se aparecer, nós acho que estamos aí para, como diz o outro, à revelia para tudo, não é, se aparecer tem que cuidar, mas eu acho que é primordial que a gente faça. Então são poucas as mulheres no meu... na minha convivência, são poucas as mulheres solteiras que se preocupam sabe. Eu tenho uma amiga por exemplo, o dedo dela doeu ela vai para o médico, chama Cicrana, por sinal, ‘você fez a prevenção? Ah, mexer com isto não’. Entendeu? Então podia juntar as duas, não é... então assim, é... são poucas as mulheres. Eu acho que tem que haver uma propaganda, sabe, mais voltada para esta questão da mulher sem a maternidade. Não priorizar somente a mulher mãe. Mas sim a mulher que é solteira, que ela não tem filhos,

então eu acho assim tem que priorizar... falta uma certa propaganda nisso ai. Porque quando você propaganda também na televisão dos programas do governo, você vê o que, relacionada à amamentação, ao câncer de colo de útero, tudo isso. Agora por exemplo eu achei super legal do governo de vacinar as meninas contra HPV. Teve mãe lá na escola que não quis que a filha fosse vacinar, nós tivemos maior trabalho para a mãe deixar a filha ser vacinada. Então eu acho assim que foi uma coisa bem pensada, sabe, então acho que tem que partir daí, as políticas públicas elas tem que abranger mais o gênero, sabe. Se a pessoa é homem, se é mulher, e mesmo a mulher em si, desde cedo ela aprender ali a cuidar, que ela tem que fazer aquele... o exame quando ela chegar uma certa idade, ela tem que fazer o exame, porque muitas crescem sem saber. Ai as meninas de quinze, quatorze, quinze anos engravidando um atrás do outro, né, porque não sabe se cuidar ou não querem também, né, tem umas que não querem, que é a maioria. Mas eu acho que nesse ponto é fundamental que as políticas públicas façam mais, falta propaganda em relação a isso, uma chamada, uma sensibilização realmente, justamente sensibilizar entendeu, as mulheres sem filhos que elas precisam se cuidar mais, né, tem que haver realmente uma preocupação com a saúde da gente, porque velha todo mundo fica, né, não tem como né, quisera ficar jovem para sempre. Então velhas todas nós ficamos, mas a gente não tem que ficar uma velha doente, uma velha chata, ah, eu to com dor aqui, ah não sei o que, ah eu não vou ali porque eu canso, eu não vou ali porque... ah a gente não tem que ficar assim. E a gente sabe que hoje por exemplo, as mulheres... são muitas... eu vejo na televisão e também leio sobre isto, que tem muitas mulheres hoje, né, que são solteiras, que fazem muitos programas de viagens e cuidam de si... mas são poucas... a gente pode... acho que se for fazer um levantamento, a porcentagem é muito pouca das que realmente se cuidam, né, então tem que cuidar mais. Não, eu acho que é só isso mesmo. Eu acho que tá dentro ai...

Colaboradora 4: 60 anos, solteira, Ensino Superior

Uma pessoa determinada, pelo menos eu acho, gosta de viver, gosta de ter amigos, gosta da vida em si. Normal, gosto de viver mesmo, tenho prazer em viver. Ah, já fiz muitas escolhas certas, muitas escolhas erradas, (risos), mas sempre consciente, nunca fiz coisas assim que eu não quis fazer não. Já fiz muitas coisas boas e coisas ruins, mas coisas conscientes. Não por influência de ninguém, por querer mesmo. Por ter cabeça dura, e falar assim que quero, eu vou, seja lá as consequências, mas eu vou fazer. Escolha profissional... eu nunca fui assim de.. assim, profissão, de falar eu quero ser isto, não sei o que, eu quero ser uma doutora, não, eu deixei a vida levar e aconteceu que eu fui ser uma funcionária pública. E fui, e acho que eu fiz

bem feito. Eu gostei do que eu fiz. E fiz bem feito. Tenho consciência disto, que eu fiz bem feito. Também... acho que... mas as escolhas... foi tudo... eu sou muito de viver intensamente, de gostar intensamente, de viver aquilo que está no meu caminho... então... tem as coisas que eu fiz escolhas certas e outras erradas... os namorados errados, as paixões erradas, mas sem grandes consequências. Mas o que eu fiz, eu fiz. Então... acho que sim. Não, não foi assim. Engraçado. Eu lembro... eu já fiz um teste uma vez e risquei com... foi até uma prima minha, quando mãe tava no hospital. Aí chegou uma psicóloga e falou 'vou fazer um teste aqui com vocês'. E fez um teste. Se tiver um rio... um tanto de coisa. Aí ela falou se tiver um rio, se tiver uns peixes procê passar, o que que você faz. Eu falei: uai, eu vou empurrando os peixes e vou passando. Aí ela brincou 'sabe o que que é isto? Isto é filho. Se você quisesse, você ia mais com cuidado, esperava eles passarem, e tal,' então é assim... não... eu falei engraçado, é isto mesmo, eu não tenho vontade de ter filho não. E neste tempo... muitos anos atrás. E minha prima ano passado ela me lembrou disto. Falou 'você lembra daquele teste que nós fizemos uma vez no hospital que sua mãe tava internada'? Falei 'é mesmo'. Ela falou 'olha aí, você acabou não tendo filho. Você optou por outras coisas e não teve filhos. E sempre falava que não ia ter filhos'. Mesmo quando tive um relacionamento mais sério e tudo, que eu vivi com Fulano, eu cheguei a pensar , acho que por ele ter filho, e ele era doido de ter mais uma filha, queria ter mais uma filha, aí eu fiquei naquela... a vida tava bem, tudo jóia, eu achei que podia ter filho. E por duas vezes eu achei que eu tava grávida. Mas só que não aconteceu. Então não foi assim aquele trem , assim vontade, não, acho que pela situação que eu estava, pelo relacionamento que eu estava, que eu tava bem, eu tinha estabilidade, ele tinha uma estabilidade, eu achei que eu poderia ter alguma coisa. E por família até... quer dizer, num tinha mais meus pais, mas minha irmã cobrava, ela como era provedora da família, né, então ela gostava, os filhos e tal, e eu ainda falava 'oh não fica cobrando da gente não, porque você não tem seu filho', e ela falava não. 'Não, você tem sim, tem seu filho'. Acho que por isto também eu fiquei naquela, mas não foi por opção, falar assim não... eu nunca tive. Por desejo não. Mas depois... eu acho que para eu ter um filho eu tinha de ter alguém. Eu sozinha assim, para eu falar assim eu quero um filho e criar, e tudo, para isto eu não sou determinada a este ponto não. Eu acho muita responsabilidade, então, eu acho que sozinha assim eu acho que eu não teria não. Não eu acho que não, questão de família, não. Acabou sendo, eu vivendo um papel de... da irmã também que sempre tá opinando, sempre está disponível, sempre né... poder ajudar todo mundo, e dar conselhos, apesar de eu ser a mais nova, mas por ser eu determinada e tudo, e falar mesmo o que eu penso, então ir a frente, tomar a frente de tudo, mas assim atrapalhar eu acho que nunca atrapalhou não. Nunca tive...por ter preconceito, ter

alguma coisa não, acho que nunca teve nada disto não. Pelo menos eu não senti isto não. Como que é... sentir falta assim... não, agora hoje, ultimamente não. Teve uma época que eu até falei oh gente, eu vou terminar o mundo, terminar a vida sozinha, ter uma... a gente pensa, chega um certo ponto a gente pensa, né, tá sozinha, ninguém para ficar comigo, mas tanta gente que tem filho e fala que filho é pro mundo, né, então acaba... também não sei se isto faria não... mas... mas por achar, eu acho que não. Num teve problema não. Eu acho que eu não vou ter problema não. Qualquer coisa a gente vai para um... um abrigo. (Risos) Para uma casa de saúde, um asilo. (risos). Um asilo chique... (risos) Saúde e a gente se cuidar, a gente saber das coisas, né, tentar cuidar, de ver, de melhorar o estilo de vida, de procurar viver, acho que isto... neste ponto eu sou até cuidadosa, sempre tá procurando... de cuidar, de saber, de conhecer, né, o que que é a gente, e tal, neste ponto eu acho que eu me cuido, então eu acho que eu tenho esta preocupação com a saúde. Pelo menos eu ainda tento ainda. Aparecem né, as coisas, as doenças, que não tem jeito, a idade sempre vai aparecendo alguma coisa, mas eu acho de saúde, em termos, em si, eu acho que eu me cuido direito. Olha, eu acho que assim, se eu... não sei, se eu tiver uma coisa mais séria e tudo, eu vou procurar me cuidar, mas eu acho que abala um pouco... por eu ter passado isto em família também, e tudo, eu acho que acaba abalando, mas a gente se previne e se cuidando, eu acho que já é um bom caminho. Então eu acho que... a gente acaba nem pensando muito nisto não, como diz, deixa a vida se levar... mas eu acho que a gente vai tentando fazer o melhor possível. Não, em situações de... público eu nunca cheguei a procurar porque graças a Deus desde pequena, desde que o meu pai... sempre ele tinha muito este cuidado. Sempre tive. Depois logo que eu ingressei no serviço público eu tinha um plano de saúde. Depois disto, vi que este plano não estava bom, fiz um plano particular. Então assim, eu me preocupo, neste ponto ai eu me preocupo, e preocupo com quem não tem, meus irmãos que não tem, eu fico preocupada, sempre eu recomendo, então neste ponto eu acho que eu tenho preocupação, e sou consciente nisto, que a gente deve se cuidar e prever pro futuro alguma coisa. Que hoje com a saúde do jeito que tá, pública, a gente fica até preocupada de chegar na porta do hospital, não ter o que cuidar, não saber... então é isto aí, nunca eu deixei de ter este cuidado não. E sempre tive esta preocupação. Hoje eu acho que está tendo mais uma preocupação assim com o serviço público, que tá tendo, tá tendo essas campanhas, a gente vê outubro rosa, pro homem e pra mulher, vê as campanhas de cuidado, a mamografia, fazer os exames preventivos, cuidar... então eu acho que hoje tá tendo mais um pouco de preocupação, antigamente eu acho que não tinha. Principalmente quando e entrei mesmo na saúde pública, eu ficava muito preocupada, principalmente onde que eu trabalhava, e tudo, que era muito difícil de marcar um exame, hoje ainda continua, mas

assim a gente ainda tentava ajudar, e corria, procurava os médicos certos, procurava ajudar, eu da minha parte eu fazia muito isto. Então eu acho que hoje ta tendo mais uma coisa assim, acho que a pessoa tem mais que procurar e ela querendo ela ainda consegue fazer, sabe, eu acho que neste ponto, em campanha assim, eles tão fazendo, agora a pessoa tem que procurar e ter força de vontade de querer, porque também não é fácil para a pessoa. E hoje também a gente já vê que tem a saúde, tem as campanhas dos médicos que vão em casa, né, digo da camada mais pobre ainda tem, tem uns atendimentos... tem hora que na cidade do interior funciona muito melhor que em capital, então pelo menos isto eles ainda tão tentando melhorar... hospital em si eu acho que tá uma decadência, muito difícil de conseguir, a gente vê de vaga de hospital, e a gente vai no hospital e vê mesmo, muita gente em corredor, sofrimento, muita coisa... mas prevenir, eu acho que eles estão tentando ainda fazer alguma coisa para melhorar isto, sim. Não, assim de imediato, eu não tô ..saúde em questão disto não. Se tiver eu não tô lembrando não. A gente vê que é coisa mais recente, mais assim... vê assim que... questão de uma... estão cuidando de praças né, fazendo ginástica, estes trem tem, ainda tem mesmo, tem estas campanhas, tem que faz estes tratamentos, mas eu vejo mais é isto... tem ne hospital, tem as doulas né, que são as mulheres que ajudam as mulheres a ter crianças, para cuidar, para saber como amamentar, tem a turma de voluntários, que faz enxoval gratuito, por sinal eu tenho uma vizinha aqui que faz isto... então nisto tem, ainda vejo algum comentário... para mulheres em filhos eu nunca vi... nunca vi nada, mesmo assim... esta determinação eu nunca vi falando não. Se for eu nunca participei não, tão ligados a maternidade, mas para isto eu nunca vi não. Eu me sinto bem, hoje eu... se eu tive cobrança pode ter sido mais cedo, se eu tinha alguém mais relacionado, que tinha um relacionamento maior, mas agora não, nem penso mais, hoje não. Tem Rogério (namorado), de vez em quando eu brinco, brinco com ele que a gente vai adotar alguma coisa, mas eu falo na brincadeira. Hoje eu acho que a responsabilidade é muito grande, e mesmo pela minha idade, por tudo, eu acho difícil viver, ter esta consciência, então neste ponto eu sou muito consciente. Que se eu quiser ter um filho eu vou querer dar o melhor possível, uma educação melhor, dar uma criação melhor, então para isto... eu acho que até pela idade também já é mais difícil. Então eu acho que neste ponto não, eu sou muito responsável quanto a isto. Eu acho que é... vai ser difícil mesmo. Então eu me sinto bem, hoje eu não me cobro mais isto. Muito consciente. Eu acho assim, que a pessoa que escolher isto tem que tá bem, tem que saber o que quer mesmo, para depois não arrepende, porque eu acho que tem muitas que depois arrepende, fala ah, porque que naquela época eu não tive, né, hoje eu sou só... tem hora que não tem apoio da família, não tem família, que eu acho que isto também é muito importante,

por ser... ter isto, acaba ficando sozinha, e acaba ficando uma pessoa angustiada, mal humorada, que a gente vê...tem umas pessoas sozinhas que são... então eu acho que tem que procurar outra coisa também, mas se não tiver... então ir, procurar fazer algum trabalho voluntário, para passar o tempo. Mas eu no momento eu me sinto bem, eu sou... eu gosto de sair, de gosto de ter amizade, gosto de viajar, então neste ponto eu acho que tô bem, então quem tem... se não tem, tem que procurar fazer alguma coisa para ajudar. Tá bom?

Colaboradora 5: 47 anos, solteira, Ensino Médio.

Bem, eu sou uma jovem senhora considerada adolescente ainda. Sou uma pessoa muito bem relacionada, incluída na sociedade que eu vivo, né... um extenso grupo de amizades, uma mulher comum que já teve seus sonhos de adolescente, alguns desfeitos, e vida continua... e a gente resolve encarar outros sonhos e outros caminhos. Sou uma pessoa normal, uma cinderela de sapatinho quebrado. (risos) lascado. Sou isto. Algumas escolhas na minha vida não foram bem “escolhas”. A vida nos leva a seguir um caminho, né? A minha ideia... a minha primeira ideia de mulher, de ser humano, de pessoa, era a que todo mundo tem, eu vou casar, ter filho, constituir família e tudo o mais. Esta era a minha primeira ideia de vida. Mas aí os relacionamentos não... não dão certo, os desencontros surgem, as decepções vem, e depois, aquelas decepções que você acha que são decepções, tornam-se uma coisa comum na sua vida e que você tem que seguir a sua trajetória sem se frustrar muito e continuar levando sua vida. A primeira... minha primeira escolha era ser mãe, né, mas aí quando a gente acorda o tempo já passou, você já passou da idade de ser mãe, né... eu, a maternidade para mim foi só uma...uma...não era só um sonho, era uma realidade, porque eu acho que toda mulher sonha em ser mãe. Mas aconteceu comigo que eu não fui... não por nenhum problema patológico, nada errado comigo, mas depois foi... não se deu a gravidez na minha vida, nunca.. nunca fecundei e hoje a idade já não me permite mais e hoje é por determinação mesmo, eu...em hipótese alguma eu queria ter um filho sem um casamento, sem uma relação estável, como eu tinha direito, com muito amor, com uma família. Hoje a não maternidade, depois de ter sido uma coisa que não aconteceu, hoje é minha escolha a omissão de ser mãe. Eu perdi meu pai eu tinha dezenove anos... dezesseis anos e perdi minha mãe eu tinha dezenove. Os dois adoeceram concomitantemente, ela descobriu a patologia antes, depois ele foi visitá-la e descobriu.. e nós fomos criados numa família de muito amor, de muito cuidado, nossos pais nos criaram para ser...para ser filhas e esposas, e aí, acabou eu a vida deles foi interrompida, e nós tivemos que seguir outra trajetória. Fomos trabalhar... minha irmã ainda casou, meus

irmãos casaram, mas eu não me casei, e continuei seguindo minha vida, sem...sem muito foco no casamento porque o tempo não dava para pensar nisto, numa relação, porque tinha que trabalhar. E assim foi ficando, a vida foi me levando para outros caminhos. E aqui estou, realizada claro, sem muitas frustrações, né, meus sobrinhos preenchem a não maternidade né, a família... eu hoje moro... ah, tem que falar isto, eu moro só, ao lado de uma família que me acolhe, que minha irmã mora ao lado, e esta família é a minha família hoje, então eu não me sinto morando só. A gente mora no apartamento uma ao lado da outra, e temos esta vida em comum, quando eu tô muito carente eu vou lá, abraço, beijo os sobrinhos, passeio com eles, faço parte da vida escolar, da vida é... social deles, né, então eu me sinto uma mãe emprestada. Isto preenche o meu lado de ser mãe, né, só não preencheu o biológico de ver a barriga crescer e tudo. Mas a emoção tá preenchida. Um pouco, um pouco... as pessoas... na família quando você não constitui uma outra família, todas as pessoas quando precisam de alguém para cuidar, para orientar, para acompanhar, sempre lembram daquela solteira, que não tem...que esta mais disponível na verdade, que tem tempo para cuidar do outro, então comigo não é diferente. Eu sempre tô aí pronta para os amigos, para os irmãos, os sobrinhos, os tios né, já que eu não tenho pais e mães, mãe para cuidar, então é... essa... este fato de ser solteira e não ter um compromisso formal de casamento, de relação, me coloca neste lugar de ah, ela pode, ela tá disponível. Então eu tô sempre pronta. Cm isto preenche também um lado de... a gente doa mas a gente recebe. E o que a gente recebe é muito bom, é muito importante, né, a gente fica muito bem de poder ser útil, ne. Eu acho que as pessoas veem tranquilamente, né... ah, sim... na época, quando a gente... é... quando eu tinha lá meus trinta, ainda tinha ilusão e aquela obrigação de dar satisfação para a sociedade, por você não ter constituído uma família, por você não ter um companheiro, e tudo o mais. Então a gente... então quando a gente arruma um companheiro, quando você está com alguém, e ai, e o casamento. Esta cobrança ela existe. E ai você casa, o que não foi o meu caso, você tem uma relação estável né, as pessoas perguntam quando vai ser o casamento, depois se você casa perguntam quando é que vai ter o filho, assim essa cobrança social sempre existiu e sempre vai existir. Hoje não mais né, tem uma coisa no convívio social que eu acho muito engraçada, que são os convites para eventos, né. Os convites para eventos para mim que sou solteira, sempre vem... é... há muito tempo eu briguei com isto, com os amigos que mandavam, que às vezes eles mandavam um convite individual. Bom, toda pessoa pode estar só para a sociedade, mas nem sempre ela está só realmente. E todo mundo quer ir a um evento acompanhado de alguém, você necessariamente precisa de uma companhia para dividir seus momentos ruins, seus momentos de diversão também. Então eu brigava com meus amigos, minhas amigas, que

mandavam convite quando tinha um evento, uma festa, eu falava gente, pode mandar um convite para outra pessoa, porque às vezes eu quero levar um sobrinho, às vezes eu quero levar um amigo, eu quero levar uma amiga... eu não gosto de chegar numa festa sozinha, só eu... né, é muito ruim, isto é horrível, então... mas... eu não sofri muito com isto porque graças a Deus, o meu ciclo... qualquer lugar que eu vá, eu encontro pessoas que são do meu convívio, e que às vezes é até uma briga, exigem minha presença nos lugares, nas mesas... nos eventos, exigem minha presença. Então eu tenho que ficar me dividindo. Se eu tivesse um outro convite, talvez eu tivesse um pouco de tempo para mim, para eu estar com aquela pessoa que eu escolhi. E não ter que dividir todo esse social, e ser esta pessoa que parece que está querendo aparecer ou fica pavoneando de mesa em mesa. Então é uma coisa muito engraçada nesse... esse fato. Então hoje, a pedido meu, depois de muito brigar, as pessoas me mandam convite para acompanhante. (risos). Ah, eu não sei bem... é...me explicar não. Assim... num certo tempo foi frustrante. Minha irmã, um tempo quando ela casou, ela demorou cinco anos para engravidar. Então todos os dias, a gente trabalhava juntas, só que ela morava em outra casa, a gente não morava tão perto como a gente mora agora, próximas, todos os dias quando ela chegava eu, durante cinco anos eu perguntava para ela como estava o ciclo menstrual, se ela tinha menstruado. Então, todos os meses eu tinha uma frustração, e ela falava: nossa, se você casar, quando você casar se você demorar a ter filho, nossa... você vai ficar complicada demais, porque é traumatizante, eu tô me sentindo na obrigação de ter filho. Eu falava não, não é obrigação. Mas a gente fica naquela expectativa de ver família crescer, de ver a carinha do bebê, de ver como que vai ser a chegada daquela criança e tudo o mais. E acabou que eu não tive filho, e no final quando eu me vi fora da idade que diz? de ser mãe, meus ginecologistas sempre perguntavam, depois dos trinta, eles sentaram comigo e perguntaram (eu tenho dois) e os dois perguntaram: e ai, vamos ter filho, porque está na hora, vamos resolver. Eu não tomava pílula, fiz um tratamento para ver se eu tinha algo errado, se... se... eu tinha algum problema físico, fisiológico, para engravidar e acabou que eu não tinha nada, mas acabou que na hora que eles tinham esta conversa séria, eu falava não, não tá na hora. Não tá na hora porque eu não tinha um parceiro que era do meu agrado, eu não tinha um parceiro que eu acho que poderia ser pai do meu filho, porque eu não queria ter um filho sem uma relação estável, né. Então hoje eu vejo de uma maneira muito comum, muito normal e hoje de certa forma, pelo mundo que a gente vive eu dou graças a Deus de não ser mãe. Porque eu não queria que meu filho, encarasse, de certa maneira, as dificuldades que eu encarei, e a gente vem encarando esta sociedade ai, com muita... complicada, muita dificuldade... eu tive acesso a muitas coisas e talvez tenha a preocupação de poder não dar a meu filho o acesso que eu tive

as coisas, então essa...vira uma preocupação, que hoje eu não tenho e que uma série de amigas tem, né, com financeiro, ai vem escola, inglês, assistência médica, vem...tudo isto é muito oneroso né. Mas eu estou hoje numa situação mais tranquila, né, mas não foi sempre assim, né. E agora ficou tarde, é assim que eu me vejo. Bem, saúde para mim é prioridade sabe a vida sem saúde ela é... é muito complicada, muito sofrida. Eu sempre gozei de uma boa saúde, mas sempre procurei extra, fora o que o governo, o Estado poderia me dar. Eu sempre desde... eu tenho 47 anos, eu tenho plano de assistência médica desde os vinte e cinco, que foi a idade que eu achei que eu queria...vinte e cinco? Não, acho que eu tinha vinte e três, foi meu primeiro plano de saúde particular. Antes eu trabalhava em instituições, e a instituição tinha o plano de saúde dela. E quando eu sai da instituição onde eu trabalhava, eu comecei a pagar uma assistência médica para mim particular, privada né. E eu acho primordial né, eu no meu caso, quando eu resolvi pagar uma assistência médica privada, foi porque eu queria ser mãe. E eu não queria precisar do Estado para... para ter o parto, porque eu vi muita dificuldade. Eu moro próximo a um hospital, vejo muita dificuldade com as grávidas ai, né, com o acesso, é muito difícil. Então eu fiz meu plano de saúde para isto. Depois eu fui ficando... e nunca deixei de ter meu plano privado, porque saúde para mim é prioridade, sabe uma assistência médica, um esporte, uma alimentação, é essencial para que a gente leve uma vida tranquila sabe, a vida sem saúde é muito difícil. E eu vi isto até quando eu trabalhava, eu tinha uma lanchonete, antes de estar na situação que eu estou hoje, e eu lidava muito com pacientes, com pessoas que vinham em busca de assistência médica, e eu sempre via este sofrimento muito de perto. A saúde é prioridade, depois de... primeiro a saúde, depois a educação e assim vai. A gente precisa ter dignidade, e saúde para mim é dignidade. Um homem sem saúde e sem assistência ela é um homem miserável. É assim que funciona para mim. Eu me vejo muito bem, muito bem mesmo. Eu nunca tive uma doença crônica, não tenho nenhuma... não carrego nenhuma traço de hipertensão, nem triglicérides, em... nada que as vezes se torna comum a partir dos quarenta, né. Então sempre gozei de muito boa saúde. Exceto traumas de joelho, fraturas do esporte que eu pratico e sempre pratiquei, é vôlei, eu jogo vôlei, joguei vôlei amadora, a vida toda, e fiquei sem jogar cinco anos e voltei agora a jogar. É mas sempre gozei de uma saúde muito boa, muito boa mesmo, que eu atribuo muito ao tipo de alimentação que eu sempre tive. Na minha casa era, dos meus pais, era essencial sempre, prioridade era alimentação. Meu pai sempre brincava, a gente pedia para ele um sapato, uma roupa, alguma coisa, ele falava assim: o seu já furou? Mas nos armários, na dispensa aqui em casa, tinha tudo para qualquer ocasião, para qualquer momento, ele sempre valorizou a alimentação como fonte de saúde, né, de manter aquela saúde vigorosa como eu tenho hoje.

Muito... é importante demais minha saúde. Eu... é... eu sou um pouco alérgica, tenho um pouco de alergia, então assim... vou a um alergista, frequento um alergista, depois vou a um ginecologista, como é comum, é... fratura, ortopedista, porque com o esporte eu tive várias fraturas, é, deixe pensar... ah, fiz uma cirurgia estética corretiva, oftalmologista, então é...o normal, nada grave. Ah e depois que meus pais, os dois, faleceram de câncer, eu comecei a atentar mais para minha... é que meu pai teve câncer de pulmão, e .minha mãe teve câncer de intestino. Então a partir dos trinta anos eu tenho que fazer, o médico me exige que para eu tenha uma segurança, esta prevenção de câncer de colo, né, de cólon, melhor, de intestino, então eu tenho esta obrigação comigo. E como eu tenho o plano de saúde todo ano eu faço. E ginecologista de quatro em quatro, de seis em seis meses, mamografia, tudo normal. Como eu tenho um plano de saúde privado, eu realizo todos os exames com muita facilidade, não tenho nenhum problema não. Eu já até fui atendida uma vez, pelo... eu acho que foi, pelo serviço público, numa ocasião de torção, de trauma ortopédico. Eu fui atendida assim... na época deve ter uns... sei lá, acho que tem vinte e oito anos, deve ser isto, até que foi... foi atendimento... não foi rápido, mas foi normal, sabe. Mas tem muitos anos, hoje, como eu tenho a rede privada... eu até nem tenho a carteirinha do SUS, eu preciso fazer, porque no meu plano... ele só atende em Montes Claros, não atende... não é a nível nacional, então eu tenho que ter uma assistência, eu gosto de viajar, e tenho que ter esta assistência publica, tenho que fazer, mas nem providenciei ainda. Eu sei, o que eu sei é do que eu vi. Quando eu tive esta lanchonete anos, e é numa região de área hospitalar, eu sei que é uma assistência muito sofrida, porque eu via os pacientes chegarem até mim, as vezes viajando quatrocentos, seiscentos km, para ser atendido, é...migrando, as vezes de um estado pro outro, porque Montes Claros como é polo, eu via gente vindo do sul da Bahia, Guanambi, todos para fazer tratamento aqui em Montes Claros. E como minha lanchonete era localizada exatamente na rua do hospital, em frente ao Hospital do Rim... é a única, o único segmento que eu via as pessoas serem tratadas com mais desvelo, sabe? Porque o pronto socorro que está aqui do lado também eu não vejo um tratamento digno e eficaz não, eu vejo muita complicação, sabe, é a única coisa que eu posso falar. Agora eu mesmo nunca usei, mas eu vejo, tive contato muito perto por estar envolvida com as pessoas que usam, então o que eu via delas era uma total indignação, e um sofrimento danado, bem difícil. Ah, sim, eu sei de algumas campanhas para prevenção de câncer de mama, de câncer de colo de útero, eu conheço muito pouco, sei muito pouco. Só estas campanhas. O que eu vejo as vezes é... um... prevenção de câncer, que eu vejo falar mais na mídia, né, então... eu só sei isto, destas campanhas não sei muito não. Não tô muito por dentro muito, não. Não, nunca ouvi falar nada direcionado assim para mulher sem filhos. Tirando

aquele sonho de ser mãe e tudo o mais, para mim foi uma coisa muito leve, sabe, foi assim algo comum, algumas vão ser mães e outras não vão ser mães. No meu caso eu posso te falar que não foi uma escolha só minha, foi em decorrência das coisas que eu vivi, mas hoje aos quarenta e sete, que eu olho minha trajetória, eu não me imaginaria sendo mãe, mas hoje... mas aquela... com vinte era tudo o que eu queria. Mas eu me vejo muito bem, muito tranquila, eu acho que estou até muito mais serena do que eu podia imaginar que um dia eu seria, né, então é uma questão muito tranquila, não tem nada com relação é... eu sou independente, eu não quero filho, que me atrapalha, não tem nada disto, filho eu acho que não atrapalha ninguém, eu acho que acrescenta sim, só que eu acho que via depender do tipo de orientação que ele recebe, do tipo de amor com o qual ele é criado, né. Então eu sou muito tranquila, para mim é muito tranquilo não ser mãe. Uma certa época eu quis muito e hoje é normal muito sereno, a minha não escolha foi em decorrência de minha história de vida, né. Mas hoje é determinação, hoje eu não pensaria, mesmo fisiologicamente sabendo que é possível eu querer, e se eu quiser fazer um tratamento para engravidar, e ter uma orientação talvez eu consiga... mas isto está fora dos meus planos, porque eu quero é viajar, eu quero curtir os meus sobrinhos, celebrar as vitórias deles... eu quero é esta vida tranquila. Não to pensando muito em me dedicar a outro alguém, eu acho que exigiria de mim agora um esforço sobre humano. Eu não gostaria de jeito nenhum.

Colaboradora 6 : 68 anos, solteira, Ensino Superior

Olha, meu nome é Fulana, e as minhas escolhas... eu sou solteira, moro sozinha, gosto da minha vida, sou uma pessoa muito independente, é o meu jeito de ser, e eu sou feliz. Eu moro só, vivo só, mas eu sou satisfeita, porque na realidade eu não vivo só, né, tenho muitos amigos, e sou uma pessoa muito tranquila, realizada profissionalmente, amava o que eu fazia, gostava de dar aula, meus últimos anos de trabalho... eu trabalhei com deficiente, eu gostei muito... foi um pena que já foi mais tarde, eu não continuei, que eu estudei muito sobre deficiência, e foi uma coisa que eu gostei, assim, eu cresci como pessoa, sabe, foi uma coisa muito agradável, sabe, eu sou muito tranquila e muito satisfeita, apesar da gente ganhar muito pouco, mas eu era muito satisfeita. Em momento nenhum eu reclamei do que eu fazia, eu sempre fui satisfeita. e no mais eu sou uma pessoa muito sincera, muito franca. Que mais que eu posso falar de mim... muito independente, eu sempre busco o que eu quero, e geralmente eu consigo, sou uma pessoa tranquila, vivo muito bem, mesmo sem filho, sem marido. Eu acho que é só de mim, o que mais você quer saber? Olha, eu nunca tive assim... mais cedo na

vida, né, mais nova, né, eu não tinha muita vontade de ter filhos não. Nunca parei par pensar isto, então, naquela época, na minha cabeça, um filho vinha quando você casa e tem um filho. Porque até hoje eu não teria um filho sem casar não. Não porque eu importo, nada disto, mas eu não sei se seria bom para ele, se ele ia gostar disto, de não ter um pai, então eu nunca pensei nisto. E como eu tenho muitos sobrinhos, eles preenchem aquilo. Então isto nunca... agora no momento, engraçado, que no momento agora, já há mais tempo, quando as minhas irmãs já começam a ter neto, me bateu assim uma vontade de ter neto, não era filho. E assim me deu ...porque eu adoro uma criança... adoro, e criança também gosta muito de mim. Mas eu nunca me incomodei de não ter filhos não. Eu acho que hoje eu ainda não teria, eu não sei se eu tivesse com alguém, bem, numa situação estável, né, mas assim não, eu não...nunca tive vontade. E até muito tempo na minha vida eu não incomodava em não ter filhos não. Meus sobrinhos me preenchem. Eu acho que foi o que eu falei com você, eu queria ter um filho com pai, eu não queria ter um filho sem pai, por exemplo uma produção independente...e realidade eu nunca tive ninguém assim pra mim ficar com ele e ter um filho. Eu já fui até noiva, quase casei, mas não era, não era pra mim ter um filho. E pra mim ter um filho meu, só, eu não queria, não pensando em mim, pensando no filho mesmo, que eu penso... eu ainda acho que é complicado você ter, então... e a vontade não era tão grande... não era não. Não, não, meu sobrinho era pequeno e falava: tia, porque você não tem filhos? A pequenininha mesmo, de cinco anos, agora mesmo domingo ela perguntou, e volta e meia ela tá me perguntando, porque que eu não tenho filhos. Mas não, eu acho que eles até que gostavam, meus sobrinhos, até que gostavam do fato de eu não ter filhos, e pegando eles como filhos, mas eu não tenho problema nenhum. Não, olha, eu tenho muitas amigas que não tem filhos, sabe, muitas, então não teve nada assim que eu notasse assim. É que tem isso, as pessoas que seu dinheiro sobra todo para você, tal que não tem nem um pinto para dar água, né, as pessoas falam... só este lado que as pessoas querem mais de você, achando que porque você não tem filho você pode dar (risos) outras obrigações... família pensa isto, e tudo é você também. Alguém adoeceu, sou eu que vou, todo mundo me cobra isto. Pelo fato... isto aí não é só pelo fato de não ter filho, pelo fato também de não ter marido, né... então as pessoas me cobram isto muito, que é a parte que eu não gosto, eu posso ir e tudo, mas não quero ser cobrada, e eu sou bastante cobrada neste sentido. É isto aí. Acho que todo mundo...eu falo é aparte que não é boa... (risos) Normal, bem... acho que filho não faz parte da minha vida assim para mim ficar, ah, mas não tive um filho... ficar toda hora falando não tenho filho, não... eu não falo isto, normal, bem normal. As vezes eu falo com minha irmã: nossa, eu sou só, se eu adoecer, eu costumo falar isto, e ela ainda fala filho não significa que vai olhar não. Só nessa hora

assim, mas uma mulher normal. Filho não faz parte assim, eu não sentia falta de ter um filho... não sei que sempre eu falava, eu não vou ter filhos... e o tempo foi passando, o tempo foi passando e a gente nem percebe... de repente você não tem mais. Saúde é você estar bem, né... tudo você está perfeito, mente, corpo, tudo...olha, eu sou uma pessoa que tem uma boa saúde, assim, tenho uma pressão alta... no mais, eu não tenho outra coisa. Faço de acompanhamento, de três em três meses, de seis em seis meses, eu vou ao médico. mas no mais, não tenho nada alto. Já tive... é... agora, o ácido úrico alto também, eu faço um controle, mas tudo sob controle. Não tem nada assim, mais sério não. Eu falo que depois que a gente faz sessenta, a gente dá uma baqueada, eu hoje ando assim muito... eu era uma pessoa muito ligada, e de lembrar de tudo, eu tô perdendo isto, eu tô esquecendo coisas, que tudo eu tinha na minha cabeça, o telefone do pessoal da Delegacia, telefone, aniversário, tudo eu tinha na cabeça, qualquer hora... o povo ligava para cá direto querendo saber aniversário e telefone, e hoje eu tô perdendo isto... eu não sei se é a falta do trabalho... acho que é próprio da idade mesmo, do tempo. Então eu tô bastante... tô indo e voltando assim, distraída, eu chego assustar... eu vou falar o nome de alguém, esqueço... e um tanto de coisinhas assim e isto aí, que eu tô preocupada que eu quero ir num geriatra, eu quero ir, eu até liguei lá para a previdência, o Ipsemg, mas não tem... não... eu acho isto um absurdo. Não tem. Eu quero ir. Porque eu tô percebendo isto sabe, mas eu tenho muita disposição, to bem, eu também cuido, eu faço academia, eu tenho um certo cuidado na alimentação, eu acho que para minha idade minha saúde é boa. É particular e Ipsemg mesmo, meus médicos eu pago particular a maioria. Eu tenho um nódulo também, e eu vou no mastologista, eu pago, ele não é mas da previdência, e como tem anos que eu tô com ele, ele me acompanha, então eu não vou mudar. Não sei nem se no Ipsemg também tem. O outro é o cardiologista, ai eu vou, as vezes eu pago, às vezes eu vou no Ipsemg. Tem anos também que eu vou nele... é os dois que eu vou, mastologista e cardiologista, e ginecologista eu vou uma vez por ano. Eu tirei o útero há uns cinco anos atrás. Vou, faço exames, todo ano, o cardiologista me pede um monte de exames, o mastologista também. Agora mesmo eu vou, no início do ano é a época de eu ir, eu acho isto muito... o Ipsemg deixa muito a desejar, você procura e não tem...ginecologista mesmo eu to sem ter...eu ia ne uma, estava ate gostando, mas eu falei, não, eu pago muito, vou procurar um...mas ao consegui assim ter uma referencia de saber que é bom não, então até agora eu acabo pagando tudo. Eu acho um absurdo, a gente tá pagando. Agora minha irmã que tem um acompanhamento, eu falei que vou ver se eu consigo ele, é uma prevenção, eu não sei se você sabe, ele é ali, aqui perto daqui de casa e ela vai, faz tudo quanto é exame, eu não sei exatamente como que é não. Eu sei que ela vai, quem indica é o posto de saúde e ela vai e diz

que nossa é bom à beça, mas eu num fui ainda. Eu até falei com uma amiga pra a gente ir, mas eu não sei nem aonde que é, porque atende essa região, porque eles que tem que indicar a gente, não posso ir lá e falar que eu quero não, mas é este posto que encaminha a gente se achar necessário, geralmente encaminha por causa da idade e tal e lá eles vão ver o que é que você precisa. Minha irmã fez tudo quanto é exame e ela diz que é muito bom. Eu nem conhecia não, não sei como é assim direitinho não, mas sei que ele foi e gostou muito... não sei se continua bom...tudo começa muito bom depois vai faltando as coisas, né. Eu conheço pouco, porque a gente quase nem tem, né, deveria ser mais um trabalho de prevenção, de tá atendendo, não deixar a pessoa adoecer pra depois cuidar, se tivesse assim um serviço de prevenção acho que era muito melhor. Eu acho que ficava bem melhor. Porque não é bom o que nós temos, e pagando, a gente acaba porque não é bom, muita fila, e tudo, e são coisas assim para todos mesmo, né, que atendesse todo mundo, de qualidade, e as porque pessoas acabam não indo porque não tem qualidade, muita fila, muita coisa assim. Eu quase nunca fui assim, geralmente eu vou é particular. A gente também tem mania de ir quando a gente adocece, e então ai você tem que pagar mesmo, por que você não acha rápido. E é tudo muito demorado também... se você tem alguma coisa você vai, você tem que fazer um exame só para dois meses, e você precisa dele é hoje. Então você acaba largando para lá. Os hospitais são muito cheios. Eu faço é assim vacina...este tipo de coisa que eu aproveito deste serviço. Já ouvi por alto, ouvi por alto. Assim, mamografia... já vi muito pouco, coisa que assim que atende mulher né, ultrassom, estas coisas... tinha um programa aí, alguma coisa aí que tava atendendo, fazendo exames, este exames da mulher mesmo, prevenção. Mas eu nem sei se era só um momento se continua, não sei...sei pouco, muito pouco. Eu acho que não é uma coisa ainda que funciona bem... eu acho que não. Pelo menos aqui não, não sei em capital, né, nas capitais pode ser que seja melhor, mas aqui é muito fraco. Para mulher sem filhos não, nunca ouvi, aqui não tem também não. Porque a gente às vezes a gente acha que não tem filhos não tem nada de útero, ao tem nada de nada, e tem do mesmo jeito, mas nunca ouvi não, nem nunca fiz. Assim específico para mulheres que não tem filho, não. Hoje eu acho que a mulher tem uma independência muito maior, né, hoje também nesta questão assim, por exemplo, uma pessoa da minha idade, minha mãe quando morreu ela tinha sessenta... ah, ela tinha quarenta e nove anos, ela era velha. E eu hoje tenho sessenta e oito anos e não me sinto velha. Nem sinto dor eu acho. Este conceito ai foi mudado né, mas não é só para a mulher, eu acho que o homem também, né, eu acho que a mulher hoje tem uma saúde muito...além de ter alimentação, muita coisa, e mesmo assim, até nesta parte também que a mulher hoje não é considerada uma velha, né, a mulher de sessenta anos não é considerada uma velha, então isto

modifica a cabeça das pessoas. Isto ai também modificou muito, né, antigamente as mulheres iam ter filho ficavam doente, era aquela coisa, e hoje é tudo muito mais simples. Embora hoje tá tudo voltando para o parto normal, né, natural. mas... tinha muita mulher que morria de parto, hoje eu penso que isto não existe mais, evoluiu como tudo evolui, né. Olha, eu mais nova eu não pensava assim ah, eu não vou ter filho. Não é uma coisa que eu tomei uma coisa assim que não queria ter filhos, não aconteceu isto. Eu acho que naquela época a gente não era muito consciente das coisas, na minha época, você não pensava isto não, eu acho que eu não pensava isto não... isto não era uma coisa que eu pensava... não era. Então com o tempo foi passando, né, fui trabalhar, eu me identifica muito com o trabalho, com minha independência, de viajar muito, de estudar, então eu acho que isto preencheu a minha coisa de filhos, sabe, e até de marido... naquele momento eu não queria marido. Depois vai passando o tempo você passa a querer de novo (risos), mas teve um momento que não, eu pensava muito era de viajar, de estudar, de trabalhar, que jamais eu faria o que eu fazia com filhos e com marido. Então eu era muito satisfeita naquela vida de viajar muito, de fazer curso não sei onde... não sei onde...então isto me satisfazia. E o tempo foi passando... e igual eu te falei, filho não era uma coisa que eu falava ih, eu quero ter um filho, minha vida não é completa sem um filho... não. A minha vida é normal sem um filho. Podia querer, eu adoro criança... podia ter tido, eu ia gostar muito, com certeza, mas não era uma coisa que eu precisava para completar minha vida, não. Vivi e vivo sem filho muito bem. Eu não queria adotar. Eu penso que todo filho queria estar era com os pais dele... por melhor que eu fosse, por melhor mãe, ele queria estar era com os pais. Então eu nunca tive vontade de adotar, nunca tive coragem de adotar, eu acho que é uma coragem bem grande assim, de repente você pegar alguém que não é seu filho, para educar, eu acho bastante complicado... então não tive vontade de adotar também não. Ficava muito assim meus sobrinhos aqui em casa... e hoje não vem, eles cresceram, né, mas nunca tive vontade de adotar não. Nunca tive coragem de adotar. Uma amiga pensava que a vida dela não era completa, era não era uma mulher completa porque ela não tinha um filho, faltava um filho na vida dela. O que não é o meus caso. Eu sou muito de assim... de missão, de você ter o que você veio fazer aqui. Eu penso isto, se eu não tive filho, não tinha que ter... então, não sei se é bobagem, mas eu penso isto. Se eu não tive filho é porque não tinha que ter, senão teria tido. Mas não me incomodo de jeito nenhum. Não sei nem se eu ia dar conta... assim, hoje é muito complicado. Eu não sei se á porque a gente tem muita amiga, uma série de amigas da gente que nossa senhora, eu não sei se não deram conta, mas... não deram conta mesmo de educar, foi complicado, bastante. Então eu tinha receio. Mas não é coisa dos meus sonhos não. Apesar que eu não tive filhos, mas eu criei dois irmãos. Meus

dois irmãos estão muito bem, graças a Deus, hoje. Quando minha mãe morreu, um ficou com nove anos e outro com onze, quem criou fui e, menina, eu tinha vinte e poucos anos. Eu era bem brava com eles, mas graças a Deus, todos dois fizeram uma faculdade, tão bem casados, com filhos, sabe, saíram bem na vida. Então esta parte também já me satisfaz, eu tive estes filhos, sem querer, muito cedo na vida. Talvez seja também... eu não falei isto não...talvez este seja o motivo que eu não tive vontade de ter filhos, eu já criei eles, o mais novo tinha onze anos quando minha mãe morreu, ele tava na quinta série... então eu criei eles. E graças a Deus deu muito certo, nenhum me deu trabalho... todos estudaram, hoje são pessoas de bem, eu acho que isto ai já me satisfaz, não precisava ter mais não. E além do mais eu fiquei muito mãe de todo mundo, porque eu era a mais velha, nós ficamos super novas, eu devia ter uns vintes dois, vinte e três anos, só que já não tinha pai, então eu que era a mãe, eu que pus todo mundo para estudar, eram seis, uma morreu, né, e eu que tomava conta... ficamos só nós, tudo pequeno... tudo pequeno não, gente nova ainda né, que não tinha maturidade para isto... mas deu certo. É engraçado que hoje eu vejo sobrinho meu que tem problema, eles tem o pai, tem a mãe, quer tudo, calçado, tudo, né... e eles não, meus irmãos, o pai deles, minha mãe era casada a segunda vez, depois que minha mãe morreu, seis meses depois ele morreu, então nós ficamos só mesmo. Nenhum mexeu com droga, nenhum deu trabalho, todos dois estudaram, um já passou até em medicina. Ele não fez porque eu não tinha o dinheiro para pagar. Era a Universidade, na época era paga e muito cara, então não dei conta de pagar. Mas ele fez, ele passou em primeiro lugar, fez administração de empresa, ele é super inteligente, as filhas também são, uma menina dele de 17 anos agora passou em medicina. E o outro também fez faculdade, tudo bem. A gente fala que as vezes os pais que atrapalham, né, a educação, que fica passando muito a mão na cabeça, e eles não, eles já foram trabalhar, todos dois. Com doze anos eles trabalhavam, e eles saíram melhor que meus sobrinhos. Deu certo, graças a Deus. Então eu acho que esta parte minha ficou muito nisto ai. Mas é ai, a vida é muito engraçada, eu também não sou muito de esquentar minha cabeça muito com as coisas não.

Colaboradora 7: 52 anos, solteira, Ensino superior.

Bom, eu sou professora, né, toda a minha formação é na sociologia, tenho formação em Ciências Sociais que eu fiz a graduação, depois mestrado em Sociologia, e doutorado em Sociologia Política, que era a última turma né, mas minha concentração toda ela na Sociologia. As minhas escolhas foi por trabalhar com Sociologia, né, eu costumo brincar que se eu não soubesse Sociologia que eu acho que eu passaria fome, porque é a única coisa que, e

considero que eu faço bem. Olha, eu nasci numa fazenda, fui criada lá até os dez anos, depois meus pais nos trouxeram para cá, eu e meus irmãos, para a gente estudar, né, e desde o momento que eu vim para a cidade, uma das escolhas foi morar na cidade, que eu sou uma pessoa totalmente urbana, eu não gosto de zona rural, eu vou pouco, e uma principal escolha que eu fiz na vida foi pela minha carreira, né, então eu às vezes hoje, eu avalio que eu deixei muita coisa pessoal, no sentido de tá priorizando a carreira, a formação, né, e até eu viajo muito, participo de muito congresso, muita coisa na minha área. E com relação à vida pessoal, eu falo que hoje o meu principal papel é de cuidadora, porque minha mãe mora comigo depois que ficou viúva, há onze anos, quase doze, e meus sobrinhos também, que acabam vindo para cá para estudar e ficam lá em casa. Eu costumo até brincar que eu sou mãe sem ter tio nenhum filho. Olha, eu quando era mais nova, eu tinha vontade de ter filho. Mas eu sempre imaginei um filho com um companheiro, né, e como eu nunca dei muita sorte com relação aos homens, ou os relacionamento que eu tive não tiveram essa consequência de ter filho, hoje eu avalio que foi melhor para mim não ter tido filho, né, assim... Embora eu goste muito, me dou muito bem com os meus sobrinhos, eu já tenho sobrinhos netos, né, já tenho dois, e vem mais dois, mas hoje eu avalio que foi bom para mim. Eu sou muito família, mas eu gosto também de ter uma certa liberdade, e eu às vezes me sinto muito presa com a minha família, né, porque demanda assim muito da gente. Desde criança, quando eu mudei para cá, eu por ser a irmã mais velha das mulheres, eu tinha irmãos mais velhos que eu, eu tive que assumir a casa como se eu fosse a dona da casa, né, então isso de certa forma inviabilizou de viver outras coisas. Então eu tinha que cuidar da casa, eu tinha que estudar, depois muito cedo eu comecei a trabalhar, também né, isto foi uma coisa importante para mim, e minha vida é isto, meu cotidiano é este. Olha, na verdade... eu tenho uma aluna que hoje é minha esteticista, porque eu sempre faço uma rede, né, e quando eu terminei o doutorado, ela me disse que alguém, uma cliente dela, falou assim: 'Fulana né, terminou o doutorado, mas também não casou', mas as pessoas, a primeira coisa que eles estranham é o fato de eu não ter me casado, né, porque todo mundo espera que mulher é para casar e ter filhos, né. Mas eu tenho várias amigas que são mães, sou muito adotada como tia desses filhos destas minhas amigas, mas eu vejo que as pessoas ainda esperam que o papel da mulher, principal, seria ter um casamento. Como eu não sou casada, as pessoas perguntam: mas você não tem filhos porque você não casou? Não, não tem anda a ver uma coisa com a outra, foi porque a minha vida foi tomando rumos e depois não aconteceu, né. Ah, hoje eu acho ótimo não ter filhos. Antes, quando eu não tinha sobrinhos, eu tinha muita vontade de ter filhos, mas como eu tenho sobrinhos de... é... sobrinhos mesmo de seis até vinte e quatro anos, por todas as de idade passam, né, são

treze sobrinhos, tenho dois sobrinhos netos, um de seis anos e uma de um ano e pouquinho, hoje eu me sinto extremamente confortável de não ter filho, até porque é... eu tenho um problema de saúde que é depressão, e ela é muito cíclica, ela é uma doença genética, que eu sofro muito com esta doença, e eu penso que hoje eu já não teria mais estrutura para educar alguém, cuidar e tal, eu já fico muito confortável de não ter, hoje eu gosto. Antes, quando eu era nova, porque aí quando você tem vinte, vinte e poucos anos você tem toda uma perspectiva de vida, né, mas depois você vai... hoje com cinquenta e dois, não quero mais, eu quero é... muitas pessoas falam: ah, porque você não adota uma criança, eu falo: não, não quero ser mãe mais. Eu acho que esta coisa da maternidade não é uma coisa que é um apelo para mim. Apesar de chamar 'D', né... (risos). Ah, saúde é principalmente você estar bem. Estar bem fisicamente, estar bem psicologicamente, né, sobretudo em determinadas fases da vida. eu costumo brincar com os meus sobrinhos e falo assim: não envelhece. Porque eu sempre fui uma pessoa extremamente saudável, do ponto de vista físico, há vinte anos convivo com a questão depressiva, mas ela teve um intervalo de dez anos entre uma crise e outra, mas de dez anos para cá é cíclico e é uma coisa que me faz muito sofrer. Então para mim, saúde é sobretudo, não estar deprimida. Porque eu não aceito, não gosto, tem gente que gosta de estar, eu não, é uma coisa que me incomoda bastante. E é... mulheres, né, a gente também... hoje eu também já tenho que conviver com a questão hormonal, eu já não tenho mais o mesmo pique que eu sempre tive, né, então saúde para mim é sobretudo você estar bem, tanto do ponto de vista físico quanto do ponto de vista psicológico. Olha, é eu faço medicina preventiva, né, por exemplo, ginecologista, cardiologista, a questão do psiquiatra e do psicólogo é rotineiro na minha vida, então do meu salário, x todo mês, vai é para pagar estes profissionais, eu tenho acompanhamento assim constante, né, então... fora isto é quando eu tenho algum problema, igual este ano eu tive um problema de rinite, então você tem que procurar... mas eu procuro muito mais preventivo, a medicina preventiva. Olha, é... o tratamento ginecológico e cardiológico são por convênio, plano de saúde, agora o tratamento psicológico e psiquiátricos é particular, porque os planos de saúde não cobrem essa modalidade. E o serviço público também é bem difícil, porque eu preciso de atendimento mais constante, por exemplo, eu tenho atendimento psicológico duas vezes por semana, eu... o psiquiatra eu consulto uma vez por mês, então tem aquele acompanhamento sistemático mesmo, então essa modalidade né, dos tratamentos psicológicos, são particulares. E os outros eu tenho convênio, plano de saúde. Muito pouco na minha vida, muito pouco, eu não tenho por hábito utilizar serviço público. Eu até mandei cortar o Ipsemg justamente porque eu não utilizava e como minha mãe é uma pessoa idosa e eu que pago o plano de saúde dela, eu pago

para mim e para ela. Então eu não... assim... e porque eu acho muito difícil aqui o serviço público de saúde, e eu sou uma pessoa que faço muita coisa, eu tenho pouco tempo para tá disponível para estar atrás disto. Para mim é uma das políticas mais importantes, né, e eu acho que os governos, tanto no âmbito nacional, estadual e municipal, têm que estar preocupados, né, porque é a política que a população mais usa e mais precisa. Então, para mim é aquela política que vai direcionar e vai garantir né, o acesso à saúde para as pessoas, sobretudo para aquelas menos... é... abastadas, né, pessoas de classes mais baixas, pessoas que precisam realmente deste serviço. E aqui tem um problema sério com relação à política de saúde, porque aqui não atende só pessoas da cidade, atende pessoas de fora, aqui é pólo, e se você passar em frente à Santa Casa você vai ver muitas Vans, ambulâncias, então várias pessoas vem em busca desta política, né... Então eu avalio que a política pública de saúde juntamente com a política pública de educação são as duas mais importantes, que deviam ser bem mais implementadas. Assim, eu acredito que muito tem se feito, mas acredito que para melhorar a saúde deveria se fazer mais. Então eu acho que não... é... não se faz o tanto que a população necessita. Olha, eu já ouvi de um programa para as mulheres que são vítimas de AIDS, né, aquelas que são contaminadas pelos seus parceiros, né, tem programas também para mulheres na velhice, né, de geriatria, já ouvi falar, minha mãe já até participou uma vez, né, o programa de saúde da família, que também envolve não só mas principalmente as mulheres, né, de prevenção de câncer, né, então vários programas eu já ouvi falar. Para mulher sem filhos não, não conheço. Eu vejo que é muito importante, né, porque a mulher que não tem filho ela tem consequências também, para a saúde da mulher, né, às vezes pelo fato de não ter filho relaxa mais com relação a alguns cuidados, né, então eu penso que é muito importante ter uma política pública específica para este segmento da população. Não, não conheço. É porque eu não sou muito ligada na área de saúde, né, eu tenho amigas que atuam... até aqui eu brinco e falo assim: olha, eu dou aula de qualquer sociologia, menos sociologia da saúde. (risos) É muito específico. Olha, para começar, eu... é... minha identidade, em termos de afinidade, eu tive mais... é... aproximação coma figura masculina que era do meu pai, né. Então, minha mãe, pelo fato de eu ser a filha mais velha, no meio dos homens, e pelo fato... eu acho que ela tinha até um certo ciúme pela relação que eu tinha com meu pai, então eu e minha mãe a gente nunca teve muita empatia não. Então assim, hoje a gente convive bem, porque ela depende de mim, mas a figura que... mais me reporto é a figura masculina, que é a figura do meu pai, né. Agora, uma questão que é importante é porque, apesar dos dois, né, ele muito menos do que ela, não terem estudado, eles sempre tiveram vontade que a gente estudasse, né, então é... desde muito pequena, a gente morava em fazenda, eles venderam algumas coisas,

compraram uma casa aqui, e trouxeram a gente para a escola, né. E aí, a partir do momento que eu fui estudando, eu sempre gostei muito de literatura, eu comecei a ler coisas que dizem respeito ao universo feminino, como os livros de José de Alencar, né, Senhora, Lucíola... então é... eu fui construindo minha identidade a partir daí, sabe. Agora o fato de não ter tido filho foi puramente consequência mesmo, né, assim... eu fui é... fazendo outras coisas, priorizando outras coisas, e aí, né, depois eu achei que já era tarde para eu pensar em maternidade. Mas ao contrário de muita gente que diz: ah, a mulher para se realizar tem que ter filho, é... maternidade não é uma coisa que me faz falta, até porque eu acredito que o fato de eu ter ajudado muito a criar meus sobrinhos, né. eu tive uma sobrinha mesmo que ela se casou há quinze dias atrás, e ela sempre fala: eu tenho duas mães, minha mãe e minha tia. Então sempre morou comigo, eu sempre é... banquei faculdade, banquei as coisas deles, então de certa forma essa parte eu acho que é bem resolvida por causa disto, né. E depois com as crises de depressão, eu fui ficando mais também... é... individualista, de... de gostar de não ter filho, porque quando eu tô em crise, é um momento que eu gosto muito de ficar sozinha, então é... eu falo assim: se eu tivesse alguém que dependesse de mim, né, porque eu acho que o mais difícil de ter um filho não é nem a questão econômica, não é a questão de educar neste mundo violento e difícil, é você formar a personalidade de alguém. Então eu não me sinto hoje com segurança para fazer este tipo de papel. Olha, eu penso que eu deveria conhecer mais sobre as políticas de saúde, né, porque são importantes até para fazer uma leitura é... da sociedade, já que minha área de concentração e pesquisa é desigualdade social, né, e... é desigualdades de gênero, de raça, de classe, sexualidade, então são várias variáveis, né, então é bem interessante pensar nesse universo, e eu penso que o acesso a saúde, por exemplo, é um fator de medir também a desigualdade social. Que algumas pessoas tem acesso e outras pessoas não tem. Gosto muito de estudar, né, eu quero continuar estudando, mas pretendo seguir nessa linha mesmo, eu tenho uma sobrinha que é enfermeira, a gente conversa muito sobre o trabalho que ela desenvolve, ainda mais que ela trabalha em zona rural, mas é uma questão de aptidão, né, eu sempre fui pelo lado das Ciências Sociais.

Colaboradora 8: 27 anos, casada, Ensino Médio.

Uma mulher batalhadora, que corre atrás dos objetivos. Alguns objetivos não foram tão fáceis, inclusive a aceitação da minha opção sexual, não só para mim me aceitar, mas para a minha família também. E para a família da minha companheira também. Mas sempre corri atrás, nunca deixei que isto interferisse no meu caráter, sou uma pessoa muito responsável,

sempre fui, e busquei minha independência muito cedo e hoje estou ai, aos 27 anos me considero totalmente independente, desde muito nova e já com um relacionamento consolidado há quase sete anos. Minha escolha profissional foi meio turbulenta. Iniciei numa área bancária, pela qual me apaixonei pelo meu trabalho. Depois me ingressei numa área completamente diferente, até para a minha região, um Call Center, fui subindo lá, conquistando um espaço. Larguei um emprego hoje consolidado de quase 4 anos, com um salário que hoje não se encontra, de coordenadora do Call Center, para virar empreendedora, no ramo de restaurante, que eu não conhecia. E estou há quase dois meses neste novo desafio. Não querer ser mãe...na verdade eu nunca fui uma criança que sonhou em casar, entrar numa igreja, é...cuidar da casa. Não, eu gostava de viajar, já me imaginava uma mulher independente, empresária... por incrível que pareça, empresária, mas viver por viajar,, nunca nem imaginei em ter alguém. Sempre gostei muito da minha liberdade, e hoje ... ter um filho, para mim gerar é uma coisa fora de cogitação. Eu nunca imaginei, não tenho vontade de ser mãe. E neste ponto... e com esta correria, com esta opção minha que torna um pouco mais difícil o acesso, já não ter vontade de ter filhos, agregou isto, gosto de tudo o que eu faço, gosto de ser livre...acho que é uma responsabilidade “gigantesca” ser mãe. Eu acho que se eu fosse mãe e passasse pelas coisas que a minha mãe passou, eu não teria estrutura. Eu aceitei a condição de ser tia, sou louca para ser tia, acabou... então assim, filho para mim é para... sobrinhos, que vão lá em casa, passam o final de semana, nada mais que isto. Sem ter aquela responsabilidade, sem ter aquele... em prender, porque te priva de muita coisa, então acho que hoje... eu nunca pensei em ter minha liberdade privada por alguém, a responsabilidade é grande demais. Não, familiar não. Social menos ainda. Eu acho que poderia até ter um pouco mais familiar. Mas na minha casa, na minha família, todo mundo está muito aberto a isto, Então ser mãe por ser mãe, não entra em discussão. Hoje eu entro em contradição, em conflito interno porque a minha parceira tem vontade de ser mãe. Então é uma coisa que recentemente vem se discutindo muito. É a vontade dela de gerar, de ser mãe, e a minha de não querer me prender e saber da responsabilidade, então é assim...ainda mais nas condições nossas que é um pouco mais complexo que um casal dito normal, né, casal heterossexual. Uma família convencional né, então a minha não seria convencional. Eu não estou pronta para ver meu filho passando por algumas coisas na escola, né, de brincadeiras, de bullying, então assim, eu não teria estrutura para isto. Tem cobrança, ah isto tem, assim: Ah, mas porque? Ter filho é tão bom, ser mãe é tão bom. Você vai viver sozinha, e quando você ficar velha, quem vai cuidar de você? Mas não interfere, não me incomoda, mas que tem, tem. Ou então: é necessário ter alguém para cuidar, quando ficar velha, quando você ficar velha vai ficar com

quem, não vai ter ninguém para cuidar de você. Quando você chega na escola é lindo de ver o filho fazendo homenagem para os pais...então assim, quem é mãe cobra e acha um absurdo a pessoa não querer ser mãe e acha isto um absurdo. Mas tem esta cobranças, estes comentários sim. Quem sou eu? Eu acho que eu me encaixaria como a nova geração. Uma geração livre, que sabe o tamanho das responsabilidades que é... ainda mais o Brasil do jeito que está hoje, de tudo...então eu não seria hoje, eu posso dizer, louca de colocar um filho pro mundo que está hoje. Eu acho que vai além da não vontade de querer ser, uma responsabilidade de você deixar seu filho ai, para este mundo que a gente está vivendo? Do jeito que está sofrido, do jeito que está difícil. Não na minha época... na minha época era um pouco mais fácil. Mas agora não está fácil... de tudo, de drogas, de amizades ruins, de crime... financeiro, também, que é altíssimo. Cuidar de um cachorro já é difícil, quem dirá de um filho. É pelo menos quatro vezes mais a despesa. É isto. Eu já... quando eu era bem novinha, devia ter uns... quatorze anos, eu cheguei a ir até na porta de um hospital, acompanhando minha tia na época, que era médica, e um parto normal, a hora que eu vi assim, que eu cheguei na porta e vi aquela cena, eu tive certeza que isto não era para mim. Foi...deu mais ênfase ainda...porque eu sou muito fresca, então é o tipo de dor que eu não suportaria nunca. Uma dor de cabeça já me incomoda. Então ter um filho, ter uma coisa mexendo em você, já me assusta um pouco. Uma vida saudável, uma alimentação balanceada, um... exercícios físicos, saúde mental que é extremamente importante, o nível de stress tentar controlar, que interfere em tudo, viver a vida, aproveitar tudo com moderação, sem exagero, isto que é saúde para mim. Bom, eu sou uma pessoa sedentária, me alimento muito mal, sou fumante, mas não tenho outros exageros, não fico de madrugada na rua, perder noite de sono... mas hoje depois que eu sai do meu ultimo trabalho, minha saúde mental está muito melhor, eu consigo dormir melhor, antes eu tava tendo muita insônia, hoje eu não tenho, meu nível de stress está mais baixo, então eu estou levando hoje, apesar de ser sedentária e uma alimentação não tão regrada, mas eu me sinto mais saudável do que eu estava antes. Eu já procurei algumas vezes, ou por dor muscular ou igual recentemente estou fazendo um tratamento no útero, particular também. Público é só emergência. Então eu tive a felicidade de quatro anos ter um plano de saúde, a gente não precisar passar tudo o que eu vejo as pessoas na fila do hospital passando. Então assim hoje eu tenho uma condição financeira suficiente para poder se precisar ir a um hospital optar pela rede particular. E o atendimento público é mais desumano. Já, na rede de emergência. Cheguei no hospital sentindo uma dor, aparentemente de apendicite, mas não era, já era este problema meu no útero, cheguei as quatro e meia da tarde, saí as seis horas da manhã do outro dia, isto até ser atendida levou 7 horas. Quer dizer, se fosse uma coisa grave,

de apendicite, a situação seria muito mais grave né, de ficar aguardando este tempo todo na rede pública para ser atendida. Mas foi a única vez que eu fiquei muito tempo para ser atendida, nas demais como eu tinha um plano de saúde não tive esta dificuldade. O atendimento é diferenciado sim. As políticas públicas em saúde seria o que hoje não tem. A gente paga tantos impostos, então estes impostos deveria reverter para a sociedade em saúde pública. Não só médica não. O uso de drogas hoje está sendo considerado saúde pública. E a população não é tão carente de informação não, eu acho a mídia tá aí o tempo inteiro, mas eu acho que o investimento do governo é baixo, eles não acompanham, você vê hoje menina de 11 anos grávida, então ultrapassa um pouco a família, de criação, e passa a ser também saúde pública. Deveria ter acompanhamento... eu penso... que o acompanhamento deveria ser desde a escola... desde a escola... O acompanhamento na escola de... tem algumas poucas escolas que possuem dentista... mas deveria ter em todas... uma... a rede pública é tão carente... a zona rural... as vezes... aí sim, entraria a falta de informação, é onde que a política, os políticos poderiam entrar com a saúde pública bem melhor do que faz hoje, né, de acompanhamento de meninas aí que... hoje tem, vacina para HPV. Mas quanto levou para ter esta vacina. Quantas pessoas seriam... as mães que teriam o sonho de ser mães e não podem ter por causa de uma coisa de falta de informação e onde que o governo não atuava. E é uma coisa que parece ser simples para eles né, mas para quem tem acesso a isto é grande demais. De medicamento também... então se tivesse em toda...mesmo que não fosse um médico, mas que tivesse um enfermeiro nas escolas, passando uma orientação, dando aula, ensinando a manusear qualquer coisa que eles vão fazer, falando mais sobre as doenças...saindo um pouco desta obrigação ser só do professor, ele passa muito pouco momentos para esta aula...o profissional de saúde. De nome já, agora de atuação não. De nome tem a saúde da mulher, que é feito por alguns PSFs da região. Mas como eles atuam, não faço a mínima ideia. Só os que tem na mídia mesmo. As vezes você vai no hospital e teme os cartazes informativos, mas... não para participar não... não, não. Por incrível que pareça, o único que eu fui abordada foi num banco, um seguro, que seu tiver Câncer de colo de útero, eu posso receber um dinheiro. Então quer dizer, o tratamento não, mas seu tiver o câncer de colo de útero... só, a única abordagem que eu tive foi essa. Só que devido as informações que eu tenho, então não espero nem ser abordada não, eu busco um acompanhamento. Mas abordada eu nunca fui não. Não. Esta tá sendo a primeira vez que eu vejo uma pesquisa sobre isto. Mas programa não. Nem de encontros para mulheres que não querem ter filhos... não... igual tem encontro de casal, nem assim eu nunca vi falar. Vejo para mães, para pais, para mães solteiras, casais novos, mães adolescentes... tem acompanhamento, parece que alguns postos de saúde tem acompanhamento para

adolescentes...mas para mulheres que não querem ter filhos não. Nunca...nunca mesmo. Bom... eu vejo uma mulher bem, eu gosto da vida que eu tenho. Então eu acho que hoje eu não mudaria. Mas como eu construí esta ideia, além da não vontade, eu acho que alguns exemplos também, então assim, te dá mais ênfase ainda. Mas... E olha que eu tenho exemplos, minha mãe tem três. Mas ver ela se privando...não é uma coisa que eu queria para mim não. Então veio junto com... ainda a opção sexual de me descobrir, só fechou o ciclo e eu tive mais certeza com o passar do tempo. **Sobre a opção sexual** Ah, não foi fácil não. Você entra num conflito interno gigantesco, você acha que é o pior dos conflitos. Da educação que você teve, de tudo que você aprendeu, você acha que tá fazendo tudo errado, que a decepção vai ser grande demais, e que você vai ser a chacota da rua na época né... você vai sofrer bullying, vai sofrer ...eu acho até que sofrer na rua nunca me impediu a nada não. Acho que o pior é se eu não tivesse a aceitação em casa. Se a família tendo base... se você tem uma boa base familiar, você segura qualquer coisa. Então isto eu tive, graças a Deus... então... não foi tão difícil quanto algumas pessoas, alguns amigos meus passam não. E eu sempre fui muito certa do que eu queria, então...eu levei muito tempo para me aceitar, para me afirmar e para dividir com a família. Uma mulher feminina, não sou estereotipada não. Uso vestido, uso salto, me maquio, as pessoas me veem e se assustam por saber minha opção, porque tem um preconceito de que no mundo gay todo mundo tem que ser estereotipado, então... me vejo feminina como qualquer uma. Sem diferença nenhuma.

Colaboradora 9 : 90 anos, viúva, Ensino Médio.

Quem não sonha ser feliz na vida? Todo mundo sonha, inclusive eu, sonhei. Mas fui feliz muito tempo. Mas depois as coisas vão acontecendo... sempre surge... mas... não que tenha... foi um marido que sempre sonhava o que eu queria ele era bem... inteligente, né? Tive um sogro que foi um pai que eu tive, uma cunhada que ainda é uma irmã que eu tenho, que oferece a casa dela, que eu posso escolher o quarto que eu quiser. Eu não tive filhos, os irmãos todos ocupados, umas voluntariamente porque casaram e tem que olhar seus maridos, vivo bem aqui, só isto. Fui uma neta muito querida de ambos os lados, tanto do lado paterno como materno, perdi mãe muito nova, com vinte e quatro anos, eu fiquei com cinco, fui criada pelo... praticamente pelo avô, que deixou uma renda boa... deixou não, ele deu a papai, porque herdar eu não herdei nada, né, eu passei uma procuração para um parente e esse parente não cumpriu com o que deveria, né, irmão da vovó. Então parte financeira não, mas parte... mas herdei muito amor, do meu avô. Ele foi um homem que ele não gostava, ele me “adorava”,

tudo o que eu fazia era uma perfeição... esta menina inteligente é demais... eu...então fui muito querida. O que os outros herdaram em terras, essas coisas, eu herdei em amor. Só isso. Mas não sei nem onde minha mãe tá enterrada aqui, não é... Doído? É... e todos dependiam dele, que hoje virou uma rua, não é praça... é rua, eu procuro a rua ali e não acho. (risos) Mas foi tudo muito bom, tive uma madrastra boa... já fui morar já formada, né, curso normal, que naquele tempo era ótimo, né...hoje que é segundo grau. Mas naquele tempo parecia curso superior. E era muito querida lá, depois passei para a Rede Ferroviária), mas com a mudança de papai para Belo Horizonte ele não quis me deixar na cidade onde morava, eu perdi o emprego, hoje sou aposentada por idade, né, só isto. Trabalhei muito na Associação Médica, na criação da Associação Médica, na instalação do CRM Conselho Regional de Medicina em Belo Horizonte, que até então era feita em São Paulo. Os médicos pegavam o CRM em São Paulo... no tempo do Hilton Rocha, Lucas Machado. Mas aí com o meu casamento eu larguei e fui morar no Triângulo Mineiro, cidade ótima, que eu ainda tenho muita amizade lá. Ah, casamento... a adolescência foi ótima aqui, de brincar de roda, fazer guisado, comer... (risos) comer umas comidas salgadas... médico eu fui conhecer já foi no colégio, interna, porque até então aqui nem quarto ano primário tinha, né, era só até terceiro ano, que eram duas professoras que não eram formada. Então o quarto ano, admissão, primeiro e segundo de adaptação, primeiro, segundo e terceiro normal... sete anos no internato sabe, aquele regime rígido, militar... regime militar... eu falava com a irmã: o regime aqui é muito militar... e era mesmo. Mas foi bom... nos tivemos assim uma Bodas de Ouro muito boa, sabe... uma freira veio , que hoje até elas nem usam mais, né, aquelas roupas que elas usam...todas...fui muito bom. E depois eu fui transferida da residência para Montes Claros, trabalhei na construção de Montes Claros – Monte Azul (estrada ferro) que hoje já terminou, né, e na volta de Papai para elo Horizonte ele não quis me deixar em Montes Claros... eu fui e ai que eu perdi, porque eu entrei para a classe da associação médica. Depois casei, fui morar... morei vinte e dois anos no Triângulo Mineiro, cidade ótima e...separamos, eu voltei para Belo Horizonte, e voltei para trabalhar. Tanto no IML antigo de Belo Horizonte quanto na Fhemig, na Gameleira. Lá eu larguei, voltei para o Triângulo para tocar o pensionato, que eu tinha casa própria lá, e a mas foi uma época boa, mas cansativa. Cheguei a fazer vestibular na universidade de lá, passei, para Assistente Social, Serviço Social... mas era uma parte assim muito ... muita teoria... E eu então não quis... eu fiz mais de experiência, eu queria saber como seria um vestibular. Foi quando eu tive o carocinho na mama, e um miga falou com o marido médico que eu estava preocupada com este carocinho, ele foi lá em casa... ah, se eu visse que era maligno eu ia... eu falei, ah mas você não fez biópsia, né, ele falou: mas eu sei que não é maligno... e a

menstruação? Eu falei: isto em vez de acabar tá aumentando e quando ele verificou era um mioma. Aí eu tive que fazer a cirurgia, aí que eu fiquei hospitalizada. Mas não foi maligno, ele verificou, e ele tirou o útero. Ele falou comigo que não tinha tirado, mas tinha tirado sim. Mas passei muito bem...aí eu já estava brigada, mas o marido deu toda assistência lá no hospital, né, fiquei em apartamento, muito bem tratada. Cidade ótima lá, né, lá é cidade de primeiro mundo... eu acho... aqui é de nível baixo. Só isto, aí voltei, né, vendemos o apartamento, eu fiz aplicação numa empresa que faliu, Coroa Brastel... Fulano falava: 'eu nunca vi coroa aplicar em coroa'. Pronto... e hoje vivo da aposentadoria... vivo muito bem, não como melhor porque eu não ligo, perdi até o apetite, graças a Deus. Mas to contando os dias aqui... até o cara lá de cima resolver e falar: 'tá na hora, vem pra cá'... pronto. Não, eu sempre quis, nunca evitamos, mas depois fiquei sabendo que ele não... os espermatozoides não tinham vida. aí nunca mais eu toquei no assunto nem procurei médico mais, nenhum. Mas vivo bem, sem filhos. Mas sentia falta... sente falta, não é? Não é tão bom ter filhos? Eu vi você com carinho com sua mãe, eu falei: oh, como é bom ter uma filha, né? O que eu não tenho aqui, não tenho, né, nem dos irmãos, porque cada um tem a sua obrigação também, né? E não assim mais hoje aquele amor de antigamente, aquela preocupação... eu vejo com minha amiga como as irmãs... Cicrana outro dia estava preocupada sem notícia da irmã, elas acham que ela é uma menina... é a caçula. Não interferiu não... nenhuma... não. Não, nem o marido cobrava, ninguém tocava no assunto, né... uns achavam até bom... ih, hoje não vale a pena ter filho, só dá trabalho. E hoje eu já conscientizei que realmente o melhor é não tê-los... eu acho. Você vai querer ter? Não vai... Sinto só falta de uma pessoa perto de mim, que talvez se tivesse filho estaria perto, só. É o fato de eu não ter filhos, né. mas tenho muitos amigos, né, inclusive aqui, né, sua mãe, era uma irmã que eu tinha, seu tio falava comigo: era sua irmã gêmea, eu falava não envelhece sua irmã não... tenho boas amizades, eu mesma é que não procuro. Devido a minha... meu problema físico eu não visito, e sou pouco visitada também... mas isso não me incomoda também não. Eu gosto da coisa sincera, você vir por sinceridade e tudo, não por obrigação de vir me visitar, não é? Só. Ah, não sei. Sou da teoria de Padre Eustáquio, gosto é de saúde e paz. Quer dizer, a minha saúde é precária, um pouco, mas eu sei aceitá-la, e paz, graças a Deus eu tenho muita. Fui sempre... procurei ajudar no que eu pude ao meu pai que casou a segunda vez e teve muitos filhos, eu os tinha como filhos, né, tinha mesmo. Inclusive minha madrasta foi muito boa... assim, ela não era carinhosa nem com os filhos muito menos comigo, mas maltrato físico eu nunca tive... nunca, de ninguém. Nunca ganhei um tapinha. (risos) Sou privilegiada, né, fui muito feliz nesse ponto. Ah... hoje... as vezes eu perco o sono, outras eu durmo demais. Ontem eu dormi a tarde, hoje eu espero

dormir novamente... (risos). Faço tratamento para a pressão, que a tendência é... a mínima aumentar, né, a mínima... elas não podem é juntar, porque aí dá o colapso, né... mas se juntar tudo bem. Mas tem dia que tá ótima, 12 por 8, de jovem, né? E o problema da vista, que isto é herança paterna, todos os parentes de papai usam óculos e tem a tendência a vir a ser um glaucoma. Diz o médico que não é um glaucoma ainda. Então o que me priva muito de ler, porque a lupa me cansa, né. Mas eu tenho uma lupa... mas eu leio. Só. Chega. Ah, eu sou da rede pública, eu não tenho um plano de saúde, né. É fiar no INSS, que e no Brasil deixa muito a desejar, né. Se eu posso pagar o médico, como o oftalmologista eu vou... O SUS... esse serviço só olha o problema da minha pressão, da minha insônia...isso o médico me atende bem. (risos) não há problemas por ele ser casado com uma parenta né, talvez... hoje mesmo ele deixou aqui para mim remédio para pressão, é o que eu tomo diariamente, sabe. Eu não procuro... ele às vezes... por telefone que ele me atende, aí passa e me dá a receita, porque minha impossibilidade de tá andando, né, eu não vou no posto. Vem, tem a fisioterapeuta, ela vem duas vezes por semana por causa da minha cirurgia de fêmur, né, que são... ambos os fêmures são... são operados. Mas na primeira eu não fiz a fisioterapia, talvez seja isso que eu cambaleio com a muleta e to usando o andador, né? Sem andador só dando o braço alguém. Só. O que mais? Péssima, né não? Ah, pelo amor de Deus... aqui deixa muito a desejar. Mas até... até que na minha vivencia... eu fui ao médico pela primeira vez... ao dentista com oito anos, porque eu tive uma dor de dente no colégio, num usava. Eu andava as vezes assim... talvez tenha sido isto o problema do fêmur, eu andava muito pezinho de papagaio, era até criticada no colégio: ei pé de papagaio...e ocê, pé pro mato? Sempre eu tinha minhas respostas também, né? Mas eu fui ao médico pela primeira vez para tomar posse como professora.... ao médico. Lembro o nome dele até hoje, que me achou anêmica na época. E eu aqui vivia tomando leite, comia tudo... e fui tida como anêmica e ele me passou um remédio, essa anemia terminou. Desliga (o gravador). Volta (Liga gravador). Ah menos roubo lá na área federal, talvez sobrasse pra aumentar e faltar menos remédio na área pública, menos atendentes, inclusive médicos, não é? Porque tem tanta região aí que nem conhece um médico, não é? Mesmo aqui, no meu tempo num tinha... mamãe morreu, o médico teve que vir de outra cidade, quando o médico chegou ela já tinha morrido. Isso nos anos trinta, da revolução de 30 (risos) que ela morreu. Eu fiquei com cinco aninhos né. Acompanhei política... muita... quer dizer, eu já peguei muito progresso nessa área, mas o progresso é muito lento na saúde aqui, viu, muito lento, né, que antes... olha, a mãe de uma amiga morreu por falta de atendimento, ela ao ter o último filho ela faleceu... aqui, ai que ela morou. Então... muito precário a saúde. Mas isso é coisa que não aparece, eles vão... gostam de fazer é campo

de futebol, coisa que apareça... eles não olham principalmente coisa que tá debaixo da terra, né, num aparece... não aparece. O prefeito falou tem que fazer as coisas que tem prioridade. Geralmente prioridade é aquilo que beneficia ao interessado... geralmente é. Se mexe para o lado é o que vai beneficiar terreno dele... e o que é dele é canalizado para outra cidade, né? eu acho.... assim que eu ouço falar, também... ele me trata muito bem, gosto muito do pai dele, não tenho nada contra... nem posso ter. Ah, nenhum. Ainda tem assim, as gestantes são orientadas, né, o que não era não era, né, antigamente, a mulher escondia acho que até do marido que tava grávida, não é engraçado? Não, nunca ofereceram nada. Quando marco lá no posto, eu telefono aí aparece... inclusive a médica já teve aqui... muito delicada, né... eu nunca procurei também não. O atendimento deixa muito a desejar, né. Ah, logo que nós viemos de Montes Claros eu trabalhei na Associação Médica, na João Pinheiro, era uma casa adaptada, hoje é um edifício, né. Então Dr. Hilton Rocha quando teve lá em Ibitaré, que eu trabalhei lá, na fundação, ele falou: ah, a associação deve muito a nós... eu falei: a nós não, ao senhor, ao Dr Lucas, ao Dr. Oto Cerne, né, ele é que arribou a associação, de adular o médico para ser sócio. Inclusive na época Juscelino morava lá, e ia cobrança lá... a Joaquina fazia a cobrança e ia lá no Juscelino cobrar a mensalidade. Ele era médico, por isso que ele tinha uma cultura boa. (risos). Ele trabalhava no correio e estudava, ele tinha um título... Juscelino. Só participei no Triângulo mineiro, nomeada pelo Juiz de Menores, presidente da casa de crianças, que era a creche de lá, que atendia até berçário e tudo. Mas lá como é uma cidade rica, a Maçonaria dava a casa e não cobrava, a CTBC dava o telefone, a Elgin dava máquina de costura. Tinha que pagar, os que eram... é... que pagavam mensalmente... tinha uma turma que pagava, então tinha as empregadas que recebiam, carteira assinada e tudo. Se não tinha... nova Diretoria, mulher de médico lá... formou bandinha, e eu presidente. Se precisava de visitar um patronato eles davam condução, ônibus, é. As balas Erlam, imperial, princesinha forneciam... forneciam... as máquinas de arroz forneciam o arroz, não era arroz de primeira... mas lá dava o almoço e o jantar. E tinha a única ajuda do Estado era uma professora, porque o menino saia com sete anos já... precisando de uma ajuda estadual era só esta, o resto era todo particular, do povo de lá. Tinha , isso se alguma adoecesse, tivesse uma dor de ouvido tinha um otorrino para atender de graça, eles ofereciam... cirurgia já fizeram, tinha o pediatra, se uma criança adoecesse eles atendiam de graça... o povo de lá é muito evoluído, mentalidade ampla, a topografia ajuda, né... a visão é alta. Lembro da pílula anticoncepcional... lembro, nem sei que ano foi, mas eu lembro. Antes as mulheres acho que evitavam através de tabela, né, tem os dias férteis e os não, né, eu me lembro que eu tinha uma amiga que falou assim: fulano é de tabela, quer dizer, ela concebeu seguindo a tabela, e era a filha melhor que ela tinha, mas eu

não usava. Nesta parte eu não entendo nada, nunca procurei também, mas eu sempre pergunto alguém: você tomou a pílula? Porque as vezes não queria aquela...né... Nunca usei... (risos) No princípio eu fiquei triste, pelo fato dele... né, não fazer filho, né... apesar de ser machão, mas depois eu aceitei numa boa, achei até bom, porque eu acho hoje a educação de filho muito difícil... muito difícil. Desliga.

Colaboradora 10: 52 anos, solteira, Ensino Superior.

Ah, eu sou uma pessoa tranquila. Só faço o que eu gosto, né, eu tenho... Mamãe falava assim: faça você tem que ser o que você quiser ser desde que você não prejudique os outros, né. Minha irmã é uma pessoa assim: às vezes tem uma conversa aqui, outra ali, e ela diz que nesta vida a tem o objetivo de ser feliz, né, mas sem magoar os outros. Meu jeito é assim, simples, nasci e vivo aqui, só saí daqui de JF para estudar, voltei, tive outras opções de ir embora, fazer outro curso, mas nunca quis sair daqui porque meu objetivo principal era cuidar de mamãe. Toda a minha vida. Não que isto tenha influenciado minha outra escolha. Mas... depois que eu perdi mamãe, sua mãe falou comigo, vou por este ponto porque é muito importante, eu sempre achava assim, quando eu perdi mamãe eu achava assim que minha vida tinha acabado. Porque eu toda vida eu pensei assim minha missão na terra é cuidar de mamãe. Só. Eu pensava assim, vou cuidar de mamãe porque mamãe é uma mulher assim, não tem nem palavra para falar, mãe, amiga, companheira, irmã, às vezes ela falava até que era filha da gente, sabe. Então quando eu perdi mamãe, eu pensei assim: vixe acabou tudo. Então sua mãe falou comigo: 'é o contrário, sua missão começa agora, porque cuidar enquanto a mãe da gente tem vida, é muito fácil, mas vezes, mas cuidar do espírito dela é que é mais difícil'. Eu não era muito de ir na igreja, eu ia assim... esporadicamente. depois que eu perdi mamãe e depois da fala de sua mãe, eu... todo domingo eu vou, participo, ajudo, faço tudo assim, em prol para mim e para minha força, para me fortalecer, e principalmente para fortalecer o espírito dela, a alma dela, junto lá com Deus, que eu sei que ela tá lá. Então eu sou tranquila. Cuido das minhas irmãs, faço tudo. As meninas falam que eu tinha que ser enfermeira. Eu cuido de todo mundo, de minhas irmãs, meus sobrinhos, de quem precisar de mim. Então eu sou tranquila, caseira, roceira...gosto e vou em Belo Horizonte, vou ...faço uma viagem, vou à praia, mas o que eu gosto de ficar mesmo é aqui. Eu sou família, sabe... sou família. Em primeiro lugar para mim é família. E tá aí, é só isto. Minha escolha profissional... na verdade realmente eu queria fazer Administração de Empresa, sempre tive vontade, e eu gosto de mexer com matemática, com o lado financeiro, eu gosto muito destas coisas. Mas... eu fiz

científico e Magistério na cidade vizinha, porque na época eu era muito nova, não quis sair, também muito apegada com mamãe, não quis sair. Aí fui para outra cidade, lá eu fiz Magistério, aquele antigo normal. Quando eu formei eu tive oportunidade de fazer Administração de Empresa, mas na época tinha que ser em Belo Horizonte, e eu tinha o que, dezesseis para dezessete anos, e muito apegada aqui em casa eu não quis sair. Aí pus meus papéis na escola, fiz inscrição, e tive a sorte que já no primeiro ano que eu formei eu já comecei a trabalhar, tá, já trabalhava de primeira a quarta e de quinta a oitava, naquela época não exigia curso superior né, eu trabalhava de quinta a oitava, com ciências... e eu fui, fui, fui, e já desanimei de sair para pegar outra profissão. Aí o Estado começou a exigir curso superior, eu fiz vestibular, fiz curso superior em outra cidade, depois em outra, fiz lá...fiz a complementação, depois eu fiz pós-graduação, eu fiz Pedagogia, depois eu fiz ...primeiro eu fiz o curso superior de Magistério, né., eu tinha que fazer porque eu tinha aquele normal antigo...ai eu fiz o curso superior de magistério, a gente fazia em férias né, a gente ia para Caxambu a turma ai. Aí depois nós fizemos pós-graduação, aí já foi... a gente teve escolha de fazer Licenciatura Plena... primeiro nós fizemos Licenciatura Curta e depois nós fizemos Licenciatura Plena, mas tudo dentro da área de... aí a gente teve um pouco... eu não fiz bem aquela Pedagogia para formar assim não. Mas na época o Estado deu a gente condição de fazer um punhado de curso, para chegar a Licenciatura Plena... Curta depois na Plena, para a gente ter direito de ter a progressão, igual no meu caso, eu aposentei com um nível melhor né. Depois deste curso eu dei aula no segundo grau, dei aula de Educação Artística no segundo grau, que era... que podia, depois eu trabalhei com Filosofia e Sociologia, isto tudo o Estado obrigou, tá, Sociologia e Filosofia nós fomos obrigadas, no meu caso porque... a gente ficava assim, ah meu Deus, eu vou dar aula no segundo grau, aquele trem. Mas a gente foi obrigada porque a gente tinha que cumprir uma carga horária, para compensar os anos... aquele tempo, o estudo que ele deu para a gente. Então a gente tinha que tá liberada para se surgiu a vaga, a gente tinha que tá, né... então... mas não arrependo, fiz uma escolha boa. Cumpri meu papel de filha, de irmã, de tia, né... então graças a Deus, sou uma pessoa feliz né. Namorei muito, já fui noiva duas vezes, (risos) quando chegava na hora H eu pulava fora, pra... como diz, não é isso eu, eu quero, não é isto que eu quero, e graças a Deus hoje eu fiz minha escolha...Pode falar? Fiz minha escolha, encontrei uma pessoa que eu gosto, já tem o que... 28 anos que eu tenho um relacionamento, graças a Deus muito bom, sadio, nunca prejudiquei ninguém, não faço nada escancarado, porque a gente tem que ter respeito pelas opiniões, assim não pelo que o povo vai pensar de mim, mas com respeito pelas opiniões, pessoas mais velhas, que são amigas, pela minha família, né, principalmente pela minha família, nunca escondi nada, tenho

certeza que eles sabem da minha opção, né... sexual, mas nem por isto eu tenho que dar a cara a tapa, por causa deles também, né, porque para eu ser feliz, eles tem que ser felizes. E você afrontar as pessoas... e mesmo os amigos, porque eu sou uma pessoa, graças a Deus, que eu entro em qualquer lugar, em qualquer casa... nunca é... magoei ninguém, assim, pelo menos que eu ache, nunca afrontei ninguém, nunca... assim, tem aquelas picuinhas bobas, aqueles trem, mas depois passa, mas questão de minha escolha de vida, graças a Deus, eu acho que sou aceita, bem aceita, porque eu respeito...respeito as pessoas e sou respeitada, tenho amigas, tenho amigos, pessoas velhas, convivo muito com pessoas mais de idade, como crianças, e graças a Deus, eu posso dizer que eu sou uma pessoa feliz. Hoje não 100% porque você sabe que a mãe da gente leva 50% embora, os outros 50% a gente fica caminhando, 100% hoje eu não sou pela falta de mamãe. Se ela tivesse... se há dois anos atrás você tivesse me perguntado , eu falaria, né, sou completamente feliz assim, pela vida que eu escolhi, pela família que eu tenho, há quatro anos que eu estou aposentada, nunca tive conflito nenhum... para você ver, há trinta anos atrás... e dentro destes trinta anos, vinte e oito eu convivo com uma escolha, né... e respeitada pelos alunos, tanto de 1ª a 4ª, quanto de 2º Grau e pela família, né. Fui candidata a vereadora, infelizmente não consegui. Eu também, eu posso... posso falar também que eu não envolvi muito, eu fiz uma escolha de partido errada, mas eu fiz uma escolha de gratidão, porque na época um candidato e eu tinha uma gratidão por ele ter empregado meu irmão, você sabe que ele tinha um problema de bebida, e no período que ele era prefeito, ...ele deu apoio ele, dando emprego, ele tinha as coisas de fazer errado, mas ele aguentava, então ele em convidou para sair candidata a vereadora do lado dele e eu, por gratidão, sabe, eu entrei. Só que chegou no meio do caminho... eu chegava...entrava na casa de um, na casa de outro, falavam...ah, Fulano...aí eu parei, vou falar com você a verdade, eu na época da campanha eu trabalhei...não trabalhei um mês, sabe, não trabalhei um mês. Porque é chato você chegar numa pessoa... porque se eu sou candidata do seu lado, eu tenho que falar bem de você, mas na hora que eu começava a falar de você a pessoa me parava, então eu falei vou parar. Não ganhei mas também não guardo mágoa nenhuma, às vezes eu acho, como dizia mamãe, é porque não tinha que ser, né, é porque não tinha que ser. Estou tranquila. Política demais, gosto, adoro política, não durmo sem... época de política eu adoro, brigo, às vezes na hora falo uma coisa com um, mas depois já está tudo em paz... é isso aí, tranquila. Eu nunca tive vontade, não foi escolha, não foi bem escolha, ah eu não vou ter filho, eu não vou casar. Eu nunca tive vontade. Sempre fui namoradeira demais, mas... num gostava de ficar sozinha, aquele trem né, mas não sei... desde treze anos, esta coisa a gente paquerava, namorava, aquele trem, mas a questão de filho, a gente sente, né, eu não nasci para

ser mãe, para sair de mim. Eu nasci para ser mãe diferente, para cuidar dos meus sobrinhos. Eu cuido dos meus sobrinhos... hoje mesmo eu cuido...de todos se precisar, mas eu tenho um sobrinho, da minha irmã mais nova, é como se tivesse saído de mim, trato dele mesmo, trato bem. Ontem mesmo eu estava meio chateada porque o irmão dele tem um problema de vista, e a gente pensava assim...quando o médico falava que com 21 anos ele poderia fazer cirurgia. Só que ontem eu levei num especialista, que era o dia, fez todo tipo de exame que podia, tomografia dos olhos, tudo, e chegou à conclusão que ele não pode fazer cirurgia. Então... porque ele nasceu com este problema, o médico explicou...até sai e deixei minha outra irmã lá...ele nasceu com este problema. Mas ele fez o pedido de um óculos, com uma lente especial, em março nós vamos voltar em Belo Horizonte, ele está de férias ainda...que é para fazer uma lente que coloca no olho, uma lente especial, para o caso dele. Mas mesmo assim ele tinha...a gente tinha.. assim...aquele rapaz novo, né, queria tirar o óculos. Mas o médico foi tão bom que o médico falou: olha Felipe, eu uso óculos...um médico lindo, vinte e poucos anos...ele é especialista. Eu uso óculos, não tem problema, o médico conversou muito com ele e tal. Ele ficou bom, hoje mesmo ele estava aqui. Já mandei fazer este óculos, esta lente especial, já marcamos com o médico para ir, mesmo assim eu fiquei assim meio frustrada. Nem a mãe dele não ficou, ela falou graças a Deus que não vai operar. Só falou isto. Mas acho que é porque eu que levo, desde quando ele era pequeno eu que levo, eu sou madrinha dele, eu batizei ele. Eu que levo no médico...tudo, tudo, tudo, os dois, eu que levo. Então você fica meio...frustrada. Então eu sou assim...e eu tenho esta desvantagem...ou é vantagem...eu não sofro por mim, eu sofro pelos outros. Se eu vou rezar, Oh meu Deus, ajuda fulano, ajuda cicrano, depois se der me ajuda. Mas eu penso muito na família, penso muito nos meninos, eles estudam fora, um faz Advocacia e o outro faz Engenharia Civil. E é eu que vou sempre... em Belo Horizonte é eu que to indo...então...este instinto materno assim eu tenho. Mas o instinto materno para eu ter, nunca tive. Já tive até possibilidade de ter, sabe, quer dizer, fulano mesmo, quando eu fiquei noiva dele, o sonho dele era ter um time de futebol. Acho que isto também me atrapalhou, viu... (risos). Durante seis anos que nós ficamos noivos, fomos noivos seis anos, ele só falava comigo... porque ele era jogador de futebol, ele jogou até...ele jogou no América mineiro, ele ficava: ‘oh nós vamos ter pelo menos um time de futebol... de futebol’, oh meu Deus do céu...eu brincava com ele, ‘oh Fulano, vamos fazer de futsal’, ele ‘não, é o futebol, é de futebol’...era aquele trem, aquela loucura. Eu falo com ele... de vez em quando eu encontro com ele, que acho que ele que me traumatizou. Mas não é, eu realmente nunca tive. Assisti, vou nos partos de minha irmãs, a mais nova mesmo eu estava lá com ela, tudo direitinho, Mas eu, para mim, num tenho, nunca tive. Se eu quisesse... eu sou

uma pessoa assim, se eu quisesse ter tido filho, eu não precisava casar, não precisava de nada. Eu fui noiva seis anos, namorei antes de ficar noiva três anos, quer dizer, nove anos. Se eu tivesse este instinto, eu poderia ter tido, Porque é independente, né... apesar de que filho é aquela responsabilidade né, ainda mais hoje... eu sempre falo, para você ter filho hoje... porque o povo tem mania de falar antigamente... Deus dá Deus cria. Mas vai falar isto hoje... não dá conta, né... O pessoal tem... as meninas tem filho ai hoje é para ter bolsa família, para ter bolsa escola, para ter bolsa... é tanto tipo de bolsa né... uns programas totalmente fora ...porque elas acham que tem que ter filho para ter aquilo que ...tem gente que tem cinco seis meninos e não trabalha uai, Joaquim Felício tem gente aqui que vai no caixa eletrônico e tira R\$ 900,00 de bolsa família. Bolsa família, bolsa escola, bolsa gás, bolsa isto... porque tem filho... então hoje ficou muito assim... é... é... é... sem sentido, antes não, mas hoje eu creio que de uns dez anos para cá, de Lula para cá, ou do final de... do início desta bolsa família para cá, ficou muito irresponsável né. E hoje você não vê programa que ampara totalmente não, é muito no papel, mas vai no hospital para você ver... vai no hospital para você ver aquele tanto de criança lá, né. Você vê dentro de Joaquim Felício, né, num tem... ah, um clínico geral hoje pega um menino, faz o trabalho de um pediatra, que estudou para aquilo, que especializou, né, qualquer clínico geral hoje e não é assim, né, então muitas coisas também... muitas coisas mesmo, uns dez vinte anos ai atrás, quem prestasse bem atenção. Ter filho é uma responsabilidade muito grande, não que isto... não, eu não tive, não tive, não é o espírito... não brotou em mim a maternidade minha, entendeu... de eu ter o meu filho, de sair de dentro de mim, que eu acho uma coisa maravilhosa, eu vejo muito vídeo, Uma irmã ...uma amiga, ela é enfermeira, e sempre eu falo, quando você vê um parto filma para mim, quando eles filmam mandam, é maravilhoso, é uma coisa assim divina, mas nada que tenha brotado de mim. É bonito você ver dos outros. Eu falo ah, e bom você cuidar, mas na hora que começa a te chamar, vem cá mãe, toma conta leva, entendeu... o que precisar de mim eu faço, tanto financeiro como... né, de coração, eu faço, mas nunca, vou falar com você, de repente eu posso ser a única das únicas, eles falam que toda... pois é... que toda ...eles tem mania de falar que toda mulher tem o instinto maternal. Tem assim, eu tenho eu vou falar com você eu cuido de tudo, mas eu não tenho aquele instinto assim, ter vontade de ter o meu filho, né... eu to com 52 anos, se eu tivesse um filho meu filho já tinha mais de 20, 30 anos... que minha irmã mais nova tem 40...50, o dela, o mais velho dela tem 23, né, e eu sou mais velha que ela, se eu quisesse ter tido filho eu poderia até ter tido antes dela, ou mesmo depois. Mas não tive por opção, não por...por...como diz o outro, por não ter é...é...opção mesmo. E hoje não teria ainda, mesmo, por causa destas dificuldades que você vê aí. Não que poderia não acontecer

comigo, porque graças a Deus eu trabalho, eu aposentei em dois cargos, né, não ganho muito bem, mas eu ganho que dá para viver bem, se eu quisesse ter tido filho eu poderia dar uma faculdade ele hoje, tratar direitinho, como eu ajudo os meninos... mas é falta mesmo... de opção, mas acho maravilhoso, acho bonito a mulher grávida, não tem coisa mais...eu acho que não tem coisa mais bonita, você vê uma mulher grávida, né, realmente é presente de Deus, porque você vê ali, vai nascendo, crescendo, crescendo, de repente né... é uma coisa que, não porque eu não tenho vontade, eu vá achar feio. É maravilhoso, né... já vi... Beltrano (médico) já me mostrou muito vídeo...é bonito... você vê na televisão, vê na tudo hoje, é bonito... mas... felizmente ou infelizmente, eu nasci para ser mãe. Não arrependo, sabe, não arrependo, nem...as meninas já falaram comigo assim; você podia adotar. Nem isto. Eu não...olha bem... é meio coisa eu falar isto... eu acho que se eu quisesse ter um filho eu teria o meu... porque eu não quis, que foi uma opção minha, eu vou adotar hoje...não fica sem sentido? Muita gente ah, eu não quis ter o meu, mas eu vou adotar, tem muita gente que tem medo de ficar sozinha, mas falei: gente, sozinha? Qualquer... você ter filho não quer dizer que você vai ficar... você ter o filho. A gente vê muita gente morrer sozinha. Hoje eu tenho um amigo, fora da gravação eu falo o nome para você depois, que ele teve quatro filhos, mulher, mas acho que ele andou saltando muito a cerca, hoje ele está no asilo. Filho nenhum quer ele, a primeira esposa que ele deixou não quer ele, os irmãos não querem né, tá no asilo. E teve quatro filhos. Entre os filhos, um filho e três filhas. Casaram, uma estuda fora, num casou mas também não quer saber, então eu acho que isto, você ter filho para poder dizer eu não vou morrer sozinha, porque tem muitas mulheres hoje que pensam isto, eu vou ter filho, eu vou casar, mesmo não gostando eu vou casar, porque eu não quero ficar sozinha. Foi uma opção minha não ter filho, foi uma opção minha não casar, tive... eu tive na boca de casar. Fiquei noiva seis anos, na época que foi marcar o casamento, eu falei: ah, não, quero não, pulei fora. E graças a Deus aqui em casa ninguém é obrigado a fazer nada. Nossa família tem esta vantagem, ah, você quer casar, quer casar... não quer, problema é seu uai, porque as consequências ou não você vai assumir sozinha também. Mas aqui em casa todo mundo cuida de todo mundo, não tem isto, o sobrinho vem, o outro vem, eu não sinto falta. Tenho 52 anos, e não sinto falta não, tá. E também não tenho medo, porque eu não tive filho, porque... e eu tenho meu salário, eu acho que dá para eu...se morrer todo mundo, dá para eu ficar numa cliniquinha... não vou falar asilo não, né, numa clínica... o povo vai cuidar de mim, os meus irmãos cuidam, que pegam meu salário e cuidam, entendeu? Não tenho problema... não tenho problema nenhum com minhas escolhas e com a vida que eu tenho... a única coisa, meu único medo assim... é fazer uma coisa que prejudique os outros, mas como eu estou vendo que não prejudica, eu só faço o

bem, né...porque, como diz, se a pessoa que eu escolhi tá comigo 28 anos, é porque alguma coisa boa eu tô dando, e eu tô recebendo, né. Porque as vezes você casa hoje, você vive como gato e rato, ou você separa, né, às vezes amigos, às vezes inimigos, tem filhos, de uma maneira ou de outra prejudica os filhos, né... então eu acho que são fatores de responsabilidade que a gente tem dentro da gente, né... eu não vou ter por ter, eu não tenho vontade, porque minha amiga tem, porque minha irmã tem, ah porque o outro vai falar que eu sou solteirona, eu vou ficar para titia... mas muitas vezes... eu creio muitas vezes que eu sou muito mais feliz que outros que estão lá, que casou por casar, teve filho por ..como diz, para não ficar sozinha. Lógico que não posso generalizar, né, mas tem pessoas assim, que agente conhece, a gente convive, e no entanto eu me considero uma pessoa igual eu falei para você, 100% menos 50 feliz, 100% feliz com minha escolha, com a vida que eu tenho, né. Só não posso falar que eu sou completamente feliz porque... uma mãe que teve dezessete filhos, olha para você ver...criou todos graças a Deus, né, trabalhando na máquina depois no negócio de cristal, até com seu pai e papai lá, mexendo, e dona de casa, criou todo mundo, deu exemplo bom para todo mundo, se um ou outro não seguiu é por cabeça, por opção de vida, mas 99% seguiu os bons exemplos, minhas irmãs todas casadas são boas mães de família, boas avós, são melhores avós do que mães...porque diz que avó é mãe duas vezes né... todas as minhas irmãs são bem casadas, os maridos tranquilos, tem filhos, tem netos, né...então eu não tenho assim... ah, eu num casei, eu não tive filhos por isto ou outro... graças a Deus eu só tive bom exemplo, mas só que eu tive minha escolha, eu fiz minha opção...quando eu vi que eu podia é... é... é... sustentar, né, levar esta opção sem prejudicar ninguém, eu levei, sempre respeitei e acho que é por isto que eu sou tranquila. Cara fechada minha é muito difícil, é minha cara não é fechada... brinco com todo mundo, rio e tal, e tranquila. Eu me resumo assim: bem resolvida, graças a Deus muito bem resolvida, eu tenho uma vida muito tranquila, poderia tá fora, morando fora, poderia estar casada se eu quisesse, poderia estar fazendo outros cursos, mas o que eu escolhi eu fiz direitinho. Sabe... Nunca, eu nunca tive este problema. Sabe, eu nunca tive este problema, ah porque não tem filho, ah, porque as meninas chegam com menino, assim, nem...você pensa que é uma maravilha, você adora seus sobrinhos, mas em momento nenhum eu pensei assim, ah eu podia ter tido o meu, entendeu... porque muitas vezes as pessoas não tem e ficam se questionando. Eu não questiono, eu tenho uma vantagem assim, se eu fiz uma escolha, eu vou viver com aquela escolha, eu não gosto de reclamar, entendeu... eu acho que ficar olhando o passado, porque eu não fiz isto, porque eu não fiz aquilo, não... eu fiz isto, eu fiz aquilo, bem feito. Eu deixei de fazer, é porque eu não ia conseguir resolver aquilo, eu fiz porque aquilo que eu queria, então pronto. Eu não gosto de

questionamento, assim, porque eu não fiz isto? Eu posso questionar assim, eu poderia ter feito isto para ajudar alguém? Eu poderia ter feito isto para ajudar alguém da minha família, um amigo que precisou de mim e eu fiz pouco...estes questionamentos eu posso fazer... mas em questão de escolha, porque que eu fiz esta escolha sexual...porque eu quis. Eu tive vários namorados, fui noiva, fiz isto, fiz aquilo, eu conheci de tudo, eu não era feliz, entendeu, às vezes é muito difícil as pessoas entenderem isto, é difícil, é difícil, hoje eu entendo porque eu vivo 28 ou 29 anos, então eu sei o que é, mas eu não repreendo, eu não acho ruim que as pessoas não aceitem. Porque é difícil... mas só a gente que vive é que sabe que não é difícil, né, porque quando você faz porque você gosta, e com respeito, sem promiscuidade, porque o que mata relacionamento é promiscuidade, né, então... se eu escolhi viver assim sem promiscuidade, sem coisa... porque você não pode nem entrar na casa das pessoas. Você viver uma relação que você tem sem ter vergonha do que você vive, eu acho que é isto é que é importante. Eu acho não, com certeza, para mim é isto que é importante. Então muito mais tranquilo, sou muito tranquila. Não, não, na minha família é o que eu falei para você, nunca teve cobrança. Nem quando eu resolvi é... é... é... não namorar menino, como diz o outro, né? (risos). Aqui em casa não tem isto. Mamãe toda vida... o lema de mamãe e minha irmã mais velha, de novo, ela é uma continuidade de mamãe, sabe, você tem que ser feliz desde que você não prejudique os outros, sabe... quando eu fiz minha opção assim, tentaram fazer umas fofquinhas, aqui em casa, com mamãe... uma vez tentaram fazer uma fofoca, mamãe falou: peraí, peraí, oh Fá, vem cá fia, fulana ta falando isto... o que que é que você ia falar dela comigo? Você acredita isto, mamãe falou vem cá, fulana falou comigo: oh comadre, tem um negócio para falar com a senhora...que todo mundo chamava mamãe de comadre... oh comadre, tô querendo falar com a senhora um negócio aqui, é de sua menina, e tal, não tá certo... mamãe falou peraí, ela tá aqui dentro, me chamou, eu sentei no alpendre, o que que foi mãe, fulana tá querendo falar um negócio doce aqui...a pessoa falou? Mamãe... e olha com a cabeça de mamãe, entendeu? A cabeça de mamãe, é outra geração... mas o que que é isto? É o respeito, é o respeito, porque, primeiro, é o respeito que eu dou, que eu dei, né, e depois é o respeito que ela toda vida deu para gente, então quando você tem na família o respeito, a amizade, o companheirismo, tudo na sua vida é melhor, você não sente falta... você não sente falta das coisas, de nada assim, que podia ser superficial na sua vida, você ter por ter, entendeu, eu acho que isto tem muito a ver, acho que mamãe tem muito a ver assim da minha via, porque de repente, se eu não tivesse tido uma mamãe, nesta época que eu podia fazer...por exemplo, ter filho, vamos supor, eu ta sozinha, pode ser ... apesar de que não eu sempre falo não, mas o viver sem a mãe da gente, porque naquela época...nós tivemos o

momento mais crítico nosso, nos tivemos nossa mãe, né, igual aos 13, 14, 15, 20, 30 anos, nós tivemos ela. A forma maior da minha vida sempre foi ela, então... eu nunca... eu nunca arrependi, nunca, graças a Deus aqui em casa ninguém cobra de mim estas coisas, ah, você não teve filho, não. Vou falar com você, as meninas brincam, ah se você tivesse filho você ia ser uma mãezona, porque você é mãezona com os meninos... é por isto que eu sou mãezona com os meninos, porque eu não tenho... isto sabe, no geral eu sou uma pessoa tranquila sabe, sou bem resolvida, a minha vida...lógico que o início é muito difícil, né, é muito difícil, mas isto vai amadurecer, você vai amadurecer, você vai conviver com as pessoas, e vai vendo que aquilo é aquilo, é o lema, é ser feliz, né, ser feliz e fazer as pessoas que estão ao seu redor felizes. Aí você fica feliz, porque não adianta só você tá feliz numa relação que o outro lado não tá, né, às vezes você põe um filho no mundo e você não é uma boa mãe, né, ou você ter um filho que não é bom filho, às vezes, muitas vezes, nem é por sua causa, você ter por ter, né, ah eu vou ter porque toda mulher tem que ter filho...então este pensamento nunca passou pela minha cabeça. Acho que desde nova eu sempre pus isto, só vou fazer o que eu quero, dentro desta... desta fala de ser feliz, ajudar as pessoas, fazer o bem, mesmo que às vezes a gente não é perfeito, né, às vezes você magoa as pessoas, mesmo sem querer você magoa, mas eu aprendi até a pedir perdão... eu já tive mágoa, sabe, eu já tive mágoa, hoje eu não o que que é isto, graças a Deus. Você vai aprendendo, com a vida você vai aprendendo, né, bobagem, você tem um desentendimentos aqui, amanhã você passa... bobeira esta, né, vão conversar aqui, vão dialogar aqui, isto é tão bobo, o mundo hoje... é por isto que está do jeito que está hoje né, falta de diálogo, falta de amor, falta de companheirismo, né, as pessoas estão fazendo as coisas por fazer, sem preocupar o que que esta coisa pode resultar, depois, né. É, eu sou isto aí. Saúde... bom, tem a saúde física, né, eu... eu... a mental, né... eu acho que a saúde mental... eu acho que a saúde física e a saúde mental acho que elas caminham juntas, né, eu sou uma pessoa que, o único médico que eu conheci aqui, porque eu caí e machuquei, e assim, a gente gripava, papai levava a gente no médico. Olha para você ver. Depois Dr. Fulano, e quando a gente é professor você vai tirar uma licencinha aqui, vai fazer um examezinho aqui, é estas coisas básicas. Há oito anos atrás eu tive um problema de glote. Eu tive uma alergia, eu tapei, eu falo que se não era o hospital ali eu não estava aqui hoje conversando com você. Nunca tive nada, de repente, eu deitei boa, 3 h da manhã levantei e minha... foi isto... eu acho saúde importante. A saúde pública... péssima, zero, a gente que mora aqui não, a gente ainda é bem atendido, todo mundo conhece todo mundo...agora, você chega nos hospitais hoje é duro, é duro. Se você não for particular, você fica ali na maca e dias e dias ali esperando, então a saúde pública de modo geral está fraquíssima, eu acho que

hoje de zero a cem, de aí tá bom, na realidade né. E a saúde mental ela tem muito a ver com o que você vive no dia a dia, com as coisas que você faz, com escolhas que você faz, né, o modo que você leva a sua vida, porque você sendo pessoa infeliz, você não tem saúde não, eu acho que não, né... eu mesmo eu vou falar com você, é... é... depois que eu perdi mamãe eu já fui duas vezes...problema assim, dor de cabeça que eu nunca tive, ??/ ontem mesmo eu tive uma dor de cabeça terrível, mas tem momentos que você vai chegando assim... sente uma falta disgramada, entendeu, eu sou uma pessoa que eu vou falar com você, eu sou boa de saúde demais, ah médico...eu fiz uma cirurgia pouco tempo atrás, ano passado...até que sua mãe faleceu eu tava me recuperando, mas foi pedra nos rins...nunca operei de nada a não ser pedra nos rins, que eu tirei rapidão, fiz a laser, rapidão. Agora, quanto à saúde pública, para o povo, ela realmente ela... isto hoje, até para você ser mãe hoje você tem que pensar nisto, criança hoje em dia, uma tossezinha você... você ficar esperando pelo SUS você morre. A condição financeira do povo é fraca, né, eu lembro quando mamãe quebrou a perna, a cirurgia de mamãe ficava R\$ 28.000,00 na época, R\$ 28.000,00. Ai nos fomos para a uma cidade próxima...A prefeita, o marido dela era o médico sabe, ele falou: Oh meninas'... Beltrana até estava junto, tinha ido tirar radiografia de mamãe, 'vocês podem tirar ai R\$ 28.000,00 que vocês pagam esta cirurgia de comadre'. Aí, tudo bem. Mas eu vou tentar vocês pelo SUS. Não sei se há quatro anos atrás estava melhor um pouquinho aqui para o nosso lado, não sei, nós chegamos lá, nós internamos numa terça, meia noite, e minha irmã falou assim, 'oh, vamos ficar aqui, se até sexta-feira mamãe não operar nos vamos pagar.' Ai graças a Deus, quando foi quinta feira de manhã mamãe estava operando, pelo SUS. Vou falar com você, graças à médica, ao secretário de saúde e ao outro médico...eu falo ele mesma coisa que a mulher dele, porque ficaram em cima, em cima. E a idade de mamãe, na época tinha 91 anos, né. Então eu vi, eu vivi lá de terça a sexta, porque eu saí na sexta a tarde, a dificuldade, o povo gritando, gente que às vezes tinha até primeiro do que nós lá, mas não tinha ninguém para ficar...hoje é verdade é, se você não tiver um padrinho, você morre viu, você morre. Mamãe graças a Deus teve, um padrinho assim, vários padrinhos né, maravilhosos. E vou falar outra coisa para você, quando mamãe sentiu...vou te contar isto aqui, se quiser por você põe, não precisa por o nome, quando mamãe sentiu a dor no peito, a dor de cabeça, eu corri, nós viemos, pegamos ela e levamos para o posto, chegamos lá o médico falou assim, ah, isto não é nada não, é a idade mesmo, é a pressão que tá alta, idade...eu falei, não, mas mamãe nunca sentiu dor de cabeça, nunca tinha sentido ate então.. não, eu vou levar para uma cidade mais próxima, mamãe nunca teve nada. Ah, eu vou fazer encaminhamento aqui por fazer, porque vai chegar lá e eles vão xingar a gente, o médico do posto de saúde falou. Aí eu falei, não, mas eu quero.

Ele fez o encaminhamento, a pressão de mamãe lá no teto, e já...nós que chamamos a ambulância, aí quando a ambulância chegou, é ..eu vim correndo pegar os exames aqui, os exames...oh eu, os documentos dela, quando eu cheguei no meio do caminho ela já tava passando mal, cheguei lá o médico já não tava, o enfermeiro já não tava, só tinha uma auxiliar lá que toma conta do hospital de noite, e quem é que seguia com mamãe pra frente, eu dentro da ambulância. Aí a sorte, nós tivemos tanta sorte e ela também, para ela não sofrer, os estagiários de medicina estavam chegando, é Deus no céu e os estagiários na terra, que eles viram e falaram nossa senhora, oxigênio...eles iam me mandar sem oxigênio, sem nada, falando que mamãe tava boa, que era a idade mesmo. Colocaram oxigênio ne mamãe, deram um...eu não lembro o que que foi eles colocaram debaixo da língua de mamãe, e nós rasgamos fora. Ela já estava tendo é... foi derrame?...não, mamãe teve foi, eu meio que traumatizei...como é que fala...infarto. ela já tinha dado o primeiro. E eles aqui falando, olha para você ver, que era idade, que a partir daquele momento eu tinha que começar a conviver com aquilo, entendeu... quando nós chegamos lá, na entrada da cidade ela teve o segundo, dentro do hospital ele teve mais dois e não resistiu. Eu não tô falando que não era o dia dela, mas eu tô falando assim como é que saúde tá... olha a precariedade. Ele ainda falou comigo assim: eu vou deixar você ir, porque depois se acontecer alguma coisa com ela, vocês vão me crucificar aqui. Vocês vão quebrar este posto aqui. O médico ainda falou assim comigo, né. Depois eu ainda falei com ele: é doutor, eu ia quebrar mesmo, viu. Eu não sabia se o senhor ia tá aqui, né, mas isto tudo é a precariedade da saúde. Você vê isto num lugar pequeno igual o nosso, agora você imagina lá fora. Então é a responsabilidade que a gente tem e a falta de responsabilidade dos políticos né. Aqui dentro? É fora... eu conheço de ouvir, não de ter participado ou de ter precisado. Eu conheço saúde da mulher, na gravidez, que é... por... na televisão é bonito demais, é, a grávida liga, eles vão dando a informação, aquelas coisas, né, nunca participei, não... nunca... se tiver aqui por perto eu nunca vi. Tem a mamografia, né, que isto ficou muito importante, que eu conheço mulher de 50, 60 anos que nunca tinha feito mamografia, né, e hoje graças a Deus, esta política aí, né, voltada para saúde da mulher, esta política voltada para saúde da mulher é muito boa, desde que ela tenha sido feita realmente. É o câncer de mama, câncer do colo de útero, né, eu não conheço mais nada não. Já, faço, eu faço assim, que eu tenho minha previdência, então eu vou fazer...pelo SUS eu nunca fiz. Porque que eu nunca fiz. Em outra cidade, por exemplo, pelo SUS, quando a gente consegue vaga num é aquela mamografia clara, hoje não, hoje já tem a digital, né, e eu faço lá pelo Ipsemg, né que é o nosso plano de saúde, que é digital, então, eu faço anualmente, faço e graças a Deus não tenho nada, vou ao ginecologista, né, mas nada público. Pelo SUS, a única

coisa que eu já fiz pelo SUS foi esta cirurgia de rins, eu nunca usei o SUS assim, atendimento maravilhoso. Encantada fiquei eu com o atendimento de mamãe, pelo SUS, mamãe foi assim, mamãe foi tão bem cuidada, e olha que nós ficamos na enfermaria, tinha três no quarto com ela, mas assim, 24 horas o povo de cima, não sei se pela idade, ou porque realmente lá é assim, sabe, foi lá no Aroldo Tourinho. Tanto que depois que mamãe fez a cirurgia veio uma carta, do SUS, para mamãe fazer a avaliação do que foi o atendimento, falando até o valor que ficou a cirurgia dela. Olha para você ver que na época, eles pagaram mil e poucos os médicos, e se fosse particular era vinte e oito mil. E o médico que ia fazer a cirurgia particular dela fez pelo SUS. Olha para você ver. Foi bem atendida, ela pode ficar com uma enfermeira da nossa confiança com ela, ela fez foi... ela tomou aquela anestesia, foi raque, a menina ficou na...ela era enfermeira chefe do HU, e nossa amiga em particular, sabe, eles deixaram ela ficar com mamãe, ela segurou na mão, ela conversou com mamãe o tempo inteirinho, então atendimento de mamãe foi assim...então o atendimento de mamãe foi uma coisa maravilhosa, e eu fui atendida em outra cidade, pelo SUS. Nossa senhora, foi um espetáculo. Bem atendida, bem alimentada, toda hora chegava um: 'tá sentindo alguma coisa D. Fulana'? Não, tá bom. 1Que fazer isto? Não. Quer a comadre'? Não, tá bom. Saí no outro dia, meu sobrinho me buscou na ambulância. Fiz a consulta particular, mas a cirurgia foi pelo SUS. E maravilhosa, eu não tenho nada a queixar, nem de mim nem de mamãe. Programa para mulheres sem filhos, não, nunca vi. E tem? (risos). Poderia ter né, alguma coisa, encontros, uma pessoa especializada... nunca, eu não conheço, nem de falar, nem de televisão, nem de nada...nem reportada por ninguém. É uma coisa que não tem mesmo. Também nunca pensei nisto, se você não fala, é porque a gente não vê, né, geralmente a gente começa a pensar nos programas que a gente ouve a propaganda, a propaganda é...mesmo que ela seja mentirosa, mas ela é a alma do negócio, aí você começa a pesquisar, né. Você vê para mulher com filho. Assim programa para adolescentes, por que você vê, aqui tem meninas de 11 anos, tem filho, né, 11 anos. Então falta realmente um programa, ou mesmo que o município né, as psicólogas que tem, Joaquim Felício mesmo tem duas, tem uma que atende no posto de saúde e tem uma que atende no CRAS, diz que é psicóloga... são duas. Uma é da zona rural e a outra acho que é de uma cidade próxima, não sei. Para conversar com os jovens, né, começar a abrir a cabeça deles geralmente para esta responsabilidade que é a maternidade, né... e não tem. Até o... às vezes nem a maternidade... às vezes as meninas engravidam sem saber né, nem o prevenir...tem, eles falam muito na televisão, pedindo ajuda, né, ajuda organização tal, tal, tal...fulana e cicrana na rua prostituindo, mas uma ação real do governo tem não, não existe não. Nem lá em cima muito menos aqui em baixo. Porque às vezes ficaria muito mais fácil vir

dos municípios, né, o próprio município a... você, como psicóloga, vamos supor, você vai se inteirar das coisas, olha, este ponto aqui tá precisando trabalhar, que uma menina de 11 anos engravidar, 10 anos engravidar, né... Ai... como é que eu me construí... uai, é resumindo aquilo tudo que eu falei com você, foi naturalmente, né...naturalmente...lógico que quando criança a gente não pensa estas coisas. Mas à medida que foi chegando o momento que toda mulher tem que pensar, né, tem que escolher, então... não, eu não quero isto, é...foi questão de sentir, é aquele sentimento...eu não tenho isto. E tranquilamente, é uma coisa natural, é difícil de falar, mas foi uma coisa natural, esta construção é uma construção natural, e eu consegui levar, soube levar direitinho, tranquilo, com... dentro das minhas responsabilidades, sem neuras, que é muito importante, sem questionamentos, e o resultado eu tô aqui, tranquila, viu... é meio difícil a gente mesmo falar assim, mas eu acho que é isto mesmo, é uma coisa natural, é meu. Eu pertenco a uma família de multidões, dezessete irmãos, só quatro, comigo cinco, que não tem filhos. Todos tiveram, né, doze tiveram. Sou madrinha de batismo de dois sobrinhos e num tem... nunca despertou, eu tenho... Fulana, minha sobrinha tem ..vai fazer 30 anos, quer dizer, eu fui madrinha com 22 anos, com 21 anos, os pais me chamaram para ser madrinha. Olha par você ver hein, é porque eu acho o seguinte, não é o fato de eu não ter filho nem nada, mas via... eu acho assim, que você convida uma pessoa para ser madrinha, batizar o seu filho, é alguma coisa que ela tem...ela não tem filho não, mas ela tem o dom da maternidade de ajudar as pessoas, de criar... não de ter, e sim de criar, de repente se eu tivesse tido ele aqui, na palma da mão, de repente vinha...mas... eu encontrei um menino na porta lá de casa, mesmo eu não tendo o dom de ser mãe, eu acho que eu cuidaria, né... é a mesma coisa de chegar um sobrinho na sua mão. Mas...este é meu. Não é assim com seus sobrinhos? Os meninos de minha irmã eu vi todos nascer. Então você pega ele aqui (mão), nossa que coisa maravilhosa, eu peguei meu sobrinho aqui na minha mão, é o mais velho, vai fazer 23 anos, ele cabia na palma da minha mão, hoje ele está com 1,90m. se eu tivesse o dom da maternidade, naquele momento ali eu não ia querer ter um filho meu? Olha para você ver a explicação. Eu tinha 40... 39 anos quando ele nasceu. Eu não tinha completado 39 não. Eu peguei ele aqui na minha mão, saiu dela e veio para mim, a coisa mais linda mundo, era feio, como diz o outro, só pelanca, mas a coisa mais linda do mundo. A primeira vez que eu pego numa criança assim, aí eu falei: é realmente eu não tenho é, de mim não sai não. Mas eu tenho, é esquisito falar né, eu não tenho o dom da maternidade de mim, mas ao mesmo tempo eu tenho de cuidar dos meus sobrinhos, entendeu? Cuido, eles conversam comigo...tem problema, eles conversam com a mãe deles? Eles sentam aqui e conversam comigo, de namorada, de problema... é, hoje... semana que vem mesmo tô levando ele no...é urologista,

que cuida de homem, né, vou levar e mãe leva? Ele chama a mãe, chama não. É eu que levo, se é médico aqui é que levo, é confiança que eles tem né. Então eu tenho o dom da maternidade, mas não de gerar... acho que é isto aí, né, o dom de gerar... mas eu gosto, adoro, sou doida... os meninos do meu sobrinho mesmo, na hora que você saiu, depois que você saiu, ele chegou, chega, deita na minha cama e rola...tem dia que eu fico o dia inteirinho com eles aqui. As mães não tem paciência não, mas... eu converso, brinco com eles, levo para escola, mas eu não tive o dom de gerar, eu não tive a vontade, a vocação. Pode ser isto a palavra, né? Não tenho a vocação do gerar, mas sou doida apaixonada com menino, e acho que os meninos gostam de mim. Acho...eu sinto...(risos) tem 30 anos, já dei aula do prezinho até os cavalão, né, hoje mesmo um aluno...tem aluno meu que tudo tem filho, chega, 'oh tia...me chama de tia, olha meu menino.'... 'gente do céu, vocês me passaram pra trás', eu brinco né, mas cada um tem um dom, né... mas eu sou feliz assim, viu, e precisar de mais um sobrinho, pode vir que eu ajudo (risos). Eu acho que é isto mesmo, acho que eu falei até demais, eu não sou assim.

Colaboradora 11: 50 anos, solteira, Ensino Médio

Meu nome é Fulana, tenho cinquenta anos. Acredito que muito feliz, estou me sentindo, com cinquenta anos, a dona do mundo. Engraçado... é... penso hoje... e tô agindo assim, chegar aos cinquenta anos não são cinquenta dias, cinco meses, nada disso. São cinquenta anos de idade com muita coisa para aprender, muita mesmo, e achando que estou um pouquinho dona do mundo, porque eu não aceito mais as pessoas chegarem né, e falarem aberrações, que a gente sabe que tá errado. Sabe hoje eu acho assim, eu peço as pessoas não falem bobagem comigo não, porque eu tenho cinquenta anos, acho que tem que ter um pouquinho de respeito também pela minha idade, pelos meus cabelos brancos que eu tenho, essa parte eu realmente eu assumo e não assumo, né, mas... tem coisas que eu sinto que é um novo ciclo de vida, sabe, cinquenta anos. Penso em muita coisa que eu já fiz, voltaria a fazer com o maior prazer, algumas que eu não fiz e que poderia ter feito mesmo, mas também não arrependo de não ter feito não. Mas se voltasse no tempo faria novamente. Hoje eu trabalho numa área, no nosso município, Educação, que eu acho que ta precisando de mudanças, muita, falo muito com as pessoas que mudanças a gente não tem que cobrar de cima, do governo federal, governo estadual, e nem de pessoas acima não. Mudanças tem que ocorrer conosco, né, a gente reclama... no momento, por exemplo, estava conversando né, sobre isso, e... pode ser, né? E... falando da questão de recursos hídricos no país. É uma área que eu já trabalhei e continuo

trabalhando, mas é uma área que eu estudo, então hoje assim, as pessoas cobrando posturas, a gente tem que fazer a parte da gente. Parar de culpar os outros, fulano, cicrano, não... a gente ta precisando de trabalhar isso dentro da gente, conosco, dentro da nossa casa, dentro do nosso trabalho, dentro da nossa comunidade, né. São coisas que eu to tentando ajudar um pouco o nosso município, já que a gente tem um pouco assim de experiência de vida, apesar de que eu sempre acho que cada dia, é dia de aprendizado, mesmo, né. Escolhas afetivas: já namorei muito, amava namorar escondido, detestava quando as pessoas descobriam, namorando alguém, eu adorava, sair escondido, ah, isso era tudo de bom, sabe. Namorar sério... foram pouquíssimos namorados, poucos. Mas sempre paquerei muito, namorei muito, fiz tudo que acho que devia fazer, nada de ficar falando também: ah, porque eu gosto de fazer assim, tem que ser assim e assado. De vez em quando eu comentava com algumas pessoas, né, e as pessoas ficavam com vergonha e: ah, eu que não faço isso, eu: ai gente, pelo amor de Deus, eu acho muita hipocrisia eu... eu, eu, né... falar assim: que bom chupar e ser chupada, o povo tem umas bobagens sabe, lógico que eu não falo pra todo mundo eu acho besteira, coisas intimas, né. Eu aprendi com uma tia Minha, ela morreu com mais de noventa anos, mas ela falava muito comigo e com minha irmã, porque minha mãe é muito careta, né, mas minha tia não, sempre pra cima, então ela falava assim: entre quatro paredes, meninas, sua mãe nunca vai falar isso com vocês, mas eu falo, entre quatro paredes, nós mulheres, temos que ser uma putona na cama, fora disso, nós somos lady. Eu acho que eu segui um pouquinho disso que ela falou. Então, comentar assim a parte sexual, eu nunca fui de ficar comentando, falando eu faço, eu fiz... eu fazia minhas coisas que eu achava maravilhoso, que eu acho, e continuo. Sempre fiquei com pessoas bacana também, sabe, mas nunca fui de ficar contando muito essa parte sexual não, que eu acho que eu segui muito minha tia, que era entre quatro paredes mesmo, tem que fazer tudo... bobeira essas mulheres que né... às vezes há separações por causa de bobeira, de um beijo num lugar que achava que não pode. (risos) Pode tudo... não precisa fazer na vista de ninguém não, faz escondidinho, não é, besteira de quem... E assim, a opção de casar ou não, eu sinceramente nunca, nunca me vi entrando numa igreja por causa de catolicismo, que eu acho lindo, adoro ir em casamento, e ver a noiva entrando... eu vejo depois eu saio. Só gosto dessa parte, a noiva, a emoção, sabe, aquela indumentária toda... É... filhos? Eu já me vi grávida uma vez, quando uma amiga minha engravidou e a mãe colocou culpa em mim, da gravidez da filha. Aí eu falei: é, eu devia estar lá com o travesseiro falando vai, vai, vai... tá errado e tal... ela falou comigo, essa minha amiga, foi a primeira transa dela, né. ai um dia eu andando aqui na rua eu senti que eu tava grávida, mas nunca... eu acho que foi ... da... da... da cobrança, de que eu tinha sido culpada, a mãe vestiu de luto, infelizmente

ainda fez a filha abortar, nunca mais a filha pode engravidar, né. Eu continuo amiga da menina até hoje, a mãe ficou um tempão sem conversar comigo, mas hoje voltou a conversar, mas eu sinto que ela ainda me culpa, sabe, essas bobearas, depois as outras filhas todas tiveram filhos independente de casamento ou não, ne, então assim, eu... filho eu nunca me imaginei sendo mãe também, nunca... mesmo. É... eu vejo muito assim, eu ajudando as pessoas, eu acho que eu gosto de fazer isso. Hoje eu tenho três sobrinhos que eu amo, são carinhosos, e eu sinto que todos tem um carinho especial comigo, sabe, e uma convivência bacana, a minha irmã e o meu irmão, eles tem assim... eles deixam os filhos ficarem comigo, eu viajo com meus sobrinhos, sem os pais, a confiança, né, até de corrigir. Às vezes os próprios pais corrigem os filhos e falam: olha o que sua tia falou com você, presta atenção no que ela fala... eu acho isso bacana. Mas eu, mãe, eu nunca me vi sendo mãe. Eu as vezes falo brincando, mas é uma coisa que é verdade também, que eu falo o seguinte: se algum dia eu tivesse pensado em ser mãe, eu tinha que ter nascido rica, porque eu acho que ser mãe, hoje, to com cinquenta anos, né, mas há mais tempo eu acho que é muito complicado. Porque... pelo trabalho da gente, e no ciclo de amizade a gente vê muito assim coisa acontecendo, os pais hoje lutarem muito, trabalharem muito, achando que isso é melhor para os filhos, né. o trabalho assim... tem o financeiro, mas o filho assim com... com um ano já vai para uma creche, né... já vi casos, já... vi não, já participei ... de um cara amigo meu, de uma dessas empresas que eu trabalhava, o cara me chamou um dia no sigilo, eu falei: Meu Deus, vai me cobrar alguma coisa, né, e ele falou assim: oh, ele era todo calmo, ele é todo calmo, você...”to precisando de uma ajuda sua”. Eu falei: o que que eu posso fazer? “Sabe o que que é, você é uma pessoa muito bacana, conhece muita gente aí, e eu tô com uma sobrinha, médica, casada com um médico, e eles estão precisando de uma pessoa, uma secretária, que possa morar com eles”. Uai, mas me explica a situação. “É o seguinte, os dois trabalham muito, sabe, ainda falou moram...”, que dizer, são bem de vida pra caramba, pelo que ele falou, “só que eles chegam em casa muito cansados e a criança fica o dia numa escola maravilhosa”... Que bom, né... “quando eles chegam em casa, eles querem descansar, e queriam uma pessoa de confiança para ficar com os filhos”. Eu falei: oh se eu puder ajudar. Ai você vai vendo essas vendo essas questões, que distancia de realidade é essa. É o meu caso, da opção... que eu acho que tinha que ser, o meu marido no caso, ser rico, que eu gostaria de ficar com meu filho em casa... eu falo isso mesmo. Às vezes a pessoa ri, não é brincando, é sério... se eu tivesse um filho eu gostaria muito de acompanhá-lo, mesmo, pelo menos até os seis anos. Igual tem casais que a gente conhece que faz isso, e é opcional. Como eu não tive namorados ricos, então achei melhor ter filhos (risos). Já tive bacaninhas, depois foi cada um para um canto,

outros são amigos, e tal... mas são amigos que hoje eu vejo que casaram bem ou mal... não sei...é a opção de cada um, isso é muito particular, né? Muito, muito, muito. Nossa, jamais cobrança... aliás, não sei, porque as pessoas que me conhecem falam assim: 'oh Fulana, você seria uma mãe maravilhosa', eu falo eu acho que não... 'nossa, o carinho que você tem com seus sobrinhos', a cobrança é positiva, nada de 'ah, solteirona', nada disso. Nunca, nunca, que eu me lembre assim. Você sabe que nunca falam a respeito, nem às vezes quando assim encontram casais, né, hoje assim não mais, mas assim até pouco tempo nunca teve assim... vai encontrar casais, eu sempre tava junto também, encontro de casais namorados, casados, amigados, do jeito que for, nunca teve esse problema. Agora eu não to assim... porque eles chamaram, mas eu to num momento zen, né, eu hoje assim igual se você tiver num bar, eu vou e sento com você, esse momento zen graças a Deus, igual eu falei com você, agora eu to podendo fazer isso tudo, me dando ao o direito. Se tem pessoas que eu já não... quando a gente bebe, a gente gosta de conversar com pessoas amigas, não é isso? Quando a gente toma uma cervejinha, seja o que for, a gente conversa e solta um pouquinho, e você sentar perto de pessoas não confiáveis não rola mais. Então esse momento zen, às vezes, as pessoas vão fazendo as coisas e 'ah, chama Fulana lá, ela gosta tanto de dar uma surra na cama...', mas chama para ir e tal, mas assim não, nunca, nunca interferiu. Esse momento agora tá sendo opção, opcional meu, de estar com casais ou amigos, sim ou não. Sabe, apesar de que, atualmente o pessoal fica até me gozando, eu e meu primo, que eu amo de paixão, né, ele também é solteiro.. então a gente tá... acho que nós dois temos muita amizade, que ele também é solteiro, não tem filhos, então a gente tem viajado muito, ele vem para minha casa, ele dorme no meu quarto, a gente fica conversando até altas horas da noite... eu acho que chegou esse tempo de conversa, de bem estar. Foi, foi uma escolha.. eu nunca, sinceramente, nunca pensei em engravidar. Engraçado, é... sua mãe até passou uma vez, nós fizemos um curso da pastoral da criança, foi quando chegou aqui a pastoral, infelizmente acabou. Sua mãe participou conosco. E foi a melhor fase de pastoral na cidade, foi quando chegou, muito bacana, aprendi coisas assim que hoje eu repasso para muitas pessoas, inclusive pessoas da enfermagem, foi muito bacana, muito válido. Nem nesse momento, vendo a grandiosidade da questão de ser mãe, não me levou a pensar nisso. E tenho primas, que eu convivi a vida inteira, né, da mesma faixa etária, tem uma inclusive que ela é um mês, exatamente, mais velha do que eu, que ela teve filhos, com um caso de uma menina de quatro anos que é diabética, ela hoje fala comigo, ela fala de coração, ela ama os filhos que ela tem, mas ela fala assim 'você é feliz, por você ter tido opção de não querer ter filhos, se fosse para eu escolher, eu não teria tido filhos não'. Eu não sinto, em momento algum, falta de filho, muito menos

de marido. Que hoje eu vejo tanta coisa de marido... é tão bom namorar, paquerar, né? Às vezes, atualmente, eu penso um pouquinho bem pra frente, quem vai cuidar de mim. Filho tem isso, né, para alguns, que é o meu caso, que eu optei, por querer, que hoje eu cuido da minha mãe e do meu pai. Eu morava em Belo Horizonte e tal., não sei como seria também se eu tive ficado lá, mas o meu opcional de não ter filho eu vejo esse lado de eu tá podendo ajudá-los, e vejo também, meu Deus, eu vejo só por esse lado, quem vai tomar conta de mim. Mas, como eu tenho tias, que também não tiveram filhos e que hoje nós cuidamos, e eu tô podendo ajudá-las, eu falo assim ‘ai meu Deus, será que meus sobrinhos vão poder me ajudar? Espero que sim.’ Que eu vejo muito só por esse lado mesmo, sabe, a situação de não filhos, de coração, eu vejo isso, porque cinquenta anos não são cinquenta dias, né. Eu vejo só por esse lado. Mas tenho me preparado também, eu me preparo assim: amo ver televisão, vejo novela, adoro filmes, é... faço meu artesanato, então eu tenho me preparado para ficar independente, nessa parte, né, porque tem o financeiro preparar o financeiro, a questão de saúde... a gente sabe que a saúde pública no Brasil é e não é bacana. Outra coisa que eu sempre falo é que nós temos que ter grandes amigos médicos e advogados. Mas... tá vendo? Sempre falo isso, agente tem que ter amigos médicos, porque não precisa, se você ligar pro médico seu amigo, ele te... eu já fiz isso, ele te consulta por telefone. Um deles me consultou por telefone. Não era médico, mas era amigo, um enfermeiro bacana, né. É... advogados, porque tem coisa que você precisa... eu tinha um grande amigo advogado, mas hoje não é mais amigo, tornou uma pessoa que não fede nem cheira... mas tenho amigos advogados bacanas, que se eu precisar resolver uma questão, porque a gente não sabe, hoje em dia as leis estão mudando tanto... ai eu sempre falo que tem que ter. Um professor da UFMG, graças a Deus até hoje a gente tem um grande relacionamento, sempre ta vindo aqui, ‘Fulana, continua dando assistência pros meninos, e tal...’, eu já expliquei pra ele, ‘olha professor, eles não gostam do... que o movimento meu, igual você falou, já fui... tinha convite para participar de baile de formatura da Medicina, da UFMG. Os estagiários que ficavam aqui três meses, e o vinculo e tão bacana, que eles mandavam convite pra mim, e não convitezinho não, era convitão. Na UFMG já pude participar, né, de formatura que é concorrida, tem gente que compra, né, eu já fui, então assim, hoje... Eu falei que agora eu vou começar a voltar a ver esse pessoal, que ele falou ‘oh, Fulana, dá um apoio e tal’. Saúde? Pra mim, primeiro, é estar feliz. Porque se você está feliz, o corpo acompanha maravilhosamente. Eu falo isso porque eu passei uma fase de... é... apesar de gostar de fazer as coisas pelo município, um prefeito achou que eu não poderia estar ajudando e me deixou de lado, meu lado profissional, e eu sempre gostei de participar das coisas, sempre, foi quando eu comecei... tive eu não sei se foi uma

depressão, que eu tive... foi sério, nessa época eu emagreci muito, muito, muito. Eu sempre fui gorda, nunca fui magra, mas dessa vez eu emagreci muito, aqui a saboneteira apareceu, aí até me arrumaram um psicólogo na época, e eu falei 'não, não vou não'. Quando eu vi que eu não tava bem, que eu não tava fazendo... minha saúde foi toda pro saco, aí fui tendo um tanto de problema, de corpo, né. aí eu falei 'mas porque que eu tô infeliz, porque o cara não gosta de mim? Uai, que bobagem é essa, não estou com depressão, eu estou bem'. Então eu acho que saúde é estar feliz, a partir do momento que você está feliz, você não tem problema de... sabe, você não tem dor de cabeça... Lógico que tem coisas que vão acontecendo, agora mesmo eu tô num momento de menopausa, que é muito engraçado, mas todo mundo tá participando comigo, que eu falo mesmo 'gente, pelo amor de Deus, me abana que o negócio tá esquentando'. É a realidade sabe, tô tentando não tomar remédio, porque por ter o vínculo com esses estagiários de medicina, eles falam que se a mulher puder ir levando, alimentação bacana, que eles falam 'oh Fulana, não precisa'. Inclusive até ensinaram pra mim, de vez em quando eu faço isso, vai falar isso no meio de medicina, de laboratório, que se você colocar uma gotinha de vinagre numa aguinha morna, para lavar a vagina, que ajuda, que limpa bacana, que é bom, eles falaram comigo e minha irmã para fazer isso. Só que não pode falar isso com ninguém, nem pode, vai que os laboratórios descobrem, eles sabem que isso não faz mal. Lógico, não é ficar exagerando, né, uma gotinha mesmo que dá para você fazer isso. Então saúde pra mim é estar feliz, estar bem, e o resto são coisas que você tem que fazer, é uma alimentação saudável, é tratar dos dentes, é tratar das unhas, né, são coisas que eu acho que tem que olhar... veias, por exemplo, eu tenho vasos, mas não tenho coragem de fazer aplicação. Há algum tempo atrás me incomodava, eu tinha vergonha, hoje não. O que incomoda é só assim, de vez quando minha menstruação vai embora, depois volta, mas agora tá tudo normal, mas eu não sinto que tá me incomodando... quando eu vou menstruar, elas ardem um pouco, que eu já olhei com um angiologista, normal isso, ardência, essas coisas. Eu acho que saúde é você... é bem estar. Você tem que estar bem o tempo todo, por isso eu procuro muito... hoje eu não levo desaforo para casa, a gente ficar engolindo as coisas... hoje graças a Deus eu tô num momento que eu posso fazer isso, tô podendo né, eu falo 'hoje eu posso'. Que tem épocas conforme o trabalho seu, é, por exemplo, quando eu estava chefe de departamento aqui no município, eu tive que engolir um tanto de coisa, hoje graças a Deus não preciso disso mais, e isso minha saúde... sinceramente, tá bem melhor. Sabe, eu acho que é questão mesmo aqui, oh, felicidade, que as pessoas perguntam 'você não está fazendo...', e eu 'não to fazendo não gente', eu tenho que estar bem, mesmo, sabe e como diz meu amigo, que eu falo, Zeca Pagodinho, que eu ainda vou no Xerém, tomar uma cerveja com ele, 'deixa

a vida me levar, vida leva eu...' Meu sonho de consumo, e Diogo Nogueira ainda vai estar lá junto, cantando musiquinha pra mim. Serviço de saúde mesmo, aqui, geralmente eu procurei assim... é... na época que eu estava né, menina moça, que começa as estrias, a questão... mesmo minha questão de...de... meu caso não sei se é obesidade não, mas assim, não procuro tanto a saúde. Já tive bursite, né, que eu procurei. Até o pessoal reclama que eu não procuro a saúde. Falar uma coisa aqui que eu lembrei, quando eu tive bursite o médico me consultou e falou 'olha, se você fizer o que eu tô te passando, vai melhorar'. Porque quando eu uma pessoa tomando injeção que enfia no osso, tem que cutucar, não quero sarar. E sarei. Tive bursite, fiquei na tipoia e tal, aqui tinha um fisioterapeuta muito bom. Não mais, assim coisas mais sérias, né. Os serviços do SUS, que eu acho que é bacana, quando a pessoa não abusa. Eu... eu vejo que quando a pessoa sabe o que tem, sabe o que quer, que procura o SUS, e quando ele é bem atendido, bem servido, é muito bacana o atendimento. São muito bons quando eu procuro. Também tem um tempo que eu não vou, apesar de que, por, é igual eu falo com você, nós não temos mais hospital, mas por ser o médico amigo da família, e ter o hospital, eu procurava muito o hospital. Problema de gastrite. Teve uma vez que eu tava chateada por causa do meu trabalho, as pessoas cobrando muito, foi na época da serra se tornar parque, e as pessoas quiseram me matar, porque acharam um absurdo uma serra dessa se tornar parque, que eu fui culpada, eu culpada assim, me deram muito poder. Na época falei assim 'gente, é pura ignorância de todo mundo, de quem ta falando e quem ta acreditando, porque isso caiu no município, de governo e tal'. Nessa época eu fiquei... ai um dia eu cheguei lá no hospital, passando muito mal e tal, até mandou fazer endoscopia, eu até hoje não fiz não, sabe, mas também me passou você não pode isso, não pode isso, não pode isso. Sem problema mais, graças a Deus. Assim, eu amo farinha, eu sei que o dia que eu como farinha eu vou passar um malzinho, ai eu como um pouquinho, e tomo bastante água, e não passo tanto mal. Eu... a saúde minha mesmo era muito com este médico, o atendimento lá era público também, o pessoal da prefeitura, todo mundo, do município. Eu tinha um problema também... uma coisa que é muito engraçada, e dá muito ne... como é que chama gente, toda vez esqueço, esse pessoal que fica andando ai a cavalo, gente... que montam tendas, ficam lendo sorte... ciganos, dá bem aqui cóccix, é uma coisa, a primeira vez que eu tive foi quando mãe teve a primeira crise, que ela entrou em coma de diabetes, e que eu fui para Belo Horizonte. O negócio dói muito, e eu fiquei andando muito de carro pra lá e pra cá, aí dá um inchaço, dá um pus, , carniça é pouco, pelo pus que sai, acho que nós somos podres. Ai minha irmã falou: 'este negocio tá...' , veio a furo, ninguém conseguiu ficar dentro da casa. Inclusive depois a médica... a última vez que o médico olhou, ele drenou, eu falei: 'gente, vocês não

vão aguentar ficar aqui não, pode colocar a máscara’ e o pai dela ainda falou: ‘pode mesmo porque fede’, ainda brincou. Mas foi a última vez que ele olhou. Esse problema também... aí ele falou comigo: ‘a próxima vez que você tiver isso, nós vamos ter que oh, abrir e você vai ter que ficar na posição tal e tal’. nunca mais tive, nunca mais. Menina, mas o trem assim, ficava tudo vermelho e dava um pus, que coisa horrível. Eu falei: ‘gente, nós somos podres... podres...’. imagina uma carniça fede, aquela é pior, acho que aquilo que saía é o cheiro do ser humano morto, nem eu aguentava, credo mesmo... credo mesmo. Na hora que eu falei: ‘põe máscaras, meninas’, o médico falou: ‘pode por mesmo’. Bom, políticas públicas em saúde no país, no Brasil, tem tudo pra ser uma coisa maravilhosa, um atendimento básico bacana, né, quando usada de forma correta, quando as pessoas procuram antes... antes da coisa piorar, quando fazem as prevenções, de acordo, devidamente né, acompanhamento, acontece bacana. Nós estamos passando por um momento de às vezes é... as pessoas não estão querendo... vamos falar do nosso município, né, a realidade, tá tendo falhas, infelizmente nosso hospital fechou, e a gente não tem um médico vinte e quatro horas, como foi prometido. Ia ficar no posto de saúde, que a gente tem aqui, não tá tendo isso, né, a gente não tá tendo. Eu falo isso porque minha mãe pega remédio para diabetes, e não tá tendo os remédios básicos que tem que ter. Verba vem. Eu acho que política pública deveria ser levada a sério, porque o plano da política pública é muito bom, quando se levado a sério, principalmente pelos municípios. Porque por ter trabalhado tantos anos, e trabalhar ainda, né, como funcionária pública, ter trabalhado na saúde, a gente sabe que a verba vem, pena que as pessoas tão sendo muito egoístas e pensam assim: ‘eu quero levar vantagem e vou levar vantagem assim... tô trabalhando na saúde então eu tenho oportunidade de diária, eu vou pra um curso ali’. Vai pro curso, sai do curso vai fazer compra, em vez de participar da realidade, ajudar o município. A política pública no país é bacana, no papel é muito bem feita, agora tinha que ser praticada. Nós já convivemos com essa prática, você já teve aqui.. igual eu te falo, o seu trabalho é muito bem lembrado aqui o tempo todo, na cidade. Por mim... e mesmo na escola a gente lembra da falta que você faz, para estar acompanhando os professores, os professores estão precisando muito de apoio psicológico, pedagógico também, mas o psicológico, porque tá tendo muito alunos problema, e atualmente a gente não tem um profissional bacana no nosso município. Eu tô trabalhando numa secretaria da prefeitura, lá na escola, então tem coisas que não são da minha alçada, jamais, mas eu tô fazendo muita coisa, eu tô vendo que as pessoas tão precisando de ajuda, os gestores estão precisando de ver isso, e praticar o que eles falam. O ser humano tá muito de falar e pouco de praticar, sabe. Eu vejo e torço para melhorar... torço mesmo e quando eu posso tô fazendo por onde. Para as mulheres tem o atendimento do

ginecologista, que é muito bacana, né, quando procura sei que tá acontecendo bacana, tem palestras, a gente tem enfermeiras é só procurar, que tão dando esse respaldo pra gente, nas dificuldades de mudanças de idade, mudanças de... de... acho que cabeça também vai junto, né, porque é bem grandiosa essa questão. Que eu falo assim que eu participo né, são muitos programas, né. Oh gente, são tantos programas... deixe-me ver mais aqui, lembrar... tem o acompanhamento individual de mulheres, tem essas reuniões, a melhor idade eu não to na época ainda não, eu acho que não quero participar... a melhor idade tá sendo cinquenta anos, sessenta que é a melhor, melhor, eu quero tá que nem essas mulheres que eu vejo ai, fazendo viagens maravilhosas, no mundo inteiro, pessoas que a gente conhece, né. Agora falar assim são tantos programas que a gente... que eu tô lembrando não tem. Ai eu vou te tocar, nem mulher sem filhos, nem específico para o trabalho de, no caso, suicídio. Não, mulher sem filhos não. Tem para mulheres... específico, tem? Eu tô achando assim, será que eu sou meio tapada? Eu não to lembrando... não existe... olha ai, mais um programa para vocês. Não tem... não tem... . Já vi falar AIDS, saúde bucal, tanta coisa né, melhor idade... a menopausa? Na menopausa tem a mulher sem filhos com menopausa, e não tem, né? Câncer de colo de útero, de mama,, mas específico... existe? Você disse que eu posso perguntar... gente... (risos). Menina, que coisa boa, que eu adoro ficar cutucando, vou perguntar para as pessoas ai. Sim, eu trabalhei no caso num posto de saúde, fiquei lá e passei acho que por várias áreas, sim... procuravam a gente para participar das reuniões, para falar sobre o câncer de mama, etc., sempre assim a parte preventiva... mas voltando lá, especificamente para mulheres sem filhos, não, não tem. Porque no caso aleitamento, menos risco né, de câncer, a gente sabe porque a gente acompanha, mas falar específico não. Mas sempre teve esses programas sim, para mulheres em geral. É engraçado, o governo sempre mulheres ligado mulher –mãe, mulher-esposa, mulher solteira não, né... é verdade. Ai, pergunta difícil... meu Deus. Pois é... sabe que eu nunca parei para pensar nisso, sinceramente? Vou tentar, vou pensar aqui assim... eu mulher, não ter filhos... eu sonho muito, eu sempre falo, eu gosto muito de sonhar e tornar realidade meus sonhos. Meu sonho... um dos que eu lembro, era fazer uma festa de setembro, que é tradicional no município, né... realizamos, com uma equipe maravilhosa, mas assim, a gente... eu, né, e um amigo coordenando, uma equipe e agente coordenando, o que, e o pessoal fala comigo que eu tenho e eu acho que eu não tenho tanto, liderança, que eu tenho que trabalhar muito em cima da questão de liderar. Porque o meu liderar é assim, eu te peço para fazer uma coisa e cada um nos eu quadrado, se você não faz eu vou lá e resolvo, e faço. Então esse espírito de liderança eu já não tenho tanto, então eu tenho que trabalhar muito em cima disso. Mas trabalho muito em realização dos sonhos, como mulher, te falo em torno de

social. Mas assim o lado mulher, solteira, há facilidades por ser solteira, não ter filhos, não ter marido. Antes era mais fácil ainda, porque hoje os meus pais estão precisando muito da minha ajuda, opção minha? É, estar ajudando, ficar aqui com eles, ficar em casa tomando conta, porque eles já fizeram tanto sacrifício por mim, que eu acho que não custa, eu, solteira, tenho essa facilidade. E hoje eu vejo com bons olhos, porque se eu tivesse filho como meu irmão e minha irmã tem, eles não tem condição nenhuma de estar aqui com eles. Isso inclusive, minha mãe, é muito cobrada: ‘olha, Fulana tá aqui porque ela é solteira, não tem filho’. Tem isso que é bacana. Mas assim, no resto, eu acho assim é... com relação aos meus sonhos, a o solteira, realização é melhor sendo solteira, com filhos, tanta coisa que eu faço hoje, jamais poderia fazer, jamais... com marido. Casa não, casa hoje eu tenho duas casas para cuidar, aliás, três, né, essa aqui, tenho lá em casa e tem o apartamento em outra cidade, que eu fico coordenando. Ai também sem problema. Mas são questões de realização de sonhos, por ser solteira eu consigo fazer bem melhor, e com relação a filhos, sinceramente, não sinto falta de filho, tenho sobrinhos. Não falo que sou mãe deles em momento algum, nenhum me sinto mãe, nunca, sou tia, se encher o saco: ‘aqui oh, toma, aqui oh, tá enchendo muito meu saco, hoje eu não quero não’. Não tem isso de bom? Agora, filhos mesmo, sinceramente.... ah, eu to muito feliz em participar, tomara que eu possa ajudar um pouquinho. Estou contando com as outras pesquisas suas, estou torcendo para dar certo, apesar de sua amiga não querer, mas a gente tá querendo, viu? E essa da mãe também, gostei disso. Vou dar uma cutucada nas pessoas, viu. Tá precisando, específico, políticas públicas para mulheres solteiríssimas, principalmente depois dos cinquenta. Ao existe vou procurar saber menina. Gostei da ideia. E te parabenizar viu, por mais este trabalho, mesmo. Agora eu tô torcendo para terminar logo, para ver o resultado viu?

Colaboradora 12: 33 anos, casada, Ensino Superior

Bom, eu me formei nutricionista, 33 anos, e eu sou uma pessoa bem complexa, eu acho. Ao mesmo tempo que eu sou muito sistemática, muito organizada, muito responsável, eu às vezes mudo muito os meus pensamentos. Porque geralmente a pessoa que é muito organizada não muda as coisas, né, eu tenho esta tendência de não mudar, mas ao mesmo tempo mudo sim. Então... eu por exemplo, na minha vida profissional... quando eu estudava eu pensava sempre em fazer algo da área de saúde, sempre gostei muito... é... e... fiquei tentando alguns cursos no vestibular, não passava, comecei a ficar muito incomodada, tinha um ano e meio que eu fazia cursinho e não passava, eu falei: não, tenho que tomar uma atitude e passar, porque também

não aguento não as coisas não darem certo. Aí decidi tentar outras áreas, aí um dia sem dormir, geralmente eu faço isso, minha cabeça funciona muito a noite, aí sem dormir pensei em fazer nutrição, e desde o primeiro período adorei o curso, adorei... gostei de todos os períodos, quando formei sempre gostei muito da profissão. Depois fui perdendo um pouco o encanto... não pela nutrição em si, pelo mercado de trabalho da nutrição aqui. Aí comecei a procurar outras coisas, aí eu pensava em estudar mais, às vezes fazer um mestrado, mas de uma hora para outra pensei em mudar muito o rumo da minha vida. Atualmente eu estou mudando o rumo da minha área. Eu trabalho num lugar que eu amo de paixão, como nutricionista, mas eu faço de tudo um pouco, que é uma instituição, uma casa de apoio. Aí eu faço um pouco da área clínica, um pouco da área de nutrição e dietética, um pouco da área de nutrição... é... da área de educação e nutricional, um pouco de administrativo. Então eu vou fazendo muitas coisas, acaba que você né... não enjoa. E é um público que eu trabalho lá, por ser crianças e adolescentes com câncer, que assim são muito especiais... então eu gosto demais de lá. Mas outras coisas, outros trabalhos, outras coisas que eu fazia, eu sempre me dediquei muito, mas agora aos poucos eu tô deixando e procurando outros rumos. É... e aí eu acho que na minha vida também assim eu gosto muito de organizar tudo, eu organizo... por exemplo, o lugar que eu vou morar eu organizo detalhes. Aqui neste apartamento, em tudo que tem nele, praticamente quase eu mexi. E tudo eu entro assim, sabe, eu pego e falo: agora nós vamos fazer tal coisa, eu passo assim, um dia, dois dias programando, minha cabeça vai. A questão focando o assunto do seu trabalho, é... de ter filho, eu na minha adolescência não... sempre brinquei de boneca quando criança, de ser mãe, brincava e tudo assim, mas nunca foi nenhum sonho para mim. Quando eu fui ficando... mas eu sempre pensava em casar e ter filho, aquela coisa certinha assim, sem muito... quando eu fui chegando mais no final da minha adolescência, talvez, sei lá, uns dezoito anos, dezenove anos, aí que eu comecei a namorar, com a pessoa que eu estou hoje, eu estava com dezenove anos, e aí foi passando o tempo, aquela coisa assim: ah, nós vamos casar, nós vamos casar, mas na hora de ver mesmo a realidade de casar, é... tem que pagar apartamento, comprei o carro, tem que pagar reforma, tem que pagar o casamento... eu fui... como eu sou muito realista, é... muito racional, eu não sou... eu ajo mais com meu racional do que com o emocional, eu vi que não dava, eu tinha que fazer uma opção, eu tinha que escolher o que eu queria. E para mim, o melhor era ter a minha casa, montar do jeito que eu queria, do que fazer uma festa de casamento. Então eu abri mão, tirei isso da minha vida. uma coisa que eu pensava, eu tinha feito algumas organizações para ver como seria o evento, né, nem fazia questão de igreja, nem nada, mas um evento aconteceria. Abri mão, desisti na hora, porque eu vi que era um ou outro por causa do meu

dinheiro. Aí, nós juntos, decidimos que não teria casamento, não teria festa, nada, por que tinha que cuidar da casa. Então fizemos isso. Quando estávamos aqui, já tinha... a gente tá há cinco anos, mais ou menos, aqui, foi em 2009 que a gente veio para cá, é... no primeiro ano aquele trem assim, a gente não... a gente já namorando não fazia planos de filhos não, toquei no assunto assim, a gente às vezes brincava, né, quando tiver seu filho vai ser assim, seu filho não sei o que... mas nunca com planos, com esse sonho não. Quando a gente veio pra cá eu já ficava também na dúvida, se eu queria ou se não queria, ele também a mesma coisa, a gente sempre conversou muito, aí acaba que a gente pensa... pensava muito junto, os planos iam caminhando juntos. É... aí com um ano que estava aqui, de vez em quando pensava: ah, um filho, não sei o que... aquela coisa meio sem certeza. Aí ele resolveu pegar a cachorrinha, a primeira, e aí cuidando dela, eu vi... eu tive certeza que eu não queria ser mãe. Claro que eu não to comparando um filho com cachorro não, mas é a minha vida com um cachorro, a minha vida com um filho, eu vi que eu não queria mesmo não. E aí a gente chegou a essa conclusão, com talvez dois anos que a gente tava vivendo juntos, a gente já tem treze... a gente vai fazer quatorze anos de relacionamento, né, mas que a gente tá morando junto... uns dois anos que a gente tava morando junto a gente meio que definiu isso, que não teríamos. Claro que assim, se acontecer de ter, que pode acontecer, que eu tomo meus cuidados, mas não sei, a gente vai se adaptar a isso, mas nos planos não estão não. Acho que eu já to falando talvez até coisas que você fosse me perguntar. Mas eu senti assim... com os cachorros, que eu senti... é... aquela coisa assim... não sei, que eu acho que muita mãe deve ter, mas é claro que elas iam rir de mim se eu falasse isso, mas ... aquela coisa de você ter alguém te esperando em casa, de você chegar e você cuidar de alguém, você levar para passear, você comprar um negocinho para eles, aquela coisa assim que você se sente responsável por um ser... eu acho que talvez a mãe que adota um filho vai ser o mesmo sentimento, e os cachorros, para mim, eu acho até muito mais simples do que um filho, por exemplo. É... eu sinto o mesmo amor assim que eu sentiria por um filho eu sinto por elas, posso dizer isso, claro que são amores diferentes, mas eu acho que é aquela sensação de proteção assim, eu sinto como se fosse a mesma coisa. Eu sou até um pouco exagerada. É... e tem coisas que me preocuparia muito num filho que eu não preocupo tanto com elas, por exemplo, se eu tenho que... eu saio na rua todos os dias, ando de ônibus, eu vou trabalhar de ônibus, eu vou vivendo coisas que, eu vou vendo como o mundo tá ficando, são coisas que eu não queria que um filho meu passasse, vivesse. Eu saio na rua fico vendo aí em ônibus, eu tenho problema na rua, eu tenho problema em hospital que eu vou para ser atendida, eu tenho problema em médico que eu marco pelo plano de saúde para ser atendida, eu tenho problema numa loja que eu entro

para fazer compra, no supermercado, numa farmácia, eu vejo que tudo tá indo pra um caminho muito errado, assim, as coisas estão mudando, as pessoas... é muita gente no mundo, assim, gente demais. E eu acho que as pessoas estão assim muito más... claro que eu conheço pessoas ótimas, pessoas boas, mas a população como um todo, que assim você está todo dia convivendo, tá muito perigosa, as coisas tão muito... então eu ao queria um filho meu passando por isso, assim, eu tendo que... eu vejo criança tendo problema no transporte escolar, tendo problema dentro da escola onde ele tá, eu não queria... assim, as coisas que eu vejo... eu gosto da minha vida, faço de tudo para viver bem, mas eu acho que meu filho não ia me agradecer em nada eu colocar ele num mundo desse aí... sinceramente, não vejo porque que para ele seria bom, viver numa correria, a água acabando... (risos). Então assim eu não vejo porque dar uma vida a alguém que nem sabe que pode ter uma vida, né. Não vejo assim nada de bom nisso. Depois vem a questão financeira mesmo, que entra a minha responsabilidade, é... eu ganho pouco, meu filho teria algumas... teria que passar por algumas restrições, né, porque mal, mal, tá dando para mim e dois cachorros, mas dá... mas um filho seria uma coisa bem complicada. E eu me preocupo com tudo, sabe, se eu tivesse um filho hoje, por exemplo, eu tenho que trabalhar, e aí? Eu não quero colocar uma babá na minha casa, porque uma babá que vai criar meu filho bem ela vai levar meu salário inteiro, então não compensa (risos) trabalhar na rua para pegar meu dinheiro todo e entregar para uma pessoa, ficar longe do meu filho, e eu parar de trabalhar e aí? Esse filho vai viver como? É claro que são duas pessoas, é um pai e uma mãe, mas também nada é certo e fixo pro pai, ele também pode passar por apertos, e tal, bom... essa é uma das coisas que eu penso. É... outra coisa... minha mãe nem pensar né, minha mãe é... agora que ela tá livre dos filhos, né, tá vivendo a vida dela, tá fazendo mestrado, que ela gosta muito de estudar, gosta muito de trabalhar, agora que ela tá fazendo uma viagem ou outra, coisa que ela não fez a vida inteira, enquanto pagava faculdade, pagava... meu irmão ainda precisa de algumas coisas, mas já aliviou bem para ela, então agora que ela tá começando a fazer coisas, ela tá deixando o tempo dela exclusivo para ela, eu sei que ela adora fazer, eu acho até injusto eu colocar um neto para ela criar. Então assim seria responsabilidade minha mesmo, e eu sei da dificuldade que seria isso. Outras coisas, por exemplo, aí tirando o financeiro, tem o mundo, o financeiro, a gestação, uma coisa que eu não vejo nada de legal, nada, nada. Eu... a família da minha mãe, que é o tipo físico que eu tenho, é toda muito gordinha, e eu morro de medo, vivo preocupando com meu peso e fico pensando se eu ficar grávida, que trem horrível que eu vou ficar, não gosto da gravidez, nada de gravidez eu acho legal, quase nenhuma... o que minhas amigas contam, que eu acompanho sabe, não acho nada legal, nada. Vejo o povo falar: ah que lindo mulher grávida.

Não sei o que eles estão vendo de lindo nessa mulher grávida, então também é uma coisa que eu não gostaria de passar. Então assim, são essas coisas. Claro que se... é igual se alguém falar : ah, mas cachorro também da esse tanto de trabalho, mas eu já tenho, então eu cuido. Então se eu tivesse um filho, agora já tem, tem que cuidar. Eu ia esquecer disso tudo que eu to falando, e ia cuidar, ia fazer o melhor, mas se eu planejar meus planos, eu acho que não to, eu não me sinto perdendo nada não, realmente eu acho que não cabe na minha vida não. Familiares... eu tenho muito pouca relação familiar, pouco assim, eu não convivo muito com a minha família, eu tenho convívio mais assim, de... pessoal, né, não convivo com uma tia porque ela é minha tia, se eu gosto dela eu convivo, se eu não gosto, eu não convivo. Eu não tenho muito essa coisa com a família não. É... minha família, pra mim, é meu pai, minha mãe, meu irmão, assim essa coisa de encontrar, de conviver, mesmo assim, as vezes a gente encontra até pouco. Então assim, pros meus pais não teve nenhum problema, porque na verdade eles sempre respeitaram muito minhas decisões, e lá em casa a gente conversa muito sobre as coisas, então a partir do momento que eu coloquei meu ponto de vista, o porque da minha decisão, eles concordaram comigo. Minha mãe sempre fala assim que não, você tá certa mesmo, hoje tá muito difícil criar um filho, eu tive vocês muito cedo, talvez se eu fosse mais velha, se fosse hoje eu nem tivesse vocês, então assim, ela pensa parecida com o que eu falo. Meu pai a mesma coisa. Tenho certeza que se eu tivesse um neto ele ia adorar, mas ele... essa coisa realista assim ele concorda comigo. Então lá em casa nenhum problema. Talvez a minha cunhada, por meu irmão já tá pensando também, falando que não vai ter (risos) ela deve tá pensando assim é culpa daquela irmã dele, que deve tá colocando isso... (risos) porque ela é doida para ter filho e meu irmão fala que não quer, aí ela deve tá achando que é coisa minha, mas não é, eu não tento influenciar ninguém, apesar de que as pessoas ficam tentando me influenciar, eu não tento influenciar ninguém. É... então relação social eu sinto perda sim, porque muitas amigas minhas que tiveram filhos eu distanciei. Porque... não que eu não quisesse a companhia delas, mas é porque muda mesmo os seus... tipo de passeio que você faz, tipo de assunto que você tem, seu foco é outro, então você distancia. Às vezes um passeio que eu faço assim, eu tenho muitos amigos que tem só cachorro, eu tenho um ... é... amigos que eu posso fazer varias coisas juntos. Então por exemplo você vai fazer uma viagem, um passeio de final de semana, uma coisa assim, eu sempre vou fazer coisas voltadas para cachorro, então convivo com estes amigos. Aí às vezes um ou outro dessa turma vai tendo filho, você vai distanciando, porque eles naco vão mais para esses lugares, eles não... não é o mesmo tipo de programa. Então eu senti, teve uma prima minha, que era muito minha amiga, ela casou um mês depois que eu, assim que eu casei, entre aspas, e a gente fazia muita coisa

no início assim, a gente viajava muito, final de semana encontrava, aquele trem todo. Aí ela tinha um cachorro, ai depois que eu também tive ela... eu tive... eu fui ter cachorro um ano depois que ela, aí então tinha esses programas. Ai depois que ela teve um filho, acabou, a gente nem se vê mais assim, ai liga, eu fui num aniversário dele, aquela coisa assim, mas perdeu total. E tem uma outra prima minha que a gente encontrava, acabou. Tem amigos meus que a gente encontrava final de semana para passear com os cachorros, tem uma que esta grávida agora, desde que ela me contou que esta grávida, eu já não vi ela mais, porque um dia tá passando mal, outro dia tem que comprar num sei o que, outro dia... acabou. Então eu sinto perda sim, por isso, pelo tipo de vida mesmo. Talvez quando os filhos tiverem mais velhos eles voltem, a gente volte a se encontrar, mas teve um distanciamento sim. Ah, sempre tem um papinho assim que às vezes me incomoda, mas eu não me sinto cobrada, no me sinto na obrigação de dar uma satisfação, assim, né, às vezes me cansa o assunto, mas eu não me incomodo, assim eu mesma, ficar incomodada com a cobrança porque se não é meu pai e minha mãe que estão falando, se não sou eu mesma que tô querendo, pra mim não importa qualquer pessoa falar. Mas às vezes é um pouco chato assim a forma que a pessoa fala, mas acho que é porque às vezes eu me sinto até desrespeitada, me sinto... é... com o jeito que a pessoa aborda mesmo, sabe, a pessoa tem que respeitar minha opinião, isso é uma decisão só minha, de mais ninguém. Então às vezes a forma como a pessoa fala me incomoda, mas não a cobrança dessa decisão. Ah, eu não sinto anda assim, em relação enquanto mulher, nada. Acho que isso é uma opção, e a minha opção é não ter, não sinto nada, nenhuma diferença não. Não vejo assim... (risos). Saúde... é... bom, você tá bem, com seu corpo funcionando bem, com a sua disposição, se cuidar diariamente, né, eu penso que eu nem faço tanto, com alimentação eu me cuido bem, com atividade física, outra coisa que eu acho importante a gente cuidar da gente, porque reflete na saúde, às vezes um exercício físico, às vezes um... até que relaxar essas coisas eu cuido bastante para não ficar muito estressada. É... mas eu acho que saúde é isso ai como um todo. E principalmente na hora que você precisar de um atendimento de saúde você também ser bem atendida, né, que isso tá fazendo muita falta hoje em dia. Eu ultimamente me sinto ate muito bem. Eu tenho enxaqueca, e isto é uma das coisas... doença, doença diagnóstica eu não tenho, não... eu tenho . Mas a única coisa que me incomodava assim mesmo é minha enxaqueca. E desde os... eu não olho muito para você porque eu distraio, tá, eu olhando pra outro lugar eu penso melhor. Desde os doze, treze anos mais ou menos, eu tenho enxaqueca, já fiz vários tratamentos, várias coisas que você imaginar eu já tentei resolver, e chegou num ponto que fui tomando remédios fortes, remédios mais fortes, e a... já troquei de médico, já voltei, confio na médica que eu tô hoje, e ela mesma fala

que eu sou uma das mais complicadas que ela tem. Ela tem pacientes de todos os tipos, de todas as idades, e eu sou uma das mais difíceis de mexer. Ai quando foi em setembro do ano retrasado, nossa, passou rápido, eu coloquei ... eu observei, eu comecei a fazer um diário, né, de enxaqueca, observei que nas alterações hormonais eu tinha mais enxaqueca. Claro que às vezes eu não dormia bem, tinha um stress ou alguma coisinha de comer diferente, tinha. Mas eu vi que a alteração hormonal tava influenciando muito na minha enxaqueca. Aí eu coloquei o mirena, que é tipo um DIU, né, e isso melhorou demais, eu tenho tido muito menos enxaqueca. Quando eu tenho é pesada, é forte, eu tomo remédio muito forte, que eu tenho até que... eu tenho um efeito colateral dele pesado, que eu tenho que esperar um tempo assim, que eu me sinto mal, mas depois que passa a dor... mas eu tenho tido muito menos. É... então eu sinto que quando eu tô... com isso regulou um pouco minha enxaqueca, e quando eu tô bem, mais tranquila, eu quase não tenho nada assim. Então eu me sinto no momento muito bem. Bom, pra minha enxaqueca já procurei dos três, porque eu dava tiro para tudo quanto é lado. Mas geralmente o que eu procuro é do plano de saúde, eu tenho neurologista que eu vou todo ano, oftalmologista que eu vou todo ano, é... há pouco tempo comecei a fazer um tratamento para queda de cabelo, então foi numa dermatologista, tudo plano de saúde. Minha ginecologista também plano de saúde. Pela enxaqueca já tentei alguns particulares, uns do plano, já em SUS, tudo. E esta queda de cabelo... agora ele tá crescendo, tá esse trem horrórico, mas a médica observou... a gente tava falando até de doença, que era uma alteração na absorção de ferro, não, no armazenamento de ferro no meu organismo. É... então às vezes no exame de sangue normal não detecta anemia, mas num outro exame de sangue mais detalhado apresenta essa deficiência na reserva, então eu tomo com uma certa frequência suplemento de ferro, e ai ameniza. Então os momentos que eu procurei são esses, ultimamente. Do SUS não, foi uma tentativa, uma consulta, eu acho que eu nem tenho condição de avaliar. Ano passado eu tive um problema de saúde que... eu tive umas dores muito fortes... deixa eu lembrar aqui... é, foi um final de semana que eu viajei, comi muita besteira, comida gordurosa, salgada, com bebida alcoólica, com água com gás, que eu amo, então foi um final de semana pesado assim, sabe. Quando eu voltei eu comecei a sentir uma dor de estômago muito forte, e eu não tenho ... não é normal eu ter dor de estômago. Eu nunca tive nada de estômago até uma vez que eu fui assaltada ai eu comecei a ter azia, comecei a ter problema no estômago. Aí tive por um tempo depois passou, isso foi em 2012, ai ao longo do ano eu tive algumas crises, e passou. Aí nunca tive mais. Aí desta vez deu, foi ano passado. Mas uma dor fortíssima de não conseguir comer nada, de enjoar, de ficar tonta, senti dor horrível, de não dormir, aquela coisa, ai teve uma... o que que foi... alterou meu intestino, eu

não conseguia comer nada nem beber água. Fiquei dois dias assim, ai fui para o atendimento do Hospital da Unimed, pelo meu plano de saúde, fui para o hospital dele, o atendimento foi péssimo, de eu sair de lá brigando com o médico mesmo, assim tive até que perguntar se ele era médico de verdade. O atendimento ridículo, fazendo coisa errada, me tratando mal, me respondendo mal, achou que tinha feito uma coisa comigo, na hora que eu voltei no retorno ele demonstrou não saber nem o que que tinha passado para mim, foi uma coisa assim péssima, eu sai do hospital com mais raiva do que... eu só tomei um remédio para aliviar a dor para ver o que que eu ia fazer para poder resolver. Passei um dia inteiro no hospital e só passei raiva, sai de lá até pior. Ai depois eu consegui, no mesmo plano de saúde, eu consegui uma consulta, uma desistência que teve no medico que o meu marido vai, que ele gosta muito dele, que é um gastro, ai consegui, liguei, conversei com a secretaria, expliquei a situação, ai teve uma desistência, ela me legou e eu agendei. Então tipo fiquei cinco dias passando mal para conseguir o atendimento, aí fiz exame e tudo, e resolveu. Esse medico resolveu o problema, ele falou que eu tive uma gastrite, mas que só com os medicamentos que ele ia passar e resolver, e pronto, e resolveu mesmo. Agora eu evito muito procurar médico assim, que eu sei que eu passo muita raiva, eu tenho muita preguiça disso, assim, eu vou só nos médicos certos mesmo, que eu tenho que ir. Até que é um assunto que eu me envolvo pouco, sabe, por não influenciar tanto no meu trabalho, tem influência minha vida, mas não no meu trabalho, são coisas que eu não estudo muito, não me profundo muito. Eu acho que tem muita coisa errada, por exemplo questão de controle de... não, não seria um controle de natalidade, mas um planejamento familiar... eu acho que as políticas publicas tinham que ser mais voltadas para isso, por eu ter essa minha opinião né, que o mundo tem gente demais, e muito que as coisas tão dando muito erradas, eu acho que a saúde pública deveria ficar mais atenta a isso, né, fazer mais campanhas, a oferecer mais métodos de... às vezes assim não só... eles oferecem camisinha, anticoncepcional, mas talvez facilitar mais cirurgias para quem já é mãe, vê mais a situação da população, que eu acho que as pessoas deveriam ter menos filhos. (risos) Porque tem gente tendo sem querer, né. então deveria ter um cuidado maior com isso. E varias outras coisas né, eu acho que às vezes deixa a desejar. Às vezes você vê uns atendimentos assim que você fica ate orgulhosa, fala assim: nossa, SUS foi isso, tem coisas muito boas funcionando, acontecendo, mas como um todo tem muita coisa para melhorar. Nenhum, nenhum... talvez ate por ignorância minha, por falta de pesquisar, mas não conheço. Eu sempre fui uma pessoa muito diferente, eu sempre tive muito problema por isso, claro, né, principalmente na adolescência, a gente passa por muito preconceito assim, né, ser diferente é complicado. É... só que uma coisa que sempre me deu muita força e que por mais que eu fosse

diferente, esquisita, estranha, meu pai e minha mãe eles sempre me viam muito tranquilos, assim, com isto sabe, mas eu pensava assim, por exemplo, todas as mulheres da minha sala, porque geralmente no colégio tem mais amizades, né, ai tinha um tanto de mulher que todas gostavam de um determinado tipo de música, a Fulana não, a Fulana gostava de rock in roll. Ai todas as meninas iam a festas, iam sair, iam fazer não sei o que, tinha uma amiga minha mesmo que ela tinha um grupo de amigas que até hoje são muito amigas, é... eu me aproximei delas por causa dessa minha amiga, ai todas iam sair, todas sabiam dançar forró. Eu não sabia dançar e nem queria saber, e não estava nem ai se as pessoas falavam que eu tinha que saber. Então eu sempre fui assim, sabe... eu tinha... às vezes eu sentia ... eu sentia perdas por essa diferença minha, mas ao mesmo tempo, por eu tá fazendo aquilo que eu queria, e não estar fazendo o que eu não queria, eu sempre me senti muito tranquila com isso. Então sabe assim... problemas de... se eu tô sendo diferente, e tal. Nunca gostei muito de andar com mulher, nunca gostei muito de papo de mulher, eu sempre andei muito com homem, sempre gostei mais de assunto de homem, eu falo isso com meu marido, às vezes a gente sai, fica umas mulheres conversando, eu tô junto com ele e as pessoas com quem ele tá conversando. Sabe, até na época de colégio, eu tinha muito grupo de menino, que eu andava, tinha uns nerds lá engraçados, eu preferia muito mais passar um recreio conversando com eles do que com qualquer menina... eu sempre tive muitas diferenças assim. E sempre muito estranha, assim, por exemplo, não fico olhando para as pessoas na hora de falar, sabe, é... meu jeito mesmo, não incomoda você olhar, nem um pouco, eu fico incomodada de você achar que eu tô sendo grosseira (risos), mas é que eu me concentro sem olhar nos olhos. É... que mais... assim, meu jeito de vestir, eu nunca segui moda, se tem m um assunto que me incomoda é moda, eu acho um papo furado danado, então não me interessa. Às vezes, eu tô do lado de uma pessoa que eu não quero conversar com ela eu não converso, sabe assim, não vem assunto, então eu não sou... eu não tenho muito assim... é... é... a parte social, eu sou muito ruim nela, assim. E isso muitas vezes me causa muito problema, tanto no trabalho como na minha vida pessoal, então eu tive muitos problemas a vida inteira com isso. Mas ao mesmo tempo eu era eu, sabe, assim, ai falo eu sou assim, e tal... muitos anos eu passei sem querer ir em festa nenhuma porque eu não gosto de festa assim sabe, difícil eu gostar de ir numa festa, eu querer ir numa festa, são coisas que geralmente todo mundo gosta, eu não gostava. Aí, por exemplo, todo mundo falava: 'ah, Fulana é do contra, Fulana é do contra', mas era o meu jeito. Então assim, essa decisão foi só mais uma diferente que eu tomei, mas eu tenho a consciência tranquila de que eu tô fazendo aquilo que eu acho que é melhor para mim. Então assim... quando eu era adolescente, às vezes estava lá, todo mundo assim normal, ai eu queria andar toda de preto, ai

chegava em casa e falava com minha mãe eu quero uma bota preta, eu quero uma calça preta, minha mãe me deu uma saia uma vez, e eu falei: mãe, eu não quero usar saia, odeio saia... hoje eu adoro, mas na época: odeio saia, eu não quero usar... e ela saía comigo e minha mãe sempre me apoiava, ela saía comigo, escolhia a bota preta que eu queria, comigo, se eu queria andar com a roupa toda preta eu ia toda de preto nos lugares, ai eu coloquei... uma vez eu tinha onze brincos na orelha, cabelo descolorido, pintado de vermelho, aquele trem todo assim. Minha mãe tinha comprado para mim o negocio que eu ia passar no cabelo... então eu sempre tive um apoio assim, muita comunicação em casa, muito apoio, e às vezes as pessoas... eu escutava pessoas me criticando, as pessoas falando com a minha mãe: 'porque que a Fulana é assim? Porque que a Fulana é desse jeito? Porque que ela tem essa cara assim? Porque ela não conversa'? E minha mãe também não estava nem ai, porque ela sabia que eu era... é... uma boa pessoa, normal assim, eu era uma boa filha, sabe, eu e ela, nós não tínhamos problemas. Então as pessoas às vezes viam pelo meu jeito, pela minha aparência, coisa que não existia, então, nunca assim...e ai minha mãe nunca reclamou para mi, de que eu tinha que fazer tal coisa, que eu não podia vestir desse jeito, que eu tinha que escutar tal música, que eu tinha que falar de tal jeito, não, eu nunca tive essa cobrança deles, eu acho que isso me deu muito mais força assim. E ai depois eu fui... depois de muitos anos eu fui entendendo essa minha diferença assim, eu tive com uma psicóloga é... muito boa, assim, uma senhora já, ela nem exerce a profissão mais em atendimento, nem nada não, quando eu tinha trinta anos de idade, e ela falou comigo, ela falou assim: olha, tudo... e eu, durante minha vida, por eu ter essas coisas assim meio estranhas, eu procurava alguns médicos, às vezes minha mãe levava em médicos, mas eu nunca foi muito preocupada não, mas me levava. E tinha médico que às vezes falava assim, eu contava as coisas minhas, eles falavam: ah, você tem depressão... eu saía de lá... até prescrição de remédio para depressão eu recebia. Eu falava: mãe, sem chance, eu não tenho não mãe, não tenho depressão, não vou tomar remédio, e se eu tiver depressão não vai ser um remédio que vai me tratar não, alguma coisa ta causando e eu tenho que tratar de outras formas. Já passei por vários... ai teve outro médico que me deu outro diagnóstico errado também, eu falei: oh mãe, eu acho que eu sou assim, estranha mesmo e pronto. Ai essa psicóloga que eu fui falou comigo, ela falou: olha, eu acho que esse jeito, tudo o que você tá me falando, pesquisa um pouco que eu acho que você tem autismo. Ai eu fui pesquisar sobre autismo, e era o mesmo que eu estar lendo de mim. Mas não um autismo assim... claro, tem o autismo clássico, né, que geralmente a pessoa tem problema na fala, tem problema com movimentos, né, e tal.. mas é um autismo diferente, é o autismo leve, ele ta dentro do espectro autista, né, tem vários tipos, nunca um autista é igual o

outro, né. E aí eu fui procurar, eu fui começando a ver pesquisas, vendo estudos, sites, de pessoas que tem o autismo leve e são adultos que vivem, que casam, que tem filhos, só que são... aí tem até um que eu li que fala assim: você que sempre foi aquela pessoa estranha, diferente, calada, (risos) que não conversa direito com as pessoas... aí eu falei: ah, sou eu (risos). Aí eu falei: ah, então vai ver é isso que eu tenho... mas assim, não mudou nada na minha vida também, porque eu não fiz nenhum tratamento nem vou fazer. Mas eu realmente assim... foi a única... foi o único diagnóstico, foi a única coisa que eu consegui encontrar que batesse comigo, de todos os anos, de tudo assim que eu sentia, que eu era diferente, e tudo, a única coisa que eu me encontrei foi quando eu fui estudar sobre o autismo leve. É... é o autismo que não era diagnosticado há muitos anos, tem muitas pessoas aí que tem, tem algumas que estão descobrindo que tem porque os filhos tem às vezes um nível um pouquinho mais grave, aí quando vai fazer as consultas, o médico descobre e vê que puxou de um pai, de uma mãe, e eu acho que eu tenho na família também, tem a questão que eles desconfiam de ser um problema no nascimento, que eu tive também esse problema, então eu não sei. Foi a única coisa que eu encontrei assim que eu senti que poderia realmente ser algo da minha vida, mas não mudou nada não (risos). Não fiz nada não, achei legal, né, porque eu vi que algumas coisas estavam explicadas ali, mas... não sei, não muda nada. Mas aí... então assim, eu... o que eu penso é o seguinte, independente de ter algum diagnóstico ou não, esse meu jeito, independente de qualquer coisa, eu sempre penso muito nas decisões que eu vou tomar, tento ser muito coerente como que eu penso, e tomo a decisão que eu achar que for o melhor para mim, por isso eu não me importo se eu vou ser cobrada, se alguém vai falar... eu penso no que eu quero fazer e faço. Isso serve para tudo, tanto para essa questão de ter ou não ter o filho. Tem gente que fala assim: ah, quando você ficar velha, você não vai ter ninguém para cuidar de você (risos)... eu não vou ter um filho por causa disso, porque a gente não sabe o dia de amanhã, não é isso que vai me convencer de ter um filho, não. Eu sempre penso se eu acho que isso é o melhor para mim vou fazer isso. Se for ruim daqui uns anos, eu tenho que pagar as consequências da decisão que eu tomei. Penso assim.

Colaboradora 13 : 83 anos, solteira , Ensino Médio

Assim a parte infantil ou a parte... para início, eu tive assim... nós tivemos uma vida bem difícil porque muito pequeno, papai teve que enfrentar a roça, né, beira de linha, morar em beira de linha, que a gente corria até risco de vida, né, deu bastante trabalho. Mas à medida que a gente foi crescendo as coisas foram melhorando, aí tive oportunidade de entrar para

escola com a idade normal de sete anos. Fiz o primário aqui até a terceira série, na terceira eu parei e consegui continuar em outra cidade, porque aqui ainda não tinha quarto ano, fui para lá e fiz a quarta série, de lá parei mais dois anos até que as coisas melhorassem para papai continuar me ajudando, né, para que eu tivesse oportunidade de continuar os estudos. Através do esforço de papai e de mamãe, principalmente. Depois mais dois... mais três anos eu fui para o Colégio Imaculada, em outra cidade, em 1946, e lá no eu tive oportunidade de fazer o curso ginásial. Nisso mamãe não teve condição de eu continuar estudando, mas a superiora foi muito bondosa que me ofereceu uma bolsa. Mas eu tinha uma tia que, muito assim diferente de... eu não conheço o temperamento de outra pessoa igual não, ela era do contra, sabe, aí falou que eu não devia estudar não, que eu devia era trabalhar. Como Fulano era o prefeito, ele mesmo me procurou e me deu uma sala de aula, me deu oportunidade de trabalhar numa escola. E nessa escola eu fiquei sete anos. Aí a Escola Normal daquela cidade foi reaberta, com sacrifício eu consegui retirar meus documentos do colégio, porque as irmãs não queriam me dar, queriam que eu ficasse lá com elas, mas eu consegui tirar, através de muito pedido, e voltei para casa para trabalhar, trabalhei sete anos, desses sete anos eu voltei para Escola Normal e fiz o curso médio, que naquele tempo a gente falava curso... não era normal não, oh meu Deus, esqueci agora ... é o curso normal, corresponde ao curso normal. Tudo bem, logo depois também eu consegui trabalho aqui, vim para cá..., não, houve o concurso, fui bem classificada, mas eu preferi vir para cá a enfrentar outra cidade qualquer, porque eu tinha oportunidade, eu tava no primeiro lugar (risos). Bom, essa parte aí foi a parte de escolaridade, né. Agora depois vem o período... a gente considera essa muito importante na vida, mas teve também o período de recreação, né. A gente tinha assim ligeira oportunidade de brincar... a gente brincava demais na rua, não tinha perigo nenhum, tinha... as vezes a gente já tava maiorzinha, já tava com treze anos, arranjava os namoradinhos, sabe, tava tudo correndo muito bem, mas é... é... não sei porque eu queria um homem perfeito e não consegui encontrar esse homem, sabe... não queria homem que falasse palavrão, não queria homem que fosse grosseiro com a mulher, eu queria um super cavaleiro, sabe, isso é que eu queria. Não encontrei, e também o que eu gostei não deu certo, eu preferi parar (risos) e deixar as águas correrem... e continuei... e fiquei sozinha, com isso eu fiquei sozinha, né. Mas não afetou porque eu me dediquei aos meus sobrinhos, então... deles eu transferei os sobrinhos como filhos. Isso aí foi minha vida, né... mas brincava, participava, tinha boas amigas, muito assim carinhosas, atenciosas. E a gente fazia, participava de teatro, né, naquela época a gente sempre levava alguma... é... peças infantis ou mesmo de... peças mais complicadas, né, mas a gente saía muito bem. E era uma sala apertada mas ficava lotada, né, e isso compensava o sacrifício

que a gente fazia em ensaiar e apresentar os números, né, ao público. Geralmente era em setembro esse teatro. É, eu tive também oportunidade de trabalhar na...na Central do Brasil, que foi depois a Rede Ferroviária, né, o engenheiro veio quando souber que eu havia concluído o ginásio, ele veio aqui em casa e me convidou para trabalhar com ele em na cidade vizinha, de lá a gente riria para qualquer lugar que fosse determinado pela diretoria do Rio de Janeiro. Mas eu pedi para ele uns dois dias para eu pensar, e depois papai deixou a meu critério a decisão, e eu resolvi não acompanhar... não aceitar o convite, que era até de mais... financeiramente era melhor, né, mas eu preferi ficar com meus pais aqui. Por isso eu fui para a escola. E também eu sempre gostei de trabalhar nessa parte, com os alunos, né, eu achei uma maneira de ajudar minha terra. Eu ganhei muito... eu fui muito repreendida na outra cidade porque que eu não fui para lá, mesmo a diretora queria me levar para a escola normal, eu falei: 'oh D. Fulana, eu não posso ir, porque e meus pais? Com quem... Minha irmã vai estudar, e quem vai tomar conta deles? Apesar deles ainda não serem muito velhos, mas precisam já de ajuda da gente'. Aqui em casa era hotel, né, tinha muito serviço, muita coisa a ser feita, e eu era a que ajudava na parte da escrita, tudo... sempre foi assim, sempre sobrava para mim era a parte de escrever (risos). Inclusive eu tenho um sonho, escrever um livro sobre a cidade, eu já tenho alguns dados, sabe, mas ainda não tive condições financeiras de continuar a pesquisa, porque eu ainda preciso de ir a Sabará, Serro e outras cidades que fazem parte da nossa história. É como eu falei no início, né, eu namorei muito, até um dia o médico daqui brincou comigo: 'você é igual Maria', Maria é a filha dele, né, 'cada vez que eu vou em casa Maria tá com um namorado'. Eu também era assim, não dava... sempre teve esse problema, um lado e outro, né (da cidade), eu tinha um namorado de cá, que era um fazendeiro, e outro e lá, então quando chegava o fazendeiro, eu passava o maior aperto, e seu pai um dia me chamou a atenção, falou comigo assim, olha: 'você faz favor de não ficar namorando assim, no fim você vai ficar sozinha'. Eu falava: 'não tem importância não, eu não quero casar não, que quero é ficar junto dos meus... da minha família e ajudar minha família'. 'Não Fulana, isso é bom, mas você precisa constituir a sua vida', ele me dava bons conselhos, né, muito amigo. E eu, no fim... namorava muito mas não sou... como eu falei, eu queria um homem perfeito e não encontrei. Eu não falava... eu falava... eu não gostava de piada, vinha contar piada para mim, acabou, eu terminava...naquela hora eu terminava o namoro, você acredita? Por qualquer motivo eu terminava o namoro, sabe, e com isso eu fiquei sozinha. Mas eu não sinto falta não, eu preencho minha vida de outras maneiras, né. Agora não, porque a gente já não tem muita condição de trabalhar, mas eu já fiz alguma coisa em benefício da comunidade, inclusive o mais importante que eu achei foi o asilo, né, e esse graças a... além

do grupo que foi organizado para fazer, ainda encontramos apoio de um senhor daqui, é... bastava acabar o dinheiro a gente ia lá e pedia pra ele, na mesma hora ele punha a mão no bolso, tirava o dinheiro e nos dava, e isso para nós era uma beleza, né, ajudou demais. E graças a ele a gente tem... tem aquele asilo que abriga, né, muita gente, tanto daqui da sede como de fora, e agora tá vindo gente até de Belo Horizonte, olha pra você ver. Não, nunca ninguém, só outro dia que o moço me fez uma pergunta: 'oh Fulana, você não sente sua vida vazia, sem filhos'? não, primeiro ele perguntou: 'você tem filhos'? eu falei 'não'. 'Então você não sente sua vida vazia por isso não'? Eu falei: 'não, eu não sinto não, porque a gente pra... não consegue de uma forma, procura outro meio, né, eu procurei o meio familiar para ajudar, pra dar continuidade na minha vida, pra minha vida ter sentido, né. Não, nunca tive vontade de casar, você acredita, e nem de ter filho, acho penoso demais (risos)... nossa Senhora, e a criação, é muito complicada...talvez foi por comodidade (risos) que eu não aceitei... que eu aceitei essa vida, né, que eu levo hoje. Minha vida sem filhos, ela não é vazia, porque a gente procura... eu tô empenhada na.. em conseguir... na pesquisa de escrever um livro. Então já e uma maneira que eu achei de preencher minha vida, para eu não sentir minha vida vazia, né, e com isso eu vou vivendo. Não sei como eu vou lançar esse livro, porque... (risos) não sei como... mas se a gente achar uma pessoa que queira, ne, mandar... imprimir, que fala, é? É publicar... mas eu vou achar alguma pessoa... publicar o livro, aqui tem muitas história interessantes, né. A saúde pra mim significa tudo na vida, porque a gente com saúde tem disposição para o trabalho, tem disposição para participar de festa, e eu gosto muito de festa, até hoje eu gosto. E já... como é que foi mesmo que você perguntou? Ah... pra mim eu considero saúde o principal, porque sem saúde a gente consegue nada, ne, porque quando a gente vai procurar fazer uma coisa, não dá conta de fazer, e eu luto muito com isso, porque eu sinto que eu tô ficando decadente, e falo oh meu Deus, mas eu ainda quero fazer alguma coisa, ai eu fico pensando... arranjo algum motivo pra preencher esse vazio, né. Mas saúde significa tudo pra mim, porque sem saúde a gente não faz nada, né. Eu já procurei... no início eu procurava muito a Previdência, mas agora no momento a necessidade foi tão grande que eu me senti assim muito mal, foi particular. Sempre foi ou particular ou então Previdência. Mas como a Previdência eu tô achando que ela tá muito... muito...não tá boa como foi, eu vou mais é particular. Faço sacrifício, né, porque a gente ganha muito pouco, mas eu vou enfrentando porque... e o atendimento também é mais rápido, né. Já procurei o SUS uma vez que eu estava em outra cidade, e fui abrir o carro, e eu não sei o que que eu arrumei que bateu a porta aqui.. a porta não, aquela parte de trás, o porta mala, bateu aqui e me deu um corte horrível, sangue, você precisa de ver, ai fui pro.. foi até... quem me levou lá, gente... as meninas que estavam

comigo, duas me levaram, agora eu não lembro o nome delas... não sei, não me lembro agora... não sei mais o nome das meninas que me levaram, foi pessoal amigo daqui, mas não to lembrada quem é, fui no SUS, fui muito bem recebida, o médico foi muito atencioso, e também na praia. Na praia eu tive é...labirintite, agora você vê, vou adoecer na praia, no Espírito Santo, não vou naquela praia mais nunca, toda vez que eu vou lá eu arrumo uma papeira, uma doença. E foi.. meu sobrinho me levou, eu não podia ir lá no hospital porque não pode entrar com a roupa de banho, né, e eu tô sabendo lá, passando mal, aí eu entrei o médico falou assim, não, não tem importância, eu vou atendê-la, e com isso ele me atendeu mas não me falou o que que eu tinha. Eu falei assim: 'oh Doutor, mas nós vamos voltar amanhã' e ele falou assim: 'não, você vai ficar aqui oito dias'. Nem, eu não fico aqui sozinha oito dias sem ninguém da minha família, ah não, é muito difícil isso pra mim'. Ele falou o seguinte: 'então a senhora vai, mas me promete que no dia seguinte a senhora procura um médico e faz um exame melhor'. E era labirintite. Foi também através do SUS. Aqui só assim para aplicar injeção, olhar pressão, já utilizei aqui. Que eu tô com minha pressão alta, faço acompanhamento. Porque minha pressão era normal, não sei porque, nós fomos a uma cidade próxima porque eu ia fazer... ia fazer a cirurgia de catarata, e a cirurgia de catarata exige aqueles exames, né, normais, que é feito antes da... preparando para... isto, risco cirúrgico. Então eu utilizei o SUS também, foi excelente, consegui fazer a cirurgia. Ele descobre que eu tava... 'ah, mas a senhora faz parte da minha história'... eu falei assim: 'faço uai'... porque eu estudava na casa da tia dele, eu ia com... tinha uma colega lá, de São Romão, e eu estudava com essa menina e Dr. Fulano dava assim muito apoio pra gente, sabe, eles também sempre iam lá ver a tia, e a gente saía um pouquinho dos estudos e ia brincar com os meninos lá no quintal, apanhar uva, que eles são doidos com uva (risos). Ele lembrou disso, que memória, né. Mas já utilizei o SUS sim, várias vezes. Assim, é uma oportunidade que nós temos de ser atendidos de maneira mais fácil, porque não paga nada, né, e trás só benefícios também. Ela sendo bem executada, né, por médicos responsáveis, dá um resultado muito bom. Eu até um dia eu escrevi para o Ministro da Saúde, falando sobre isso com ele, porque eu achei que a gente deve, apesar dele ser remunerado para aquilo, mas ele também tem... gasta muito dele, né, gasta muita energia por parte deles... então eu ia... mas não tive resposta não. (risos). Eles recebem muita carta, né, deve ser isso, não me respondeu não, ou não chegou a carta, sabe, engraçado que eu não recebi resposta não. Agora isso aí que eu não... é a prevenção, né, o de mais importância para a mulher, através disso tem salvado muita gente. Infelizmente ainda não é o total, mas pelo menos uma parte da gente, né, já recebeu esse benefício e é curada, né. é uma doença ingrata, mas é... aquela parte que consegue superar as dificuldades, atendendo

bem ela dá resultado maravilhoso. Porque antes a mulher não tinha liberdade, através daquele movimento, não sei se a senhora chama Pacífico... fulana de tal Pacífico, até de Belo Horizonte, ela lutou muito para a mulher ser independente, e isso concorreu para que nós hoje tenhamos né... assim, você vê, a mulher hoje ela trabalha em qualquer setor, basta ser habilitada, não é isso? E presta um benefício muito grande, né, em qualquer... por exemplo na área médica, na área de parapsicologia, psicologia e ... ah, tem uma infinidade de... em todas as áreas, né, a mulher tem prestado serviços. E ainda... outro dia um homem falou comigo: 'eu tô preocupado, a mulher tá ocupando espaço nosso', e eu falei: 'oh, ocupando espaço seus não, é o contrário, vocês ocuparam o nosso muitos anos e cabe a gente lutar para continuarmos com algum direito'. Só que no vencimento não, né, eu acho um absurdo a mulher ganhar menos que o homem se o trabalho dela é bom... ótimo... né, porque tem mulheres que trabalham muito bem, né. Tem por exemplo aviadora, né, acho legal... é... e outras profissões que merecem respeito da gente, né. Na época que a gente... que mamãe tinha o Hotel, tinha o INPS, tinha o "I..." tinha o do comércio, INC, parece, IPI era da indústria, e tem mais Jacqueline... minha memória já tá falhando. Eu sei que era um tanto de "I" não sei o que... eles também davam assistência né, através de um deles tinha a aposentadoria, né, conforme a profissão da pessoa que tava requerendo aquele benefício né, e da saúde também. Por exemplo, os ferroviários mesmo, vinha médico do Rio... primeiro vinha do Rio, só do Rio, ficavam na cidade vizinha, de lá eles atendiam uma área muito grande, e também era assim um atendimento rápido, pelo telégrafo, porque não tinha ainda o seletivo, pelo telégrafo mandava chamar, comunicava ele que precisava da presença dele aqui, vinha imediato e atendia a gente muito bem... em tudo. Era assim um médico de... não tinha assim essa divisão de... um é... as especialidades, não tinha isso não. Era... todos eles eram clínicos gerais. Não tinha específico para mulher, a não ser quando precisava, assim parteiras, né, mas as parteiras tinham dificuldade, vinha o médico, aí as mulheres recebiam o atendimento.. atendia... o médico atendia o pedido da família da mulher, né, tanto que diminuiu até a mortalidade infantil, né. A gente era muito bem assistido, aí os ferroviários... como eles é... é... não tinha aqui outro médico, eles atendiam particular também. Não sei se pagavam, porque nos não, nada, era descontado na folha Hoje acontece ainda né, a Previdência. O anticoncepcional, a princípio ele era um horror, né, o terror, mulher não podia ir à farmácia comprar anticoncepcional, tinha que pedir uma amigo.. ou pai... nada, o pai, nossa senhora, não podia nem falar com o pai isso, pedia uma pessoa amiga lá para comprar, uma senhora, uma coisa assim, não precisava ser homem não. Mas a mulher não... a mulher solteira... até lembro... quem é gente, que usava aqui... comprimido... ela era casada... ela usava o comprimido e foi

acabou, minha irmã ia a Montes Claros ela foi encomendou. Ela, uai, você conhece o temperamento dela, né, não sabe falar não, e enfrenta qualquer coisa para atender um amigo. Ai ela chegou na farmácia, pediu lá o comprimido, e o moço... disse que: 'Oh, mas o moço olhou tanto para mim'. Porque será que ele olhou tanto pra você? 'Sei lá, será que ele queria era namorar comigo?' Ah, já vem você com esses namorados, já não chega os que você já tem por ai não? 'Não, ele olhou foi...'. Não, não foi isso não, deve ser porque não é comum a mulher comprar esse negócio ai, você sabe disso, pede para comprar é uma senhora, você uma menina e ainda por cima o tamanho, né, é uma criança. Ela...rs...ai no fim ela compreendeu que era o fato dela.... olha para você ver, até a farmácia censurava. Fazia uma censura brava. Mas trouxe uma grande mudança, né, porque através disso evita, né, nascimentos ai... porque tem que diminuir, senão o mundo não vai caber todo mundo não, né, a não ser que nós vamos morar lá na lua. Também tem umas que não querem. O que eu gostaria de acrescentar é em relação a educação, hoje a gente fica tranquila, feliz, porque a pessoa pode fazer faculdade, sair daqui e voltar... sair de manhã e voltar a tarde, ou ficar lá bastante tempo sem... trazendo só benefício. E também se for bem estudioso, né, ainda tem a gratuidade da matrícula né, do estudo. Uai, aconteceu de uma forma muito natural, não me ... preocupava só em namorar, sabe, namorar pra mim.... e o pior, que no início, a gente não podia nem dar a mão, mas como a gente passou algum tempo sem luz, a gente dava a mãozinha, mas pior que vendia umas lanternas, as lanternas batiam na mão da gente, era uma confusão, a gente faltava morrer, porque os linguarudos vinham e voltavam na avenida, porque mês de maio a gente ia toda noite para lá, mas eles largavam o passeio lá e vinham contar os pais da gente que a gente tava de mão dada com um rapaz. Olha pra você ver...e a gente dava a mão assim, dava a mão e tirava logo com medo de atrás ter alguém olhando, oh minha nossa, mas foi um tormento... mas mesmo assim a gente ainda dava as mãos e de vez em quando um beijinho...um faltava não... (risos). Tudo assim, tudo na base do... né, da rapidez, funcionava era dessa forma. Agora eu não tô entendendo bem como... uma mulher sem filhos... eu vejo de forma natural, não arranjou o filho... mas se for uma mulher assim que tenha uma boa disposição, enfrenta o trabalho, enfrenta... vai preenchendo a vida até, né... às vezes quem sabe arranja um namorado depois de noventa anos, igual já aconteceu (risos), outro dia na televisão eu vi. Arranja de forma natural mesmo... uma pessoa tomou uma decisão que as vezes favorece aquela que quer casar... agora eu não sinto falta nenhuma de um companheiro, já senti... mais tarde...antes, quando mais jovem eu tinha vontade de constituir uma família, mas hoje não, passou, acabou. Os filhos eu encontro carinho nos meninos, né, nos sobrinhos, procuro tratar eles muito bem e

considero como filhos mesmo, especialmente um deles, né, que foi criado aqui em casa... e assim a gente vai superando, né... a falta.

Colaboradora 14: 38 anos, Casada, Ensino Superior

Eu acho que eu sou uma pessoa que... é... que corro atrás dos meus objetivos, que fui atrás das minhas escolhas, e hoje me arrependo de algumas delas, mas isto serviu para o meu crescimento, principalmente pessoal, e que tive muitas mudanças também do que eu pensava antes delas e hoje depois delas. Minhas escolhas pessoais, eu resolvi abrir mão da minha vida profissional para poder ir atrás de... de... um relacionamento, isso foi muito importante para mim porque me fez crescer bastante como pessoa. Mas hoje eu me arrependo um pouco porque eu vivo uma vida longe da minha família, isso me incomoda bastante hoje, e a minha vida profissional eu acho que eu larguei um pouco de mão devido a isso. E por isso eu fui concluir meus estudos, fazer uma faculdade só mais tarde, e hoje eu me arrependo um pouco desse lado profissional, de não ter corrido mais atrás dele no passado. É... na verdade eu fui deixando isso de mão por morar fora, pensava que morando longe da minha família isso ia dificultar muito minha relação, minha vida profissional. E com o tempo isso foi passando, eu nunca parei na verdade, para pensar muito sobre isso, é... acho que devido ao ambiente que eu vivia, que era sempre muita farra, muitos amigos, eu sempre pensava no que eu ia ter que abrir mão, e as vezes também o relacionamento que não era muito estável, e por eu me sentir muito sozinha lá também, então eu fui deixando pra resolver isso mais adiante e na verdade acabei optando por não ter filho. Hoje interfere um pouco... na verdade não é que... interfere um pouco porque com minhas relações sociais, porque hoje eu vejo que minhas amigas, noventa por cento delas já tem filhos, tal, a vida muda um pouco, os ambientes que as pessoas frequentam são outros, então a única coisa que eu vejo é isto. No meu relacionamento não interferiu não, acho que teria interferido se eu tivesse tido filho. (risos). Na verdade eu me sinto com... com mais possibilidade de correr atrás da minha vida profissional, coisa que eu não fiz no passado por causa da minha relação com o meu marido. Então hoje eu me sinto mais... com mais força para isso. É lógico que tudo tem os prós e os contras, como a idade tá chegando, hoje eu começo a perceber que isso pode... a decisão de não ter filho pode me fazer é... de repente me arrepender, ou sentir falta disso no futuro. Mas acho que na vida tudo a gente tem que arriscar, né. E é uma escolha que eu tô fazendo. Ah, saúde para mim acho que é um pouco de qualidade de vida, é... eu acho que tanto quanto o corpo, eu acho que você tem que estar também com a mente em paz, tranquila, e acho que vem um conjunto de coisas. Eu

acho que não sou uma pessoa muito, cem por cento saudável, mas eu acho que... eu acho que eu tô buscando mais isso hoje, porque hoje também já procuro levar uma vida mais saudável, procuro fazer atividade física, coisa que no passado eu não fazia, então eu acho que eu tô buscando até com a idade, eu tô buscando aprimorar isso, ter uma vida mais saudável, buscando a saúde ai, no final de tudo. Eu procuro... há algum tempo eu procuro o serviço de saúde através do convênio médico, e a última vez foi agora na retirada do nódulo benigno da mama, mas foi através do convênio médico. Já utilizei serviço público, mas tem muitos anos, mais de dez anos, e eu detestei. (risos). Foi uma infecção urinária, e na verdade o atendimento foi extremamente demorado, eu cheguei passando mal, não tinha imediato, não tinha nenhum lugar que eu pudesse sentar, que eu pudesse deitar, e... até que eu desmaiei, e ai depois que eu desmaiei arrumaram uma cadeira para eu sentar, e me colocaram no soro, e a única coisa que fizeram foi me deixar no soro, depois de 24 horas me mandaram embora, falaram que se eu não melhorasse eu tinha que voltar para internar. Então na verdade eu acho que foi um atendimento inadequado. Eu acho que o problema nosso é dos governantes. Infelizmente é a corrupção, é tudo isto que não deixa as verbas chegarem do jeito que tem que chegar nos lugares, no sistema de saúde, para melhorar a saúde no Brasil. Não. Eu conheço esses programas... é... até me esqueci o nome aqui agora. Às vezes a gente vê passando no jornal sim, mas nunca me aprofundi e na verdade espero também não precisar, porque eu não acredito muito em saúde pública. Já ouvi destas campanhas que fazem né, contra câncer, por exemplo, câncer de mama... mas eu nunca me aprofundi muito não, eu vejo o que passa mesmo... Nossa, que perguntinha difícil... (risos)... é... bom... eu não sei, assim, porque eu acho que até hoje na verdade eu nunca... assim, isso... eu vim até começar a pensar sobre essa decisão de não ter filho depois que a gente conversou até sobre a pesquisa, porque eu nunca imaginei que eu... parei para pensar ah, eu decidi, eu não vou ter filho. Na verdade as coisas foram acontecendo e eu sempre fui achando que não dava para ter, depois que... que não era o momento certo, depois que a relação a dois não tava legal e não ia ser legal, e ai quando eu vi, eu já to com trinta e oito anos, e quando eu vi já tava sem filhos. Não, eu acho que independente de filho, né, tem a parte de estética que né, pra mulher a gente sempre... é quem gosta de se cuidar, tem vaidade, fica com medo de, como dizem, cair tudo, mas isso também, certo ou errado... a gente ouve muita gente falar que é errado pensar assim, mas já pensei também, entendeu... mas é... pra mim é tranquilo. Tem muitas mulheres que eu vejo, minhas amigas, que super bem resolvidas, tem... ou gordas ou magras tem... são felizes com seus filhos, e outras já acham ruim porque né, 'ah engordei, não consigo voltar par ao meu corpo'. Então a minha questão quanto a isso é tranquila. Eu acho que é... deixa ver... eu acho que não

sei, acho que às vezes... que futuramente eu posso me sentir sozinha, mas hoje assim para mim é você ser dona do próprio nariz, poder fazer o que você quiser sem precisar pensar tanto no próximo, lógico que você vai pensar em algumas pessoas mas sem ter aquela... você não tem uma pessoa que depende de você. Se eu tivesse filho eu teria.

Colaboradora 15: 26 anos, solteira, graduanda Ensino Superior

É... perguntas difíceis... eu no momento tô terminando a faculdade de medicina, um momento difícil, porém, muito bom da minha vida, escolhendo que residência vou prestar. É... eu sou uma pessoa determinada, que gosta de encarar desafios, é... uma pessoa sempre disposta a ajudar as outras, e então é um momento muito bom da minha vida. A medicina... foi uma escolha difícil, eu gostava de muitas coisas no colégio, continuo gostando, a residência também é uma escolha difícil, porque eu sempre gostei de várias coisas, e é difícil encontrar alguma coisa que satisfaça todas as coisas que eu gosto. E a medicina foi isso assim, foi uma coisa que eu sabia que ia me abrir muitas portas, em termos do que eu podia fazer depois, é... por enquanto é isso. (risos). No momento também é um momento assim determinante porque eu tenho um namorado há dois anos, e a gente vai assinar união estável, daqui um mês mais ou menos. Não, eu o conheci no intercâmbio, ele é estrangeiro, e por conta dessa dificuldade toda de namorar com uma pessoa de outro país, a gente resolveu assinar a união estável, para ele poder ter documentos daqui. Foi uma escolha bem difícil também, porque não era muito o que eu tinha planejado, né, de... eu queria ter... obviamente eu queria te morado junto e tudo, antes, mas a gente vai fazer as avessas, a gente vai assinar antes e morar depois. Ai assim, minha mãe não acha o ideal, não, mas a minha vó tá super de boa, não casar, casar, ainda. Um dia eu caso, isso tá bom assim. Não, eu não tenho filhos mas eu quero ter, o que até é uma questão estranha no momento assim, porque eu tenho uns problemas hormonais que eu descobri recentemente, então a minha ginecologista me aconselhou a ter filhos até os trinta anos, de preferência. Eu não tava nem pensando, ai eu fui pesquisar isso melhor, porque eu não tava menstruando, as menstruações não vinham, eu achei muito estranho e fui lá, ela também não sabe ao certo o que que pode ser, é lógico que eu tô fazendo exames ainda, ai de qualquer jeito ela me orientou a não esperar muito. Mas assim, aí, desse problema... na verdade também foi ao contrário, desse problema de fertilidade, que eu fiquei com medo de ter problema de fertilidade que surgiu essa vontade de ter filho, porque antes eu não tava pensando mesmo, engrenar uma coisa na outra... mas que quero sim. Outra pergunta difícil, assim... é, em termos médicos é muito fácil, né, uma pessoa saudável é uma pessoa que ta

funcionando bem fisiologicamente, mas saúde num contexto geral é uma coisa até difícil de se ter, eu acho, porque você precisa tá bem com você, do ponto de vista biológico, né, a sua máquina funcionando, a sua mente funcionando bem, e você se entrosando com outras pessoas, você tando bem com as suas escolhas, eu acho que é isso assim, é você... é você ter um bom convívio... um bom convívio social, um bom convívio com você e ter obviamente a saúde física, mas você poder ter meios para você realizar suas coisas, é complexo, eu acho. Quando por exemplo assim, você fala, se eu tô com uma sensação de que eu tô doente, alguma coisa? Por exemplo, quando eu fico muito cansada, fazendo muitas coisas, que eu não tô bem, tô fazendo uma coisa que eu não gosto, parece que meu corpo não reage do mesmo jeito que quando eu tô fazendo uma coisa que eu gosto. Ou quando eu não tô fazendo atividade física, quando eu engordo, ou se eu emagreço demais, agora por exemplo que é um momento bom na minha vida, eu me sinto bem disposta para fazer as coisas. Eu acho que é isso, é o seu próprio corpo responder e se articular bem como seu lado mais espiritual assim. Eu tenho plano de saúde desde... desde a infância eu acho que já tenho, minha mãe trabalha no banco, então sempre que eu precisei foi em serviço privado. É... assim... já procurei várias vezes por questões assim, de infecções, tipo assim amigdalite, já tive apendicite, é, que nem eu te falei agora que eu tô procurando recentemente esse meu problema de não ter meus ciclos normais. E mais isso. Eu já procurei também psicologia, já fiz terapia durante um ano, e foi muito bom. Serviço público, por exemplo, vacinação. Mas eu não lembro de ter usado assim, por exemplo, doente mesmo e ter que usar não. Eu trabalho nele... não que eu acho ruim não, mas é que como eu tenho plano de saúde eu nunca usei. É... assim, é o Estado organizar ações de intervenção em saúde, de prevenção em saúde, de modo a... é... a ter uma rede mesmo em assistência, de prevenção, para... como é que eu posso falar... para as pessoas terem essa... essa... acesso a saúde, ou a prevenção de saúde. Acho que mais o que eu gostaria, né. Obviamente... por exemplo, eu gostaria de usar o sistema público de saúde. Eu já morei em outro país, né, a França, onde todo mundo usa o sistema publico, e acho que o sistema público teria que ser, é assim, a minha convicção é que tanto saúde quanto educação deveriam ser 100% públicas, e de muito boa qualidade, o resto, o sistema liberal, o que fosse, mercado, não importa, mas eu acho que essa base o Estado tem que dar para os habitantes, para a população. Então eu esperaria das políticas públicas que elas realmente fossem é... é... fossem eficazes, bem pensadas e bem feitas, e nem sempre é o caso. Muitas vezes sim, mas nem sempre é o caso. É que assim, curiosamente (risos), desde o início da faculdade eu trabalhava com uma professora que até já aposentou, que era uma socióloga, feminista. E daí a gente... eu trabalhava no projeto com ela, no contexto de humanização do SUS, chamava Projeto

Passagem, que a gente trabalhava com grávidas. É... ai assim, eu tive bastante contato com as coisas, assim em termos da violência contra a mulher, tem um ambulatório aqui também que eu já fiquei um ano nele, um ambulatório de psiquiatria de mulheres, que ai é uma psiquiatra que fica lá ela trabalha muito com disforia pré-menstrual, com essas questões assim, então é uma coisa que eu gosto. A gente já tentou organizar aqui algumas vezes, coisas, no oito de março, com relação a violência, no caso da mulher, violência sexual contra a mulher, distribuição de panfleto para a população, essas coisas. É que cada semestre é uma coisa, no trabalho nos serviços de saúde depende, aqui na Prefeitura, geralmente todo posto tem uma ginecologista, ai a coisa fica muito mais centrada na figura do ginecologista. No interior, nem sempre tem ginecologista, ele vai lá uma vez por mês, ai a enfermagem é que faz mais esse papel, né de Papanicolau, às vezes até do pré-natal, no início é a enfermagem. Não acho que tenha uma política, não acho que tenha nada específico, mas é o que eu vejo, é isso assim. Pois é, essa era uma discussão que eu tinha muito com essa professora minha, que as feministas no geral elas não acreditam em instinto materno, né, elas são contra essa ideia de que toda mulher é um ser maternal e que existe um tipo de instinto, e que seria o instinto materno. É uma discussão que eu sempre tinha com ela, eu não acho que tenha, por exemplo, assim, eu particularmente eu não acho que seja um instinto materno ou uma coisa que, é... sabe assim... aflore dentro de mim, quando eu vejo um neném, né... às vezes as pessoas me perguntam: 'mas você vê, quando você passou na ginecologia, na obstetrícia, você não sentiu vontade de ter neném?' Eu não acho que, não é vendo um neném assim que eu tenho vontade de ter filho, por exemplo, eu acho que é a ideia de eu ter uma pessoa para compartilhar ideias, para ensinar, para aprender, sabe, eu vejo muito mais assim, essa troca. Porque a minha... eu acho que é a relação com a mãe, né, a gente sempre puxa. A minha relação com a minha mãe é isso, é uma troca, é uma pessoa que me ensine coisas, que eu ensinei coisas, briguei, e a gente não dá certo, e a gente dá... eu acho que isso é tão... é tão benéfico, assim. Eu não me vejo como uma pessoa que não... não quer ter filhos, mas eu não acho que seja obrigatório uma pessoa também ter filhos, eu não acho que uma mulher que não tem filhos seja uma mulher que não vá ser uma mulher de verdade, assim, toda... não acho. É... eu acho que alguns pontos assim interessante nesse quesito é porque que as mulheres... por exemplo, assim, eu convivo com muitas mulheres, com alto nível de graduação, pós-graduação, e porque que as mulheres não tem filho? É uma coisa também que a gente sempre discutiu, porque que as mulheres não querem ter filho, agora, nessas posições, né? Você ta fazendo doutorado, é tão difícil a gente estudar e a gente competir com os homens, né, entre aspas assim, porque se a gente sai, e chega uma coisa assim, quando você sai, você se ausenta um ano da sua profissão, você não ta

mais competitiva, quando você volta, tudo já mudou tanto que um dia tudo muda tão rápido, você perde. Uma ideia que a gente sempre tinha aqui na faculdade, essa professora lutou anos com isso e não conseguiu, era de ter uma creche aqui, sabe, de as crianças fazerem parte das instituições. Porque não ter uma creche aqui para atender a população daqui, as... todo mundo, as bibliotecárias, as faxineiras, as alunas... colegas minhas tiveram que sair da faculdade para poder ter filho, e assim vários casos, sabe, a faculdade é muito fechada em relação a isso. Seja porque a pessoa quis eu porque não quis, todas tiveram. E porque não, sabe? E acaba que você vai deixando para depois, e às vezes a pessoa não quer, mas às vezes a pessoa quer e acaba não tendo, e quando vai querer ter aí não consegue, aí começa, fertilização, e mais não sei o que, e quinze mil reais depois, muitas complicações, você não consegue, aí você tem que adotar, e assim também a ideia de que maternidade não é ter um filho biológico, definitivamente assim. Eu acho que é o que eu mais queria assim transmitir para as pessoas mesmo, que não é, definitivamente, biológico, e isso é uma bobagem, sabe. Eu vejo é... eu acho muito triste, eu acho que já teve uma mulher nessa situação, ela já tinha adotado uma criança, a criança estava assim jogada num orfanato, aquelas crianças que parecem um bichinho amedrontado, virou a filha dela, aquela criança fofa, amava, não sei o que, de repente a mãe, que era uma ex-alcoólatra, tinha dez filhos, conseguiu o direito de pegar a menina de novo, ela tava naquele estágio... É, eu acho que existe para os dois lados sim. Isto demora muito tempo, né. Eu acho muito difícil adotar, né, muita burocracia, e acho que por essa mentalidade das pessoas de achar que aquela mãe não é uma mãe de verdade. Só isso.

Colaboradora 16: 52 anos, casada, Ensino Superior

Eu sou..., nasci em Minas Gerais, interior de Minas, me formei, fiz o magistério lá, saí de lá aos meus vinte e quatro anos, e eu já tinha uma bagagem profissional também, nesse período. Trabalhei com ensino especial na APAE de lá, e... por nove anos, e nesse período eu fiz a minha faculdade, Pedagogia, né, e eu peguei nessa época da faculdade também nós montamos, assim, abrimos uma escolinha maternal, jardim de infância, chamava até Barquinho Azul, na cidade. E atendíamos crianças na faixa etária de dois a seis anos. Naquela época não tinha institucionalizado o ensino nas escolas públicas, o maternal nas escolas públicas, ou seja, as escolas particulares que estavam se iniciando naquela época. Então no meu período de faculdade, eu era muito jovem e tive que ser emancipada para ter o meu próprio negócio, né, porque foi justamente com dezoito anos que nós abrimos uma sociedade com quatro colegas. E assim trabalhando intercaladamente, na APAE e nessa escola maternal

também de minha sociedade né. E nesse período todo, o que que eu fiz na minha fase, principalmente de quinze até esses vinte e quatro anos, trabalhar com criança, né, foi esse período todinho que me dediquei a escola, e na APAE eu tinha até dois turnos, um como professora e outro no trabalho na secretaria. Ai nesse período todo, foi mais ou menos quando completei meus vinte e quatro anos, eu já estava formada, a escolinha nós tivemos que suspender, porque foram abrindo outras escolas, ai veio o serviço público oferecendo, e lógico, ele deu... refletiu nesse período nosso, sabe, então chegamos a conclusão que nós suspenderíamos nossas atividades. Então nesse período eu queria alcançar novos voos mesmo, sair do interior já formada, já tinha uma experiência de nove anos, experiência profissional de nove anos, e vim trabalhar aqui na Cooperativa da extinta Minascaixa, que chamava Sobenca, fui trabalhar na área de recursos humanos. Fiquei também por um período de sete anos, e depois dessa empresa, que houve também o fechamento da Minascaixa e tudo, optei também por buscar novos... novos empregos, e trabalhei, seguindo a linha de pessoas, na área de recursos humanos, e da filosofia assim, de associações, de cooperativas, que era o meu foco desde lá, quando eu comecei no interior, né. E foi onde que eu passei também num processo seletivo de cooperativa de crédito, que eu permaneci dezoito anos, saí tem três anos, e essa foi a minha escolha, me dedicar a essa área profissional, de trabalhar com pessoas, por gostar, eu gosto de pessoas, gosto de gente. E... fui muito feliz na minha opção, sabe, saí agora porque eu aposentei, como você... assim, comecei com meus quinze anos, já tenho a minha fase... eu me planejei para chegar aos cinquenta anos eu ter essa tranquilidade, de eu procurar fazer a minha escolha de ser independente, de ser autônoma. Foi onde que eu me dediquei... estou me dedicando esses três anos desde que eu aposentei, é... eu acho que essa escolha ela é válida e me sinto bem, estou feliz assim, porque é aquilo que nós... foi planejado, sabe, e assim, eu falo com meu marido que também a oportunidade é agora mesmo, aproveitar enquanto a gente tá bem, a gente tem a saúde, tem a dedicação, e aproveitar e seguir naquilo que a gente tem vontade de fazer, por exemplo, é... viagens, né, procurar enquanto a gente ta com saúde mesmo, não é, porque depois vem a... Eu penso muito no futuro, penso muito no futuro assim, é... você até veio aqui e eu falei assim 'eu tenho que pensar daqui a dez anos porque que eu estou saindo de uma casa para morar num apartamento, eu tenho que pensar daqui a dez, vinte anos, isso já é uma característica minha, pensar no futuro. Então foi isso... o que eu pensei foi isso, a minha trajetória toda para chegar onde era minha opção. Nesse período eu conheci a pessoa com quem eu casei, e foi assim até interessante quando eu conheci, acho que você já sabe da história, né, e a pessoa que eu conheci já me veio com uma família formada, não é, assim, ele já tinha separado, já tinha três

filhos, eu não tinha filhos e nem pensava em ter filhos quando eu o conheci. Ai conhecemos, nos casamos, moramos um tempo juntos, depois oficializamos o casamento, depois... estamos ai num período de vinte e oito anos casados... e o tempo passa, não é, estamos ai num período de vinte e oito anos juntos. Bastante, né, foi logo quando eu vim justamente... foi quando eu o conheci, né, foi nesse período. Pois é, quando eu conheci o meu marido eu fui apresentá-lo a minha mãe, né, minha mãe já faleceu tem vinte e cinco anos, e ele conheceu minha mãe, né, teve a oportunidade. Quando ele foi... quando eu fui apresentar, né, ele falou assim: ‘meu bem, você já falou para os seus pais que eu tenho três filhos?’ não é? Eu peguei e falei assim: ‘não, ela vai gostar de você com ou sem filhos, vai gostar é da sua pessoa, não é... quer dizer que você tenha filhos que ela vai deixar de gostar’, e foi isso que aconteceu, apaixonou com ele, a família toda apaixonou. E assim, nesse período todo que... desde que eu vim para Belo Horizonte mesmo, eu já tinha meus vinte e quatro anos, eu já... eu já... acho que tanto aquela experiência tanto que eu vivenciei, de dificuldades, assim, porque querendo ou não querendo, no interior a vida era mais difícil, eu tive uma infância assim mais... mais... como que eu digo, assim... mais batalhadora mesmo, né, minha mãe era servente escolar, meu pai era... era caminhoneiro, então minha mãe ela que sempre sustentava mais assim... mais a parte mesmo assim de ser mãe, se dedicava mais a essa parte, né. Então assim veio aquele período todo, escola ensino especial, veio a minha escola, e veio todo esse trabalho com criança, e eu vivenciava muito isso, né, mas isso não foi um fator de eu ter assim pensado em não ter filhos. Ai o que que eu pensei... o que que eu pensava da maternidade, que eu queria mesmo talvez me dedicar a minha carreira, ter minha independência financeira, eu queria assim, ser mais eu. Eu pensava, como eu te falo de eu pensar muito no amanhã, eu falava assim ‘ah meu Deus, se eu separo eu não vou dar conta mesmo de trabalhar e de me dedicar aos filhos, sem ter muito que...’. Hoje tem as leis, tem tudo, né, mas anteriormente não tinha tanto isso, então era muita responsabilidade, e isso tudo me vinha em pensamentos. Mas eu... pra te falar a verdade, quando eu conheci meu marido, assim, ai que eu acho que veio me confirmar tudo isso, porque eu não ficava o tempo todo pensando se eu ia ou não ter filhos, nunca pensei... foi assim uma consequência da vida e que foi mesmo... foi um projeto natural, muito natural, hora nenhuma eu parei debaixo do travesseiro para pensar sobre eu não ter, se eu fiz a escolha certa, ou não fiz, não teve isso... eu não tive, hora nenhuma, isso ai eu te falo assim de coração. Porque também meu marido, depois... como eu te disse, ele já veio com três crianças, né, a mais nova estava com dois anos e meio, e o mais velho com treze anos, quando eu conheci. E assim, eu passei a gostar, apesar de que não é um processo muito também... porque houve a separação, não tem essa... no início não há muito essa aproximação de...de... dos

filhos. Mas assim ele sempre dedicou a ter sempre essa aproximação entre eu e os filhos dele, desde o início, querendo ou não querendo, tá sempre presente, sempre... e isso facilitou muito pra gente, e é muito bacana. E hoje assim eu tenho um tratamento maravilhoso com todos eles, com as ex-mulheres, né e assim, é um processo assim muito de amizade, amizade verdadeira mesmo... isso.. não falo que isso preencheu também meu lado de maternidade, não, mas assim, que ajuda, ajuda...porque passamos a fazer viagens nas férias escolares dos meninos, passamos a fazer viagens juntas, a família toda, então isso tudo foi assim, e hora nenhuma eu me perguntava se eu queria ou não queria filhos, como eu te disse foi um processo natural. Nesse período também, meu marido até brincou e falou assim, e ele assim, me cobrava de ter filhos, já assim, várias vezes me questionou: ‘oh meu bem, vamos ter uma criança, né, nossa e tudo’, aí eu sempre brincava e falava assim: ‘não, primeiro, né... só dedicar mais ao trabalho, vida independente financeira e tal, aí ele... achei tão engraçadinho que uma vez ele me deu um cachorrinho e me falou que era pra instigar meu instinto maternal, porque eu ia dedicar tanto a ele, que eu queria ter um filho. Aí eu falei que o efeito foi o contrário, não é, porque a gente apaixonou tanto, é tanto cuidado, você não dorme, passa a não dormir, passa isso... eu falei assim: ‘meu bem, o efeito foi ao contrário’. Mas ele me deu esse cachorrinho pensando em instigar meu instinto maternal, e realmente eu era uma mãe pra ele, né, tanto que ele viveu dezessete anos, fui uma verdadeira mãe, era meu filho, praticamente. Ai eu até brinco... ai ele entendeu esse processo, e também a idade vai chegando, vai chegando, não é, ai chega a um patamar mesmo que fala assim: ‘é, não tem mais jeito’. Mas ai vem a cobrança, né, a sociedade cobra, te cobra... e eu acho tão engraçado que as pessoas chegam assim: ‘mas você não tem vontade de adotar, não?’. Até hoje eu ouço isso, né. Eu falo assim: ‘oh gente, eu tive tanta oportunidade de ter tido’, logicamente eu posso adotar sim, no futuro, não é, por uma questão assim né, de outras situações, agora não porque eu fiz uma escolha errada, talvez, ou escolher pra fazer isso ou mesmo pra mostrar que eu não fui mãe e agora eu posso ser, não é assim, não é? Mas sou cobrada até hoje, ai tem hora que eu brinco assim...pela família, né, hoje até que não por causa da idade, né, hoje eu to com cinquenta e dois anos, mas ate os quarenta e cinco tinha gente falando assim: ‘mas dá tempo, dá tempo, né’. mas assim é pela família, porque isso é normal, né, e tal. Ai foi desse jeito, então eu sinto que a gente ainda é muito cobrada, muito cobrada. Ai hoje sabe o que eu respondo? Ai falam assim: ‘ah, mas você tem filhos’, aonde você vai, né, ‘você tem filhos?’ ‘Não, por opção’, já respondo assim pra nem assim... pra prolongar talvez, porque parece que choca as pessoas ainda, eu sinto... choca, tem hora que choca, né? ‘Como não, seu marido né, adora, faz tudo pra você, faz isso, você ia ser assim... né, um casal...’. Porque meu marido

realmente faz tudo me dá tudo na mão se eu quiser... Uma pessoa muito tranquila, sou uma pessoa sensata, é... sensata, eu acho que eu fiz a opção correta, não me arrependo hora nenhuma, não me arrependo, não me passa pela cabeça. Esses dias até que eu até pensei isso assim... eu tenho acompanhado uma tia que tem noventa e dois anos, ela é lúcida, lúcida, lúcida, e ela teve dois filhos, casados, na faixa de sessenta e poucos anos cada um, só que um faleceu, então ela tem um filho, né que mora no mesmo terreno que ela, e tal, né. ai assim eu vejo a dificuldade dela, assim, de locomover, de uma consulta médica, que hoje ela tem assim, apesar de ser lúcida, ela escuta pouco, então pra assim marcar uma consulta hoje, você pega o telefone, você espera aqueles atendimentos, cansativo, não é, então uma pessoa de noventa e dois anos fazer aquela ligação, esperando, e ela né, dá errado isso, um procedimento de autorização, aquela coisa toda, ela resolvendo isso, não é, ai eu falei assim: 'oh gente, é...'. Ai o filho dela falou assim: 'é mamãe, a Fulana é uma filha que a senhora não teve', meu primo falou isso, sabe. Aí ela até me ligou falando isso: 'oh...'. Eu acho que ele, por ser homem, num tem essa... essa... nem todos tem, eu tô falando é por ser homem, não vou generalizar que todos os homens são assim, porque o meu marido não, ele faz tudo... não é? Eles tem mais dificuldade, então... aí eu senti isso, eu falei: 'nossa, será quando eu tiver os meus noventa e dois, quem poderia estar fazendo isso pra mim?'. É uma questão assim: seria filhos? Ou os sobrinhos... ou meus sobrinhos, ou meus primos, ou aquelas pessoas assim que a gente ama, que ta sempre bem próximo, né? Aí eu tenho uma amiga que ela é muito legal, ela vira e fala assim: 'amiga, pode deixar que eu vou te ajudar no que for precisar'. Então você vê isso, que tem sentimento... não quer dizer que é um filho que vai... que vai fazer isso pra você. Não é? Então é assim, acaba sendo uma questão assim... então é isso que eu vejo, não é questão de você ter por isso. Eu sou uma pessoa resolvida... resolvida... como eu te disse, resolvida, determinada, é... de consciência mesmo tranquila. Espero que eu tenha feito a decisão correta, né. Mas eu acho que o futuro só a Deus pertence, não é, o futuro só a Deus pertence... então, é o cuidar das boas relações, né, marido, filhos, de amizade, família, tios, é isso. Então eu acho que no fundo... depois ninguém fica desamparado não é? E ninguém sabe se eu vou chegar aos noventa e dois... não é? (risos) Também não... também não... assim, particularmente eu quero viver bem, não é, mas até um... um... uma média, né, uma média mesmo. É fundamental, né, você tem que... sem saúde, sem cuidados você não vai chegar ao que você precisa... tudo. Então é necessário você fazer seus check-ups, você ter uma boa alimentação, é isso. A minha... eu sou bastante controlada, sou uma pessoa assim bem metódica, sou aquela que me controlo, de três em três meses vou ao cardiologista, porque eu sou hipertensa, então ele faz o controle de quatro em quatro meses, né, acompanho isso há

mais de vinte anos, check-up todo ano, é... até meu marido brinca: ‘nossa, a quantidade...’, esses dias eu fiz o exame de sangue, o último que eu vi, foram vinte e três pedidos de... de... tipos de exames, né. Então assim procuro, o que tiver do meu alcance, que eu acho assim, a gente tem que fazer a nossa parte... a nossa parte é... que se tiver alguma coisa, falam assim ‘nossa ela não se cuidava tanto?’ Pode ter acontecido alguma coisa? Pode, mas no que depender de mim eu vou fazer, para não falar que eu não tentei, que eu poderia ter feito aquilo, então isso que eu acho que... e isso eu não quero ouvir pra mim. Quando eu te falo de filho, eu falo: ‘ah eu poderia’... não quero pensar isso, sabe, é igual a saúde, ‘ah, porque que eu não cuidei, eu poderia ter feito isso e não fiz’, sabe, então é isso. Eu tenho um histórico de pais... na minha família que teve histórico ai de câncer de intestino, eu já faço uma colonoscopia há mais de sete... eu já tô na sétima, com cinquenta e dois anos, e geralmente é indicado aqui aos cinquenta anos, né, com exceção daqueles com histórico... então assim, eu venho me acompanhando pra tudo quanto é lado, né... então, o que tiver de vir é o que Deus tá me mandando, mas o que é minha parte eu me preocupo e me dedico. Olha, serviço de saúde eu sempre procuro, sempre particular, tá. Mas eu tive assim uma experiência muito legal com o serviço público. Muito legal assim, eu até indiquei para uma amiga, sabe, dela utilizar o serviço público. Tem vez que falam assim: ‘nossa senhora, é difícil ouvir isso, né?’. menina, mas é porque eu moro num bairro, né, mais afastado, um bairro que eu tenho assim... eles me procuram, me procuraram, sabe, porque eu tenho aqui o serviço público, eles sempre estão na minha casa todo mês, visitando sobre... sobre a dengue, sobre campanhas de vacinação, e tal e tal. Ai quando teve essa campanha há uns anos atrás sobre a... a... a vacinação da gripe, como eu te falo que eu cuido, como eu sempre fui alérgica, eu já vacino de gripe há mais de vinte anos, e não nestas últimas campanhas, tudo pra evitar alergia, sabe, então eu já sou acostumada. Então quando assim... é... ai nessas campanhas ai eu fui acompanhar, né, porque acima de sessenta anos, você pode vacinar, né? aí eu fui acompanhando o meu marido, e eu falei assim: ‘ah, eu poderia...é... é...’... não, eu minto, quando a moça da dengue que veio aqui eu falei assim: ‘olha, Omo que faz pra eu utilizar o serviço lá, público, que tem um posto de saúde aqui?’ Ela falou: ‘ah, eu faço seu cadastro’. Ela na maior boa vontade, fez o meu cadastro na hora, no caderninho, nada de digitando, nada, (risos) escrito meu CPF e tal, a caneta, tudo muito simples. Ai fui lá no posto, agendei, ai eu tinha... tem duas vacinas que eu paguei no Hermes Pardini... paguei, porque o médico havia pedido duas vacinas, que... né, essas questões de... de... controle médico. Paguei e fiquei sabendo que no Posto oferecia... gratuito, né, ai eu peguei e falei assim... então eu já tinha feito cadastro e fui lá. Eu fui tão recebida, que eu saí de lá... tomei três vacinas, uma pra gripe, (risos), eu tomei a que eu tinha

que tomar, uma antitetânica, saí de lá com um caderno de vacinação, sabe. Quando eu cheguei a moça falou assim: ‘ah, mas você não pode vacinar pra gripe, não, porque você não tem idade, você não tem os pré-requisitos, né, aí eu peguei e falei: ‘mas eu sou hipertensa, eu faço controle de medicação’... e ela: ‘você tem algum né, algum controle de seu médico falando?’ E eu realmente eu tinha na minha carteira, sabe, eu tinha, apresentei e tudo, foi muito bacana... eu fui tão bem recebida, a facilidade... o que eu havia pago no Hermes Pardini duas, eu tive tudo gratuito lá, sabe.. e isso eu falo isso pra todo mundo hoje, foi assim fantástico e eu sei o que eu precisar eu posso ir que eu vou ser bem atendida. Então foi essa vez que eu tive... aqui em Belo Horizonte, aqui no bairro. Bom... agora isso eu falei do meu atendimento, né... o meu atendimento não é isso que a gente vê todo dia, toda hora, né, isso aí foi uma experiência minha que eu vi, que eu fui bem atendida, fui bem atendida e resolveu o meu problema, não é. Mas o que eu entendo de políticas e programas, teria que ser... não sou contra o programa Mais Médicos não, sabe, eu acho que foi uma política, você no país é muito discutível isso, e se a gente for discutir política a gente não vai chegar em lugar nenhum... mais assim, se realmente você não tem profissionais... porque o governo também te oferece... oferece as oportunidades e as possibilidades. Mas quando você vê que cada lugar, de fim de mundo, qual quer outro lugar, você não consegue contratar profissionais, né, pra atendimento nessas áreas. Aí vai falar ‘remuneração?’ ‘remuneração?’ eu conheço, pode ser boa, pode, mas é muito precário ainda as questões de materiais físicos, os próprios investimentos e estruturas, então são muito precárias ainda, muito triste... muito triste. Hoje você vê quantas pessoas aí em filas, outros aí que ficam na maca esperando, outros aí praticamente assaltando, a pontapés aí pra ser atendidos... então é isso que tem que mudar, tem que mudar os seus processos, uma.... é... investir, o país tem que investir na saúde, educação... saúde principalmente, educação, se você for olhar, né, logicamente começa educação, saúde. Falta investimento. Falta investimento, poderia ser muito melhor, poderia... o país é um país rico, que tem condições de fazer, né, ter novos projetos, novas políticas, e criar novos hospitais. Quantos atendimentos, às vezes, né, as estruturas são montadas e ficam aí a Deus dará... falta governança, não é, quantas que você vê os aparelhos aí, as vezes já tá até passando do limite, que nunca foi utilizado, é... eu acho que assim... acho que o país está vivendo uma fase de passando a limpo, que isso pode muito contribuir também porque, apesar de todas as estruturas, quantos médicos hoje... tem o suborno também, você viu aí no próprio fantástico aí, ultimamente mostrando, quantos médicos aí.. falando sobre prótese, que era pra se colocar e... meu Deus, então é passar a limpo nisso, é ter pessoas capacitadas, pessoas assim é.. com mais rigor mesmo pra entrar no sistema publico. Nossa... já ouvi falar de

tabagismo, que eu acho legal também, né, de câncer... todo tipo de câncer, é... essas prevenções, né, todo na, de acordo com... as vacinas, todas as vacinas, eu sinceramente, eu acho que ele te oferece, agora muitos falam assim, que não é feito, mas ninguém procura saber também o que que tá te oferecendo. Eu tenho a moça que trabalha aqui comigo, né, minha funcionária, ela vai te falar de todos os programas ai que te oferecem... ela fala, de medicamento s gratuitos, todos... tudo isso, ela faz parte, ela assim tem todo o apoio quando ela precisa, sabe. Pra mulher, pra mim, ofereceram a questão de vacina, não específico pra mulher, pra mulher se for assim avaliar, não. Não, é aquilo que eu falei, que a gente não debate esse assunto, né, não debate esse assunto, mas não. Nenhum... não, eu não to falando que eu acho que nós somos um pouco discriminadas, né, no fundo eu acho... não vou falar discriminada não, mas eu acho que tem um pouquinho de bullying, não tem não? (risos) Aí então até nas conversas as pessoas: 'ah, você não é mãe, então você não pode falar né, você não conhece...' esquecem que nós já fomos filhas, já tivemos mãe, ao é, então assim é como se fosse um assunto que só interessa mesmo quem é mãe... então... mas não, não conheço específico pra... pra falar a verdade, não. Talvez aquilo que eu falo, pode ser que no convívio, eu hoje que eu... eu tenho poucas pessoas que não tem filhos, a maioria todas com filhos. É aquilo que eu te disse, eu me sinto assim uma pessoa assim segura, foi uma opção, é uma opção, eu sou uma... eu me sinto... é, como se diz, assim... segura. Eu tenho essa segurança, essa firmeza, eu tenho... sem arrepende, não tenho arrependimento, me sinto forte, sendo forte. Ser mulher e não ter filho... indiferente... indiferente. Assim, convivo com as pessoas que eu te falo, convivo mais com as pessoas que tem filhos, eu não tendo filhos, ah, se poderia mudar a minha vida, né, se poderia mudar... claro que vai mudar a vida, né, vou te falar que se eu tivesse eu não teria talvez a mesma vida que eu tenho hoje, não sei, mas eu me sinto uma pessoa bem formada a respeito, muito segura, muito segura mesmo. Vou acrescentar, esses dias eu li um texto que uma amiga minha ela divulgou no face. Ela questionando... questionando não, ela assim, é...se perguntando porque que as pessoas optam por não ter filhos, sabe, que ela não consegue entender, porque geralmente... sendo que ela não tem nada contra quem não tem filhos, não, sabe... mas assim, ela falando da importância de ter filhos, e que parece que quem não tem pode deixar uma página em branco na vida, que não deixou... é... como se diz assim, deixou.... você não vai deixar ninguém com seu nome, ninguém com a sua... com as suas características, é como se fosse uma página em branco, sabe. Ai eu falei assim... e que não é nem uma questão de gostar ou não gostar de criança, porque ela até fala isso, né, porque muita gente fala que não gosta de criança, porque uma coisa ela fala com muita propriedade, e ter ou não ter filho não é uma questão de gostar ou não gostar de criança,

se fosse assim eu ter milhões, porque eu trabalhei com tantas crianças e amo crianças, né. E mesmo porque, que criança, ela passa um período muito rápido, não é, então você não pode não ter filhos e falar que você não gosta de criança, ela passa um período muito rápido, eu achei bacana. Mas ela questiona isso, de ter filhos que você vai deixar um legado, né, na vida, pensando lá na vida, de você não ter deixado nenhum herdeiro, não ter deixado uma pessoa, como se fosse uma página em branco, eu não vejo assim. Eu me vejo uma página muito colorida, todo mundo vai lembrar de mim, daquilo das minhas relações, quem eu fui, o que eu fiz, o que eu fui, o que eu penso, é isso que a gente em que pensar, não é? Então era isso que eu queria completar.

Colaboradora 17: 41 anos, casada, Ensino Superior

Eu sou fulana, filha do Cicrano e da Beltrana, tenho uma irmã mais nova, nossa família nuclear é pequena, mas a gente sempre teve uma extensão familiar grande, tanto por parte de mãe quanto por parte de pai, então uma história de vida, de infância, de juventude cheia de... de primos, de férias na casa das avós, de viagens, uma vida feliz, tranquila, sem luxo, né. Passamos assim por desafios aí da classe média, mas sempre juntos, sempre... sempre seguindo, estudando, que foi uma coisa sempre importante assim para a família, né, um valor, algo que a gente se dedicou sempre muito, é... então sempre fiz coisas simples, nada... nada complicado, sempre estudei, sempre acreditei no estudo, sempre almejei né, ter uma boa profissão, ter êxito profissional, de ter relações afetivas boas, como foi sempre na minha família, na história da minha família. Escolhi a Enfermagem acho que pela coisa do cuidado, acho que eu sempre gostei muito de... de ajudar, de cuidar, de conversar, de... e aí a profissão se apresentou pra mim como a possibilidade de tá perto das pessoas, não necessariamente o cuidado da doença, mas o cuidado da pessoa mesmo, é. Escolhi, fiz, formei, tenho trabalhado nessa área. Do ponto de vista pessoal, né, no meio desse percurso eu encontrei alguém que eu queria estar, me casei, é, a gente tem construído a nossa história e as relações familiares pautadas nisso que eu te disse, né, na simplicidade, no estar junto, no estar próximo. Não tive filhos, e aí é uma opção, tem sido né, eu sempre falo que a... a minha escolha tá pautada na minha cabeça hoje, né, porque eu brinco que amanhã eu não sei o que vai ser, mas até hoje sempre foi uma certeza não querer ter filhos, então somos eu e ele, né, e a minha família ampliada, um dia a dia comum, simples, nada... nada demais. Na verdade eu não sei nem dizer se é uma coisa de opção assim, se tem algum momento da minha vida em que eu disse assim: 'bom, vou tomar uma decisão e essa decisão é de não ter filhos', né, não sei se tem um

momento concreto que isso acontece. Mas eu nunca tive na minha história o contrário, o desejo de tê-los, né. então assim, acho que se eu for pensar a minha infância, por exemplo, é... ela não é recheada de histórias de bonecas, de ser mãe, de filhinho, de cuidado, as minhas opções eram sempre os jogos, o esporte, outros desafios, então eu sempre me via mais envolvida com outros tipos de curiosidades, de inquietações, de vontades do que a da maternidade, a da menina, né, a da boneca, posso contar no dedo eu acho a quantidade de bonecas que eu tive, ou que eu desejei, né, acho que não é uma opção, né, de não ter, que em algum momento se deu, não. Acho que é isso assim, nunca fez parte a história de pensar em ter filhos, em ser mãe, e tal. Que é diferente de gostar de crianças, por exemplo, eu gosto, eu me relaciono muito bem, em geral as crianças me procuram, grudam, assim, né, eu sou tia, sou madrinha, sempre tem uma história boa assim. Mas eu gosto muito da hora que eu devolvo, eu brinco assim, a possibilidade de falar: 'olha, toma que é teu', né, assim, então eu gosto de poder escolher a hora que eu quero, a hora que eu to mais disponível, a hora que eu tô com mais vontade de fazer, de brincar, de ir pro chão, de fazer bagunça, de fazer sujeira, de... né, de curtir, mas eu gosto muito da hora de devolver e de voltar pra minha... pra minha vida, que né, que não tem acho que... nem, pelo menos até agora, espaço para essa construção que talvez fosse uma coisa cotidiana, né, essa coisa dessa... coisa da maternidade mesmo. Eu acho que familiar, não, porque eu acho que quando... como a gente cresce com essa... essa ideia, né, você de alguma forma compartilha isso ao longo da sua história, né, sabe... 'não penso'... 'ah, você não vai casar, não vai ter filhos?' Então você vi... como você já trás um discurso pra sua família ao longo da sua vida toda, eu acho que as pessoas começam a já te conhecer, a te compreender, a já imaginar que aquilo é uma decisão, então não tem muita cobrança, nunca escutei, assim, sei lá, avós, tias, pai e mãe, alguma coisa que fosse no sentido contrário, assim, que eu deveria, pensa melhor. Então assim, do ponto de vista da minha família, não. Às vezes alguma curiosidade até, né, 'mas porque?' né, mas não no sentido de uma cobrança, mas porque eu acho que as pessoas conviveram comigo e já aprenderam, vamos falar assim, que isso não era o meu desejo, ne, então acho que nesse sentido, cobrança não. Agora assim, na rede social de forma geral, né, na rede de amigos e tal, acho que sempre tem uma coisa assim, é quase que uma pergunta com uma justificativa. Assim: 'é porque não chegou a hora ainda', né, 'não, mas com certeza daqui a pouco vai bater e maternidade', então sempre tem... eu não sinto como cobrança, tá, isso não me afeta no sentido de me sentir cobrada. Mas eu sinto que as pessoas tem essa dificuldade, vamos falar assim, de imaginar ou de acreditar que alguém de fato possa não querer ter filhos, né, que seja uma coisa de momento, que seja porque não chegou ainda a oportunidade, porque o desejo não bateu ainda,

porque alguma coisa... então, eu não me sinto cobrada, porque isso pra mim é uma coisa muito tranquila, muito resolvida, não me preocupo muito com que o outro pensa sobre a minha decisão. Mas que esse discurso aparece, né, quando você encontra até com pessoas que não tem tanta convivência, amigos que você encontra com menos frequência, ou que você não encontra há muito tempo, né, e aí você encontra: ‘e aí, você casou?’ né, ‘você tá casada, mas você não tem filhos?’, ‘eu tenho dois... tenho três... tenho cinco’. Quer dizer, essa conversa, até pela coisa da faixa etária, né, acho que nesse momento em especial, a maioria das minhas amigas, da convivência, sei lá, do condomínio, do trabalho, são mulheres, né, são casais com filhos, em geral aí com cinco, seis, sete anos, que é mais ou menos, talvez fosse o esperado, socialmente falando, então é um convívio que tá mais cercado de casais com filhos do que de casais sem filhos, né, então tem muito assim, em alguns momentos, o assunto é criança, o assunto é o filho, é o que tá fazendo e o que deixou de fazer, é o que fez na escola... tem hora que eu brinco e falo: ‘olha, vão mudar de assunto, né... eu cansei de falar de fralda, de mamadeira, é, vamos pensar outras coisas’, porque o assunto acaba girando, né. As festinhas infantis, é descer com os meninos pro play do prédio, para poder brincar a turminha toda junta, e aí o assunto é a criança, então, não vou dizer que é um deslocamento, né, mas em alguns momentos as situações não são as mais favoráveis pra você discutir outros assuntos, porque o assunto da criança tá no contexto da faixa etária que eu convivo, né, dos meus amigos todos, e a maioria deles tem... tem filhos, né. Tenho amigos sem filhos, mas a grande maioria tem filhos, né. Não, acho que assim, desde que a gente se conheceu era... era... já era do conhecimento dele o meu desejo de não ter, como ele já teve um outro relacionamento e tem duas filhas, então acho que... não posso dizer que seria diferente se fosse de outra forma, mas acho que pode ter facilitado sim, né, o fato de já ter tido a experiência da paternidade, né, de... de já ter vivenciado isso, quer dizer, em algum momento foi dito assim: ‘olha, eu sei que você não quer, mas se você quiser, eu gostaria’, né, ‘eu toparia ter um terceiro filho, um quarto filho, mas se você não quiser pra mim tudo bem, porque eu já tive a experiência’, então no caso do meu relacionamento, isso não foi um problema, não foi algo que trouxe conflito, discussão, acerto. Pra mim era muito claro não querer ter filhos, ele já tinha, quer dizer, se eu tivesse tido a decisão de ter, eu acho que a gente teria, né, mas como eu não quis isso ficou... ficou bem, ficou em paz e tal. Me veio aqui agora, assim, não sei se você me faria essa pergunta, mas me veio assim, ‘você casaria com ele se ele não tivesse?’, com medo, por exemplo, às vezes, de uma cobrança, né... acho que não tem “se”, talvez eu até possa... isso possa ter favorecido o nosso relacionamento em alguma medida, né, não sei dizer, talvez o fato de ele já ter pode ter me trazido alguma sensação de mais conforto, de menos cobrança

nesse sentido, né, pode ser, mas eu não pensei sobre isso, só me veio isso aqui, agora, né. Pode ter favorecido, pode ter facilitado nossa aproximação, pode ter favorecido a nossa relação? Talvez sim, né. Eu me vejo muito bem... é... como eu te disse assim eu nunca tive esse desejo, então eu não tenho uma frustração, né, eu acho que não é uma situação contrária em que você às vezes deseja muito uma coisa e aquilo não acontece, ou por uma questão do relacionamento do casal, ou por um contexto da vida, ou por uma dificuldade orgânica, né, então eu acho que quando você tem alguma frustração é muito ruim. No meu caso não é, não significa uma frustração, né, significa um contexto de escolha, né, de uma opção pessoal, então eu me sinto muito bem não tendo filhos, porque isso me dá oportunidades de fazer as coisas que... que eu, de alguma forma, optei por escolher, ou por... né, em detrimento de ter filhos, que é a minha liberdade, liberdade no sentido mesmo do tempo, né, do uso do tempo, da possibilidade de resolver e tomar decisões que afetem a mim e no máximo ao... ao parceiro, né, de não ter que me preocupar com os tempos das crianças, a escola, os afazeres. Então eu tenho tempo pra mim, né, pra fazer as coisas que eu gosto de fazer, pra fazer... pra estudar, pra trabalhar, pra investir na minha profissão, pra investir no estudo que é o que eu mais faço, né, acho que pra investir nas relações, né, com os amigos, com a família, com os meus pais, que ocupam muito do meu... do meu tempo hoje, né, de tá próximo de tá presente, de dividir, de partilhar. Assim, acho que até não dá pra dizer que se tivesse filhos essas coisas não aconteceriam... talvez sim, né, talvez com intensidades diferentes e tudo, mas como eu decidi não ter, né, eu tenho muito mais possibilidades de organizar a dinâmica da minha vida pessoal a partir do meu desejo, da minha individualidade, então pra mim a coisa da liberdade que isso me proporciona me dá um prazer muito grande, então eu me sinto absolutamente bem com a minha escolha. É... eu tenho tias, por exemplo, que não tiveram filhos, não sei se me influenciaram de alguma forma, acho que não, mas assim, eu já conversei com as duas, por exemplo, sobre isso, elas hoje estão mais velhas, já tem mais de sessenta e cinco anos, então de como é que é isso no futuro, né, porque são coisas que as pessoas dizem inclusive naqueles momentos de cobrança, 'mas você vai ficar velha, mas você vai ficar sozinha, mas você não vai ter quem cuide', essas coisas. E as duas têm posições diferentes, assim, né, então tem uma delas que em nenhum momento se arrepende, se arrependeu, vive absolutamente bem, tá tranquila, tá em paz, quer dizer, continua seguindo a vida como... e a outra que diria assim: 'talvez, se eu pudesse voltar, eu teria experimentado, eu teria feito, eu me sinto um pouco sozinha', e tal. Então assim, a conversa com elas não tem nada a ver com uma... com uma avaliação da minha não, é... coisas da oportunidade mesmo, de tá ali, de conversar, e de tá próximo, e elas trazem coisas diferentes assim que eu não sei qual vai ser o meu

sentimento, quando eu me coloco lá pensando no futuro, como é que eu estarei, né, aos cinquenta, não tendo sido mãe, aos sessenta, o que será que virá, né... Não tenho resposta pra essas perguntas, mas eu hoje diria assim, o que a minha tia, por exemplo, disse que gostaria de ter experimentado trás, não é uma coisa que eu... que... que eu acredite, assim, eu não acredito que ter filhos vai te... te deixar menos sozinha, necessariamente. Eu acho que... eu conheço muitas pessoas com filhos que são tão sós, ou mais sós até do que quem não os teve, né. Então eu acho assim, que essa coisa de você creditar no outro, filhos, a certeza do seu futuro, um cuidado maior, uma proximidade maior, né, acho que não... não é real. Eu acho assim que... que você precisa, como qualquer casal, pensar no seu futuro, né, construir qual vai ser a possibilidade pro seu envelhecimento, né, imaginar com quem você poderá contar, né. talvez pessoas mais próximas, amigos, sobrinhos, quer dizer, não sei dizer, mas é algo que precisa... que todos nós, com filhos ou sem filhos, vamos pensar, né, se a gente vai ter uma condição financeira pra... pra possibilitar um cuidado na velhice, se ela chegar, melhor, né, se a gente vai ter condição de ter um cuidado com qualidade, se a gente vai ter um plano de saúde, se vai ter condição de contratar um cuidador, se a gente for assim acamado um dia na vida, quer dizer, acho que são coisas que todos nós precisamos nos dar conta e pensar, com filhos ou sem filhos, assim, eu não acredito que o fato de tê-los vai eximir de nos preparar pra isso e de considerar a possibilidade que eles não vão estar presentes. Eu acredito muito que é possível você ter uma rede de relacionamentos, de relações, hoje, assim como no futuro, que possa me ajudar a cuidar de mim, né, sendo meus filhos ou não. Então assim eu não tenho nenhuma preocupação com esse futuro diferente, pelo fato de eu não ter filhos. A preocupação que eu tenho com o futuro eu acho que seria a mesma, com ou sem eles, não é, eu preciso me ver com esse futuro. E eu preciso me preparar pra ele, né, com ou sem filhos, né. E é isso, assim, eu não vislumbro assim, hoje... como é que eu tô... eu tô absolutamente bem, realizada, feliz, não me sinto menos mulher por não ter sido mãe, né, sou muito mulher como profissional, como companheira, pra mim mesma, não me sinto menos realizada pelo fato de não ter sido mãe, de não ter experimentado a maternidade. Eu brinco assim, que eu tenho sobrinhas, tenho afilhados, tenho, né... em vários momentos sou mãe, no sentido figurado, mas né, no sentido do cuidado, sou mãe da minha vó, sou mãe da minha mãe, sou... né, talvez, né, pelo afeto que a mulher às vezes consegue trazer mais, da coisa da subjetividade. Então eu expressei todas essas coisas não sendo mãe, né, mãe no sentido biológico, então... não tenho nenhuma frustração, por não ter sido, nenhum medo do futuro, por não ter sido. Acho que assim a gente não falou, por exemplo, da questão... eu falei aquela hora do físico, né, no sentido biológico... a minha decisão também não passa por essa

perspectiva assim, não tem nada a ver, porque eu conheço pessoas, por exemplo, que não tem filhos, que tem medo da gestação, né. Medo da transformação do corpo, medo do momento do parto, medo de uma gravidez, por exemplo, complicada, ou de uma criança com uma necessidade especial, né, tem muitas pessoas que a justificativa tá.. tem gente que fala assim: ‘ah, eu vou adotar uma criança, mas eu não quero gestar’, né, então quer ser mãe no sentido do cuidado, da educação, da convivência, mas não quer gestar, né. No meu caso não é... não tem a ver isso, assim, não tenho medo da gestação em si, né, do que que poderia ser, medo do que poderia vir... não passa mesmo pelo desejo, né, não tá no campo do... do desejo. Não tem a ver com o me de não dar conta, é... né, não é isso ‘ah, eu tenho medo de não dar conta, eu não daria conta de cuidar, eu tenho medo da responsabilidade, tenho medo da responsabilidade financeira, tenho medo da educação, tenho medo da violência, tenho medo desse mundo’, né, não acho... assim, eu já escutei de todas as naturezas, né, então assim, a minha decisão não passa por isso, ela passa por uma questão individual, é uma questão particular, né. Eu... se eu precisasse cuidar de alguém hoje, vamos pensar que alguma situação na vida me colocasse uma criança pra cuidar... eu diria que eu acho que eu dou conta, eu daria conta, não tenho nenhum medo de não dar conta, né, de não ser uma boa influência, uma boa mãe, de não dar conta de cuidar, de não... então não é esse medo, assim como não seria o medo do corpo, né, do físico. É uma decisão individual mesmo, pessoal, né, esse desejo não existe, não tá no campo do desejo. Eu acho que o desejo da liberdade, o desejo da individualidade, o desejo do tempo só meu, é... talvez seja egoísmo? Uma visão um pouco egoísta diante do mundo, né? Talvez... não sei o que justifica essa escolha, né, uma escolha que não passa por medos, nem biológicos, nem sociais, vamos falar assim, mas que tem a ver com uma decisão particular mesmo, né? Eu, Fulana, mulher né, com quarenta e um anos, não desejo... no desejei, né, e não desejo ter filhos, né. Mas gosto do cuidar, gosto das crianças, mas no meu tempo, né, no tempo da minha escolha, no momento em que eu não estou fazendo outras coisas que eu desejo fazer mais do que ter filhos... acho que é isso. Saúde... nossa senhora, é... se a gente for responder essa pergunta assim, né, profissional da área, né, eu podia trazer aqui o conceito, podia trazer a visão que a gente tem dessa saúde nesse contexto mais ampliado, a história da ausência da doença, que já ficou superada e tal. Mas assim, pra mim, tem muito a ver com a nossa capacidade de movimento, de busca, pra mim saúde tem a ver com a minha capacidade de sempre ta buscando, acho que tem a ver com essa coisa da energia, do movimento, da vontade, né. Se eu tivesse adoecida aqui, talvez, com algum problema de saúde específico, talvez eu tivesse falando da minha capacidade de buscar um tratamento, de superar o adoecimento, de melhorar né. Se eu tiver falando de... de um

momento saudável, do ponto de vista biológico, talvez eu tivesse dizendo da possibilidade de ter uma qualidade de vida melhor, de ter uma vida mais feliz, né, de buscar realizações, então, nas duas perspectivas, o que eu vejo é minha capacidade de me movimentar. Ser saudável pra mim é ser capaz de estar em movimento, um movimento de busca, de algo, né, de algo que eu acho que tem a ver com isso, com estar bem, com estar feliz, com estar saudável, com estar em paz, com estar em equilíbrio. Enquanto eu tiver a capacidade de buscar, eu acho que eu me sinto, me sentiria saudável, com saúde. Saúde pra mim tem a ver com isso, com a capacidade de movimentar em direção a qualquer coisa que seja pra eu estar melhor. Acho que saudável nesse sentido que eu tô dizendo, né, é... não sei assim, hoje, se você me perguntar agora... agora eu tô me sentindo cansada, né... cansada do dia, cansada né... as coisas do problema que a gente vivencia no trabalho, uma preocupação a mais familiar, né... um... sei lá, acho que... Mas eu me sinto capaz, capaz nesse sentido que eu te disse, de movimentar, de pensar em que eu preciso... talvez hoje seja um dia bom pra eu fazer uma atividade física, que uma caminhada vai me ajudar a relaxar, né, que então, de procurar algo que vai me ajudar a melhorar o meu dia, e aí eu tô falando do dia só como exemplo, né. Mas eu me sinto hoje, na minha relação com o meu processo de saúde doença, saudável... saudável nesse sentido que eu te disse, né, capaz de caminhar, capaz de me movimentar, né, capaz de procurar a minha melhor qualidade de vida ou até a superação de um problema, né. Oh... acho que assim, a minha vida toda, praticamente, eu tive algum acesso a serviço de saúde via, vamos falar convênio, mas assim, na época dos meus pais, né, era Ipsemg, era coisa do professor, da educação, e tal. Mas assim a gente nunca usou o SUS, diretamente na área da saúde pública. A não ser assim, vacinação, né, criança, essa coisa mais assim. Então via de regra, a gente usava serviços credenciados a algum tipo de “convênio”, então ou vinculado ao trabalho dos meus pais, né, que por ser dependente eu também tinha acesso, ou depois que, né, que eu comecei a trabalhar e tudo, pela minha própria... eu tive plano de saúde. Agora no trabalho, eu tenho através do trabalho outro plano de saúde, então... A assistência da saúde pública assim, posto de saúde, um médico de um serviço de saúde, assim, acho que... não me lembro, assim, não me recordo. Agora a coisa das vacinas, a coisa das campanhas, né... acho... que mais? Pra que que eu procuro, né? É, acho que assim, uma grande parte, talvez assim antes de ser profissional de saúde, a visão ainda era muito do tratamento da doença, então a procura muito quando precisava, né, quando tinha uma queixa, quando tinha... eu nunca tive nenhum problema de saúde que a gente pudesse dizer assim, um problema de base, ou um problema recorrente, um problema mais grave, nunca tive nada. Então nunca fiz cirurgia, nunca quebrei nada, nunca adoeci, não sou diabética, não sou hipertensa, então nunca tive

nada que eu precisasse ter um cuidado, vamos falar assim, crônico, algum acompanhamento, e tal... Então a gente sempre procurava o serviço, com os meus pais e tudo, com alguma queixa mesmo, né, uma dor de garganta, né, uma febre diferente, eu tive história de bronquite, em algumas situações em me lembro, alergias, mas coisa muito assim pontuais. Acho que com a formação profissional e o aprendizado sobre a questão da prevenção, né, da promoção da saúde, aí uma procura, pelo menos aquela anual, que você vai, conversa um pouco, vê se tem que fazer algum exame de monitoramento, colesterol da vida que a gente vai envelhecendo, um hemogramazinho de rotina, a glicose de sempre, muito nessa lógica assim, mesmo sem queixa, pelo menos uma vez ao ano aquela passada pra ver se tá tudo bem. E as coisas do rastreamento, que pra mim sempre foram, né, um Papanicolau, agora a mamografia, já pela faixa etária então ela já entra aí na rotina de cuidado, então... as coisas do rastreamento assim que tão colocadas aí, mas é isso assim, eu me sinto saudável, né, não sou uma pessoa que se medica, não tomo remédio com facilidade, então minha vida é uma vida saudável, assim, me alimento bem, faço exercício, então via de regra, não estou adoecida. Tenho tido hoje em dia essa coisa mesmo do controle anual, assim. Na verdade, eu penso assim, em algum momento existiu, por uma conjuntura epidemiológica, social, é... necessidade que se pensasse algo pra... com determinadas finalidades, né. Se você for pensar, sei lá, falando de mulher, então a política pública para mulher, né, tá pautada em às vezes necessidades que tão colocadas, num contexto específico, né, regional, local, nacional, que... que precisam acontecer pra que a gente possa proteger, pra que a gente possa cuidar, pra que a gente possa suprir, e aí acho que cada uma delas vai ter um... né, algumas pra prevenir, algumas pra proteger, algumas pra corrigir, então. Mas eu acho que sempre uma política pública tá relacionada a isso, algo que o coletivo tá me dizendo, do ponto de vista epidemiológico, social, cultural, que é importante que a gente não se descuide, e que a gente precisa fazer valer, a gente precisa garantir através de uma política, de uma proposta, de um programa, né. Acho que isso assim, algo que vem pra garantir ou pra dar conta de uma necessidade que tá colocada, por diferentes dimensões, né, como eu disse, epidemiológicas, sociais, culturais... algo pra fazer valer, pra... pra garantir, pra ser minimamente aquilo que vai ser pensado e oferecido, né, pra maioria das pessoas de um coletivo, independente de quem, da faixa... né, de onde mora, quer dizer, aquilo que tá garantido pra aquele sujeito, porque existiu a identificação de uma necessidade. Não sei se... pra tentar sair do teórico, né. Acho que quando a gente... até falando da experiência como profissional, que não tem como separar, né, mas acho que infelizmente, quando pensa saúde da mulher, a gente pensa em saúde da gestante, né, ainda que a gente tenha planejamento familiar, inda que exista uma preocupação com, um momento posterior lá, do puerpério, é...

ainda que tenha a coisa da prevenção, né, o câncer de colo, a mamografia, assim, ou o foco é algum problema que tá relacionado ao ciclo de vida porque você tá... você tem um gênero feminino, ou a gente tá falando de propostas que vão cuidar do pré-natal, da qualidade do parto, é... então assim, eu acho que o foco ainda é, ou o da prevenção de alguma doença, relacionada ao gênero feminino, né, então você é útero e mama, viade regra, ou é o momento da gestação, né, que ai você vai cuidar da amamentação, a temática que tá relacionada ali, né, o pré-natal, o acesso ao pré-natal, planejamento familiar aparece, né, um pouco. Mas assim, como mulher ai eu vou pensar culturalmente, se eu vou pensar profissionalmente, se eu vou pensar em mercado, em inserção no mercado de trabalho, se eu vou pensar em tudo o mais que mulher significa, né, a própria relação com o casal, né, essa parte da... eu diria que não tem, né. Então assim, ou isso vai ser identificado porque vai existir um problema de saúde decorrente às vezes de um stress, de trabalho, de carga, de sobrecarga, de múltipla jornada, e ai você vai tratar isso lá no campo da saúde mental, ou vai ser medicalizada, ou fazer terapias, coisas do tipo, né, ou vai ser essa dimensão mesmo né, Papanicolau, vacinação, né, rubéola, as coisas relacionadas ai a mulher. Agora esse olhar pra mulher, né, pra além da dimensão grávida, e pra além da dimensão mulher biológico, né, mama e útero, por exemplo, simplificando aqui um pouco, eu acho que não tem, né. Vão aparecer algumas discussões pontuais, às vezes num ministério ou outro, uma coisa, uma discussão sobre a inserção da mulher no mercado, mas que passam por outras políticas que eu acho que não as políticas relacionadas ao cuidado, à saúde, né. Então assim, eu não dizer se o profissional de saúde hoje estaria apto a discutir outras implicações, né, na condição de vida de uma mulher, pra abordá-la integralmente, pensando, por exemplo, a inserção no mercado de trabalho, os desafios pra mulher nas duplas e triplas jornadas, né, a mulher no seu papel enquanto membro de uma família, o que que representa o papel familiar pra aquela mulher, como ela... sei lá... como ela transita ai ao longo da vida, dos diferentes ciclos de vida, né, o que significa ser uma mulher idosa, que é diferente de ser um homem idoso, né. Não sei, eu acho que tem... em termos de pensar a mulher no sentido dessa amplitude que a gente tá colocando aqui, acho que não temos políticas públicas, nem profissionais, nem pontualmente falando, que dão conta de abordar nessa amplitude. Acho que assim, uma mulher entrou no serviço a gente consegue pensar na oportunidade, né, será que fez o Papanicolau? Será que já fez mamografia? Será que fez... será que tá na hora de fazer isso, será que... né, se pretende ter filho, se não pretende, anticoncepcional ou não, nananam... é bem essa a discussão, né, agora esse outro lado que eu acho que tem a ver com a integralidade mesmo que a gente tá colocando aqui, que tem a ver com o ser mulher no mundo, né, eu acho que tão longe de serem abordadas, pensadas, né. E

quando são, acho que por essa esfera, porque a gente faliu, em algum momento, né, não deu conta, e aí entra pra saúde mental, entra pelo afastamento do trabalho, ou talvez a gente cuide depois que a coisa... mas nesse momento, pensando numa abordagem mesmo de cuidado ne, de acompanhamento ao longo do tempo, de oferecer espaços pra que esses assuntos possam aparecer, ser discutidos, ser tratados, emergirem mesmo, né, eu acho que não tem. O fato de não ter filhos não... nem passou por essa construção, não interferiu nessa construção, não atrapalhou, não ajudou, não... simplesmente não fez parte, né. Como nunca fez parte, nunca foi desejo, nunca me senti cobrada, nunca... eu acho que isso se deu assim, não tem... é, eu vejo assim, isso não passou por essa... eu não abri mão disso em nenhum momento, né, como eu te falei, eu não me senti fazendo uma escolha 'olha, agora aqui eu vou escolher assim'. Eu acho que é... sei lá, ser mulher, né, porque aí tem a ver com... com essa coisa mesmo, que acho, que mais poética, mais subjetiva, mais leve, mais... é... atenta, não sei assim... o que tem por trás do fazer mulher, né, porque não é o trabalho, isso pra mim é comum de dois gêneros, né, não tá nas relações sociais, isso pra mim também é comum de dois gêneros, não tá, né, no crescimento pessoal, no desejo de estudar, de trabalhar, quer dizer, isso... O ser mulher pra mim, tá na forma apenas, né, numa outra forma de fazer essas mesmas coisas, talvez é... mais atenta... é ... a alguns detalhes, a alguns... algumas sutilezas, de uma forma mais... sei lá, mais sutil, mais delicada, de mais cuidado, de mais toque, de mais afeto, de mais relação... acho que só tem a ver pra mim com forma mesmo. Se eu fosse pensar na trajetória da vida, né, no sentido estudar, crescer, conquistar, trabalhar, né, ter, isso pra mim ta... é tudo comum pros dois, né. Acho que a forma, o como, é que talvez seja diferente, né, a intensidade, os tempos, talvez tenha... tenha alguma coisa de cultura aí também, né, não tem como a gente falar que não tem assim, do que é esperado pra o homem, do que é esperado pra mulher, né. Mas eu acho que eu nunca me preocupei muito com essa coisa assim da... se era esperado, se não era, se eu devia fazer, se eu não devia. Eu nunca me senti cobrada por essa cultura, vamos falar assim, de que talvez tivesse que tá mais em casa, ou de cuidar mais dos filhos, ou de... eu acho que não, eu acho que eu fui seguindo mesmo, naturalmente a coisa foi acontecendo assim. E eu acho que o meu olhar de mulher eu acho que só me faz fazer e viver as coisas de um... talvez de uma forma diferente, né, mais... talvez mais sensível ao cuidado, talvez mais atenta as pessoas, talvez... não sei.

Colaboradora 18: 26 anos, solteira, Ensino Superior

Meu nome é Fulana, eu tenho vinte e seis anos, eu sou formada em Biologia, porém larguei tudo, virei bancária, porque eu gosto mais de dinheiro do que da biologia. (risos). Em resumo é isto. É... sou solteira, por escolha (risos), não procuro relacionamento no momento, tô mais na onda de trabalhar mesmo, ganhar dinheiro e... só isso (risos). No momento eu tô mais focada na parte profissional mesmo. Na verdade, pra mim nunca foi uma opção ter filhos, mesmo quando eu era criança, mesmo quando eu tava brincando de casinha, eu nunca queria ser a mãe, eu nunca me imaginei, continuo não me imaginando, por mais que as pessoas falam que eu vou mudar, eu acho que não, não consigo me imaginar tendo filhos. Sim, principalmente... principalmente familiares, né, pra família é muito difícil compreender que uma mulher escolhe: número um, não ter um relacionamento, principalmente uma família um pouco mais tradicional, que questiona: 'ah, mais... né, você já tá na idade de casar... quando eu tinha a sua idade eu já tinha até filho, e tudo mais.' A família... a família tem um pouco de dificuldade de entender, principalmente porque tem pessoas na família que já estão começando a se casar, começando a ter filhos, começam aí os questionamentos, né, de: 'ah, porque que você também não?... você não vai casar nunca? Você não vai ter filho? Você não vai me dar neto?' (risos) né eu tenho uma irmã mais nova que já tem filhos, então já cria essa coisa de: 'ah, sua irmã já... olha só, sua irmã já é casada, já tem filho, você não vai casar?'. É um pouco complicado. Relacionamento assim com amigo até que não, porque meus amigos todos têm uma tendência de não terem filhos, de não serem casados, até porque a gente é muito novo ainda. Mas em relacionamento sim, porque... já terminei um relacionamento porque a pessoa queria, tinha o projeto de vida de, não exatamente no momento casar, mas de um dia casar, um dia ter filhos, e acaba sendo um projeto de vida muito diferente daquilo que eu busco, então acaba criando sim algumas... alguns conflitos. Nesse âmbito afetivo, sim. A perspectiva de futuro, assim? Não, é porque eu imagino que eu possa vir a preencher a minha vida com outras questões, até com a questão de viagem, que eu acho que filho é uma coisa que né, acaba segurando muito isso. Eu me vejo uma pessoa assim, que viaja mais, que busca mais conhecer outros lugares, conhecer outras pessoas, até para ter uma certa liberdade pra mudar de cidade, pra mudar de lugar, é uma perspectiva mais assim, uma perspectiva pra não ter muito... uma coisa que me prenda tanto num lugar só. É... saúde é aquela questão do equilíbrio, né, de todo, tanto saúde mental, saúde do corpo, não só de não ter doença, mas também de estar bem, né, é uma coisa um pouco mais completa do que não só estar doente ou não ter nenhum problema um pouco mais sério. É, eu faço... eu vou no médico regularmente, eu uso é... como que chama... plano de saúde, vou pelo plano e em geral particular, é... vou com mais frequência obviamente em ginecologista, que é uma coisa que mulher vai mais, né,

mas às vezes também faço, por conta do trabalho, eu sou obrigada a fazer check-up de dois em dois anos, e também vou ao dentista, com uma certa periodicidade, mas nunca precisei procurar por algum motivo de saúde um pouco mais sério. Então é só mais de rotina mesmo. Não, não tenho... nunca tive nada de que eu possa dizer assim... não, que fuja do saudável, né. Tendo a ser mais saudável, não tenho tendência a ter muita doença, fico doente muito raramente, (risos) é... procuro ter uma vida assim, né, me exercitar, ter boa alimentação, justamente pra também não... cuidado, é, vou cuidando pra também não deixar só por conta de... pra evitar, né? Ah... política pública (risos) de saúde... mas são aquelas políticas que são voltadas pra toda a população, ou seja, que tão pra atender não só... não só certo tipo de pessoas, mas que tão ai pra todo mundo, ou seja, que vão orientar como a população vai ser atendida no quesito de saúde, né, que vão dar a diretriz. De saúde pública eu sei de programas mais voltados pra, por exemplo, de mulher eu sei muito de grávida, por exemplo, que é muito comum, de quando a mulher fica grávida para planejamento familiar, que são mais divulgados. Mas eu sei também que tem os programas de vacinação HPV, pras meninas até doze anos, treze, é que... é mais recente, mas é um programa voltado pra saúde, mais feminina, também, é... Às vezes tem campanhas específicas, uma que eu fiquei sabendo recentemente foi pra... pra colocar DIU, na rede pública, pra mulheres mais voltados pra isso, ou seja, realmente muito relacionado com reprodução, né, muito relacionado com essa parte de reprodução. E de resto acho que não é tão voltado para feminina, mas voltado pra um geral, um público em geral mesmo. É ser mulher num... é porque na sociedade é muito, parece ligado, né, até... mas eu não vejo isso, eu acho que ser mulher até ta muito além disso. Eu acho que muitas mulheres tem esse desejo, talvez não só... é que eu não sei se é inato, se é nato ou se é inato, é uma coisa que me confunde, pra mim não é, mas pode ser que pra alguma seja. É que muita gente tem esse desejo e acha que só se transforma numa mulher depois de ter um filho. Eu acho que não, eu me vejo como completamente feminina, mesmo não tendo desejo de ser mãe, eu não sei se eu consigo explicar, porque pra mim é uma coisa muito natural, igual eu falei, é uma coisa que desde sempre eu senti, eu nunca senti, nunca me vi tendo filhos. E bom, eu sou mulher, então na minha cabeça, não necessariamente uma mulher vai ter filhos, né, é uma construção um pouco lógica assim, não é uma construção tão cheia de outras. Meu grande modelo é minha vó, que ela... mas... que ela é assim uma mulher muito diferente, muito independente, teve... teve os filhos, criou os filhos, mas não definiu a personalidade dela como... como mãe. Ela sempre teve a vida dela e teve os filhos, então eu acho que isso me marcou muito, assim, me marca muito que em geral, principalmente na idade dela, as mulheres são muito: 'ah, mãe é aquela que cuida, aquela que cozinha', ela não,

ela sempre trabalhou fora, ela sempre teve a vida dela, e sempre cuidou dos filhos também, só que era uma coisa à... era conjunto, em paralelo, não era o ideal da vida dela, não era o que ela queria, assim, não era o sonho, a vida dela era muito mais do que isso, então talvez... isso me marcou muito, que existem outros objetivos de vida, e tudo o mais, que fazem com que ser mãe seja só um detalhe que pode ser bom, pode ser ruim, mas é só um detalhe, é só mais uma coisa na vida... não é só, não é o central, né.

Colaboradora 19: 48 anos, casada, Ensino Superior

Eu sou Fulana, nasci no interior.... trabalho em outra cidade do interior, tenho o meu companheiro, não tenho filhos, gostaria de ter, sou enfermeira, sou parteira, gosto muito da minha profissão, do meu trabalho. E sou uma pessoa simples, minha vida é simples, não tem nada assim de glamour, né (risos), é uma vida de uma mulher simples, que leva uma vida simples... sou dona de casa, também trabalho muito, e sou feliz... de ser assim, também. Então, a escolha profissional, inicialmente eu queria fazer pedagogia, prestei vestibular para psicologia também, aí eu comecei o curso de psicologia. Aí depois, como eu morava com uma menina que fazia odontologia, aí eu estudava numa escola particular que eu fazia a faculdade, aí eu me interessei pela enfermagem, de ver contar, e também eu estudei num colégio lá na minha cidade, com as irmãs, e tinha uma irmã que era técnica de enfermagem, e ela ficava me contando dos partos que ela tinha assistido, que na época a técnica de enfermagem assistia parto, e eu gostava demais dela, aí eu falei: 'gente, eu vou prestar vestibular pra enfermagem'. E acabou que deu certo, foi uma escolha assim, não era minha primeira opção, mas foi uma escolha que eu gostei, eu me sentia... eu sentia vontade de... eu gosto de cuidar das pessoas, eu gosto de por a mão na massa, de tá fazendo as coisas. Outro dia uma aluna minha até falou: 'ah Fulana, parece até que você tem toque' (risos), porque lá no hospital eu fico... pego uma coisa ali, eu recolho os copos que estão sujos no quarto, nem espero a moça da copa passar, e a gente vai passando álcool, e dá o banho de ofurô nos bebês, no pré-parto é a mesma coisa, mas acho que isso é da profissão também, né. Então, agora... então da profissão foi assim, né. Na vida afetiva eu tive até... eu tive vários namorados, assim durante... tive uma paixão na época da Universidade, né, aquela época que a gente acha que ama uma vez só, né, aí depois foi passando, depois eu namorei um colega de trabalho... a época eu até quis ter um bebê com ele, mas ele já era vasectomizado. Aí depois eu conheci Cicrano... queria ter um bebê também, aí a gente... quando a gente vai pensar em ter aí ele fez os exames, ele não podia ter filhos... e aí hoje eu ainda até penso, mas hoje com menos intensidade, engraçado, mesmo eu

sendo parteira, embora eu tinha o desejo de ser mãe, nunca foi uma coisa... eu nunca pensei, como às vezes eu vejo algumas mulheres pensando que querem ser mãe a qualquer preço, eu acho até que eu tenho assim... eu gosto de cuidar, tenho assim um instinto materno, mas eu nunca pensei... adoro ser tia, e nunca pensei em ser mãe a qualquer preço, sabe, pensar assim: 'ah, eu vou pegar um sêmen, um banco de sêmen, e ser mãe, viver essa experiência', ai não é pra mim uma... né... uma regra assim, que eu tinha que ser mãe pra mim ser feliz, . Hoje eu não sinto assim, né, até agora eu ainda tenho o desejo de adotar, né, não é uma coisa assim que tem que ser daquele jeito, que pra mim ser feliz, pra mim ter uma companhia, por exemplo, eu tenho que ser mãe. Mas eu acho lindo a maternidade. Às vezes as pessoas perguntam... falam assim: 'noh Fulana, porque você não quis ser mãe?', e assim: 'você ia ser uma ótima mãe', às vezes os alunos me falam muito isso, ao falam: 'ah, você não tem porque você não quer? Ou porque você não pode?', aí, n.. tem assim, sempre estas perguntas, as pessoas ficam, ainda mais porque eu sempre, ando muito com os meus sobrinhos, ai eles ficam achando que eles são meus... aí eu falo: 'não, eu não tenho filhos', e 'não? Por quê?'. Não, na minha relação afetiva até que não, parece que o desejo de ser mãe é mais meu do que dele, do que do meu companheiro, pra ele isso é tranquilo, eu acho até que eu é que tinha mais desejo. Eu já me senti mais frustrada, mas eu acho que a idade também trás pra gente essa maturidade... e vai indo a gente também não tem mais aquele... aquele desejo tão forte, parece que a gente vai... eu hoje eu penso, se for pra mim correr atrás de um menininho pequeno, assim no dia a dia, trabalhar, fazer tudo o que eu faço, eu acho que eu não tenho fôlego pra isso não, né. Ah, então, é mais ou menos o que eu disse, eu acho... eu gosto da fisiologia da gravidez, é, eu... porque também é o que eu trabalho. Eu acho que o corpo da mulher, e a mulher também, ela amadurece muito com a maternidade, eu acho que tem algumas mulheres, até eu percebo, que elas não tão preparadas pra ser mãe, assim eu vejo muito isso no meu trabalho, pelo fato de eu ser parteira... mas eu acho que eu ia ser uma boa mãe. Mas às vezes eu vejo também na consulta de enfermagem, no dia a dia, no meu círculo de amizade, algumas mães que tem sofrido tanto com o comportamento dos filhos, e assim, na minha percepção, parece que elas foram boas mães, mas quando eu vejo às vezes as coisas, as dificuldades que elas têm passado, eu já penso também igual à Elza, do filme, 'livre estou, livre sou' (risos), porque é pesado, às vezes a gente vê, por causa de eu trabalhar direto com as mulheres e às vezes vê o relato delas, com o que elas passam com os filhos, eu fico pensando assim: 'nossa, ainda bem que eu não tenho'. E assim, era uma coisa que eu queria muito, mas que quando a gente vê, nos dias atuais, as dificuldades que... a dificuldade que é criar um filho, ai eu fico pensando que eu acho que... não sei se eu tivesse um problema assim

com o filho, se eu daria conta. Saúde pra mim é um bem estar, que é a definição da Organização Mundial de Saúde, mas só que é mais amplo, além de ser um bem estar, é uma condição que a gente vai aprendendo, porque a gente na verdade, nem sempre a gente tem este bem estar e não significa que agente não é saudável. A saúde é um... é aprender a conviver com as limitações, e todos nós temos limitações. Hoje associa-se muito a saúde às questões estéticas, mas a gente sabe que às vezes mesmo a pessoa que tem acesso a esses serviços de saúde, que hoje tenta prolongar a vida a qualquer custo, e ela às vezes não é, não se sente saudável. Eu acho que a saúde ela tem uma definição bem subjetiva, é estar bem é sentir disposição, vigor pra fazer as coisas, pra mim saúde é isso. Nesse processo de saúde eu até que me sinto uma pessoa saudável, como eu disse no início da entrevista, eu sou entusiasmada com as coisas, com o meu trabalho, né, mesmo o serviço de casa... agora claro que tem alguns momentos que a gente se sente mais cansada, mais indisposta, né, a fazer as coisas, né. Eu acho que eu queria, na verdade, ter um pouco mais de tempo... pra cuidar de mim como eu já tive há um tempo atrás, como na minha adolescência, na infância parece que a gente tinha tanto tempo, pra cuidar da gente, pra fazer as coisas que a gente gosta... hoje parece que a gente tem menos tempo pra isso, por causa do trabalho, o cotidiano que é mais corrido. Mas eu me sinto saudável. Sabe que até. na minha adolescência, como meu pai trabalhava num serviço público, tinha o plano de saúde, ai depois quando eu fiz vinte e um anos, até por volta dos quarenta anos, eu não tinha nenhum convênio, era o SUS mesmo. E às vezes quando eu precisava de uma consulta assim com um médico, especialista por exemplo, eu pagava por esse procedimento, porque ai também eu já trabalhava. Ai depois dos quarenta anos é que eu tenho um convênio de saúde, um plano de saúde. Mas já utilizei o serviço de público várias vezes, como na consulta ginecológica com a enfermeira, e eu nunca fiz nenhum exame sofisticado, nunca fiz ressonância, tomografia, nada disso, o único exame que eu faço mesmo é a mamografia, o exame citopatológico, de prevenção do câncer de colo de útero, só, mas nunca fiz... ah, e o raios-X já fiz... mas ressonância, esses exames nenhum. Ah, ultrassom também já fiz, ultrassom abdominal, ultrassom transvaginal, mas de rotina mesmo. Eu só fui hospitalizada quando eu tinha onze anos, que eu fiz cirurgia de amígdala, nunca mais, assim... não, minto, eu já retirei um pólipó no endométrio com quarenta e cinco anos mais é ao dentista, só. Políticas públicas são ações e estratégias que visam a promoção e prevenção de agravos à saúde, normalmente são instituídas por ações governamentais como formas de viabilizar o de priorizar questões problemáticas de saúde e com o objetivo de minimizar as comorbidades prevalentes em determinadas populações como a programa da rede cegonha, as políticas públicas para as doenças crônicas degenerativas, então são formas de viabilizar o

acesso, e intensificar a resolutividade dos serviços. Agora o que a gente percebe é que a maioria dessas políticas são verticalizadas e envolvem questões políticas mesmo, interesses políticos, né. Então a gente vê, por exemplo, a Estratégia de Saúde da Família, que foi instituída para cuidar da saúde da família como um todo dentro do seu contexto sociocultural mas a gente percebe que a maior parte dos municípios não tem uma cobertura de 100% da Estratégia de Saúde da Família. Então existe um interesse político mesmo para ganhar votos, alguns municípios colocam técnicos administrativos com cargos de confiança para trabalharem no ESF, então a gente vê relações partidárias mesmo, que levam pra frente um determinado projeto, a gente vê desvio das verbas, como toda ação governamental... que isso né, a própria Presidente já falou que a corrupção é uma bruxa velha que assombra o país há muito tempo. Então, eles também como todas as políticas públicas, eles são verticalizados, né, a gente vê que a maior parte desses programas eles enfatizam o ciclo gravídico-puerperal... dá menos ênfase ao climatério, tem, a questão... e enfatiza-se o câncer de mama, o câncer de colo de útero, mas as... você não vê uma... um interesse dessas políticas no empreendedorismo da mulher, por exemplo, quantas mulheres que são mães e que estão desempregadas, e que não tem uma forma de conquistar a autonomia, a independência, então eu acredito que o empreendedorismo da mulher é que ia amenizar um pouco a questão da violência contra a mulher, a violência intrafamiliar, a violência doméstica, Então eu acho que elas ainda são muito voltadas pro ciclo gravídico-puerperal. É... essa construção, ela começa... claro que, como eu disse, eu na minha adolescência e na minha idade adulta, adulta jovem, eu quis ser mãe, e assim, mesmo... antes de tudo, eu também sempre me senti mulher, assim, eu tive... eu comecei a namorar tarde, não iniciei a minha vida sexual assim na adolescência, por exemplo, eu já era uma mulher jovem adulta, acho que assim, sabia já o que eu queria da vida, e. teve um tempo que eu acho que assim, até uns trinta anos, trinta e... até os quarenta anos, eu acho que esse desejo ele era mais arraigado e eu tinha mais energia, me absorvia mais esse desejo, ai como eu disse, depois, ele hoje ele é mais tranquilo, eu não... eu acho que eu sei contornar, eu até pensava assim: 'gente, se eu não for mãe, essa frustração eu vou levar comigo', hoje eu não me sinto tão frustrada como eu pensava que eu iria sentir, inicialmente, por não ser mãe. Hoje pra mim é mais tranquilo, eu não me cobro tanto, me sinto bem, assim. O tema é interessante, da não maternidade, é, porque como eu disse, as políticas públicas normalmente elas são voltadas pra mulher que é mãe, elas são pautadas muito no ciclo gravídico-puerperal, no pré-natal, mas eu acho que ao mesmo tempo, mesmo as políticas públicas pro ciclo grávido-puerperal, elas tem limitações grandes e dificuldades e elas não conseguem atingir os objetivos, e a gente vê que o Ministério exige um número mínimo de sete consultas no pré-

natal, as mulheres até fazem esse número de consultas, mas a qualidade das consultas deixa muito a desejar. E por isso que elas priorizam o ciclo gravídico puerperal e agora... e só que a gente vê também o Viva a Vida, na prevenção do câncer de mama, quantas mulheres até hoje nunca fizeram uma mamografia, a gente vê, no cotidiano do trabalho, várias mulheres que nunca fizeram um exame de Papanicolau, então ainda que o SUS seja universal os seus princípios de universalidade e equidade, não são atingidos por toda a população, muitas mulheres não tem acesso a esses serviços, então, eu acho que na sua essência as ações políticas de saúde ainda veem a mulher apenas como mama e útero porque os dois únicos programas assim, efetivos... e que ainda deixam a desejar... porque não tem uma cobertura ideal, é o programa Viva a Vida, teve o PAISM na década de 80, mais a maioria desses programas só veem essa parte da mulher, eu não vejo um programa que enfatize a questão do climatério, mesmo o planejamento familiar ainda é muito associado à mulher ter que participar dos grupos, das reuniões pra poder conseguir, um método contraceptivo gratuito, ainda tem muitas restrições, ainda tem muito condicionamento pra que a mulher consiga ter determinados... acesso a determinadas coisas, né. E essa questão mesmo que eu acho do empreendedorismo, porque muitas mulheres são vítimas de violência domestica pelo fato, de depender financeiramente do companheiro, é isso.